

DUAS PÁTRIAS

Revista Documentária
LUSO-BRASILEIRA



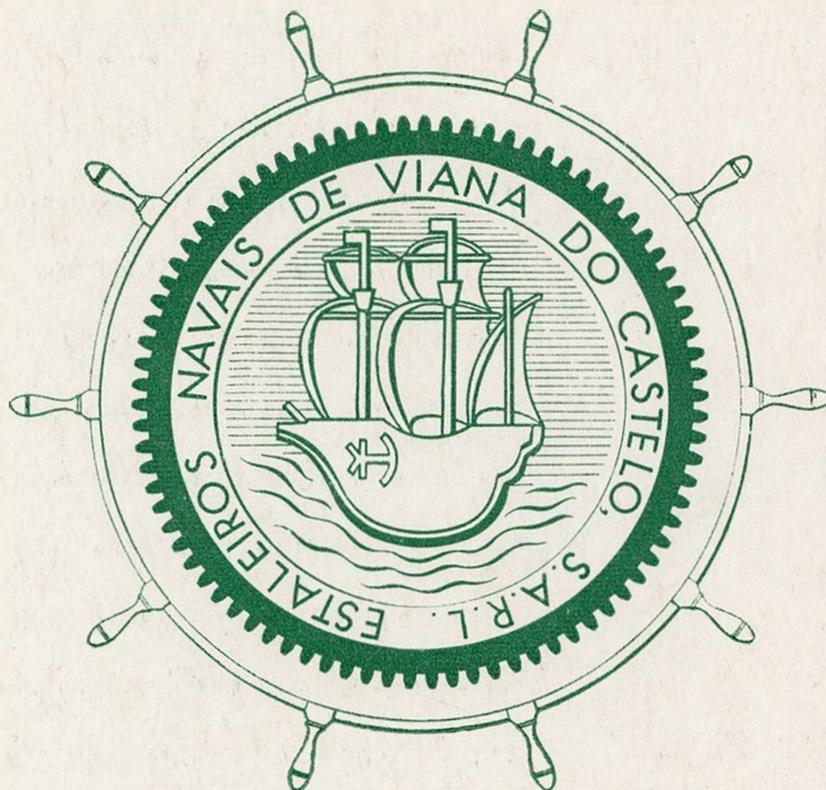
Estas são as pátrias muito amadas
1140 1500

ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO, S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL REALIZADO: ESC. 37.250.000\$00

SEDE: VIANA DO CASTELO — PORTUGAL

Telef: P. P. C. 2071 - Teleg. «NAVAIS» - Viana do Castelo



EXECUÇÃO DE QUALQUER TRABALHO DE MECÂNICA, ELECTRICIDADE, FUNDIÇÃO, CALDEIRARIA, FORJA, SOLDADURA, ETC.

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS
DOCAS SECAS

DESENHOS ❖ PROJECTOS ❖ ORÇAMENTOS

DUAS PÁTRIAS



REVISTA DOCUMENTÁRIO
LUSO-BRASILEIRA

(SEDE EM S. PAULO)

VOLUME II
MCMLV - MCMLVI

Director em Portugal: Joaquim Maia Águas
Praça Duque da Terceira, 24, 2.º - Lisboa

Administrador: Dolores Montenegro Matias

Director Técnico e Proprietário: Joaquim
António Matias

Director da Propaganda e Expansão: Eng.
Adolfo de Bourbon e Barbosa

Direcção no Brasil:
Rua Tabatinguera, 235, 7.º conj. 27. 7.º.
Fone: 370989 - S. Paulo - Brasil

Preço deste número no Brasil Cr \$100,00
Assinatura Cr. \$250,00 (3 volumes)
Preço deste número para Portugal: 50\$00

Composto e impresso nas Escolas Profissio-
nais Salesianas - Oficinas de S. José, Travessa
dos Prazeres, 34 - Lisboa



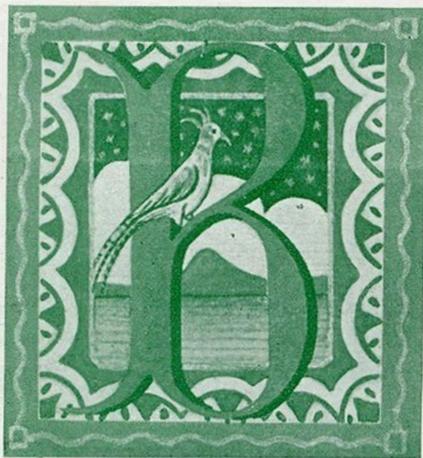
GABINETE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

à Revista "DUAS PÁTRIAS"

Na história das relações internacionais, é difícil encontrar um exemplo de fraternidade tão viva e sincera como a que prevalece entre Portugal e Brasil. Trata-se, por assim dizer, de um raro caso de unidade entre duas pátrias, separadas apenas pelos circunstanciais geográficos. Acredito, no entanto, que ainda se pode e se deve fazer muito para tornar essas relações, não digo mais sólidas, porém mais eficientes, especialmente no setor econômico. São estes os votos que formulo, pois estou convencido de que a amizade luso-brasileira possui suficientes condições para ser mais fecunda, no terreno prático, onde há todo um vasto campo a ser ampliado pelo trabalho e pela inteligência dos governos e dos povos das duas pátrias.

BRASIL

PAÍS DO FUTURO



RASIL! Terra fecunda e maternal, que abriga e dá pão a gentes de todas as latitudes e de todos os climas, sem preconceitos de cor e, sem ódios de raças; é o Brasil o cadinho em que se aprimora, para os séculos vindouros uma civilização de carácter cristão e de espírito aberto ao bafejo das ideias nobres e humanas. Não foi em vão que encharcaram o seu solo o sangue dos portugueses e do jesuíta, as lágrimas do branco saudoso, o suor e lágrimas do negro escravo, suor e sangue dos seus índios e donos da terra conquistada.

Nas lições de sua história, nos ensinamentos de sua religião, no exemplo de seus filhos, encontra ele os roteiros de suas novas «bandeiras», para a conquista dos séculos vindouros. Nos seus mares, nas suas montanhas, nos seus rios, nas suas florestas, nos seus campos, jazem riquezas sem conta, com que alimentar e enriquecer a todos quantos

trabalhem e ousem. Na sua música, «flor primorosa de três raças tristes», cantam as saudades dos que por ele morreram e trabalharam, e ressoam as vozes alegres dos que plasmam no momento a sua grandeza futura.

De braços abertos, como o Cristo enorme que, no alto da montanha, deixa a descoberto o coração acolhedor, ele também convida os que são perseguidos, os que têm sede de justiça, os que querem ganhar honestamente o seu pão, a fazer parte de sua grande família, que une o negro de carapinha ao ariano de cabelo louro, o homem das montanhas ao homem das planícies, o gaúcho ao amazonense, o homem do litoral ao homem das florestas impérvias.

É uma terra moça que sente abalar-lhe os flancos a dor forte de produzir e criar. Os seus filhos se erguem «do berço esplêndido», que Deus lhes deu, para as tarefas laboriosas da construção de uma grande pátria, de uma pátria em que a liberdade seja religiosamente respeitada, em que não se humilhe nem escravize ninguém com os mitos da força da raça e da classe. A essa tarefa de civilização e de grandeza convoca o Brasil todos os homens de boa vontade. A sua bandeira acena a todos quantos queiram trabalhar e criar. A terra é cládivosa e boa, como dela já dizia o escrivão Caminha, ao anunciar a descoberta do Brasil a D. Manuel I, rei de Portugal. E os seus homens podem não ser arianos puros, mas são humanos e são cristãos.

O Brasil, pela sua extensão e pela sua riqueza, pela sua inteligência e pela sua humanidade, é ainda a Esperança do Mundo, que as «ideias loucas» devastam. Bem viu o seu poeta genial, Castro Alves, o grande símbolo de sua bandeira quando cantou:

*«Auriverde pendão de minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança.
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...»*

DUAS PÁTRIAS

o mesmo Destino

ECOS DA VIAGEM TRIUNFAL DO
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
BRASILEIRA A PORTUGAL

A glória e o triunfo desses memoráveis dias para a Comunidade de Portugal e do Brasil, que foram a visita do Presidente da República Brasileira a Portugal, dourarão os fastos dos anais atlânticos.

De glória e de triunfo foi, na verdade, a brilhante série de solenidades e cerimónias com que Portugal assinalou a presença do Presidente Café Filho.

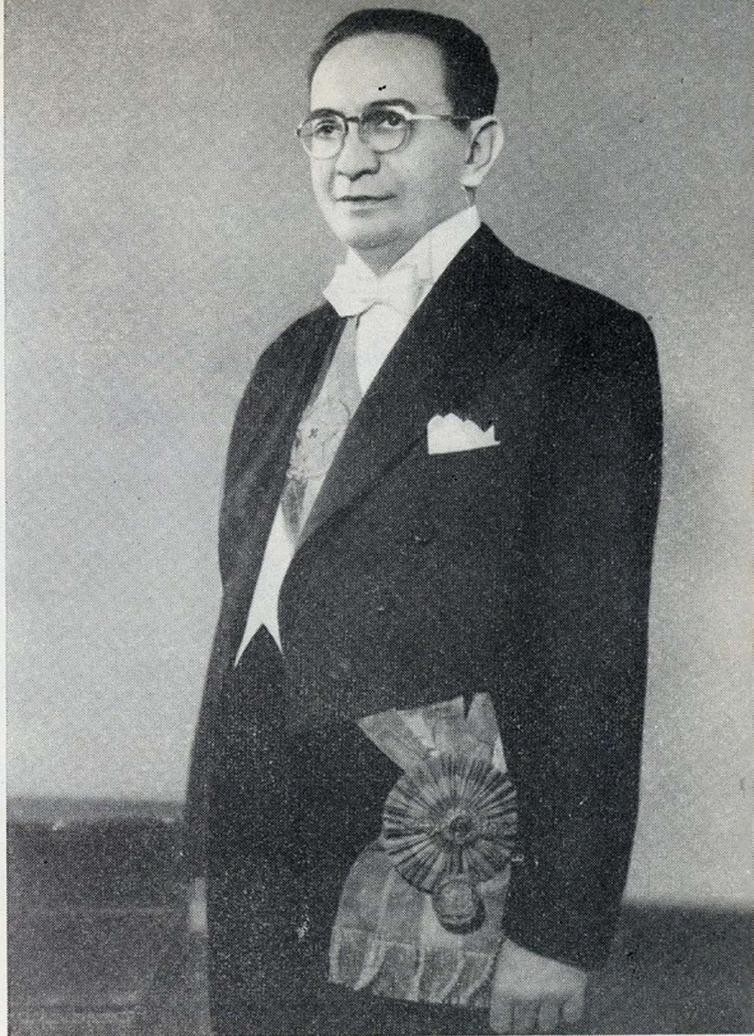
Inequívocas manifestações do carinho devotado pelo povo português à grande Nação brasileira, iniludíveis demonstrações de apreço à pessoa do seu ilustre Chefe do Estado, fizeram maior a data histórica de 22 de Abril de 1955.

No mesmo dia em que quatrocentos e cinquenta e cinco anos se completaram sobre aquele em que os Portugueses avistaram pela primeira vez as terras promissoras do Brasil o povo de Lisboa vitoriava o Chefe do Estado brasileiro em visita a Portugal. Não poderia ter havido acontecimento mais significativo para a História lusitana iniciada na gloriosa data de 22 de Abril de 1500.

Sob esse faustoso signo de comemoração atlântica teve início o primigeno acontecimento da Comunidade Luso-Brasileira.

Na brilhante sessão conjunta da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa que constituiu a afirmação sublime de uma nova era nas relações entre os dois Países — como acentuou o Sr. Dr. Júlio Dantas —, duma política nova que se instaura.

No inolvidável itinerário que depois se realizou pelas outras grandes cidades do País, o Chefe do Estado brasileiro, ao lado do Chefe do Estado português, colheu o testemunho vivo da



DR. JOÃO CAFÉ FILHO, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Na sua visita oficial a Portugal em 22 de Abril de 1955

perene amizade dos Portugueses que ao longo de todo o percurso acorreram a saudar o supremo magistrado do Brasil.

Difícil distinguir de todos esses excelso momentos qual teria sido o maior; pois que tanto em Coimbra — durante a cerimónia do doutoramento «honoris causa» na secular Universidade; na cidade do Porto — nas homenagens prestadas pelo Município; em Guimarães — nas solenidades particulares significativas da cidade onde a nacionalidade nasceu; como nos mais diversos pontos de passagem dos dois Presidentes, foram sempre de grandeza e de apoteose os momentos vividos.

Afirmou-o o próprio Presidente Café Filho ao saudar nessa expressiva mensagem dirigida ao Norte de Portugal, «as mulheres, os homens e as crianças que compunham, em todo o percurso, um belo e comovente quadro de ternura e estima ao Brasil e ao seu Presidente».

De regresso à capital, recebeu o Presidente da República do Brasil as homenagens derradeiras da Nação que o acolheu, acarinhos e honrou com aquele entusiasmo e fervor que especialmente devota à gloriosa Nação d'além-Atlântico.

Deste notabilíssimo acontecimento de que a Nação portuguesa guarda afectuosíssima memória resultará no porvir as mais promissoras perspectivas.

Portugal e Brasil, fiéis ao Passado que lhes traçou um destino comum, enfrentam confiantes o Futuro, unidos na Comunidade que Salazar sublinhou com esta lídima expressão:

«Para além daqueles aspectos sentimentais a que, filhos do mesmo sangue, dotados do mesmo coração, não podemos fugir a render preito, está aí — na Comunidade Luso-Brasileira — uma fonte inesgotável de inspiração e acção política».

O Brasil é o primeiro pilar em que assenta a nossa política internacional, na frase de Salazar.

*Cardeal D. Jaime
de Barros Câmara*
Arcebispo do Rio de Janeiro

Nasceu em São José, Estado de Santa Catarina (Brasil), aos 3 de Julho de 1894; fez os estudos ginasiais em Florianópolis e os Estudos Eclesiásticos no Seminário Central de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Ordenou-se sacerdote a 1 de Janeiro de 1920. Desempenhou os cargos de Cura da Catedral de Florianópolis e Reitor do Seminário Arquidiocesano. Foi Cônego da Catedral de Florianópolis e Mons. Camareiro Secreto.

Eleito Bispo de Mossoró, no Rio Grande do Norte, a 19 de Dezembro de 1935, foi sagrado a 2 de Fevereiro de 1936.

Em 15 de Novembro de 1941 foi transferido para o Arcebispado de Belém do Pará, onde tomou posse a 1 de Janeiro de 1942. Transferido para o Arcebispado do Rio de Janeiro aos 3 de Julho de 1943, tomou posse da Arquidiocese a 15 de Setembro do mesmo ano e mês.

Foi elevado ao Cardinalato em 18 de Fevereiro de 1946, com o título dos Santos Bonifácio e Aleixo.



Duas Pátrias

DUAS PÁTRIAS, sim, mas tão unidas uma à outra, que o Oceano Atlântico não as separa, senão que as alcança, como a lombada de um volume liga as duas capas.

Nem só o Oceano, mas a língua e os costumes, a fé e as tradições, a índole e a amizade estreitam as Duas Pátrias em tão cordial amplexo, que dificilmente se poderá glorificar o Brasil sem pensar em Portugal, nem focar as grandezas de Portugal sem lembrar o Brasil.

São, pois, Duas Pátrias que formam um só volume da grandiosa história da Cristandade, pois que do Cristianismo é que brota e floresce toda a sua vasta riqueza espiritual.

† Jaime Cardeal Câmara,
Arcebispo do Rio de Janeiro



Dr. JUSCELINO KUBITSCHEK

NOVO PRESIDENTE ELEITO DO BRASIL

QUE O POVO BRASILEIRO ELEGU
NO MAIS EMPOLGANTE MOVIMENTO
ELEITORAL ATÉ HOJE EFECTUADO

O povo brasileiro acaba de eleger para a mais alta magistratura do Brasil, o Dr. Juscelino Kubitschek, após um ardoroso pleito como há muitos anos não se registava no país, em factos semelhantes.

O Dr. Juscelino Kubitschek, que é filho de João César de Oliveira e de D. Júlia Kubitschek, nasceu na cidade Diamantina do Estado de Minas Gerais, em 12 de Setembro de 1902. Descende de uma tradicional família mineira radicada na cidade de sua naturalidade há mais de cem anos; foram seus avós paternos Teófilo Gomes de Oliveira e D. Eufrásia Ribeiro de Oliveira, doutorando-se com elevada classificação.

São muito conhecidas e apreciadas as suas altas qualidades de carácter e de político, enamorado das mais belas perspectivas humanas tantas vezes reveladas em muitas oportunidades que se lhe têm patenteado, especialmente no grande Estado de Minas Gerais, de onde é originário; a sua formação moral, a sua integração no meio político e as suas afinidades,

fê-lo tornar-se uma figura representativa e de sentimento generalizado entre os seus conterrâneos que o elegeram para governador do Estado de Minas Gerais e agora pelos seus patrícios para Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.

O seu juramento público invocando Deus e a Constituição do Brasil ao iniciar-se o plebiscito nacional para a eleição presidencial ecoou no país como um clarim de uma certeza que o povo brasileiro anseia e que espera o seu cumprimento, para bem da Nação.

«Duas Pátrias» na sua missão histórica, de aproximação luso-brasileira, saúda o novo presidente eleito, e faz votos sinceros para que o seu advento ao mais alto cargo da República do Brasil, traga um clima de tranquilidade com a sua acção conciliadora entre todos os brasileiros, e para que seja o seguro penhor do ressurgimento e progresso moral e material da nobre e grande Nação Brasileira, à qual Portugal se encontra ligada por traços eternos de uma fraternidade luso-brasilica.

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»



*Sua Eminência D. Teodósio, Cardeal Gouveia,
Arcebispo de Lourenço Marques — Moçambique
(África Oriental Portuguesa)*

Duas Pátrias - Portugal e Brasil

Moçambique será o prolongamento das duas nas margens do Oceano Indico. A mesma Fé, a mesma língua e o mesmo coração humano, porque é português e cristão.

Unidos por estes laços eternos, serão comuns as glórias e as grandezas de ambas na Europa, na América e na África.

É um mundo imenso com uma só alma, em cuja formação trabalham hoje em Moçambique os mesmos obreiros que há quatro séculos fundaram a cidade de S. Paulo. Os resultados alcançados são estímulo e certeza para Moçambique, como são glória para as duas Pátrias.

Lisboa, 16 de Maio de 1955

† TEODÓSIO, CARDEAL GOUVEIA,
Arcebispo de Lourenço Marques



Dr. Nereu Oliveira Ramos
Presidente do Senado Federal da República do Brasil

DUAS PÁTRIAS

Duas Pátrias que a história uniu sempre através do próprio oceano imenso que as separa. Nos céus de uma, pôs a Providência o signo imperecível que protegeu os navegadores, da outra na obra civilizadora que lhe marcou as virtudes excepcionais da raça.

A língua e a fé são a bandeira comum das duas Pátrias que, irmanadas, hão-de servir à glória eterna de Deus e à felicidade e ao bem-estar dos homens.

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

Dr. Nereu Oliveira Ramos

Doutor Nereu Oliveira Ramos

Nasceu a 3 de Setembro de 1888, em Lages, Santa Catarina. Fez os seus estudos de humanidades em colégio dos Padres da Companhia da Jesus, na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Formou-se em Direito em 1909, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Dedicou-se durante vários anos ao exercício da advocacia, em seu Estado natal. Em 1911 foi eleito Deputado Estadual, renunciando no ano seguinte o mandato, por ter seguido para a Europa em missão do Governo Federal. Regressando ao Brasil, reabriu seu escritório de advogado em Santa Catarina. Em 1918 foi novamente eleito para a Assembleia do Estado. Dedicou-se ao jornalismo, tendo dirigido vários órgãos da imprensa do seu Estado. Por ocasião da Campanha chamada Reacção Republicana, em 1922, foi um dos chefes daquele movimento cívico no seu estado e, em 1930, do da Aliança Liberal. Foi eleito Deputado Federal pela oposição em 1930. Em 1933 foi enviado pelo seu Estado à Assembleia Nacional Constituinte. Restabelecido o regime constitucional no país, voltou ao Congresso, como Deputado Federal por Santa Catarina, em 1935, representando o Partido Liberal que fundara no Estado.

Em Maio desse ano recebeu de seus coestaduanos o mandato de Governador, que exerceu até 1937, ano em que, submetidos os Estados, com a promulgação da nova Constituição, a Interventorias Federais, foi nomeado Interventor, posto em que continuou a administrar Santa Catarina até Outubro de 1945.

Nas eleições de 2 de Dezembro desse ano recebeu os mandatos de Senador e Deputado, optando por aquela, em cujo exercício participou dos trabalhos da Assembleia Constituinte de 1946, sendo escolhido para líder da maioria e Presidente da Comissão da Constituição. Promulgada a nova Constituição, foi eleito Vice-Presidente da República, cargo em que lhe coube presidir ao Senado Federal. Em fins de 1946 chefiou a Delegação brasileira do Presidente Gonzales Videla, do Chile; em fins de 1952, a Delegação à posse do Presidente do México, Adolfo Ruiz Cortines. Eleito em 1951 para a Câmara dos Deputados, foi elevado à sua Presidência e três vezes reeleito. É professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito, de Santa Catarina. Membro do Instituto Histórico e da Academia de Letras catarinense. Tem a Grã Cruz de Mérito Naval, do Brasil, a Grã Cruz de São Silvestre, a Grã Cruz da Ordem do Mérito do Chile, a Grã Cruz da Ordem do Sol, do Peru, a Grã Cruz da Ordem do Mérito da Itália, a Cruz de Benemerência da Cruz Vermelha Brasileira e outras condecorações. Exerceu as funções de Presidente da República na ausência do Chefe da Nação quando da sua visita à Bolívia e é actualmente Presidente do Senado Federal.

Duas Pátrias

BRASIL E PORTUGAL

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

PORTUGAL e Brasil caminham juntos sob o signo da mesma Cruz de Cristo, a iluminar-lhes os horizontes, e a dizer-lhes como a Constantino, numa grande hora do mundo: «por este sinal vencereis».

A cruz das caravelas descobridoras e a cruz estelar de nossos céus são as mais perfeitas rimas desse poema de glória, que é a predestinação cristã de duas pátrias.

Santos, 2-3-55. *Monsenhor Primo Vieira*
Vigário Geral de Santos

DUAS PÁTRIAS, Portugal e Brasil? Não. Uma só pátria de dois povos irmãos, porque brasileiros ou lusitanos, em Portugal ou no Brasil, estamos em casa.

Seja, pois o magnífico documentário «Duas Pátrias» mais um elo que una essas duas nobres gentes, que separadas embora pelas distâncias, têm uma só pátria comum, aqui e além-mar: Brasil e Portugal.

Rio de Janeiro, 2-5-55.
Cónego Francisco Bessa

FOI com a maior emoção que, senti, pela primeira vez a grande metrópole portuguesa, a cidade-mater de onde se irradiou para o Brasil toda a civilização de que tanto se ufana agora o povo brasileiro.

Desta vez aprendi onde fica este pórtico monumental de Portugal e espero em Deus realizar um dia o meu grande sonho de permanecer em terras portuguesas o tempo necessário para conhecer de perto os seus monumentos, os seus arquivos, os seus museus, os seus costumes, e poder sentir, na frente, a grandeza do coração sempre generoso do nobre e querido povo, tão lembrado diariamente na Basílica de Nossa Senhora da Conceição de Maria, a minha querida Matrix e o melhor pedaço de Portugal engravado no coração do Brasil.

Cónego Manuel de Aquino Barbosa

O Brasil é um complemento da certeza de Portugal — no futuro. Por mim, não sei como, nasci com o Brasil na alma, com o Brasil já na saudade. Quando lá cheguei pela primeira vez, tudo era novo nos olhos, mas tudo antigo no meu sangue, na minha expectativa. Pouco vi. Mas vi o bastante. O Rio — um deslumbramento, visto de frente, no Guanabara, ou detrás, no alto do Corcovado, à sombra, quase no regaço do Cristo Redentor. S. Paulo, um assombro. Nessa cosmópole do futuro está o braço hercúleo do Brasil. Na Baía, a graça do País, açucena cristã e palmeira tropical. Até o céu se persigna de estrelas sobre o Brasil, como um farol e uma bênção. O País cresce, forma-se palmo a palmo e está sempre em flor de promessa, fruto de certeza quase. Terra boa e gostosa. Verde no chão, morena na gente e azul no céu.

Vi o Brasil de relance, mas adquiri, pela minha experiência brevíssima, esta certeza: ninguém pode acreditar no mundo de amanhã sem fazer um acto de fé no Brasil.

Lisboa, 1955.

Padre Dinis da Luz

DURANTE 17 anos vivi no Brasil, e há 25 que o Brasil vive em mim. Vive cá dentro, como vive Portugal, o Brasil da banda de cá. Porque é muito rico e muito grande? Não. Moram lá muitos dos meus maiores e melhores amigos; e mora um amigo nosso numa choupana, e logo esta se transfigura num palácio. E porque mais? Talvez por isto: no Brasil, aos homens sucede o mesmo que às plantas — pegam de estaca.

Lisboa, 1955.

Mons. José de Castro

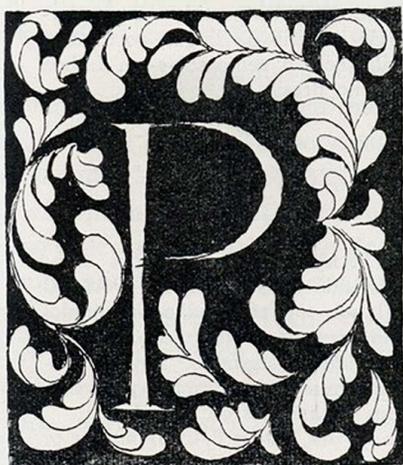
ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

S. EMINÊNCIA O SR. CARDEAL

Francis Spellman

ARCEBISPO DE NEW-YORK

NASCIDO A 4 DE MAIO DE 1889, EM
WITMAN (MASSACHUSETTS). FOI ORDE-
NADO A 14 DE MAIO DE 1916. ELEVADO
A CARDEAL EM FEVEREIRO DE 1946



*ORTUGAL, Terra de Santa Maria,
espalhou pelo Mundo a Civilização
Cristã, sendo o Brasil o seu maior
orgulho na perpetuação da sua
Raça e da Sua Fé em Cristo.*

(Tradução)

RIO, JULHO DE 1955 XXXVI CONGRESSO EUCARÍSTICO

F. Cardinal Spellman

A AMIZADE LUSO-BRASILEIRA

AFIRMADA POR ILUSTRES BRASILEIROS

DUAS PÁTRIAS é uma iniciativa digna de todo o apoio. Nunca se perderá tempo no trabalho de intercâmbio Luso-Brasileiro, pois os resultados são sempre miraculosos: de uma semente, vêm frutos, como na palavra sagrada. Portugal e Brasil ganharão muito, conhecendo-se melhor. Com um ano de existência em Portugal, cada dia encontro mais razões para amar esta terra privilegiada. Bem haja a bela iniciativa que ora se torna realidade concreta!

Donatelli Grieco (cônsul)

PORTUGAL... BRASIL... Como excitar rancores entre dois países que uma bendita fatalidade histórica uniu nas glórias do mesmo idioma, da mesma latinidade, do mesmo ideal cristão?

Ah! o prazer com que vejo, nesta hora que é uma aleluia de almas fraternas, os nossos povos se entrelaçarem mais do que nunca, desfeitos pequenos dissídios provocados pelos semeadores de cizânia, pelos profissionais da discórdia!

E só podem merecer-me aplausos os bons servidores da imprensa que, imitando a frase de um soberano em relação ao Pirenéus, amam dizer a brasileiros e portugueses: «Não existe mais Atlântico!»

Agripino Grieco

PARA mim só existe uma Pátria porque os sentimentos, a raça, o idioma e a religião são um só.

Cyto Aranha

VISITANDO Portugal, sinto nele as artérias do Brasil pulsando e talvez a isto deva este bem-estar que experimento e que só o encontraria na intimidade da minha própria pátria.

General José Vieira Peixoto

A igualdade dos sentimentos de portugueses e brasileiros com fundamento em uma constante união consagrada pela história, onde apenas o afastamento geográfico pode ser constatado sem quebra jamais do desejo constante e cada vez maior da aproximação que marca os verdadeiros amigos.

Antônio Leal de Magalhães Macedo
contra-almirante

SOB o esplendor suntuoso de um cenário, cujo teatro é o mundo, Portugal-sobriedade e o Brasil-pujança surgem como protagonistas principais no emocionante drama do porvir.

Dr. Olegário Lustosa Cantanelli

ESTAR em Portugal é como se estivesse na nossa própria casa. É como um filho que cresceu e tomou lareira à parte, mas sempre tem o seu canto na casa paterna.

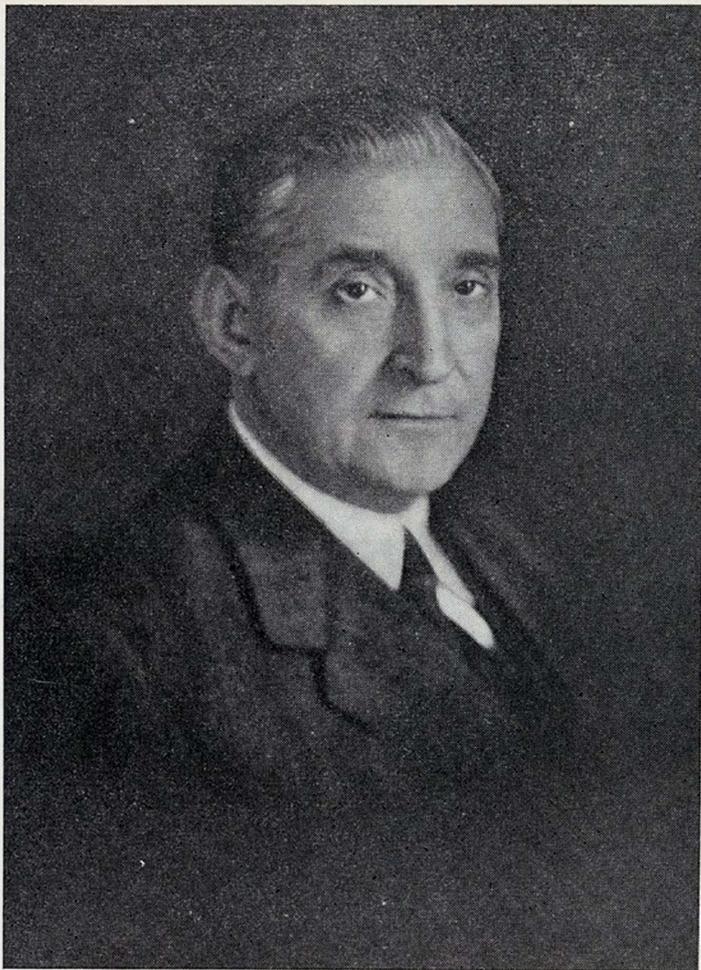
«Duas Pátrias» diz bem desse espírito que nos anima a todos nós no sentido de transformar esse grande império da língua portuguesa numa só família com o velho solar em Lisboa e casa de verão no Brasil.

Dr. Jordão Emerenciano

DUAS PÁTRIAS — dois grandes corações pulsando num só corpo — Portugal e Brasil, sob um só pendão, immanados no passado, no presente e no futuro, com os mesmos nobres ideais, seguindo, através gloriosos séculos, a luminosa rota traçada pelos seus grandes homens — artífices da civilização.

Maravilhosa revista, «Duas Pátrias» merece os mais calorosos aplausos e a profunda simpatia, por parte de quantos tenham a rica sorte de vê-la.

São Paulo, 15-4-55 *Dr. J. R. Vianna Filho*



*Prof. Doutor António Oliveira Salazar
Presidente do Conselho de Portugal*

«A melhor homenagem que posso prestar a Salazar é dizer que, depois de cinco minutos de conversa, havia esquecido tudo quanto dele me haviam dito: não via eu mais do que um homem — um homem em que a personagem nada acrescenta e nada rouba à própria pessoa.

«Ao primeiro olhar, o seu rosto impressiona pela expressão de extrema tristeza e de fadiga dominada: vinte e tantos anos de presença deixaram sobre ele a sua marca. E evoco os versos de Hugo: «O homem é triste à noite, sente o abatimento da obra que termina». Mas a frescura de um sorriso de criança — o sorriso dos entes puros que a vida martirizou sem os conspurcar — vem aligeirar essa tristeza que não corresponde, aliás a nenhuma abdicação.

«À medida que a entrevista se prolonga, sinto aumentar o contraste entre este homem apagado e a envelhecer e o fundo de energia serena e de convicções inabaláveis

Salazar

UM HOMEM QUE TRABALHA EM COLABORAÇÃO COM AS FORÇAS ETERNAS DA NATUREZA E DA VIDA

por *Gustave Thibon*

Gustave Thibon, figura proeminente do pensamento francês, escritor e jornalista, esteve há pouco tempo em Portugal onde veio realizar uma notabilíssima série de conferências.

A sua indefectível posição de católico preparou-o para julgar, tanto em profundidade como em extensão, a crise de ideias do nosso tempo e concomitantemente as soluções razoáveis que a justiça, a lição da História e a moral cristã preconizam. Crítico avisado, liberto de preconceitos e de facciosismos heréticos, Gustave Thibon pôde, durante os dias que permaneceu em Portugal, estudar, serenamente, a panorâmica política e social que desassombadamente oferecemos aos olhos estranhos e cuja crítica desapaixonada tem sido, por inúmeras individualidades idóneas, analisada e louvada nos termos mais assinaláveis.

Gustave Thibon tem publicado, ultimamente, no jornal francês «France Catholique», artigos de comentário impressivo sobre a realidade portuguesa. Da sua mais recente produção naquele periódico e que tem o carácter de entevista, registamos, pelo seu interesse e oportunidade, passos do seu encontro com o Prof. Doutor Oliveira Salazar:

de que se alimentam o seu pensamento e a sua acção. Só raramente encontrara — e nunca, ainda, entre os homens poderosos ou célebres — um homem a tal ponto liberto de si mesmo, um servidor da causa pública cuja personalidade se identificasse assim ao serviço.

«Alguns portugueses confessaram-me, até, que achavam essa modéstia exagerada e que Salazar dispensava o «mínimo vital» de prestígio e de publicidade de que se deve rodear a personalidade de um Chefe de Governo. E ele próprio tem consciência dessa lacuna, porque, num discurso, depois de ter falado da sua ausência total de ambições, acrescentou que podia bem apontá-lo, porque isso, nele, não era uma qualidade, mas um defeito.

«A sua experiência dos grandes do Mundo, mais vasta que a minha, leva à mesma conclusão decepcionante: são raríssimos os detentores da autoridade cuja máscara social não lhes roa a face e a alma e que não confundam a sua pessoa com o personagem, irreal, inchada pelo vento da Fama, que lhes apresenta o espelho da opinião pública. Concluimos que o exercício do poder é sempre uma escravidão: ou a escravidão exterior do serviço ou a escravidão interior do orgulho e da ambição. Se não se é atingido de fora, como um fardo, é-se penetrado de dentro como por um veneno. A conversação rola depois sobre a política europeia, sobre o futuro da humanidade em geral. Salazar — que alia a uma clara visão do ideal um sentido muito agudo dos estreitos limites do possível — parece-me terrivelmente pessimista. Mas este pessimismo é tónico, em toda a sua amargura: não é o do desencorajamento ou da inacção, é o do homem que, para se manter e lutar até ao fim, não tem necessidade de se embriagar com ilusões.

«Nunca esquecerei a expressão dos olhos de Salazar quando me disse bruscamente: «O que me angustia é que nenhum dos políticos actuais parece preocupar-se com esta perda de substância e de vida interior, com este apagar dos costumes e com esta rotura dos laços vitais que afectam quase todas as nações. Procuram alcançar dólares ou criar exércitos; hipnotizam-se

com as balanças comerciais, com o equipamento industrial e com a escala dos salários (tudo coisas bem necessárias, mas que constituem apenas a epiderme da vida social) e não vêem que é o homem que está ameaçado nas suas fontes e na sua essência.

«Digo-lhes a que ponto compartilho da sua inquietação e falamos deste movimento da história que se exerce ao contrário das exigências da Natureza, que despoja a vida do seu mistério e vai violar a lentidão inamovível dos seus ritmos.

«A vida, — diz Salazar — já não respeitam as suas pausas, já não se sabe esperar, já não se dá aos frutos tempo para amadurecerem. Repito isto sem cessar aos meus Ministros, muito dinâmicos».

Depois de larga troca de impressões sobre a ideia do povo e da sua posição perante a vida e os seus ansios, Thibon registando o pensamento de Salazar escreve:

«O verdadeiro drama actual é o facto dos povos já não terem país. Proclama-se a sua «chegada à existência histórica» e a sua «maioridade social» — e são precisamente os seus parasitas quem os persuade de que já não necessitam de tutores! Dando teoricamente ao povo todos os direitos, os demagogos forjam um maravilhoso «alibi» para se dispensarem, praticamente, de todo o dever para com ele. E é assim que à sensata autoridade do pai se substitui por toda a parte a tirania hipócrita do «condutor».

«Levanto-me para a despedida. E Salazar, diz-me, ao apertar-me a mão: «Compreendemo-nos, nós, porque um e outro somos camponeses». Acompanha-me, depois, até ao portão da sua residência. Descendo os degraus, volto-me para o saudar uma vez mais e a última imagem que fixo desse homem, cuja grandeza irradia toda, por assim dizer, para o interior, coincide perfeitamente com as suas últimas palavras. Um camponês exactamente: o homem paciente e recolhido que trabalha em colaboração com as forças eternas da natureza e da vida; o homem que no meio das tempestades artificiais que sacodem o Mundo, vela pelas raízes, pela realidade interior, pela alma de uma Nação.»



EVOCAÇÃO DO BRASIL

E o significado da visita do Dr. Café Filho a Portugal

FOI no dia 22 de Abril de 1500 — fazia precisamente quatrocentos e cinquenta e cinco anos no dia em que chegou a Lisboa o Presidente Café Filho — que os homens da armada de Pedro Álvares Cabral avistaram terra brasileira.

Se foi esta, ou não, a vez primeira que os portugueses pisaram as terras da América do Sul, isso é um enigma que a História ainda não decifrou. Seja, porém, como for, o certo é que os bravos marinheiros de Cabral ali viram o Monte da Páscoa — e logo desembarcaram num sítio a que puseram o nome significativo de *Porto Seguro*.

E no dia 26 se celebrou, em terras de Santa Cruz, a primeira Missa, marcando assim, de forma inequívoca, o espírito que animava os Portugueses nas suas longas e aventureiras viagens pelo mar, oceano cheio de segredos e surpresas: a dilatação da oristandade operada sob a protecção da bandeira das quinas.

Começa, desta forma significativa, a história daquela «terra graciosa», como lhe chamou o seu primeiro cronista, Pero Vaz de Caminha, na carta célebre em que descreve o «achamento» do Brasil, com tintas tão ricas e pitorescas.

E essa terra, de mulheres «bem moças e bem gentis»,

cheia de riquezas inexploradas, de uma fama e de uma flora que farão o espanto da velha Europa, será, como também anota Pero Vaz, vasto campo para a acção missionária, onde se poderão ganhar para a Fé de Cristo muitos milhares de almas gentias.

E logo começa a obra ingente da colonização do Brasil, que em 1534 recebe um impulso decisivo com a criação das *Capitanias* hereditárias, fruto da larga visão do rei D. João III, que tão belos resultados havia de dar no futuro.

Entretanto, a evangelização das novas terras americanas era confiada aos membros da Companhia de Jesus. E de entre os numerosos padres e irmãos leigos que partiram para o Brasil e aí exerceram uma notabilíssima actividade civilizadora, destaca-se a figura gigantesca do Padre Manuel da Nóbrega, ali chegado em 1549, e fundador da mais próspera cidade brasileira, São Paulo.

Por todo o século dezasseis, e paralelamente à acção magnífica dos missionários, que se não limitam ao ensino religioso, mas procuram — e conseguem — infundir novos hábitos nos aborígenes, estudando as suas línguas e os seus costumes, desenvolve-se essa odisséia maravilhosa dos «Bandeirantes», que realizam no sertão hostil

e inexplorado, uma aventura idêntica à que os navegadores lusíadas levaram a cabo nos oceanos de todo o Mundo.

E nem a perda temporária da independência pátria os inibe de continuar a sua obra; antes, aproveitando-se do facto da união das duas coroas de Portugal e Espanha, ultrapassam os limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas e conquistam para Portugal terras que, mais tarde, a própria Espanha terá de reconhecer que lhe não pertencem, apesar de situadas dentro da sua esfera de acção.

E quando, em 1640, D. João IV é aclamado Rei de Portugal e se restaura a independência nacional, logo o Brasil se levanta contra usurpadores e invasores. É magnífica a história desta época, em que os luso-brasileiros, numa luta contínua, sofrendo toda a espécie de limitações, conseguem lançar fora do terreno sagrado pelas quinas não só os espanhóis como os inimigos destes que, à sombra da união real, tinham ocupado territórios brasileiros, como franceses e holandeses.

São anos e anos de uma luta intrépida e heróica, em que a voz do Padre António Vieira, o maior orador português de todos os tempos, ecoa acima do fragor das batalhas, impelindo à luta os intemeratos soldados do Portugal brasileiro, em apóstrofes geniais marcadas pelo duplo selo da religião e do patriotismo.

Vem, depois, o século XVIII, com o fulgor magnífico da mineração, em que o ouro do Brasil dá alento a uma época prodigiosa de fausto e riqueza, de que são testemunho as numerosas obras de arte espalhadas pelo território brasileiro. S. Paulo, Minas Gerais, Baía — e essa encantadora cidadezinha de Ouro Preto, jóia magní-

fica de uma arte requintada que culmina nas maravilhosas estátuas do celeberrimo *Aleijadinho* — são outros tantos padrões dessa época gloriosa, em que o espírito barroco se derrama, em orgias de ouro e luz, pela terra brasileira, sagrado de nova e misteriosa seiva.

E já no século XIX, em 1808, quando as águias napoleónicas ameaçam a independência de Portugal, é o Brasil que acolhe o seu rei, D. João VI, que transporta para o Rio de Janeiro toda a corte portuguesa, com os seus tesouros artísticos, avaliados em duzentos milhões de cruzados, e que ali ficarão a testemunhar a fraterna convivência das terras sagradas pelo sangue generoso dos portugueses.

E se alguns anos mais tarde, o Brasil, numa era de crescimento perfeitamente compreensível à luz da História, afrouxa os laços que o prendem à pequena nação do ocidente da Europa, hoje, cerca de meio milénio volvido sobre a sua integração nos caminhos da velha civilização latina e cristã, a grande e progressiva nação da América do Sul, lusíada pela língua, pelo sangue e pelas longas tradições comuns, volta a encontrar-se com Portugal na comunidade luso-brasileira, formando, ao lado de um Portugal renovado, um baluarte poderoso contra os inimigos comuns da nossa Fé e da nossa civilização.

Foi este, sem dúvida, o significado da visita do Presidente Café Filho a Portugal, numa hora conturbada do Mundo, em que nenhuma ameaça ou cobiça torpe pôde ofuscar o brilho glorioso dos estandartes das duas grandes pátrias atlânticas, uma vez mais immanadas nos altíssimos destinos que a Providência lhes aprovou conceder.

CALUX

SOCIEDADE ANÓNIMA
Endereço Telegráfico «TECELUX»
SÃO PAULO

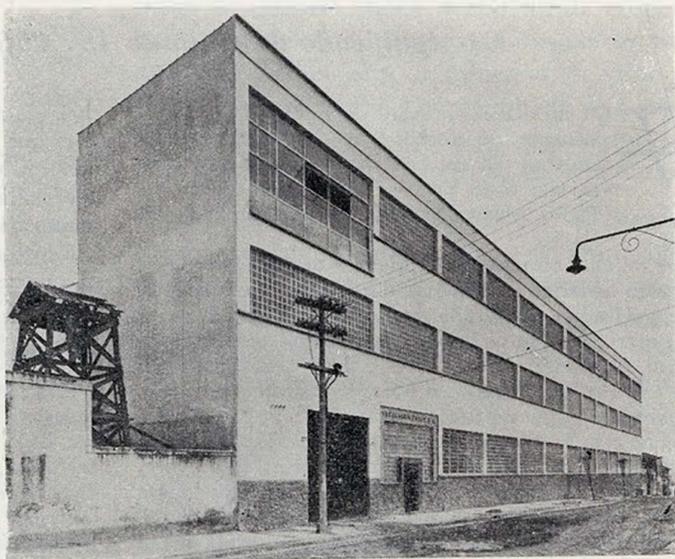
Presidente: Frederico Maria Cabral de Sampaio
Vice-Presidente: Pedro Monteiro Pereira Queirós

Matriz:

Rua Ivaí N.º 277 — Tels. 9-0348 e 9-0753

Filiais:

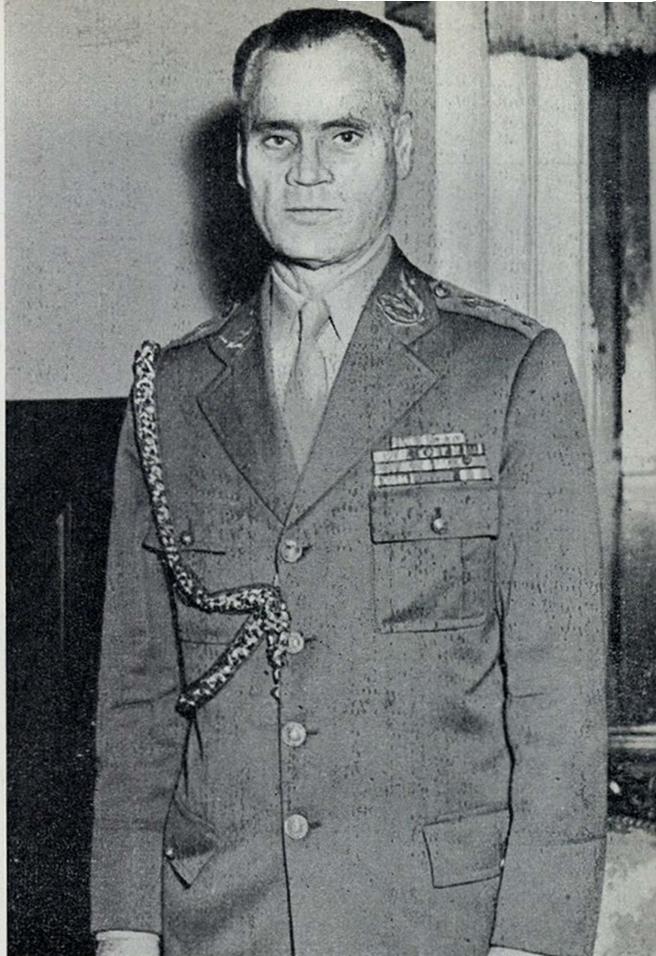
Rua São Jorge, 334 — Telefone 9-0757
Rua Dolon, 533 — Telefone 51-5350





Reverencio a Portugal com gratidão cívica e emoção sentimental, já que a ele me ligam, de um lado, vínculos de reconhecimento pelo esforço quase sobrenatural de seus estadistas para o povoamento, a integração e a defesa do Brasil, durante mais de três séculos, e, de outro lado, me vinculam laços de sangue com o velho e nobre tronco português dos Távora, de que me orgulho pela firmeza da fé, pelo desudo no serviço das armas, e pela probidade no trato da coisa pública.

Seu. Juarez Távora



General Juarez Távora

MILITAR prestigioso e pundonoroso, tem sabido manter através de uma movimentada vida militar, um apuro moral e inconcuso que o tornaram admirado dos seus patrícios, que vêem nele um forte estímo de segurança e de progresso do seu glorioso país.

Agora no pleito eleitoral que galvanizou a Nação para a eleição presidencial, foi o segundo candidato mais votado, que é segura indicação de que o seu nome está destinado a ser o penhor de um Brasil progressivo e glorioso que todos os brasileiros e amigos do Brasil anseiam.

Amigo sincero dos portugueses, de que descende, quis honrar esta Revista, e, por intermédio dela o nosso querido país, escrevendo expressamente o seu pensamento, cujo autógrafa publicamos, com a certeza absoluta que todos os portugueses amigos do Brasil reconhecidos lhe agradecem as suas sentidas palavras de amizade por Portugal.



S. Excia. Reverendíssima, D. António
Bispo do Porto

PARA A REVISTA

Duas Pátrias

É com saudades que evoco aqueles dias de 1949, quando tive o ensejo de feliz e jubiloso, palmilhar terras de Portugal.

Compreendi então, diante dos seus monumentos de arte a atestarem os seus feitos gloriosos, a grande honra que cabe ao Brasil por tê-la como Mãe, legando-lhe a língua, a religião e a grandeza d'alma.

Palácio Episcopal de S. José

Santos, 18 de Março de 1955

D. IDÍLIO JOSÉ SOARES

Bispo de Santos

ESPECIAL PARA «DUAS PÁTRIAS»

Ao saudar o Brasil, neste XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, o nosso pensamento vai para aqueles dos nossos diocesanos que, desde a Descoberta, têm contribuído, com a sua iniciativa, seu trabalho, sua energia e seu sangue, para plasmar a grande Pátria que justamente chamamos irmã, o Portugal da América.

Desta cidade, que deu nome e origem ao velho Portugal da Cruz de Cristo, enviamos o nosso abraço fraternal ao imenso Portugal do Cruzeiro do Sul, Fiel a Cristo, estudante de vida e ridente de promessas, e damos particularmente a nossa bênção a todos aqueles que, vindos próxima ou remotamente das cidades, vilas e aldeias desta Diocese, ainda são ou querem continuar a ser portugueses e portugalenses, cidadãos assim de duas Pátrias, que o amor faz uma só.

Porto, 21 - VI - 1955.

† António, Bispo do Porto



S. Excia. Reverendíssima D. Idílio José Soares
Bispo de Santos (Brasil)

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

SUA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA

D. José Alves da Silva
BISPO DE LEIRIA

NOSSA
SENHORA
DE FÁTIMA

NAS DUAS PÁTRIAS

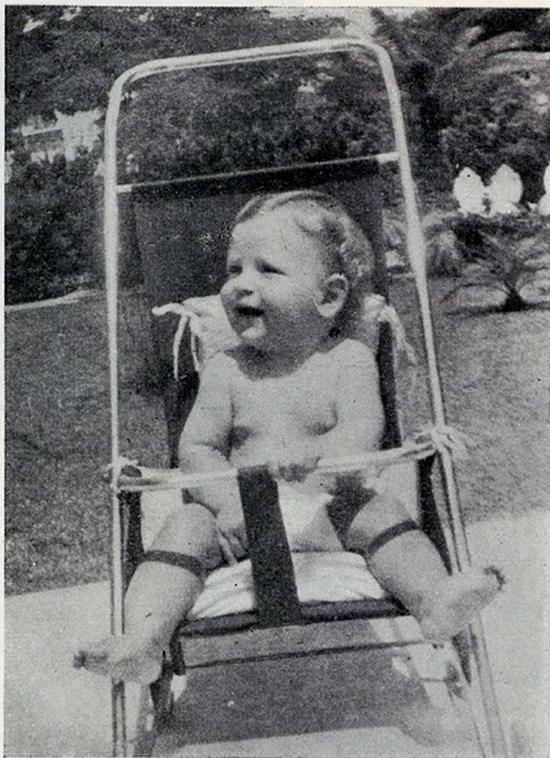


EM-VINDA SEJA a veneranda Imagem de Nossa Senhora de Fátima, percorrendo o Brasil onde foi recebida como Rainha e Mãe. Agradeço as manifestações que lhe tributaram e abençoo-os como Bispo da Diocese de Leiria onde se dignou aparecer.

Leiria-Residência Episcopal 23-6-955

† José, Bispo de Leiria

A continuidade gloriosa do Brasil
está nos seus homens de amanhã



*Menino HUGO SERGIO JÚNIOR filho de D. Marina Assis
Pereira Sergio e do Sr. Hugo Sergio*

COMANDANTE

Henrique Tenreiro

Esmalta hoje a página de honra da nossa Revista, o Capitão de Fragata da Marinha de Guerra Portuguesa Sr. Henrique Ernesto Serra dos Santos Tenreiro, cuja projecção pessoal, de marinheiro e dirigente é bem conhecida e apreciada nas Duas Pátrias (Portugal e Brasil), e ainda no conceito internacional, que pelos seus relevantes serviços e missões que lhe têm sido confiados se tem imposto de forma inultrapassável e inexcédível.

Fervoroso patriota e nacionalista, de uma dedicação comprovada a todo o instante à Nação e ao Chefe do seu Governo, o panorama das suas actividades são daquelas que nos espantam ao verificar, como pode com tantos trabalhos dos mais diversos e complexos, como são as suas actividades.

É preciso ser dotado de um espirito de sacrifício, devotado com paixão à Causa, para que possa chegar à perfeição em todos os seus patrióticos cometimentos, como se verifica.

Não quis a direcção proprietária desta Revista deixar de lhe prestar esta singela homenagem, embora o vá ferir na sua modéstia, que tem por lema o seu grande amor ao País onde nasceu, e à Grei que o admira e venera.



Comandante Henrique Tenreiro

PÁGINA
DE HONRA

O Capitão de Fragata Henrique Ernesto Serra dos Santos Tenreiro, filho do prestigioso professor António Tenreiro, que ensinou muitas gerações, cujos componentes ocupam hoje posições de relevo na sociedade portuguesa, o comandante Henrique Tenreiro alistou-se como cadete da Escola Naval no ano de 1921. Depois de um curso em que obteve sempre altas classificações, efectuou em 1924-25 a sua primeira viagem: a circum-navegação do continente africano, como oficial da Divisão Naval Colonial.

De regresso a Portugal especializou-se em navegação submarina e passou então a fazer a vida árdua e ingrata dos submarinos. Seguiu em 1932 para Inglaterra, como componente da Missão Naval Portuguesa que fiscalizaria e receberia uma nova esquadilha de submarinos encomendada a estaleiros britânicos, dentro do plano de renovação da Armada posto em prática pela actual situação política. Em 1937 deixava os submarinos e passava a fazer parte do Gabinete do Ministro da Marinha de então, almirante Ortis de Bettencourt. No exercício dessas funções teve um papel importante, que envolveu o risco

da sua própria vida, na dominação de uma revolta de marinheiros a bordo de dois navios de guerra. Essa atitude revelou-o como oficial valente e decidido e o seu nome começou então a ser conhecido do país. O Ministro da Marinha, ao criar-se a organização corporativa das pescas, resolveu nomeá-lo Delegado do Governo. Era então 1.º Tenente, mas a sua personalidade de organizador, de chefe e de realizador de grandes tarefas, em pouco tempo o consagrou. A sua obra, neste capítulo, não se apresenta num artigo de revista. A indústria da pesca em Portugal estava em crise grave, à qual não resistiram muitas empresas. O comandante Tenreiro estudou as medidas financeiras e administrativas que haviam de permitir, em poucos anos, a organização das pescas em novos moldes e a substituição das velhas e pequenas unidades por navios que assegurassem o abastecimento do país e resultados compensadores dos Armadores. Todavia, interessando-se tanto pela prosperidade dos armadores, como pela existência de pão e alegria nos lares dos pescadores, o Comandante Tenreiro ergueu também uma notável obra social, talvez a mais completa e perfeita que hoje existe em Portugal. À frente de um organismo prestigioso — a Junta Central das Casas dos Pescadores — tem promovido, em todo o litoral português e nas ilhas adjacentes, a construção de milhares de lindas casas para os pescadores, os quais viviam até então em vergonhosas condições: barracas de lata e furnas de rochas. Esta obra, ao lado das suas realizações no campo da indústria, criaram em pouco tempo um alto prestígio para o seu nome.

Além disso, organizou em moldes novos a assistência aos pescadores — que não existia praticamente. Um navio-hospital vai todos os anos para os mares da Terra Nova, com médicos, enfermeiros e toda a espécie de medicamentos, para prestar uma assistência eficaz aos 5.000 pescadores portugueses do bacalhau. A assistência a esses pescadores é extensiva às suas famílias e em todos os aspectos, o que permite hoje a esses homens partirem para muitos meses de ausência, com a certeza de que a Organização das Pescas, não faltará com a assistência aos seus parentes: mulher e filhos.

Essa mesma organização criou uma Cooperativa de fornecimentos aos navios, em cujos lucros os próprios armadores estão interessados, e também uma Mútua em idênticos moldes. Ao lado da Mútua dos Armadores, há também uma Mútua de Pescadores. Em Lisboa, criou o comandante Tenreiro refeitórios para as classes marítimas onde são servidas boas refeições a preços iguais aos de uma sanduiche e uma cerveja em qualquer restaurante da cidade. Criou também o Lar do Pescador — verdadeira pousada dos homens do mar — onde estes encontram alojamento, conforto e carinho, quando não tenham família ou se encontrem eventualmente em Lisboa — outra iniciativa que revela a generosidade de sentimentos do comandante Tenreiro.

Com o objectivo de preparar os pescadores de amanhã, não apenas pela intuição que lhe podia vir da ascendência, mas também com os conhecimentos técnicos indispensáveis, o comandante Tenreiro criou as Escolas de Pesca, a mais importante das quais — a de Lisboa — fornece todos os anos um importante contingente de novos pescadores.

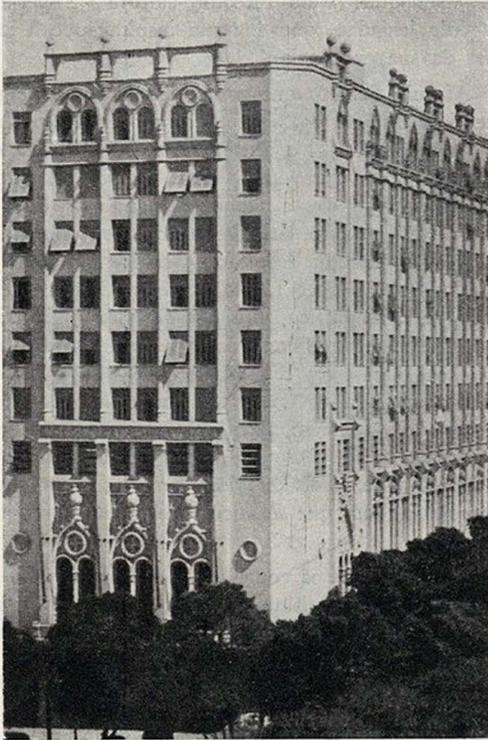
Interessado também, pelos impulsos do seu coração, em minorar a sorte dos infelizes, o comandante Tenreiro criou a Obra Social da Fragata «D. Fernando» — uma bela escola para futuros marinheiros das Marinhas de Guerra e Mercante — instalada numa antiga unidade de vela da Armada portuguesa. Rapazes órfãos, infelizes, em risco de resvalar para a vida miserável dos desprotegidos da sorte, são recolhidos na Fragata «D. Fernando» e ali recebem amparo moral, educação, cultura física, instrução primária e os bons conselhos da Igreja. Quando mais velhos, estão aptos a ingressar nas Escolas Oficiais da Marinha, sentem o amor pelo trabalho e aspiram a ser homens úteis ao seu país e à sociedade. Em outras generosas iniciativas o comandante Tenreiro tem revelado a sua grande alma — remodelando a Liga dos Amigos dos Hospitais e dando novas possibilidades à Casa de S. Vicente — duas instituições onde se pratica o bem em favor dos necessitados. A Acção Social da Armada é outra iniciativa sua de que beneficiam toda a corporação e família.

Também no campo da actividade política o comandante Tenreiro se revelou um factor essencial. Tendo começado por comandar a Brigada Naval da Legião Portuguesa — uma organização militar ao serviço da ordem — o Governo nomeou-o vogal da Junta Central da Legião Portuguesa e, mais tarde foi eleito deputado da Nação com o seu mandato renovado em legislaturas sucessivas. Mais recentemente foi nomeado para a comissão executiva da União Nacional, organização política sem o carácter de partido político, que dá o seu apoio à acção governativa do Presidente Salazar e que agrupa dezenas de milhar de portugueses de várias cores políticas e credos religiosos. Simultaneamente, o comandante Tenreiro é Presidente do Conselho de Administração da empresa proprietária do «Diário da Manhã» — órgão oficioso do Governo na Imprensa de Lisboa. Multiplicando a sua actividade por forma invulgar, o comandante Tenreiro exerce, a pedido do Ministro do Interior, cargo de provedor da Misericórdia de Almada, funções no exercício das quais conseguiu a construção de novo e modelar hospital daquela vila fronteira a Lisboa.

Como cúpula desta obra grandiosa apresenta-se a protecção às crianças filhas de pescadores, de marinheiros da Armada e de legionários de terra e mar com a instalação de uma modelar colónia balnear no forte das Maias, próximo de Oeiras, colónia a que se deu o nome de Embaixador Teotónio Pereira e na qual todos os anos, retemperam o seu organismo, com banhos de mar e de sol, muitos milhares dessas crianças.

Por último, no campo da indústria de construção naval, o comandante Tenreiro facilitando aos armadores a renovação das suas frotas, com a construção de muitas dezenas de novas unidades (cujo pagamento é feito sob o auxílio de créditos marítimos) assegura trabalho aos estaleiros portugueses, proporcionando-lhes aperfeiçoamento constante da mão de obra por engenheiros e operários portugueses.

Tal é, a traços largos, a obra enorme deste homem de cinquenta e três anos, consagrada toda ela ao engrandecimento de Portugal e à prosperidade e ao bem-estar de muitos milhares de portugueses.



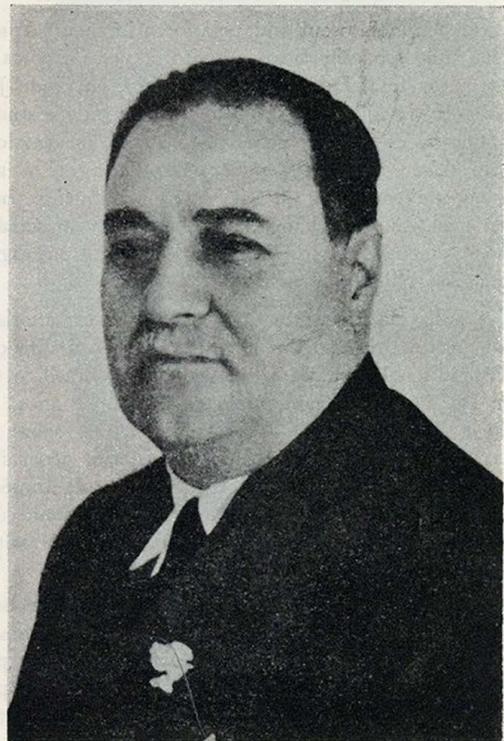
Edifício do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro

LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS NO RIO DE JANEIRO

SÍNTESE HISTÓRICA
E SUAS ATIVIDADES
CULTURAIS

DE origem modesta, o Liceu Literário Português foi fundado a 10 de Setembro de 1868, na casa n.º 51 da Rua da Saúde, por sócios dissidentes do Retiro Literário Português, e teve início confuso e tormentoso; quase um ano depois, a 24 de Agosto de 1869, sob a direcção do Dr. Marques Pinheiro, iniciou os cursos nocturnos, gratuitos, para alunos de todas as nacionalidades; mas a exiguidade dos seus rendimentos anuais (uns incertos seis contos de réis), mal lhe permitiam fazer face aos gastos resultantes de aumento crescente de matrículas. Em 1870, as finanças foram equilibradas, com as sábias e oportunas medidas de Joaquim Bernardino Pinto Machado, secundado por Francisco de Moura Coutinho Bastos.

Martins de Pinho (Conde Alto Mearim), no ano do terceiro centenário de Camões, em 1880, lançou as bases da restauração financeira da instituição, cujo fundo social era somente de oito contos de réis e, três anos depois, atingia a sessenta e sete contos; foi adquirida então, por cento e cinquenta contos, a primeira sede do Liceu, na Rua da Saúde, esquina da Rua do Prainha onde hoje se ergue o edifício de «A Noite» elevando o fundo social a trezentos contos! A falência do Banco da República, em 1898, reduzindo os seus rendimentos à quinta parte, trouxe para o Liceu novas dificuldades até que, depois de 14 anos, o comendador Sá e Gama o repôs de novo em sua prosperidade, com



Comendador José Rainho da Silveira Carneiro a quem o Liceu Literário Português do Rio de Janeiro deve a sua grandeza e projecção

a venda do edifício da Rua da Prainha e compra do da Rua Senador Dantas, adaptado às actividades do Liceu.

E quando o incêndio destruiu o seu edifício da Rua Senador Dantas e, com ele grande número de preciosidades bibliográficas e obras de arte, pacientemente acumuladas em mais de sessenta anos de trabalho e sacrifícios, é que manifestaram, na reconstrução a vontade férrea, a tenacidade e a iniciativa do seu grande presidente, o comendador José Rainho da Silva Carneiro, que venceu todas as dificuldades daquele empreendimento ciclópico, quase sobre-humano, contra a oposição dos timoratos e indecisos.

O Liceu é, assim, no seu magnífico e opulento arranha-céu, de graciosos motivos manuelinos, uma esplêndida e soberba realidade, a demonstrar, no coração do Rio de Janeiro, o valor do «génio lusiada», que não cansa nem esmorece nunca, ganhando em cada revés novos alementos e energias para ao serviço do Brasil e da nossa civilização, continuar a dar o exemplo dignificante da sua pujança e da sua presença.

Cerca de 100.000 alunos, de todas as idades, na sua maior parte brasileiros, passaram já pelas aulas nocturnas do Liceu. Entre a multidão de estudantes, alguns foram, depois, como os senhores Conde Dias Garcia e o comendador Artur de Castro — para somente citar dois dos que mereceram o galardão da benemerência, pelos relevantes serviços prestados à instituição.

Mas o seu âmbito cultural, pela força imanente da sua origem, não poderia ficar adstrito àquelas nobres e filantrópicas finalidades iniciais. Por isso, em 5 de Julho de 1953, foi inaugurado o Instituto de Estudos Portugueses, sob a direcção clarividente do saudoso Mestre Afrânio Peixoto — que continua a ser o seu patrono — e com uma doação que, inicialmente, bastava à sua manutenção, dos beneméritos associados senhor comendador José Gomes Lopes e sua digna esposa, D. Lídia Raposo Lopes.

Nas aulas do Instituto, que ainda obedece à orientação do seu primeiro director cultural, sob a direcção do Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, o senhor Dr. Pedro Calmon, realizam-se, há 12 anos, de Maio a Outubro, todas as segundas-feiras, sobre os temas mais diversos, estudos sobre história, geografia, arte, etnografia, ciência e literatura do grande Império da Língua Portuguesa, para que melhor se conheçam e mais se estimem, pela aproximação afectiva e cultural, os parentes lusiadas dispersos pelo mundo.

E, assim, os valores maiores da intelectualidade brasileira e portuguesa, no decorrer desses 12 anos, deram, cerca de 288 aulas, sobre temas diversos, assistidos por uma assistência total de 43.200 pessoas ou sejam por aula 150 ouvintes, sem que para isso tivessem contribuído com a menor parcela.

E, a ligá-las todas, dando-lhes unidade e continuidade, como um elo indestrutível e perene, está sempre

o «comentário» do director cultural, a perpetuar o «génio lusiada», que é a sua inspiração e a razão de ser da sua existência.

Afrânio Peixoto que compreendeu como ninguém, o sentido lusiada da obra civilizadora dos portugueses, ao expor a ideia, o sentimento e a iniciativa do Instituto — logo aprovada — num almoço de que participaram, com ele, o senhor comendador José Rainho da Silva Carneiro, presidente do Liceu, o senhor Cândido de Oliveira, Secretário Geral e o senhor comendador José Gomes Lopes, o benemérito doador, teve a alta e magnífica intuição do valor educativo das suas «aulas», se a cada uma ele juntasse um «comentário» final, para lhe enaltecer e aprimorar os conceitos, numa oportuna e legítima exaltação do «génio lusiada» e, também, para aproveitar o grato ensejo de reafirmar o seu devotamento, a sua dedicação e o seu amor à obra realizada neste lar da cultura portuguesa no Brasil, com que se afirma pelo mundo o génio português.

Completando os conceitos com que Afrânio Peixoto inaugurou o Instituto, apraz-nos transcrever algumas palavras do «comentário» com que o seu actual director, o senhor Dr. Pedro Calmon, encerrou a aula inaugural do undécimo ano lectivo, a qual — sob o tema «Reflexos de Portugal na América», esteve a cargo do académico Gustavo Barroso e foi sublinhada por aplausos que «traduziram o agrado imenso com que recebemos a sua alta mensagem espiritual»:

«Gustavo Barroso veio ainda agora iluminar este recinto com a sua sabedoria profunda, com o seu civismo desinteressado, com a sua alma cheia de ensinamentos e esse constante amor a Portugal... A palavra de Gustavo Barroso, encantadora e magistral, marcou nesta aula, com que se inaugurou o ciclo dos nossos trabalhos em 1953, a altura deste ciclo. Os que fundaram o Instituto, comendador José Rainho da Silva Carneiro — esse patriarca da colónia portuguesa do Brasil, esteio sólido sobre o qual se eleva o vasto monumento do Liceu — comendador José Gomes Lopes — tesoureiro oficial — Afrânio Peixoto — talento luminoso e alma desta instituição — e Cândido de Oliveira, tiveram a intenção de que ardesse permanentemente, aos pés da imagem alta da Tradição — como a lâmpada de um voto de continuidade em que, corações portugueses e brasileiros, unidos nessa hora, pedem que o Brasil continui a se lembrar de Portugal e que não se esqueça deste undécimo canto dos «Lusiadas», como lhe chamou Camões, e como Afrânio também chamava.

E, Deus louvado, a pedra lançada há pouco mais de uma dezena de anos, serviu de alicerce para o edifício altaneiro e sólido que aí está e tudo nos enche de um sincero orgulho, porque temos cumprido conosco mesmo, pois é assim que vamos firmando e vamos construindo um trabalho metódico e lento da reintegração moral do Brasil no quadro da sua autêntica formação.



OS JESUÍTAS

PIONEIROS DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

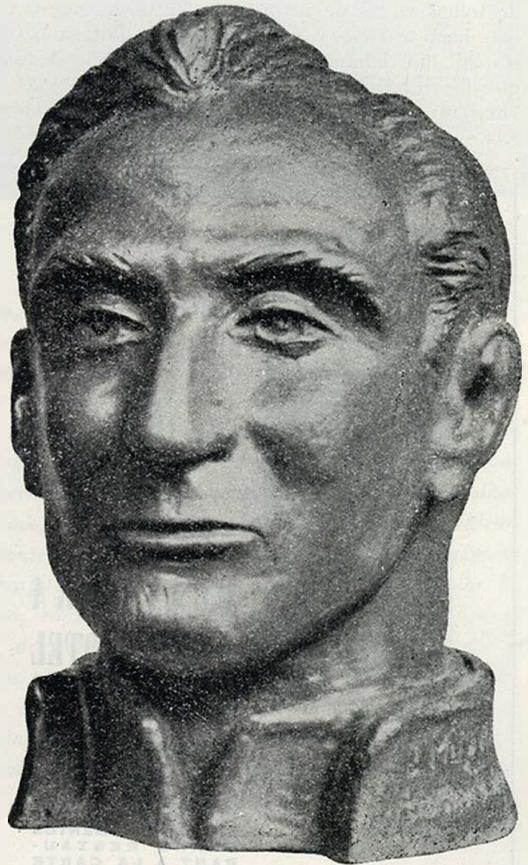
NUM casebre de palha, de barro e de chão batido, em toscos bancos, onde indiozinhos escutam, entre admirados e curiosos, as coisas maravilhosas que lhes contam homens de roupa preta, de ar bondoso e de palavras extraordinárias. São os jesuítas no seu trabalho de catequese. São os pioneiros da civilização, que ensinam os donos da terra recém-descoberta a ler, a compreender as palavras do Evangelho e a usar dos costumes que da Europa lhes traziam.

A tarefa que os espera é das mais tremendas. Os sofrimentos que os aguardam, dos mais terríficos. Não desanimarão, porém. Não hesitarão. Embrenham-se pelas selvas inóspitas, entre feras e homens ameaçadores. Vadeiam rios. Transpõem montanhas. Vão à procura de almas, riquezas para eles mais valiosas que as minas de ouro ou as pedras preciosas. Querem baptizar a indiada bronca, esquiva e belicosa. Querem trazê-la ao grémio da civilização. Por isso não se poupam sacrifícios. A tudo se sujeitam. A tudo se dedicam. São carpinteiros, ferreiros, sapateiros, arquitectos, engenheiros, médicos.

A aspreza das estradas invias lacera-lhes os pés. Os espinhos rasgam-lhes as sotainas. As feras rasgam-lhes os corpos com as garras e os dentes. As febres os saltciam. As tempestades e as intempéries fustigam-lhes a pele. Os insectos a empolam. E a bugrada feroz tortura-os, martiriza-os, trucidá-os sem piedade.

Eles, porém, continuam a sua tarefa. Constroem colégios e igrejas. Arregimentam índios. Acolhem-nos em aldeamentos. Servem-lhes de conselheiros. Apaziguam-lhes as contendas.

Manuel da Nóbrega, seu primeiro chefe, no Brasil, vai com seu jovem discípulo José Anchieta, pôr-se como fiador da paz, entre as tribos alvoroçadas e desejosas de guerra. Sofrem torturas, ameaças, tentações do pavor e da carne. Mas resistem. Nas horas de acalmia, o jovem Anchieta desce à praia e escreve na areia branca



PADRE MANUEL DA NÓBREGA
*Primeiro Padre Geral Jesuíta no Brasil
e Fundador da Cidade de São Paulo.*

os versos de seu poema à Virgem, versos que a onda apaga, mas que se gravam para sempre na sua milagrosa memória.

Amansam os chefes, convertem as crianças, aprendem-lhes a língua, pregam, baptizam, curam, aconselham, lavram a terra, defendem os índios contra os abusos e injustiças dos colonos. A história desses homens é o mais belo poema, que nenhum poeta ainda se arrojou a compor.

Nas «Cartas» que nos deixaram, estão relatados, em linguagem simples e modesta, todos os actos de sacrifício, heroísmo e caridade, que praticaram. O que lhes era a vida nos primeiros tempos da catequese, descreve-no-lo o Padre José Anchieta, nesta informação a seus superiores:

«Aqui se fez uma casinha de palha, com uma esteira de canas por porta, em que moraram algum tempo bem apertados os irmãos; mas este aperto era ajuda contra o frio, que naquela terra é grande com muitas geadas. As camas eram redes, que os índios costumam; os cobertores o fogo, para o qual os irmãos comumente, acabada a lição da tarde, iam por lenha ao mato, e a traziam às costas para passar a noite, o vestido era muito pouco, e pobre, sem calças, nem sapatos, de pano de algodão. Para a mesa usaram algum tempo de folhas largas de árvores em lugar de guardanapos: mas bem se escusavam toalhas, onde faltava o comer, o qual não tinham donde lhes viesse, senão dos índios, que lhes davam alguma esmola de farinha e às vezes (mas raras) alguns peixinhos do rio, e caça de mato.

Muito tempo passaram fome e frio: e contudo prosseguiram seu estudo com fervor lendo às vezes a lição fora ao frio, com o qual se haviam melhor que com o fumo dentro de casa.»

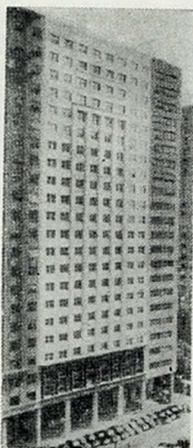
Eram assim esses homens: heróis de todos os instantes, santos, dedicados, ardentes de caridade e de compaixão. Castro Alves, o génio condoreiro, narra-lhes a epopeia nestas estrofes:

«O martírio, o deserto, o cardo, o espinho,
A pedra, a serpe do sertão maninho,
A fome, o frio, a dor,
Os insectos, os rios, as lianas,
Chuvas, miasmas, setas e savanas,
Horror e mais horror...»

Nada turbava aquelas fronteiras calmas,
Nada curvava aquelas grandes almas,
Voltadas pra amplitude...
No entanto elas só tinham na jornada
Por couraça — a sotaina esfarrapada...
E uma cruz — por bordão.»

E Humberto de Campos termina um soneto que lhes dedicou, dizendo:

«... A cruz quando fechar os braços
Há-de dizer a séculos melhores
Que a civilização seguiu seus passos!»



GUANABARA PALACE HOTEL

AMERICAN BAR - CON-
FETARIA E PADARIA
SALÕES DE BARBEIRO
E CABELEIREIRO
LAVANDARIA PRÓPRIA

TELEFONE 43-8808
304 APARTAMENTOS
GRAND RESTAU-
RANT A LA CARTE

AV. PRESIDENTE VARGAS, 392 RIO
END. TÉL. «HOTEGUANABARA»



RESPEITOSA HOMENAGEM DO

Bar Imparcial

DE

Travessa & Coelho

R. Arquias Cordeiro, 312 - Meier - Tel 29 0530
Filial - Restaurante
Rua Frederico Meier, 11 - A - Rio de Janeiro

A Sua Excelência o Senhor Presidente
da República do Brasil, Doutor João Café
Filho pela sua visita Oficial a Portugal
em Abril 1955

D U A S P Á T R I A S

pele Prof. Dr. Adelino Padesca
Director do Hospital Escolar de Lisboa

*Não há duas Pátrias, há uma só
Pátria, à sombra de duas Bandeiras.*

Olegário Mariano

PORQUE era estreito e acanhado o território pátrio e só pelo mar imenso era possível adquirir novas áreas, «dilatando a Fé e o Império», coube a Álvares Cabral descobrir as longínquas terras do Brasil.

Da transcendência do facto nem uma pálida ideia se poderia fazer ao tempo de 1500: nem da extensão ou valor das riquezas do solo, nem das cobiças de outros povos, nem de inevitáveis pugnas nem da absorção de constantes correntes emigrativas; muito menos ainda dos determinantes geográficos, económicos e políticos da sua constituição, na evolução dos acontecimentos, tal como se apresenta nos nossos dias, isto é, como magnífica e próspera Nação Sul-Americana.

No conceito universal dos povos mantém o Brasil o seu carácter especial e muito próprio, enriquecido pelo número crescente e pela actividade dos seus habitantes, orientado pelo desejo de progresso e fazendo desabrochar a sua civilização uma vitalidade pujante, para a qual nós portugueses nos sentimos fatalmente atraídos nesta parte da Europa latina que é paterno solar também de brasileiros, como um íman de invulgar força e originalidade.

São sempre, pois, em grande número os portugueses que levam a sua actividade ao Brasil. Foram porém, os homens de letras os cultores espirituais que melhor viram a coesão de ideias que redundam dum idioma comum e provém do mesmo tronco linguístico que falam, escreveram os precusores e os mareantes, os poetas e os estadistas.

Como poderiam ser insensíveis a tão excepcionais condições de intercâmbio, os cientistas da medicina?

Muitos e recentes factos mostraram o apreço com que os nossos foram acolhidos nos meios brasileiros, cujos grandes vultos e cujas obras nos habituámos, há



Prof. Doutor Adelino Padesca

muito, a estudar e a admirar. Também com que prazer temos ouvido a muitos dizer do seu anelo de buscar a casa ou a região ancestral dos seus antepassados; à sua contribuição sentimos poder dignamente corresponder. As condições actuais do meio português tornaram possíveis certas realizações a que corresponderão novas perspectivas de avanço científico: numerosos trabalhos originais, constituição de muitas sociedades médicas, constantes cursos e conferências, novos estabelecimentos hospitalares como o grandioso Hospital Escolar de Lisboa, concessão dum prémio Nobel, são representativos de valores espirituais em actividade eficiente e pontos para uma troca de ideias com iguais cultores do outro lado do Atlântico. Profundamente humanas, as ciências médicas, e a sua repercussão sobre a saúde individual e pública são o expoente mais seguro do grau de civilização dum povo.

Prof. Adelino Padesca

NOTA — Repetimos este precioso autógrafa porque devido a uma confusão tipográfica saiu inexacto no número publicado anteriormente, de que pessoalmente já pedimos desculpa.

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

A união sempre maior das Duas Pátrias é a nossa mira. Lutaremos sempre contra os seus detractores, os jacobinos e os adulteradores da verdade histórica, pois só assim seremos merecedores do nosso passado, cujas flâmulas, símbolo de uma raça de heróis, se entrelaçam em perene união nos céus deste mundo incerto.

São Paulo, 13-5-55.

JOSE DE MELO PIMENTA



Dr. José de Melo Pimenta



SECRETARIA - GERAL
RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 137
9º ANDAR
SÃO PAULO - BRASIL

Congresso de História Comemorativo

4.º Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo

25-1-1954 25-1-1954
São Paulo, 9 de julho de 1954.

Meu caro José de Melo Pimenta, esgotada a primeira

edição de sua obra "QUEM FUNDOU SÃO PAULO?" e menos de seis meses, não se justifica o ponto de interrogação, porque o assunto foi ampla e internacionalmente esclarecido e porque ninguém de boa fé nega a evidencia. Negam-na os que por temor de ofender tradições recebidas ignoram quanto elas se alteram, se modificam e se deformam através do tempo; negam-na os que não sabem que a tradição é filha natural do folclore e da sociologia; negam-na os comodistas do "eu aprendi assim", como si a ciência não evoluísse; negam-na os convictos do "eu acho", "eu entendo", "eu penso", como si a história fosse escrita com pontos de vista. Ora, os negativistas são surdos intelectuais. Negam tudo, pelo prazer de negar. Mesmo assim, o seu livro ficará nas escolas primárias já se ensina que o fundador de São Paulo é o Padre Manoel da Nóbrega, com o auxílio, entre outros, de Tibiriçá, Caiubi, João Ramalho, José de Anchieta e Manoel de Paiva. Todos grandes auxiliares do grande jesuíta. E para todos Anchieta é uma glória de Nóbrega, fundador de São Paulo de Piratininga.

Cordialmente,

Dr. José de Melo Pimenta

José de Melo Pimenta

Brasileiro ilustre, filho de português, tem sido o paladino da verdade histórica de que, quem fundou São Paulo, foi o Padre Manoel da Nóbrega.

O sucesso do seu livro «Quem Fundou São Paulo?» constituiu um sucesso, não só literário, como prova da irrefutabilidade de que São Paulo deve a sua fundação a essa grande figura de português e jesuíta, Padre da Nóbrega.

Lutando contra uma corrente demagógica que pretendia negar uma certeza, ele viu os seus esforços premiados, quando a verdade surgiu dos lábios de Sua Santidade e outras autoridades, confirmando o que a História afirma. O Governo português reconhecendo patrioticamente o seu prestigioso trabalho de investigador histórico, premiou-o com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo, testemunhando assim publicamente o apreço e reconhecimento da Nação Portuguesa.

PORTUGAL

e a sua POLÍTICA EXTERNA

Editorial

*N*O instante em que as Mães de Portugal, em singelíssima cerimónia, inauguraram o monumento que simboliza o seu agradecimento a Salazar pela maneira como conduziu o País durante a última guerra, prestava-se homenagem não apenas à acção genial do homem que de 1939 a 1945 havia enfrentado, com tanta prudência e dignidade, tantas e tão graves dificuldades, mas ao estadista cuja superior visão se havia revelado incomparável através de um quarto de século de vida do mundo.

A segunda guerra mundial fora, todavia, apenas um dos acontecimentos que determinaram as preocupações do Presidente Salazar no decurso do seu incomparável labor. A história da Europa e do Mundo dos últimos trinta anos está, na realidade, marcada por acontecimentos de tão funda importância e severa repercussão que se torna difícil, se não impossível, separar um de entre todos para objecto de análise. Todos constituem um todo que as circunstâncias profundamente ligaram, muito embora os acidentes da política de alguns países tenham levado os respectivos governantes a ilusões perigosas que estão na base de muitos dos erros que determinam alguns dos dolorosos problemas do nosso tempo.

E os acidentes de política desses países tornaram possível a elaboração de alianças que se esboroaram ao primeiro sinal de tempestade; de acordos e tratados que se rasgaram ou desfizeram logo que os primeiros ventos sopraram. A partir da guerra da Abissínia a humanidade assistiu, perplexa, a um jogo de entendimentos de tão reduzido significado que as partes contratantes alteraram as suas posições consoante os interesses do momento.

Não se recordará — entre quanto mais — sem um arrepio de emoção que a Rússia começou a guerra com a aliança germânica e terminou-a do lado dos vencedores.

A política externa portuguesa, concebida e realizada por Salazar, baseou-se sempre em grandes realidades e caracterizou-se por uma fidelidade aos princípios enunciados e aos compromissos assumidos. Em nenhum momento se tergiversou e em nenhum instante deixaram todos de saber — amigos de todos os séculos e eventuais inimigos — qual a posição portuguesa perante os interesses em disputa.

Salazar marcara — uma vez por todas — os princípios basilares da nossa política externa e esses, são hoje os mesmos que em 1932, data em que o genial governante assumiu as funções de Chefe do Governo.

Definem-se esses princípios nos seguintes pontos:

- 1.º — Amizade luso-brasileira
- 2.º — Amizade luso-espanhola
- 3.º — Amizade luso-britânica
- 4.º — Amizade com a Santa Sé
- 5.º — Entendimento com todos os povos de boa-vontade.

*

* *

A amizade luso-brasileira, particularmente evocada pelo Chefe do Governo ao anunciar ao País as comemorações centenárias de 1940, corresponde ao sentimento natural do nosso Povo por uma Nação que é continuidade da nossa, do outro lado do Atlântico.

Ligados por uma tradição e língua comuns, os dois Povos, com o pleno reconhecimento das suas responsabilidades históricas, acabaram por definir o mundo das suas aspirações no Tratado de Amizade e Consulta que legítimamente consagrou a comunidade luso-brasileira.

Em resultado dessa perfeita identidade de intenções visitou este ano Portugal o Presidente Café Filho, em retribuição ainda da visita que o Presidente da República Portuguesa há muito fizera ao Brasil.

Mas, ao longo de todos estes anos, quantas evocações comuns fizemos; quantos itinerários idênticamente percorremos; quantos heróis igualmente glorificámos.

E a comunidade luso-brasileira constituiu assim, elemento positivo de paz para o mundo e não apenas reflexo do bom entendimento entre os dois Povos fraternamente unidos pelos laços da história.

*

* *

Ao deflagrar em Espanha a guerra civil, o Governo Português imediatamente assinalou a sua posição em nome dum País que de modo algum se podia desinteressar pelo que tão severamente podia ameaçar as suas fronteiras. E essa posição foi ainda tomada em nome duma Civilização que se veria perigosamente ameaçada se a Rússia pudesse firmar o seu feroz domínio nas terras gloriosas de Espanha.

Não podíamos ficar efectivamente indiferentes à ameaça que constituia para Portugal e para o Ocidente os poderosos auxílios internacionais que eram dados às hordas que Moscovo comandava. Tomámos uma posição e esclarecemos o Mundo do perigo que o ameaçava, na firme convicção de que o nosso serviço seria reconhecido pela história e mesmo por aqueles Povos que então o não compreendiam.

Assim aconteceu.

Com a Espanha firmámos tratado de amizade e auxílio mútuo que se revelou particularmente eficaz no decurso da última guerra mundial, pois através dele se garantiu uma zona de paz na Península que foi elemento forte da vitória aliada de 1945.

A amizade peninsular constitui, deste modo, um dos pilares da nossa política externa, e bem claramente foi manifestada por ocasião das viagens presidenciais realizadas a Madrid pelo Chefe do Estado Português e a Lisboa pelo Generalíssimo Franco.

*
* *

A amizade luso-britânica tem os seus fundamentos na lonjura dos tempos. Dois países marítimos sagraram as suas relações em páginas de epopeia que os dois Povos não esquecem.

Em 1939, ao eclodir a segunda guerra mundial, Portugal proclamava o que Salazar classificou de «neutralidade colaborante» pois em qualquer ocasião agiríamos de acordo com os princípios da aliança com a Inglaterra. E assim quando o Governo de Londres entendeu conveniente invocar esses princípios, foram concedidas as facilidades nos Açores, além do muito que havia sido feito, e tal facto constituiu poderoso factor da vitória aliada.

Em consagração dessa aliança nunca desmentida e sempre revigorada vai o Chefe do Estado Português este ano a Londres a convite da Rainha de Inglaterra, assinalando-se, com tão importante acontecimento, a permanente juventude da velha aliança.

*
* *

A Concordata com a Santa Sé estruturou também as tradicionais relações de respeito pelo mais alto poder espiritual da Terra, sabido como é que a totalidade do Povo Português é católica e que todas as altas missões que realizou ao longo da sua história foram consagradas ao Cristo Redentor.

Considerada no quadro conveniente a profunda importância das nossas relações com a Santa Sé exprimiu-se, em texto adequado, o modo mais eficiente para mais ainda as estreitar e elevar.

*
* *

Empenhados na defesa dos mais altos ideais duma civilização cujo facho levámos às mais longínquas paragens da terra, naturalmente pertencemos à Organização do Tratado do Atlântico Norte vinculados como estamos a todos os países que, como o nosso, pretendem defender o mundo livre de quantas ameaças sobre ele pesam.

Salazar, muito antes de se pensar na constituição dessa organização, já havia proclamado a sua vantagem e necessidade, pois o genial estadista via — como sempre — para além da euforia de certos instantes, as necessidades que se não rodeiam nem escondem.

*
* *

A Nação agradeceu a Salazar, em 1945, o ter podido atravessar a mais sangrenta de todas as guerras, sem dores excessivas.

A Nação agradece-lhe, todos os dias, a sua sacrificada acção em prol duma Pátria que ele redimiu, e a história consagrará o seu nome como o de um estadista que ao mundo deu salutare e esclarecidos ensinamentos.

SEABRA
COMPANHIA TECIDOS S/A

RUA VISCONDE DE INHAUMA, 78 E 80
RIO DE JANEIRO



Caixa Postal: 567 - End. Teleg.: ANDORINHA: - Rio Janeiro Telef.: 43-8892

CULTURA

LUSO-BRASILEIRA

POR *Dr. Coelho de Sousa*

A cultura nacional é eminentemente luso-brasileira como decorrência de dois factores. O primeiro é a conquista: os portugueses descobriram, conquistaram e povoaram este imenso País, realizando feitos de energia e penetração que ainda hoje, com os recursos modernos, seriam prodigiosos; repeliram o corsário inglês, o invasor francês, o conquistador holandês — afirmando sempre o seu direito sobre a terra; dilataram o território e deram-lhe novas extremas, ainda que a preço de guerras, que se estendem da remota fundação de Sacramento, em 1680, à incorporação da Cisplatina, nas vésperas da Independência.

Enfim legaram-nos um Brasil possuidor de uma área três vezes superior à que fora fixada pelo Tratado de Tordesillas.

O segundo é o génio colonizador do português. Não faltam «sociólogos» de carregação, impertinentes veranistas da história social que mais mal a colonização lusa e vertem as últimas lágrimas patrióticas sobre a fracassada conquista batávica — mas a sua crítica, via de regra, bem revela o preconceito aristocrático com que concebem a ideia de raça — numa atitude mental que mal dissimula a intenção de ostentar um arianismo duvidoso e ingénuo.

Dois espíritos eminentes, afastados no tempo e na maneira de conceituar a vida — Eduardo Prado e Gilberto Freyre, puseram definitivamente esta questão nos seus termos, não jogando com elementos passionais, mas apreciando-a em face da história e da sociologia, compreendendo-se esta como ciência em mais íntima dependência de outras ciências.

Eduardo Prado, espírito singular que as novas gerações desconhecem, numa das suas admiráveis conferências, escreveu: «E há entre nós, brasileiros, quem lastime não terem os holandeses ficado senhores do Brasil. Esta queixa do destino é fútil, porque, como finalmente observou, há pouco, o Sr. Assis Brasil, caso os holandeses tivessem feito desta terra um país bem governado e feliz, não seríamos nós que aqui estaríamos gozando esses bens, mas sim os holandeses e seus descendentes. E demais, tudo quanto os holandeses têm feito no resto do mundo nos leva a crer que, senhores eles do Brasil, esta terra seria uma vasta feitoria, organizada com método, com ordem, com energia, talvez, mas seria uma colónia em que uns poucos brancos seriam tiranos de milhares de índios e de negros. Com a coloni-

zação portuguesa e católica, viemos a ser, com todas as nossas fraquezas, com todas as nossas reais ou pretensas desvantagens étnicas, viemos a ser nós mesmos, isto é, uma nação e um povo!

É um facto bem conhecido de todos que estudam a história da colonização, que os espanhóis e, talvez, um pouco mais ainda, os portugueses, são os europeus que mais e melhor se aliam às diferentes raças que eles têm encontrado pela terra, na sua missão de descobridores e povoadores do mundo. E isto é um atestado de força e de vitalidade incontestáveis, que se revela nos climas mais ardentes.

Ufane-se aquela (a América do Norte) de todas as suas grandezas; tenhamos nós o nosso orgulho: o de sermos um povo que deve a sua existência, não à trucidação de uma raça inteira, hecatombe que o protestantismo não impediria no sul, como não soube impedir noutras regiões, mas à fusão de raças opostas, diversas de origem, e que o catolicismo, renovando o seu antigo prodígio da cristianização e da absorção dos bárbaros, soube também na América ensinar, civilizar, abençoando a união fecunda das raças, de que deviam brotar tantas nações.

Gilberto Freyre — com quem começaram a rigor os estudos sociais do Brasil, devendo considerar-se o que ficou para trás, uma espécie de período preparatório — ensina: «Já tive ocasião de afirmar uma vez, a propósito da arte erudita e popular dos portugueses, o que agora vou repetir com sentido mais largo: que a história inteira dos portugueses e não apenas a das artes — os revela um povo com uma capacidade única de perpetuar-se noutros povos. Mas sem que o povo português tenha feito nunca dessa perpetuação uma política biológica e anti-cristã de exclusividade: nem exclusividade de raça, nem exclusividade de cultura.

«Ao contrário: o português se tem perpetuado, dissolvendo-se sempre noutros povos a ponto de parecer ir perder-se nos sangues e nas culturas estranhas. Mas comunicando-lhes sempre tantos dos seus motivos essenciais de vida e tantas das suas maneiras mais profundas de ser, que passados séculos os traços portugueses se conservam nas faces dos homens de cores diferentes, nas fisionomias das casas, dos móveis, dos jardins, nas formas das embarcações, nas formas dos bolos.»

«O português foi por toda a parte, mas sobretudo no Brasil, esplendidamente criador nos seus esforços de colonizador. A glória de seu sangue não foi tanto a de guerreiro imperial que conquistasse e subjugasse bárbaros para os dominar e os explorar do alto. Foi principalmente a de procriador europeu nos trópicos. Dominou as populações nativas, misturando-se com elas e amando com gosto as mulheres de cor.

A essa capacidade que lhe serviria de base física ou biológica a um domínio colonial impossível de ser realizado por gente escassa — como a portuguesa no século XVI — que fosse ao mesmo tempo pouco inclinada ao contacto amoroso com mulheres de cor, o colonizador lusitano acrescentou a aptidão, igualmente espantosa em povo tão pequeno, de transplantador para os trópicos de valores essenciais de cultura europeia.

Transplantação que permitiu desenvolver-se no Brasil, com elementos étnicos tão diversos e em meio físico tão diferente do europeu, uma civilização que se conserva até hoje predominantemente portuguesa nos seus motivos mais profundos da vida.»

Está rigorosamente certo o sociólogo de «Casa Grande e Senzala» e não foi pois exacto Euclides — e essa é, talvez, a primeira vez que discordo do gigante de «Os Sertões» — quando disse: «Chegávamos ao alvorecer da nossa idade com traços denunciadores de nacionalidades distintas. Dizem-no todos os casos dos tempos anteriores. O drama da Inconfidência terminara recentemente no Sul, sem que o seu desenlace trágico comovesse o Norte, onde, por sua vez, em quadra mais remota, a luta contra os batávicos se abria e se encerrara com o divórcio completo das gentes meridionais». A verdade é que a colonização portuguesa avançava lentamente, à maneira daquela política de mancha de azeite, de que falava o General Liautey em Marrocos: as dificuldades criadas pela extensão territorial e pelos infimos índices demográficos explicam o interregio imenso, existente entre as datas que assinalam o início da colonização em vários pontos do país — São Vicente 1532 e o Rio Grande 1737. Mas, quando, no seu lento avanço, a colonização portuguesa atingia a novas regiões do país, caracterizava-se, de logo, aquela unidade de sentimento e de cultura que singulariza o mundo que o português criou: isso sem sacrifício, é claro, das diferenças nacionais ou regionais e sem darmos à palavra sentimento um significado absoluto, à parte da experiência social dos homens.

E a História certifica essa afirmativa: A América Espanhola fragmentou-se em dezenas de países, a Holanda não fundou novas nacionalidades — *mas a América Portuguesa sobreviveu una e íntegra, habitada por uma nação consciente — fruto natural do carácter humano da colonização portuguesa.*

Euclides reconhece essa verdade, em outro livro: «De facto, ali (no vice-reinado do Peru) não se fundou uma colónia, no significado que, já naquele tempo, lhe sabiam dar os portugueses».

Por tudo isso, ninguém se lembrara, até poucos anos, de constatar a cultura luso-brasileira, lastro da nossa democracia social e étnica, instrumento de permuta espiritual entre todos os brasileiros — o seu primado de cultura geral e fundamental.

Mas, perguntar-se-á, deve a cultura luso-brasileira fechar-se em si mesma e repelir as influências de outras

que se transferem para o país? Só um indivíduo ainda portador do espírito do mandarinato, impermeável aos séculos e aos ensinamentos das ciências sociais — poderia responder pela afirmativa.

Nesse passo, ainda é decisiva a lição de Gilberto Freyre: «Não me parece que o Brasil deva fechar-se na sua cultura tradicional luso-brasileira. Defendê-la, sim, pois ela é nossa principal condição de vida e da nação. Mas defendê-la, desenvolvendo-a».

«Ao sugerir a defesa da cultura luso-brasileira como essencial ao nosso desenvolvimento autónomo em face de qualquer imperialismo de cultura — o imperialismo económico seria, por inclusão, um imperialismo de cultura — que possa nos ameaçar em futuro próximo (seja esse imperialismo europeu, asiático ou americano), não é nenhum nacionalismo estreito ou jacobinismo ranzinza que advogo. Nenhum jacobinismo ouriçado contra tudo que for influência ou acção cultural, que venha a dar à nossa vida e à nossa paisagem cores diversas das tradicionais, das luso-brasileiras.

Ao contrário: creio que a nossa tradição pode enriquecer-se muito, e muito, no contacto com as culturas trazidas pelos imigrantes alemães, italianos, polacos, espanhóis, húngaros, japoneses, judeus. Pode e — passando francamente do plano sociológico para o político e normativo — deve. Creio que vários usos, elementos de culinária, de decoração, de arquitectura, de música, de literatura, de esporte, de técnica de trabalho, não só de origem italiana como de procedência alemã, polonesa, espanhola, húngara, austríaca, israelita e até japonesa, podem e devem ser lentamente incorporados ao todo cultural brasileiro.

Essa incorporação será de vantagem considerável para nós. Será um enriquecimento para a nossa cultura, para a nossa vida, para a nossa paisagem. De modo nenhum me parece que idiomas com o rico conteúdo cultural do alemão ou do italiano devam ser desprezados ou combatidos como inimigos pela gente brasileira: ao contrário, devem ser accitos como estímulos ao nosso progresso cultural. Mas nunca, é claro, ao ponto de qualquer dos dois — o idioma alemão ou italiano — tomar em qualquer região, o lugar da língua tradicional, essencial, nacional, que é a portuguesa. Esta que se enriqueça de germanismos e de italianismos como já se enriqueceu de indianismos, africanismos e galicismos. Mas continuando, na sua estrutura e nas suas condições de desenvolvimento, a língua portuguesa é a língua de todo o Brasil. A língua, também, desse conjunto transnacional de valores de cultura que é o mundo de formação lusitana.

Esse primado de cultura de origem principalmente portuguesa no Brasil: o primado da língua — a língua portuguesa enriquecida, como aliás aquele bloco inteiro de cultura, pelo que já assimilou do indígena, do africano, do holandês, do espanhol, do francês — não deve nunca significar exclusividade.

Aliás, está dentro da tradição portuguesa no Brasil como no Oriente e na própria África a tendência para assimilar elementos estranhos. E assimilá-los sem violência, dada a oportunidade que sempre ou quase sempre, lhes tem dado de se exprimirem. De modo que a assimilação se faz docemente e por interpenetração. A assimilação ou a contemporização.»

RESPEITO PARA AQUELES QUE O MERECEM,
CONTROLE DE NÓS PRÓPRIOS

(Inscrição budista de ASOXA)

GOA, DAMÃO E DIO

serão sempre portuguesas

PORTUGAL merece o respeito da Índia!

E tu Nehru, não respeitaste o preceito búdico, que manda estabelecer o controle em nós próprios, pois que mandaste fechar a Legação do teu maravilhoso país em Lisboa, e agora o encerramento da nossa Legação em Nova Deli. Que contraste, entre o teu procedimento e o de Salazar.

O Primeiro Ministro Português, mantém o controle em si próprio não respondendo ao teu modo de proceder!

A Índia não é Nehru!

A Índia é o espírito de Gandhi, cérebro privilegiado duma ideia, consubstanciada do espírito dos heróis, dos mortos em prol duma liberdade que não era concedida!

A Índia surgiu para a civilização ocidental, pela mão de Portugal, trazida de Calicut, devido ao espírito extraordinário do Infante D. Henrique de Portugal!

A Índia tem a pairar na selva e regiões geladas do Himalaia, os espíritos de Gama, de D. João de Castro, de Albuquerque e de S. Francisco Xavier! Tem a pairar nesses lugares, os espíritos daqueles índios que choraram a morte do grande Capitão Albuquerque, símbolo da Justiça terrena.

A Índia é uma expressão geográfica, que tem mudado conforme os tempos! O Ganges e os seus afluentes dividiram-na em Indústão e Indochina. Sob o ponto de vista etnográfico, a sua população possui cento e dez línguas diferentes.

Negritos e negroides, colarianos e dravianos, mongóis, tibetanos, arianos de raça branca, parsis e citas, rajpus, árabes, iranianos e turcos complicaram a raça.

Uma das mais importantes obras mundiais, publicada, diz que, por este motivo se vê, «quanto é vago o nome de Indús», quando se emprega esta expressão, para designar a população da Índia.

Espiritualmente, sabes bem, Nehru, que, além dos cultos dos distritos montanhosos do Indústão, existem o vedismo, bramanismo, o budismo, o parsismo, o islamismo, católicos, etc., etc.

Politicamente, foram os povos arianos de língua indo-europeia, aparentados com os arianos, com os gregos, com os latinos e com os celtas, que também estiveram na Península Ibérica, que entraram nos primeiros tempos conhecidos pela parte noroeste do teu país.

Carta aberta a Nehru

POR:



DOLORES MONTENEGRO MATIAS

E depois, vieram entre outros, Mahmond de Ghazni (997-1030), o primeiro conquistador da Índia!

E no Deccan, depois da batalha de Talikot apareceram os afgans, os muçulmanos, e, os portugueses levados pelo mar, pelo espírito e vontade desse grande Rei de Portugal que se chamou D. João II, que dirigiu do Além as naus de Vasco da Gama, pela rota que em vida tinha traçado e que só a morte o impediu de executar.

Nehru! A tua pátria seria única, bloco homogêneo, se possuísse ideias concretas e iguais, e, religião uniforme!

Mas a tua maravilhosa Nação, é um conjunto de nações, geograficamente é um amálgama de raças que não podem consubstanciar um *todo!*

Nehru! Goa, Damão e Dio, muitas vezes centenariamente portuguesas, não podem fazer parte de um *todo* que não existe!

Se a constituição geográfica fosse a razão duma *verdade*, Portugal seria Espanha, Bélgica e Holanda dividir-se-iam pela França e pela Alemanha!

Goa, Damão e Dio, devem constituir para a Índia, uma respeitosa relíquia histórica, a conservar indefinidamente lusitana, testemunhó vivo da História miscelânica e milenária da Índia!

Que de prejuízos podem causar à Índia, três pequeníssimas regiões encravadas nesse território imenso e heterogêneo?

Não há razões sentimentais, Nehru, que possam admitir uma leve reinvidicação sobre a Índia Portuguesa!

Nehru! Os Indus-portugueses, são portugueses, como os de Lisboa; têm acesso a todos os cargos públicos, serão até Chefes de Estado de Portugal se assim um plebiscito lhes conceder esse cargo!

Nós, os do jornalismo português, amamos a Índia que é tua, e a Índia que é nossa!

Queremos-te como és, índio cem por cento, mas *queremos também sentir junto da tua Índia*, o contacto doce dessas três parcelas do Portugal indiano, num deslizar suave de corpos que se querem muito, e que *nada* deste mundo poderá separar.

Amamos-te, Índia!

Separarmo-nos de ti, *nunca!*

Felicidades para a tua Índia, Nehru!

E para Portugal, desejamos a Paz e a Felicidade que merece; para Portugal, que foi o primeiro país europeu que levou as velas dos seus navios à Índia, o sopro civilizador do Ocidente.

DOLORES MONTENEGRO MATIAS

Dolores Montenegro Matias

Alma Mater desta Revista. Ao seu grande esforço se deve o seu conceito. O amor que dedicou a esta publicação tem sido o esteio forte, que uma publicação desta natureza poderia encontrar.

É preciso ser possuída de um ânimo resoluto, invulgar, para não desanimar em tão árdua empresa, às vezes tão mal compreendida.

O seu ânimo não esmorece, a tudo acode, sempre com o pensamento dominante, para a obra que seu marido concebeu, não soçobre, que fique a atestar para a posteridade como testemunho imorredouro do muito amor que ambos têm por esta Terra que se chama o Brasil.

A ela se deve tudo, desde a primeira hora que foi preciso actuar em Terras de Santa Cruz, ela foi sempre a primeira, sem nunca desanimar, e que luta não travou! Mas sempre firme no seu posto, batalhou e venceu. Todos os que trabalham nesta Revista, curvam-se reverentemente ante esta figura simpática de mulher, que a todos seduz, pelo seu exemplo, pela sua dignidade e coragem no cumprimento da sua missão que ela traduz como um dever.

R.

MÓVEIS — TAPECARIAS
ORNAMENTAÇÕES
DECORAÇÕES ARTÍSTICAS

Tapeçarias Sousa Baptista S. A.

Vendas a vista e a prazo

9 e 11, Largo da Carioca, 9 e 11—Telefones 42-1993 e 22-0640

45, R. 13 de Maio, 45, Tel. 22-3586 — RIO DE JANEIRO

UM ILUSTRE PRELADO
E UM GRANDE DIPLOMATA

RECOMENDAM E APLAUDEM A OBRA QUE A REVISTA-DOCUMENTÁRIO

«DUAS PÁTRIAS»

ESTÁ REALIZANDO EM PROL DAS RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS



Ao Revmo. Clero Secular e Regular, bem como às Rvdas. Religiosas e às Instituições Católicas do Rio de Janeiro apresentamos e recomendamos o Documentário "DUAS PÁTRIAS", obra que foi honrada com as bênçãos e recomendações do Episcopado Português.

Rio de Janeiro, 6/12/1954

+ Jaime Card. Câmara
Arcebispo do Rio de Janeiro

JOÃO NEVES DA FONTOURA

Aos meus amigos e Confrades:

Tenho o grande prazer de recomendar a todos os meus Amigos e Confrades o distinto escritor português Sr. Joaquim António Matias proprietário da magnífica revista "DUAS PÁTRIAS", apreciado órgão do sentimento luso-brasileiro, cada vez mais radicado nas populações de Portugal e Brasil.

A revista "DUAS PÁTRIAS" está desempenhando um papel altamente útil ao serviço das duas Nações.

Rio de Janeiro, 25/10/1954

João Neves da Fontoura

UNIVERSIDADE DO BRASIL
GABINETE DO REITOR

Rio, 29 de Dezembro de 1954

À Direcção da Revista "'DUAS PÁTRIAS''

Agradeço, penhorado, a oferta de um exemplar desse documentário, que li com o maior interesse. Empenhado, como V. S., no melhor entendimento entre as DUAS PÁTRIAS, vendo na sua união espiritual a continuidade do destino histórico, e encontrando no conhecimento mútuo a verdadeira política, que cumpre incentivar e proclamar, será inútil acrescentar a excelente impressão que me causou a sua Revista, enriquecida, além disto, de colaboração magistral. Oxalá que as boas iniciativas desta espécie prosperem, no clima de viva simpatia humana, que é o das nossas relações permanentes, e possam desta arte os seus leitores, daqui e dali, inteirar-se do progresso que hoje vibra nas grandes realizações portuguesas e do que de confortador e belo acontece no Brasil — em todos os domínios da actividade creadora!

Com estes parabéns, desejo outrossim testemunhar-lhe cordial apreço.

a) *Pedro Calmon*
Reitor



MINISTÉRIO DA MARINHA
REPARTIÇÃO DO GABINETE

Excelentíssima
Direcção da Revista "DUAS PÁTRIAS"

Sua Excelência o Ministro da Marinha encarrega-me da honra de transmitir a V. Exas. os seus melhores agradecimentos pela gentileza da oferta da interessantíssima Revista-Documentário "DUAS PÁTRIAS", que muito apreciou e à qual deseja as maiores prosperidades.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Ex.^{as} os meus melhores cumprimentos.

Repartição do Gabinete, 12 de Julho de 1955

A BEM DA NAÇÃO

O Chefe do Gabinete

a) *Joaquim José Teixeira*
Capitão de fragata

GLÓRIA COMUM



O Sr. Dr. Cunha Bueno, fazendo entrega da medalha comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo

às Duas Pátrias

NAS festividades comemorativas luso-brasileiras do IV Centenário da Fundação da Cidade de S. Paulo realizadas, no ano passado, com o maior brilho e expressão atlântica, coube por direito legítimo à douta Academia das Ciências de Lisboa uma função que muito valorizou o significado histórico daquela efeméride gloriosa.

A grande nação irmã, soube bem reconhecer o alcance desta preciosa colaboração espiritual, traduzindo a sua gratidão pela oferta especial àquela prestigiosa corporação cultural de uma medalha comemorativa que por intermédio do secretário do governo de S. Paulo, sr. Cunha Bueno, entregou, em acto solene, há poucos dias, nas mãos do seu digno Presidente sr. dr. Júlio Dantas.

Estavam presentes figuras de escol da vida diplomática e cultural das duas nações fraternas como o Embaixador do Brasil, D. Odette de Carvalho, ilustre Cônsul Geral do Brasil, deputados brasileiros, Presidente do Instituto de Alta Cultura, representante do S.N.I., etc.

Ao iniciar aquela eloquente cerimónia proferiu uma notável alocução o dr. Cunha Bueno que, depois de calorosamente louvar a intervenção da Academia nas referidas comemorações, afirmou:

— «Grande honraria é para mim essa de entregar à Academia das Ciências de Lisboa, em nome da Comissão do Quarto Centenário da Fundação da Cidade de

S. Paulo, a medalha comemorativa de tão grande acontecimento, que, analisado nas suas origens histórico-sociológicas, é, em suma, uma afirmação a mais do alto sentido da colonização portuguesa, que dando novos mundos ao Mundo, como disse o vosso poeta, marcou a nacionalidade brasileira com o selo eterno da Fé. Muito nos sensibilizou que uma entidade cultural da significação desta Academia houvesse dedicado uma sessão solene, especialmente comemorativa do Quarto Centenário da Cidade de S. Paulo, associando-se destarte, ao júbilo do povo bandeirante e brasileiro pelo transcurso do acontecimento tão grato à comunhão que fala a mesma língua e se alimenta das mesmas tradições. Para dar um testemunho da gratidão paulista por essa iniciativa altamente representativa, com efeito, dos laços perenes que ligam as duas culturas, a Comissão do Quarto Centenário da Cidade de S. Paulo mandou cunhar a medalha que, neste momento de intensa luso-brasilidade, trago em nome do povo bandeirante para oferecer a esta Academia, menos, como um acto de retribuição formal e protocolar do que como demonstração inequívoca de sentimentos comuns e fraternos, que unem mais uma vez no mesmo amplexo emocional, brasileiros e portugueses».

Disse mais adiante:

— «No prefácio que o mestre da sociologia brasileira, Gilberto Freyre, escreveu para o livro de Ernani da

Silva Bruno, entitulado «História e Tradições da Cidade de São Paulo», e com que se assinala considerável marco nas comemorações do Quarto Centenário da Capital bandeirante, acentua-se com muita razão: — «São Paulo nunca foi — nem nos seus dias mais humildes — povoação ou burgo isolado do resto da América, a princípio colonizada principalmente por portugueses e jesuítas e, de certa altura em diante, auto-colonizada: façanha de que a gente paulista participou mais do que nenhuma outra. Através de bandeirantes que ao sangue ibérico — português e espanhol — juntavam quase sempre o sangue indígena». Pois essa «façanha de que nós, paulistas, participámos mais do que qualquer outra gente, é o traçado vivo da lusitanidade actuando entre raças diversas e ás vezes conflitantes do sentido especificamente criador da unidade étnica e social. Por isso, podeis vós todos, portugueses que dilatastes com os vossos conhecimentos a Fé e o Império, orgulhar-vos de ver um centro como S. Paulo, modelo do progresso cultural e material em áreas luso-tropicais e na América Latina, a vossa lição única no Mundo. Infundistes no Brasil uma personalidade histórica que não estaria completa, de resto, se ao lado dos vossos grandes colonizadores — um Martim Afonso de Sousa ou um Duarte Coelho, ou dos vossos grandes estadistas mandados servir em terras ainda inóspitas, como Tomé de Sousa ou Mem de Sá — não estivessem os padres da Companhia de Jesus, que, na expressão de Gilberto Freyre, converteram «a remota Piratininga, de simples aldeias jesuítas em cabocos e cidades multiplas».

A terminar:

«— Quatrocentos anos de uma vida devotada à tradição aqui estão diante deste cenário admirável em que ao saber da experiência feita, tão exaltado pelo vosso poeta maior, se alia a ternura por uma Nação que saiu e resultou do amor lusitano. Somos profundamente reconhecidos às vossas homenagens. Escrevestes, com elas, novo capítulo na história cada vez mais viva da nossa compreensão luso-brasileira. Sob o tecto augusto desta casa, neste momento, duas nações voltam a afirmar a sua amizade indestrutível. Nenhuma hora melhor para fazê-lo do que esta, sob a recordação de quatro séculos de tenacidade e de trabalho e a emoção indizível da nossa fidelidade ao passado. S. Paulo não vos está apenas grato: ele vem dizer-vos, sr. presidente e senhores membros desta Academia gloriosa do mundo inteiro, que esse reencontro no tempo é a retomada dos eternos caminhos da lusitanidade.»

O discurso do dr. Júlio Dantas

O sr. dr. Júlio Dantas pronunciou, em seguida, o seguinte discurso:

«Senhor Embaixador: Agradeço a V. Ex.^a a honra da sua presença, que tem para nós especial significação. As relações entre a Embaixada do Brasil e esta casa são antigas e tradicionalmente cordiais. A Academia das Ciências de Lisboa foi, quase desde a sua fundação, o

instrumento por excelência da intercultura luso-brasileira.

«Senhor dr. Cunha Bueno: Apresento a V. Ex.^a os nossos cumprimentos de boas-vindas. Faço votos para que os poucos dias que veio passar a Portugal, na volta do Congresso de Madrid, sejam tranquilos e felizes. Está V. Ex.^a na «Sala Brasil» desta academia. Está portanto V. Ex.^a em sua casa.

«A Academia das Ciências de Lisboa nasceu luso-brasileira. Alguns dos seus próceres — epígonos dos fundadores — foram, como José Bonifácio de Andrade e Silva, heróis da independência do Brasil. É um solar da família. Compreende-se, pois, que todos os brasileiros de distinção sejam recebidos aqui com particular estima, mormente quando vêm desempenhar-se de missões tão gratas como a de V. Ex.^a. Agradecemos-lhe ter-se dignado ser o portador do exemplar da medalha comemorativa do IV Centenário da Cidade de S. Paulo destinada a esta academia. E agradecemos-lhe duplamente porque V. Ex.^a não quis limitar-se ao acto protocolar da entrega: acompanhou-a de palavras generosas e brilhantes. A medalha que V. Ex.^a nos trouxe ficará nas colecções deste relicário, que é a «Sala Brasil». As suas palavras guardá-las-emos na memória do coração.

«Com efeito a Academia das Ciências realizou no dia 25 de Janeiro de 1954, sob a presidência do Chefe do Estado, uma sessão solene comemorativa cujos oradores — o presidente da academia e o embaixador Olegário Mariano — tiveram ensejo de evocar e de exaltar não apenas a velha Piratininga de há quatro séculos, pequeno sino de oração que acordou a floresta e se ouviu no Mundo, mas a moderna Paulicéia, urbe vertiginosa, metrópole gigantesca e deslumbrante nascida de tão humilde berço, hoje orgulho do Brasil e de toda a América latina. Foi esse o acto central das comemorações portuguesas. A ele assistiram o Governo, o corpo diplomático, as altas jerarquias eclesiásticas, os representantes do governador do Estado de S. Paulo e do prefeito da cidade, que Portugal não se esqueceu de convidar. Preciosidades do museu desta academia figuraram na exposição organizada em S. Paulo pela Comissão do Centenário. Cabia-nos receber — temos de reconhecê-lo — a medalha comemorativa geralmente reservada aos colaboradores destes actos internacionais. Mas não nos consideramos por isso credores do reconhecimento do Brasil. Celebrámos um facto histórico cuja glória comum pertence a portugueses e brasileiros. Cumprimos apenas o nosso dever. Portugal procura cumprir sempre pontualmente os seus deveres, bastando-lhe, como recompensa moral a alegria de os ter cumprido.

«Senhor dr. Cunha Bueno: Peço-lhe, em nome da Academia, queira aceitar e transmitir à comissão organizadora do IV Centenário da fundação da Cidade de S. Paulo os nossos atenciosos cumprimentos.

«Senhor Embaixador: É grata para nós esta oportunidade da saudar, na pessoa insigne de V. Ex.^a, a grande nação brasileira, o seu Governo e o seu povo, a sua cultura e a sua história, o seu esplendor e a sua eternidade».



Duas Pátrias

À COLÓNIA PORTUGUESA NO BRASIL

Constituiu um êxito retumbante o aparecimento da Revista - Documentário «Duas Pátrias», sucesso tanto quanto já previsto, pois a sua valiosa colaboração, inédita e marcante, era por si só, a pedra de toque desse sucesso, que se pode afirmar sem receio de desmentido, de repercussão internacional, pois de toda a parte do mundo nos tem sido enviadas felicitações.

Esse êxito não é de um só, é de todos, foi o resultado de uma acção colectiva e técnica, aliada à experiência, e, ainda à camaradagem de tantos que se congregaram num só esforço, com a vontade de produzir algo de bom que no futuro, estamos certos será ainda melhor, com a ajuda de Deus, pois a par do programa que continuaremos em focar, e, que é a riqueza da «Duas Pátrias», as expressões luso-brasileiras, dos expoentes máximos de todos os sectores do Brasil e de Portugal, a enaltecer os dois países irmãos.

Vamos, a partir do p. f. número, abordar problemas vitais que interessam à Comunidade Luso-Brasileira, problemas palpitantes que ainda não têm sido abordados em outras publicações, talvez por comodismo, ou desinteresse.

Nós, porém, que não estamos enfeudados seja a quem for, e como nos prezamos muito em ser portugueses, amantes bem sinceros da nossa sacrossanta Pátria, amigos fraternos deste grande Brasil que tanto amamos e lhe queremos como a Portugal, não nos coibiremos de os focar. Uma coisa porém prometemos: falar a verdade, sem rodêios ou servilismos.

Aprendemos neste abençoado país, que Deus tão generosamente dotou, a escrever o que o pensamento dita com a consciência impoluta das verdades afirmadas, não esperando a paga pelo dever cumprido, apenas desejando o reconhecimento da grei portuguesa que enxameia este Brasil acolhedor, pela nossa atitude imparcial.

A nossa Revista, e muito em breve, o jornal que iremos publicar quinzenalmente, são oferecidos aos Brasileiros e Portugueses no Brasil, para que seja uma Tribuna livre onde se possa dizer da sua justiça, e para que seja também o eco da grandeza das Duas Pátrias, das actividades e aspirações dos diversos núcleos da Colónia Portuguesa no Brasil, com as suas características individualizadoras.

«Duas Pátrias» visa mostrar o que há de interessante, de curioso, na forte personalidade do Português radicado no Brasil, o que ele é, o que tem sido, na sua contribuição para a grandeza deste país irmão, onde vive.

Iremos focar todas as suas actividades para ficar demonstrado, quanto o Brasil lhes deve em amor e sacrifício, pois o português o considera como continuidade da sua querida Pátria, pois se uma é a Pátria natal, esta é a Pátria adoptiva, a quem tudo deu generosamente: a sua força, a sua inteligência e os seus filhos.

Sem pretensões a um alto padrão literário esta revista há-de ter a curiosidade de fazer conhecer os verdadeiros aspectos como a Colónia Portuguesa vive e se desenvolve, neste país, e, ainda o apreço que lhes devotam os ilustres brasileiros que com os portugueses convivem e os apreciam.

É oportuno até, reproduzir aqui as palavras que um grande e influente brasileiro, ilustre deputado federal, Senhor Edilberto Ribeiro de Castro escreveu para «Duas Pátrias» referindo-se aos Portugueses:

«Agradeço à Revista «Duas Pátrias» a oportunidade de me manifestar, para dizer que no Brasil temos muito boas coisas mas, uma das melhores que existem são os portugueses que vivem aqui.»

S. Ex.^a sintetiza nesta simples apreciação o que vimos e sentimos.

E para que se possa estabelecer um contacto entre os núcleos portugueses dispersos neste grandioso país, para saber fazer uma ideia do que em especial deve ser descrito, para aquilatar, o seu valor e importância, começaremos por visitar a Baía, por ser esse o local onde os Portugueses, primariamente vincaram o seu génio criador.

A Baía merece-nos um especial relevo, que queremos focar, tanto mais que vamos desobrigar-nos de uma promessa feita ao actual e Ilustre Governador do Estado, então Ministro da Educação, quando nos recebeu e nos deu o seu precioso autógrafo, perguntando-nos: se já tínhamos ido à Baía! Ao que respondemos: «Iá iremos, quando V. Ex.^a for Governador de Estado», sorriu, e disse: talvez! O nosso vaticínio cumpriu-se, vamos pois desobrigar-nos da promessa.

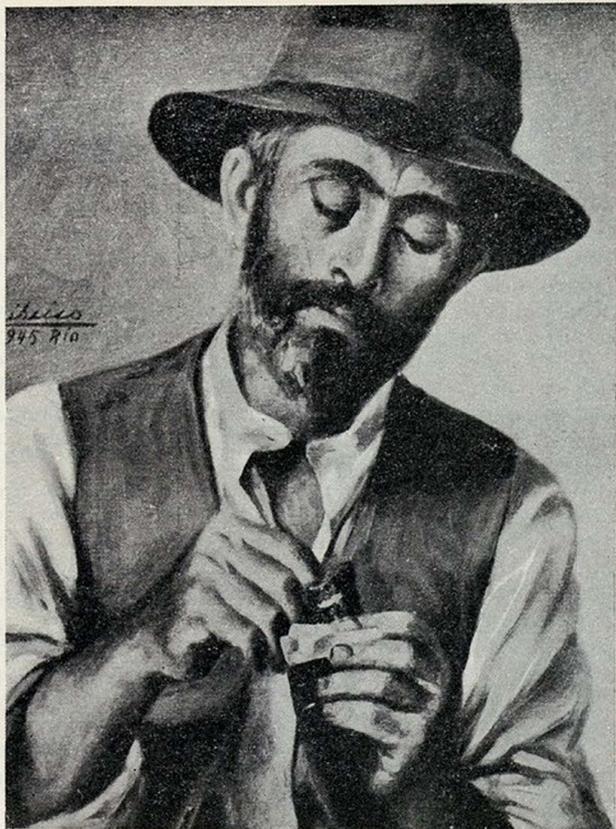
Depois iremos de longada ao Rio, S. Paulo, Recife, Pará, Minas Gerais. Rio Grande do Sul, e, a tantos mais locais onde a nossa missão nos determinar, e se tornar necessário.

O nosso programa é matéria de fácil assimilação, pois contamos com o apoio de todos os portugueses, que compreendem nesta hora magna o altíssimo valor da aproximação da Colónia Portuguesa na contribuição para a continuidade da grandeza do Brasil, e a par, o que têm contribuindo com a sua generosidade para a prosperidade da sua terra natal.

No campo benemerente, social, demográfico, comercial e industrial, daremos um testemunho vivo do que é, e o que vale a Colónia Portuguesa no Brasil, que ancestralmente sentem ser luso-brasileiros, pois a raiz, a origem, aquela que palpita, aquela que faz vibrar o coração, está na cimentação do solo regado com o sangue generoso que os portugueses deram a esta Terra para que ela fosse uma, para que ela fosse o Brasil de hoje, e, não é de há cinquenta anos que estremecem a terra brasileira, são à quase 500 anos que a fertilizam com o seu suor, com as suas lágrimas e com o seu sangue, mas, que também rejubilam com a alegria, pela maneira que o Brasil lhes pagou, sendo homens livres, conquistando a sua plena independência, e que se revêem nos seus filhos, em cuja sequência biológica vão perpetuando a raça portuguesa, para que na continuidade dos séculos a família lusitana seja a família Luso-Brasileira.

A Colónia Portuguesa no Brasil, não faltará à chamada.

Reprodução do Quadro
de José Ribeiro, consa-
grado pintor português.



O DRAMA do Emigrante

...SÓ OS FORTES SE AVENTURAM.

A QUELE que se decide a deixar o rincão pátrio, sejam quais forem as razões que o determinem, não se aparta dos sítios onde brincou, em criança, ou onde sentiu os primeiros rebates da consciência, sem uma forte comoção, susceptível de germinar fundas raízes de sentimento.

É que só avalia o poder de semelhante angústia quem, alguma vez, sentiu deslocar-se a quilha de um barco que o há-de transportar para muito longe, revendo, no cais, a imagem cara das pessoas que vieram despedir-se e tomar parte no lance da partida.

Invade-nos uma impressão de mal-estar, como se nos escasseasse a respiração. Oprime-nos um peso desconforme, sobre o peito, fazendo-nos perder, às vezes, o uso da fala. E a sensação é tanto mais intensa e demorada quanto menor for o andamento do navio a desviar-se do ancoradouro. Parece-nos que todos os objectos giram em torno dos nossos olhos marejados de lágrimas.

Tocante é a cena desse espectáculo que nunca mais se esquece! Os vultos dos amigos, que, ao princípio, eram nítidos, vão-se diluindo, até ficarem em «silhouettes» vagas, imprecisas, não se dividindo mais do que uns pontos brancos, como asas, acenando à distância, com os lenços que servem para enxugar as lágrimas de saudade que inundam as faces dos que ficam.

Depois tudo passa quando a mancha da terra se sumiu de todo e, à sua volta, apenas, o mar sem fim, o céu imenso enchem, totalmente, a sua visão externa.

Por muito tempo ainda, o emigrante conserva, na retina, as figuras gratas dos entes que adora, conseguindo livrar-se desse enlevo, o primeiro embate, por ser portador de um sentido de energia, bastante forte,

para suportar os choques das surpresas agradáveis ou mortificantes que se lhe deparem, durante a viagem.

Em regra, só se expatriam os de ânimo resistente. Os abúlicos e os afeitos à nostalgia, a espaços incurável, não embarcam nessa aventura, porque não há miragem de fortuna que lhes desarreigue da imaginação as nuvens do receio. É necessário possuir-se, além do equilíbrio isócrono das funções orgânicas, um invulgar vigor moral que sirva de couraça, para aparar todos os golpes do destino, por mais implacável que ele seja.

Não é qualquer que se arrisca a ensaiá-lo. Há-de ser extremamente penosa a determinação naqueles em que a retentiva das coisas se acentui, com maior fervor, não podendo separar-se da família, nem dos trechos do torrão natal, por constituírem um embaraço de tal forma poderoso que os faz hesitar à simples ideia de que isso lhes possa acontecer.

É da poesia dos campos que o indivíduo se despega, a maior custo, desde que ela se fixou na memória de onde, apenas, sai a poder de muito sofrimento.

Conquanto menos robustecido pela actividade interior, que propicia uma soma intensa de pensamentos, em que o espirito gosta de engolfar-se, — é o «habitat» das serranias e das regiões aspérrimas que mais contribui para aumentar o censo migratório.

E, posto que, nas províncias do Minho, Trás-os-Montes e Beira, se não sintam, violentamente, a fome e o frio, — os dois factores da emigração e das revoluções, delas, todavia, partem caravanas de errabundos que vão buscar, em terras desconhecidas, no cabo do mundo, o desafoço para as suas necessidades, a compensação dos seus esforços, a realidade para as suas pequenas ou grandes ambições.

O trãnsfuga das cidades é mais feliz. Tem recursos superiores para se fortalecer das emoções que possam atingi-lo nessa deliberação, sempre custosa de tomar-se.

Não padece tanto com o afastamento das coisas que o cercam, porque nenhuma lhe pertence. E, desprendido, como é, de tudo quanto provisoriamente, encontra, ao seu lado, não palha, na casa alugada, nos jardins e nas árvores, que são de toda a gente, menos dele próprio, a linguagem do coração, ao sair do pé delas, porque as pode trocar, facilmente, por outras idênticas, se não melhores, onde quer que os fados o conduzam.

A todos esses bens, porque lhe não chama seus, não liga uma ideia de ternura, a data de um dia prazenteiro, um pormenor íntimo. Nenhum lhe sugere noções da utilidade que suprem, muitas vezes, as recordações afectivas.

Habituaado a ter da natureza uma compreensão quase teórica, — porque até o próprio céu não chega a vê-lo senão encoberto pela mole enorme dos prédios altos e esguios, destaca-se mais depressa dos atractivos da civilização do que o rústico dos enlevos regionais. O que para um é quase uma banalidade, para outro é uma parte integrante da sua vida.

E, se é relativamente instruído, tanto melhor se defende dos prejuízos sentimentais que, no homem da aldeia, são, para assim dizer, a base do seu sistema psicológico, definido, com a largueza e ternuras líricas, na trova popular:

*A ausência tem uma filha
que se chama saudade;
eu sustento mãe e filha
bem contra a minha vontade.*

A ignorância calcula, com menos probabilidade, os coeficientes dos perigos da falta de adaptação em país alheio, e, por isso, lança-se com mais afoiteza aos precipícios do caminho, entregando ao acaso a resolução de muitos problemas e perguntas para as quais não acha uma resposta.

A maioria das grandes façanhas realiza-se com tamanha percentagem de inconsciência como de heroicidade.

Cometem-se muitos actos heróicos, no estado sub-consciente, ou por espirito de imitação. Mas, quando esses actos são isolados ou mais independentes, tanto podem invadir os domínios da loucura como da temeridade. O êxito é que lhes demarca o mérito.

Mas a virtude dos infortunados que vão, de longada, por esse mundo fora, à cata do que lhe mingua no berço natalício, tem qualquer dos atributos do heroísmo, porque só podem apoiar a força de resistência nos músculos vigorosos e não nas pregas dos cérebros, pouco dados à ginástica mental.

Estes são, porventura, os peregrinos, dirigindo-se às nações do trabalho, como os romeiros cristãos a Jerusalém. Mas, se uns e outros podem embrulhar-se e caber dentro da túnica da Esperança e da Fé, acoitam-se, contudo, em planos diversos, — porque opostos ficam, também, os polos das necessidades do corpo e do espírito.

Parecem iguais os sonhos dessa romagem. Nem sequer, porém, equivale à causa que a ambos impulsiona, tal como os poentes e as madrugadas, cuja luz, em certos momentos, se confunde e, chegando quase a dar

os mesmos tons, sublinha entretanto a diferença do princípio e do termo de um dia, que é a imagem mais perfeita da vida.

A Esperança e a Fé devem ter nascido do mesmo ventre, mas não se consideram verdadeiramente irmãs, porque um vago ponto de dúvida as dissemelha: — a convicção e a certeza. Basta isso para que uma seja mais feliz do que a outra.

Assim, os deserdados, que seguem — à procura, não do alimento da inteligência, mas de uma melhoria de vida, julgam-se, apenas, cônscios de que não lhes faltará o valor para a lida laboriosa, — porque não fruem a firmeza no prémio das suas cansceiras.

A vontade humana não se desenvencilha, muitas vezes, de mil circunstâncias, em que se enleia, por mais porfiada que seja a luta. Os emigrados, por isso, podem encher-se de muita coragem, mas faltar-lhes o desempenho físico — e, nesse caso, todo o edificio das suas esperanças desaba, à maneira de qualquer castelo de cartas.

Então nem as noivas, que os esperam ansiosas e angustiadas, os apertam nos braços, nem os pais, nem as mães, hão-de sentir essa aleluia do regresso dos filhos ricos e felizes, para casarem no berço natal, continuando, em mais largo estalão, a tarefa insana pelo decurso dos anos, criando-os para que eles os perpetuassem e não houvesse interrupção no propósito eterno da geração humana.

Mas, agora, considerai somente na ida. E a volta, como será e quando? E, se por lá ficarem, roídos de doenças e picados de tristeza, amortalhando-se na saudade, por não conseguirem tornar a ver a casita branca, a dealbar entre o verde macio dos milharais e dos choupos, em cujas folhas, batidas por uma leve aragem, há remígio de asas? Pobres exilados, que levam tudo isto escrito na lembrança!

E, quando se encontrarem longe, muito longe, poderão desenrolá-la, como uma película, para ir vendo esgalhar-se, uma a uma, todas as visões enternecidas e amadas da quadra mais ridente da sua mocidade!

Não é preciso um profundo olhar psicológico para lhes adivinhar estas cismas torturadoras, quando eles, em bandos, se acotovelam na ponte de embarque, confundidos com os taleigos da roupa que resume as suas minguidas e reduzidas bagagens.

Vêm para ali muitas horas antes de zarpar o barco, em que tomam o seu posto, até serem, por fim, metidos nos beliches da proa.

Mas, que dó de alma, quando são velhos e marcham com os filhos, as mulheres, mudando, assim, a casa antiga, em que se aninharam algumas gerações!

Quando assim sucede, o quadro impa de tragédia. A velhice é incompatível com a virulência dos lances de aventuras peculiares à gente moça.

Mas não importa: — o vento do destino empurra-os para o sepulcro ou para a vitória. E, naquele instante da partida, ninguém pensa em sucumbir, do mesmo modo que o fabricante de caixões depois de fazer tantos para os outros, não talha, com amor e carinho, aquele que se lhe destina, porque, se de tal cogitasse, pereceria de fome.

Tinha razão aquele toureiro, ao dizer: — «Prefiro despedaçar-me nos chavelhos de um touro a morrer nas garras da miséria».

João Neves da Fontoura

Antigo Chanceler do Brasil, foi Embaixador do seu país em Portugal, onde deixou grandes amizades, que perduram num ambiente de aproximação luso-brasileira. É com o maior prazer e testemunho de gratidão que arquivamos nas páginas deste documentário parte de alguns dos seus ocasionais discursos, em que revela atributos de grande prosador e orador fluente.

Os seus discursos quando pronunciados, são revestidos de grande ressonância, pelo conceito de ideias, pensamentos e reflexões, que se enquadram no que de mais genuíno se possui em matéria de literatura política e social, a qual lhe dão poderosa capacidade de comunicação e sugestão. A sua palavra, cheia de um ritmo largo, adapta-se perfeitamente a uma doutrinação sempre esclarecida, de estilo tenso, de aprimorada qualidade literária.



Dr. João Neves da Fontoura

Itinerário do Idioma

BEM sei que as línguas são formações naturais. Começam pela deturpação do vernáculo de que derivam, atravessam a fase dialectal, brotam de nascentes múltiplas, por vezes obscuras, surgem balbuciadas da boca do povo, tímidas e incertas em suas primeiras manifestações. Antecede-as, como às estrelas, um período de nebulosa, com os caracteres imprecisos e indefinidos, que só o tempo se incumbem de fixar em padrões duradouros. São águas ainda turvas pela mistura dos vocábulos de várias origens e pela formação de novos, numa constante metamorfose de sinais fonéticos e semânticos.

Assim transcorre a infância de todas as línguas. Mas também elas, como a triste heroína do vosso Bernardim Ribeiro, um dia se tornam «menina e moça». É quando os trovadores recolhem as vozes do linguajar anónimo, fixando o sentido dos nomes, enfeitando a poesia popular com a graça dos adjectivos, conjugando os tempos e os modos do verbo até o momento em que a autoridade dos grandes escritores lhes transfunda o prestígio das obras primas, donde surgem afinal as ordenações da sintaxe.

Mais de quatro séculos consumiu a língua portuguesa para se desprender da crisálida romântica e absorver a contribuição de todos os afluentes, nascidos das guerras de ocupação e da migração dos povos.

Sob o cetro de D. Dinis, já ele se desenha com firmeza na melodia dos cancioneiros, inspirados pelas musas amorosas da cavalaria, do mesmo passo que a consagram, na primeira forma arcaica, os documentos públicos.

Só na era quinhentista é que aparece a primeira gramática. Mas a perenidade do idioma quem a assegura é o génio de Camões, tão identificado com a história, com a beleza, a expressão espiritual da Pátria, que Teófilo Braga considera «Os Lusíadas» a maior força de estímulo para a Restauração de 1640.

Se nenhuma língua jamais se formou por decreto dos governos ou por normas constituídas de antemão pelos sábios, quando chega a época da maioridade nenhuma consegue, entretanto, fugir ao império da disciplina; tal sucede com os costumes que, depois de um largo período de adoção tácita, se cristalizam no texto expresso das leis.

E sois vós, Senhores Académicos, aqui como em todas as nações, os legisladores do idioma, os jardineiros dessa flor do espírito, dando à beleza silvestre os cuidados do artista, na disposição das espécies, na harmonia das cores, na arrumação dos canteiros.

(De um discurso na Academia das Ciências de Lisboa.)

Dois Momentos Portugueses

SE tivéssemos de reduzir a longa e maravilhosa vida de Portugal a dois capítulos culminantes que contivessem as principais razões de todos os grandes acontecimentos ulteriores, por certo que esses capítulos seriam a fundação da dinastia de Aviz e a Restauração de 1640.

Pois bem, essas duas vigas mestras do edifício lusitano não foram apenas campanhas armadas. As armas podem triunfar nos campos de batalha, mas só impõem uma ordem definitiva quando a vitória representa a consagração dos eternos princípios jurídicos, sem os quais os exércitos e as esquadras não passam de simples instrumentos da violência.

Assim, naquelas duas páginas da vossa História, a que me refiro, verificamos que duas vezes salvastes a vossa independência, não somente pela bravura dos vossos soldados, mas porque andastes a combater ao serviço do direito e nunca vos afastastes da inspiração

dos vossos mestres. Se o vosso Condestável é o símbolo militar de Aljubarrota, não menos alta e não menos cheia do mesmo sentimento é a figura de João das Regras, cujo papel e cuja obra Oliveira Martins resumiu com tanta felicidade: «Em Coimbra, o grão-doutor é o general e o chefe. Essa batalha de discursos era diversa, mas não menos árdua de pelejar.»

De novo, em 1640, vemos outro mestre de direito em análoga peleja. É Velasco de Gouveia, a fundamentar e legitimar a insurreição vitoriosa com a arguta distinção entre o poder *in astu* e o poder *in habitu*. E, a propósito, o ilustre contemporâneo Cunha Gonçalves escreve que a doutrina de Velasco «foi tão eficaz e poderosa como as armas portuguesas o foram em Ameixial e em Montes Claros».

(De um discurso na Ordem dos Advogados, em Lisboa.)

Raça e Liberdade

DO ponto de vista humano, social e político, nenhum acontecimento da nossa história excedeu ao da Abolição. As premissas que lhe facilitaram o advento só se igualam às conseqüências que determinou, de modo a torná-lo uma linha de rochedos entre duas águas.

Hoje, os novos explicadores da formação étnica e social do país repetem a antevisão de Nabuco, quando

sustentava que o mau elemento da população não foi a raça negra, mas a servidão.

É o conceito lapidar de Gilberto Freyre, atribuindo a soma dos desastres não ao negro, mas ao sistema social da escravidão.

(De um discurso comemorativo do Cinquentenário da Abolição da Escravatura, na Academia Brasileira.)

O Pan-Americanismo

QUEM quisesse buscar no pan-americanismo a rigidez de um princípio imutável cometeria o maior dos erros, porque, apesar das convenções recentes, não é sobre elas que ele repousa, mas sobre a confiança mútua, a compreensão e o afecto dos que as subscrevem. Por isso, os nossos tratados não correm o risco de figurar entre os farrapos

de papel. Não sendo uma escola, nem um sistema, só o classificáremos com justeza como um diploma de condomínio político sobre todo o Continente, vinculando-nos «in solidum» para o gozo de todas as prerrogativas e o cumprimento de todas as responsabilidades.

(Idem)

A Eternidade da Eloquência

A Eloquência tem tido sempre os seus inimigos e os seus detratores. Entretanto, jamais os povos se comoveram ou lutaram por uma causa sem o estímulo e o apoio dos oradores. Ainda na última guerra as Nações não pelejaram apenas com as armas dos exércitos, mas com os discursos dos seus líderes. Quando o mundo ocidental parecia sossobrar com a derrota militar da França, quem não se recorda de ter escutado, no silêncio da noite — bela, corajosa, estóica — a mensagem de Churchill, afirmando que as Ilhas Britânicas não se renderiam e que o

seu povo continuaria a bater-se — nas praias, nos mares e nos céus — até à derrota dos inimigos da liberdade.

Não, Senhores Académicos, os que anunciaram a morte da eloquência só anunciaram a morte da retórica, que é a caricatura da eloquência. O que morreu foi a fraseologia sem as idéias, foi a forma sem o fundo, foi o barro contingente das palavras sem a alma imortal dos pensamentos.

(Do discurso de recepção a Aníbal Freire na Academia Brasileira)



Joaquim Maia Águas

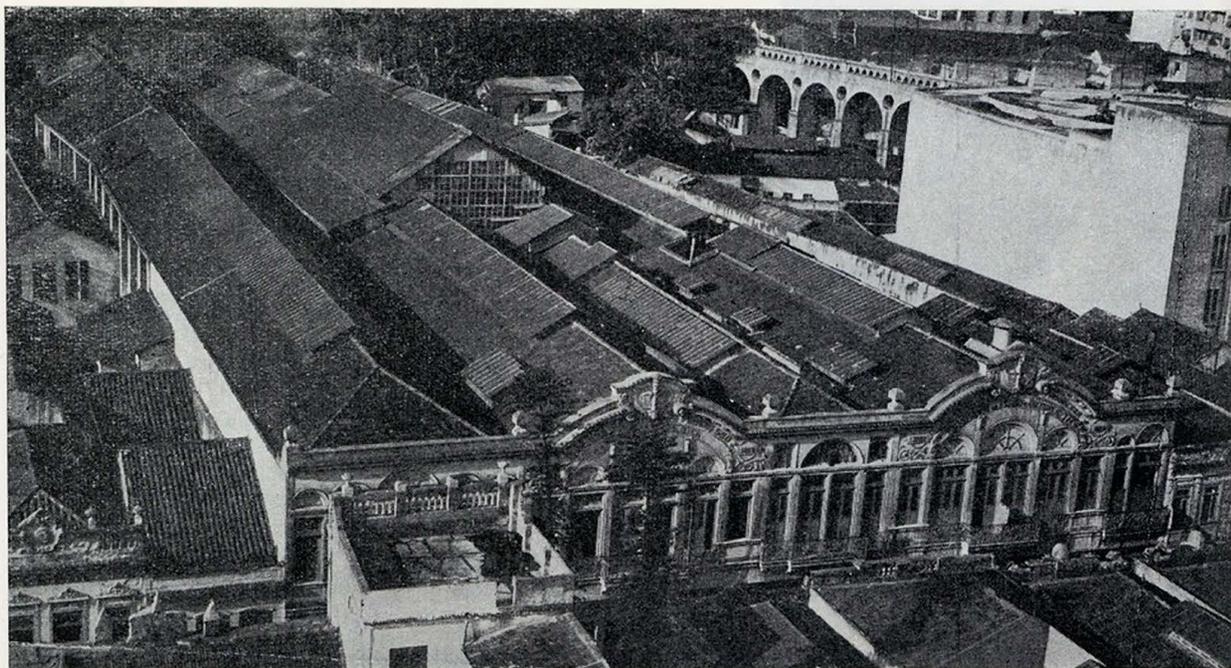
Assume a direcção desta Revista, a partir do presente número o Sr. Joaquim Maia Águas um nome bastante conhecido em Portugal e no Brasil, e, também na América do Norte. Foi aluno distintíssimo em filologia germânica na Universidade de Coimbra, e, na América do Norte desempenhou os cargos de Secretário Geral do Consulado de Portugal em Providence, de Secretário Contabilista do Consulado Geral de Portugal em New York, onde se demorou 7 anos, e, ainda em circunstâncias idênticas durante o espaço de três anos no Consulado de Portugal em Boston, sendo forçado a retirar-se devido a grave doença.

Na grande República U. S. A. foi professor de português na *New York University*, tendo desempenhado o cargo de professor de língua portuguesa na *Columbia University* (New York).

Aos serviços prestados à Nação de modo geral, há a acrescentar o seu devotamento à causa de Salazar, que é afinal a causa da Nação, sendo comandante de lança da Brigada Naval da Legião Portuguesa e chefe dos Serviços Radiotelegráficos.

Condecorado com a medalha de ouro de bom comportamento e assiduidade, tem desempenhado cargos importantes em várias secções eleitorais.

Ao nosso novo Director, aproveitando este ensejo, o abraçamos efusivamente, desejando-lhe no novo cargo que o seu valor indiscutível amplamente justifica, novos triunfos, que estamos certos os conquistará, para maior prestígio da Revista Documentário «*Duas Pátrias*», que está de parabéns por este facto, e, todos aqueles que à mesma publicação se encontram ligados.



VISTA PARCIAL DA FÁBRICA

FÁBRICA DE COFRES E FOGÕES «PROGRESSO»

FUNDADA EM 1881

Almeida Comércio e Indústria de Ferro, Lda.

Rua dos Arcos, 34 - Fone 22 2549

Cofres de chapa de aço à prova de fogo e arrombamento

Premiados com medalha de prata no Certâmen de 1900. Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro em 1908. Medalha de ouro na Exposição Universal da Argentina 1911 — Grande Prémio Medalha de prata na Exposição Internacional do Rio de Janeiro 1922.

Fundem-se Balaústres e Painéis para sacadas. Escadas de diversos modelos e desenhos.

O ELOGIO do *Lirismo*

A psicologia portuguesa, engastada em sentimentos poéticos, nunca deu, em literatura expressões mais elevadas que as do lirismo.

Para explicar o facto, não bastará a tensão forte das aventuras tradicionais, o culto do passado, mortificante ou glorioso, das conquistas e das navegações, nem mesmo a exacerbação da nostalgia, que a nossa gente manifesta, quando se ausenta, por largo tempo, do céu que a viu nascer.

Alguns líricos modernos tentaram definir esse complexo estado de alma pelo *saudosismo*, que pouco ou nada exprime, porque saudade, apesar de conter um infinito de lembranças vivas, ou um mundo de coisas desvanecidas se restringe a um indicativo subtil, com o enorme poder de visão de tudo quanto se evoca e se ama pela segunda vez.

Não se verifica, entretanto, que o português forneça o maior contingente da emigração, porque há outros povos em que esse fenómeno chega a ser uma fatalidade, em vista das condições dolorosas de um meio hostil.

Em Portugal, afora as províncias do Minho e Douro, onde essa tendência mais se acusa, não existem os grandes factores da fome e do frio, que ocasionam sempre os graves movimentos sociais, ou compelem os habitantes a procurar, em regiões mais benignas e prósperas, tudo quanto se lhes não depara no rincão pátrio.

O alentejano não emigra, o algarvio, posto que fascinado pelo mar, a cuja dolência se habituou, pouco se afasta do litoral. O açoreano, impellido por uma força atávica, busca, na América do Norte, a sua terra da Promissão.

Mas a nenhum destes casos fortuitos havemos de pedir as razões de uma literatura poética, porque o emigrante não leva preparação literária, para se defender dos obstáculos que o confrangem num país estranho, quanto mais para divagar sobre problemas de elasticidade espiritual.

As determinantes desta pletera sentimental promanam, porventura, de um ténue fio de fatalismo árabe, que arde e estua no sangue peninsular. Os dois povos hispânicos (não limitemos o facto, apenas, aos portugueses) demonstram essa influência constante em quase todas as elações artísticas, sobretudo quando nelas se desenrolam os vãos da imaginação.

Se lhe adicionarmos o subjectivismo israelita, que,

em Portugal, mais do que na Espanha, se enraizou profundamente, teremos compreendido, em parte, a singular maneira de ser do povo português, cuja bondade, temperando-se numa grande fortaleza de ânimo, o faz suportar uma tal carga de contratempos que não é possível atribuí-la, apenas, a resignação cristã.

Esse favor de crença nunca atingiu, todavia, o fanatismo de outras nações, porque se enxertou de elementos pagãos, e por modo que se diferencia do carácter espanhol, mais embebido na fé religiosa e mais sujeito aos seus desígnios.

Daqui nasce um lirismo complexo, que actua, imperceptível nas acções morais e estéticas, dando-lhes um significado especial, em peculiarismo que não é fácil destringer. É como não há, para assim dizer, arte sem lirismo, muito embora isto contradiga as regras de estilística, induziremos que a nossa beletística em alguns aspectos se especializa, nomeadamente, na poesia.

Dentro de uma nomenclatura libérrima, poderemos considerar que tão líricos eram, por exemplo, os trovadores, bardos e rimanceiros da Idade-Média, como os próprios cronistas do tempo, narrando, com singeleza, os factos que presenciavam. Nuns e noutros, sobrelevava a forma subjectiva, a maneira pessoal, intransmissível por que se exprimiam.

Frei Luís de Sousa, Bernardes, Vieira, e, duma forma geral, quase todos os clássicos, entram na mesma designação, se atentarmos em que os processos emotivos resultam mais da maneira como sentiam do que, propriamente, da contextura que davam a essas emoções.

Há sermões do Padre António Vieira que perderiam toda a sua beleza, se os filtrassem pela métrica, que não lhes não daria — nem mais harmonia, nem mais ternura, nem mais sensibilidade.

Bernadim Ribeiro que outra coisa se lhe pode chamar senão um lírico dos mais delicados e carinhosos? E, qual ele, tantos outros, cuja enumeração é desnecessária, para comprovar este juízo.

O Eurico, de Herçulano, fazendo consistir a maior parte dos seus fitos na reconstrução de uma época recuada da história, caracteriza-se, todavia, como um poema em que o lirismo sobrepuja os elementos que o constituem. A prosa de Camilo tem, quase sempre, mais eufonia do que muitos livros de versos de rimadores banais. Em Fialho de Almeida deparam-se-nos, aqui

e ali, com bastante frequência, alexandrinos perfeitos, correctos, porque, em alguns, nem sequer falta o hemistiquio.

A obra poética de Garrett e de Castilho não vale mais do que os seus escritos em prosa? Sem dúvida. Bulhão Pato patenteou-se um poeta medíocre e um prosador elegante, de culto rendilhado e terso, que o absolve dessa inferioridade. Antero de Quental gabou-se de haver encontrado a chave da prosa melodiosa e completa. Mas é nos Sonetos, de amplos conceitos e alguma transcendência filosófica, que mais sentimos o poder do seu lirismo.

Gomes Leal, o mais estranho dos nossos poetas, não é no campo satírico nem quando se abalança a cometimentos da envergadura do Anti-Cristo, que nos causa assombro. A projecção das suas peregrinas qualidades, para muitos, está na História de Jesus e nas Claridades do Sul, onde o poeta, transpondo os planos vulgares do espírito humano, se guinda a um mundo desconhecido, logradouro do homem de génio. É no género lírico, também, que Guerra Junqueiro assume as maiores proporções, porque, nas modalidades satírico-políticas, a sua obras não desprende, totalmente, das sugestões de Hugo, Byron, Leconte de Lisle.

Assim relanceada, a poesia portuguesa agita-se num amor de sentimento que parece apanágio dum povo melancólico, sonhador, enfermo de saudade. Como tal os artistas que cultivaram outras categorias de arte não atingiram maior prestígio senão quando se inbuíram de lirismo, que o mesmo é dizer a mais pura forma dos seus trabalhos.

Talvez seja esta a razão porque nunca tivemos o que em rigor, se pode classificar de poetas dramáticos, apesar das tragédias de António Ferreira e de Brás Garcia de Mascarenhas transgrediram este parecer, visto como iniludívelmente. A Castro e o Viriato Trágico afirmam a sua existência. Se os contássemos, de há muito estariam teatralizados os horrores da Inquisição, as aberrações que precederam a perda da independência política as invasões napoleónicas, temas vastos, próprios para inundar a alma de um grande homem de teatro da estatura de Schiller, de Vitor Hugo, de Racine, para não falar desse fabuloso monstro que se chamou Shakespeare.

Até ao meado do século XVI, todos os episódios pitantes de comoção nacional figuraram nos Lusíadas e, por isso, já se afirmou que não há incidentes dignos de ser tratados, pelo teatro, que não estejam encerrados na grande bíblia da nacionalidade portuguesa.

É Camões, ainda, quem fornece ensejo para se aventar que as suas líricas amorosas pairam num grau superior ao seu lirismo épico.

À falta, porém, de poetas exclusivamente de tragédia, devemos salientar um insigne poeta cómico, — Gil Vicente, e alguns jocosos, como António Diniz da Cruz e Silva, influenciados por Boileau, e Nicolau Tolentino, que, mais original, mordiscou os ridículos e costumes da sua época, tão bem retratada nalgumas das suas composições.

Mas já Bocage, a quem uma errónea e soez tradição deu fama de poeta chocarreiro e erótico, se elevou às mais altas culminâncias do lirismo sugestivo. Da sua

estranha organização artística, era lícito esperar uma obra acima da que pôde realizar, na sua curta e agitada passagem pelo planeta, não lhe permitindo a desgraça ou o destino de entrever o grande movimento literário da Revolução Francesa, que produziria, no seu altíssimo espírito, uma grande transformação. Quando enveredava por esse caminho — Pavorosa ilusão da eternidade — as «moscas» de Manique enclausuraram-o.

O período dos árcades foi, por certo, o único onde o lirismo menos se acentuou — o que se compreende, pela maneira enfatuada e didáctica, a que se submetiam os poetas desse tempo, sem embargo de Pedro Garção e Tomás Gonzaga, por vezes, o deixarem transparecer por entre os interstícios da forma clássica.

Desse árido ciclo, transitou-se ao Romantismo. A poesia portuguesa sofreu uma profunda reviravolta. Millevoye, Lamartine, Vitor Hugo, Musset e tantos outros influíram em Soares Passos, João de Lemos, Guilherme Braga, Tomás Ribeiro e João de Deus, depois de Garrett, de Castilho e de Herculano. Soares de Passos define bem a sua época, cheia de artificialismos e de convenções, em que, raramente, se salvavam os que possuíam, como o autor do Noivado do sepulcro, uma grande organização poética. Assim, essa balada, apesar de todos os seus defeitos, ainda hoje é qualquer coisa de marcante no lirismo português.

Com João de Deus, a poesia nacional como que se desvençillha do falso oropel, do alambicado estilo em que havia descaído, para se tornar nalguma coisa mais bela, mais simples e natural, correspondendo às evoluções que se operavam noutros campos da estética, destruindo escolas e sistemas. E com elas vieram, como era legítimo, expressões diversas, outras maneiras de sentir e até um lirismo novo, que se não contentava em criar beleza, mas difundiu modificando as condições terrenas, e propondo-se a convertê-la numa idealidade mais viva e translúcida do que os sonhos pretéritos.

Traziam a redenção humana. O homem não tinha sido feliz no estado da crença e no sono da ignorância. O fim era não o fazer mais desditoso, depois de reconhecer, em toda a extensão, a grandeza da sua dor, a pequenez da sua força para a debelar.

Mas a palavra era imperfeita e descolorida, para traduzir essas coisas nobres, sem realidades possíveis. A imaginação tinha que se incumbir, por isso, de responder a muitas perguntas, para as quais os filósofos se não julgavam instruídos.

Tal era a missão dessa arte redentora, que se programatizou o resgate do espírito às baixezas, querendo que os corações se exalçassem até onde não chegasse a onda das vaidades e a miséria das paixões mesquinhas.

O seu poder, maior, por certo, que o da ciência, restrita aos conhecimentos do que o homem dispõe, para se convencer de que pouco sabe do muito que pode saber, dilata-se cada vez mais, porque se lhe oferecem horizontes infinitos.

É a vibração da sensibilidade, que o talento dinamiza ao contacto da natureza. É o lirismo da vida, o seu maior encanto e o único meio que o espírito encontra de ser belo para se rivalizar com os deuses.

O Negro

CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA PARA O SEU ESTUDO

A literatura brasileira teve o seu período indianista com os românticos Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e José de Alencar. Reflexos da «Atala», de Chateaubriand, os poemas e romances em que os brasileiros cantaram os primitivos habitantes da sua terra, não passaram de fantasias literárias. Criou-se no Brasil uma lenda poética sobre as qualidades dos índios, que avolumou desmedidamente a importância do elemento aborígine na formação dessa nacionalidade.

O negro foi menos feliz. Os romancistas do século passado fixaram alguns aspectos da vida social do Brasil em que ele aparece, mas como elemento pitoresco. Não foi idealizado, como o índio, nem entrou, com a sua alma, como figura de primeiro plano, em nenhuma obra literária dessa época. Castro Alves, lutando pela abolição, cantou os sofrimentos do escravo em poemas de grande eloquência. Mas nesse poeta o negro é o objecto duma reivindicação social e não um elemento primacial da literatura brasileira. É em Gonçalves Crespo que se encontra a primeira valorização poética do sentimento e da alma do africano no Brasil. Só nos nossos dias, porém, o negro conquistou, nas letras brasileiras, o lugar a que tinha direito. Só hoje é estudado e cantado como merece, já que tanto contribuiu para a *psiché* do brasileiro.

Em Portugal possuímos uma vasta bibliografia colonial. Mas das obras históricas, das narrativas de viagens, dos relatórios administrativos ou de campanhas militares, que constituem a maior parte dessa bibliografia, pouco consta sobre a alma do negro. Tentam agora os autores de livros de ficção sobre a nossa África, desvendar um pouco o mistério que envolve a alma do indígena. Houve sempre entre os nossos coloniais, espíritos curiosos que atentaram nas criações poéticas dos pretos, nas suas manifestações coreográficas, nas expressões do seu culto religioso, em todos esses gestos elementares da alma dum povo que constituem a matéria preciosa dos folclores. Mas não me consta que se tenha tentado fazer, com os naturais da Guiné, de Angola ou de Moçambique, o estudo sistemático da alma da raça negra, como se está fazendo no Brasil. Os trabalhos de Lévy-Bruhl sobre a mentalidade e a alma primitiva, e o estudo de Frazer sobre a magia e a religião, facilitaram a tarefa dos que no Brasil praticam essa sondagem das profundidades anímicas do negro. O interesse pela arte africana e o renovo da moda literária do exotismo, partindo de Paris, encontraram um meio propício entre os intelectuais brasileiros. Na memória desses homens acordou a lembrança da alma cristã que lhe criámos, da «mãe preta» que os amamentou, das histórias que ela contava do tempo da escravidão, do contacto com as mucanas e da pro-



miscuidade em que viveram com os moleques, nos engenhos de açúcar ou nas fazendas. Uma literatura surgiu então, cantando o negro, estudando a sua influência na vida sexual, nos costumes familiares e na emotividade do brasileiro, descrevendo as suas cerimónias fetichistas e procurando, através destas, compreender a sua alma.

Não se pode dizer, rigorosamente, que seja de hoje a curiosidade científica dos brasileiros pela psicologia dos africanos. Um grande estudioso, o professor de medicina legal Nina Rodrigues, começou em 1890 a dedicar-se a esses estudos, só os interrompendo com a morte, dezasseis anos depois. O que agora aparece no Brasil é o espírito de simpatia, a quase fraternidade com o negro, que faz com que, não um simples literato, mas um homem de ciência, precisamente o continuador de Nina Rodrigues, escreva esta página, intitulada «Meu Irmão Negro»:

«A sua libertação fora aparente. Arreventara os pesados grilhões do tronco e fugira ao chicote malvado. O seu espírito, porém, continuava acorrentado às cadeias de preconceitos seculares. Pesava sobre ele a maldição dos Gobineau e dos Lapouge.

«Reagiu. Refugiou-se na magia. Invocou a protecção dos seus orixás poderosos. Xangô, que domina os raios e os trovões e as tempestades. Iemanjá, o grande abraço materno e protector. Exú, o génio sinistro, senhor do mal. Obatalá, o maior de todos...

«Animaram-se os terreiros, dentro das noites fantasmiais. E não cessou o batuque infernal dos candomblés e das macumbas, o tam-tam dos atabaques e agogôs. Pipocas e azeite dendê. Despachos. Cangerê. Uai! Ogun de lê, mirerê ta biau! Xangô icô ô lelé...

«Mas a sua alma estranha e longínqua vai sendo desvendada, aos poucos. Pré-lógica. Os seus mistérios e as suas participações vão-se decifrando. E o bizarro dos seus cultos é utilizado como motivo de arte. A síncope da sua música bárbara. Os ritmos novos da sua alucinante coreografia. O encanto elementar e extraordinário da sua poesia e dos seus mitos primitivos.

«A sua influência, a sua vingança foram tão grandes, que a sua libertação equivale à *nossa libertação*. A libertação da angústia inicial. *Ur-Angst*. Do pavor sinistro da treva para os claros horizontes da liberdade. Meu irmão Negro!»

São do psico-analista Artur Ramos estas palavras e não dum poeta como Jorge de Lima, cantor de «Essa Negra Fulô», ou como Raul Bopp, autor dum livro de «Poemas Negros», «Urucungo». Reparação que o negro merecia dum brasileiro; reparação que estava exigindo a má vontade contra ele manifestada por escritores como Graça Aranha, na «Viagem Maravilhosa»; reparação justíssima, porque o Brasil deve-lhe muito. No livro notável que, com o título «Casa grande e senzala», Gilberto Freyre consagrou ao estudo da «Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal», lêem-se períodos como estes:

«Todo o brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro,

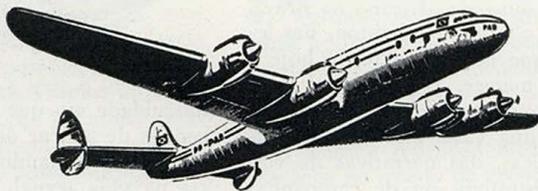
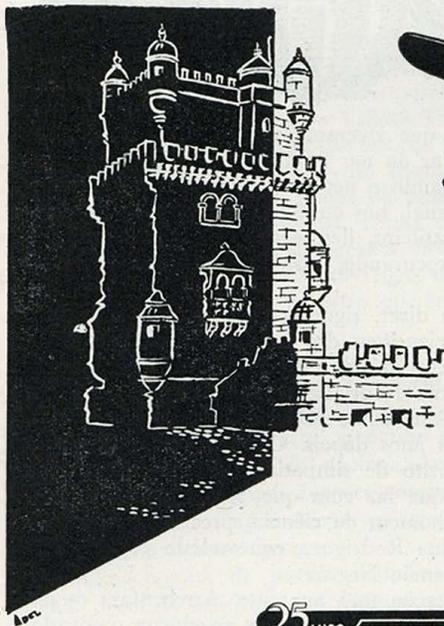
traz na alma, quando não na alma e no corpo — há muita gente de genipapo pelo Brasil — a sombra, ou pelo menos a pinta, do negro.

«Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menina pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos todos a marca inconfundível da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias do bicho e de mal assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho de pé de uma cocceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.»

Desta nova maneira de olhar o negro, adoptada pelos brasileiros, resultou que a alma misteriosa dessa raça se vai desvendando. Só a simpatia pode dar entrada nas almas ao espírito analítico. Não foi outro o processo seguido pelo norte-americano Seabrook, quando quis descobrir os mistérios da «Ilha Mágica» do Haiti, dos ritos «vaudou» e da feitiçaria negra.

Como país colonizador, Portugal tem interesse em acompanhar de perto os estudos de africanologia feitos no Brasil, pelos progressos já registados no conhecimento psicológico do negro — elemento da nossa acção ultramarina e valor importante do nosso Império.

O. de O.



UNINDO DUAS PÁTRIAS

Os Constellations da Panair do Brasil, recordistas da travessia do Atlântico Sul, ligam 4 vezes por semana, nos dois sentidos, o Brasil a Portugal. Mais um laço entre as duas Pátrias irmãs.

Soberana do Atlântico Sul

PANAIR DO BRASIL



Bandeirantes

CAÇADORES

DE HOMENS E RIQUEZAS

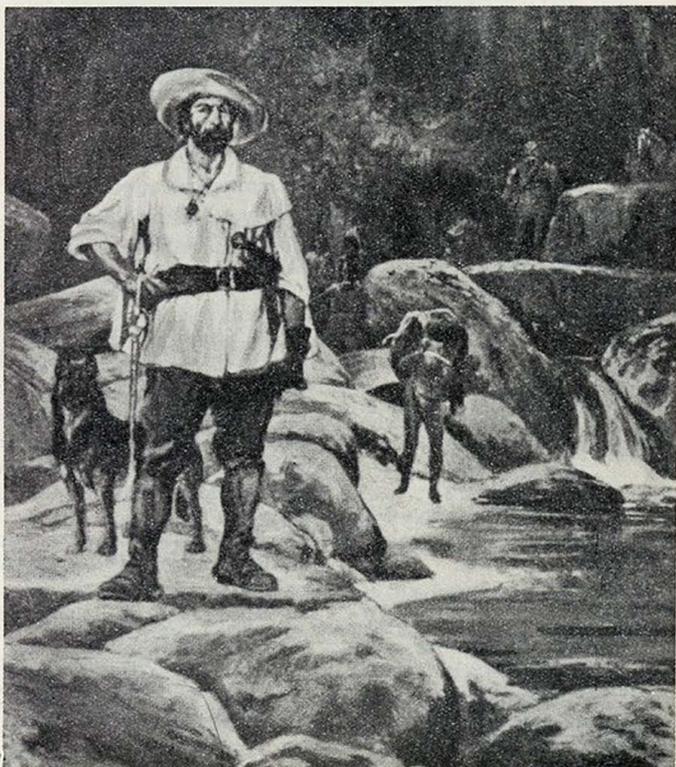
NA praça da igreja da cidade colonial celebra-se uma Missa. É o dia importante da partida de uma *bandeira*. Descendentes de velhas famílias paulistas, aventureiros portugueses e espanhóis, gente do povo, escravos, mamelucos, índios mansos, soldados, frades, todos formando a mais heterogênea das multidões, se aprestam para varar as florestas ínvias, descer as bocainas profundas, galgar as serras íngremes, transpor os rios caudalosos, atravessar os sertões adustos, durante meses, durante anos, sujeitos às febres, às feras, aos insectos, aos ataques traiçoeiros dos índios bravos.

Vão em busca de riquezas fantásticas, que aventureiros outros disseram existir no recesso das matas, no coração das montanhas misteriosas. Vão descobrir o pouso certo da monhanha fabulosa, que a lenda dizia mudava de lugar, para enganar os que buscavam roubar a riqueza avaramente escondida no seu seio. Vão à cata do ouro e da prata. Vão no afã de recolher as pedras preciosas espalhadas ou ocultas, nas areias das praias fluviais, no cascalho das serras, no fundo das grutas, no coração mesmo da montanha. Vão ávidos de cubiça, prear índios para escravizá-los. Querem ouro, querem prata, querem diamantes, querem esmeraldas, querem rubís, topázios, toda a gama das gemas valiosas e matizadas.

São centenas, são milhares de homens de todas as idades e de todas as procedências. Há nobres e plebeus. Há ricos e pobres. Escravos e livres. Criminosos e homens de bem. Soldados e religiosos. Armas e bagagens amontoam-se em quantidade espantosa. Cavalos de montaria, burros de carga, bruacas repletas de mantimentos, caixotes, odres de bebidas, fardos de roupas e cobertores, pólvora, armas de vários feitios, desde o arco e a flecha do índio até as pistolas e trabucos dos civilizados, compõem o acervo da bandeira.

Muitos daqueles homens não mais voltarão aos lares. Morrerão de febres pelas margens dos rios. Serão devorados pelas feras, ou cairão feridos de morte pela seta certa do índio, na tocaia. Levados pelo ódio e pela cobiça se entredestruirão. Poucos serão os que al-

cancem os seus objectivos. Poucos os que voltarão com a riqueza ambicionada. Mas nenhum desses reccios e temores os deterá. São homens duma fibra rijá, corajosos, cobiçosos e violentos. Tornarão viáveis os caminhos a dentro da terra desconhecida. Fundarão povoados, plantarão roças, lançarão as bases das futuras cidades, que marcarão no mapa futuro da pátria o caminho que a civilização seguiu, empós daqueles homens truculentos, desapiedados, magnânicos, destemidos. Alargaram os limites das terras que seus pais lhes doavam. Tornaram mais amplo e mais rico o domínio português, preparando ao mesmo tempo a futura



BANDEIRANTES — Cópia do quadro de Bennadelli existente no Museu Procopio, em Juiz de Fora

e grande pátria brasileira. Foram os pioneiros que prepararam o caminho para os pósteros. Foram os plantadores de cidades. Cometeram crimes. Foram cruéis com os índios. Eram rudes e violentos. Mas a obra que realizaram, na descoberta dos sertões e de suas riquezas ocultas, foi uma epopeia magnífica.

Após a Missa e as despedidas, toda a multidão dos varejadores do sertão se movimenta e parte. É uma serpente rumorejante e longa, colubrejando pelas picadas, pelas matas, pelos desfildeiros. À frente, o estandarte guiador. A *bandeira* segue a caçar homens e riquezas.

* * *

Entre os bandeirantes mais famosos, conta-se pela sua astúcia Bartolomeu Bueno da Silva, que os índios chamavam de *Anhangóera*, o espectro, o fantasma, o diabo consumado. Onde viera esse temor dos selvagens pelo sertanista aventureiro? É que Bartolomeu Bueno se valia, entre aqueles homens brancos e supersticiosos, de um estratagemas hábil para arrancar-lhes o segredo dos esconderijos do ouro e das pedras preciosas.

Nos sertões de Goiaz certa vez fingiu que retirava água do rio Vermelho, colocando-a numa escudela. Mas era aguardente. Diante da indiada receosa, quis mostrar o seu poder tremendo de grande feiticeiro, capaz das coisas mais extraordinárias. Se eles não lhe mostrassem o lugar onde havia ouro, poderia fazer secar todos os rios e os índios não teriam assim mais onde beber água. Como prova do seu poder acende o líquido contido na escudela. A chama reponta. E os índios vêem, horrorizados, que a água pegara fogo mesmo! Que formidável e perigoso feiticeiro era aquele homem! Pois se podia até incendiar a água! E não tiveram outro jeito senão mostrar onde se encontrava o precioso metal amarelo.

* * *

A mais importante das bandeiras foi talvez a de Fernão Dias Pais Leme, aí pela segunda metade do século XVII. Era numerosíssima. Esse poderoso senhor paulista cobiçava encontrar ricas esmeraldas, que se dizia deviam existir perto duma lagoa encantada, *Vupabussú*, nos sertões de Minas Gerais. Sua procura das valiosas pedras é uma epopeia maravilhosa.

Durante anos percorre as matas sertanejas, indiferente aos perigos e às desilusões. Nada o demove de seu intento. Nem as intempéries e perigos das jornadas, nem a má vontade e revolta dos homens. É teimoso e severo. Muitos dos amigos que o acompanharam, na arremetida pelo sertão a dentro, o abandonam e regressam a S. Paulo. Ele continua. Um filho seu, bastardo, conspira e tenta sublevar os homens da bandeira contra o seu chefe. Ele não hesita. Condena o filho à morte. E José Dias é enforcado.

Fernão Dias continua as suas jornadas e suas buscas. Descobre afinal umas pedras verdes. Devem ser as esmeraldas cobiçadas! Realizara a sua ambição. Tem nas mãos uma fortuna. Mas a febre, que a lagoa encantada tem como defesa, ataca o bandeirante audaz. E ele morre, ali mesmo, crendo haver descoberto o reino das esmeraldas.

Mais tarde, os que levaram as pedras encontradas, verificam que não são autênticas esmeraldas. O sonho de Fernão Dias fora mesmo um sonho. As esmeraldas não eram verdadeiras. Mas o sertão havia sido desvendado. Por onde passara a sua bandeira, surgiram povoações e mais tarde cidades. Olavo Bilac imortalizou o episódio máximo da vida de Fernão Dias, num poema *O Caçador de Esmeraldas*, considerado uma das obras primas da literatura brasileira.

Bandeirantes

*Sob o cruzeiro Austral e o signo da Aventura,
homens de olhar sombrio e requeimadas frentes
passam, descem ao vale, ou galgam ínvios montes,
desflorando a floresta inviolada e a planura.*

*A cada rio ignoto achando as claras fontes,
afrontavam mil sóis, febres, feras, segura,
agora o índio hostil, depois a fome dura,
mais e mais recuando os largos horizontes.*

*Arvoam hoje, aqui a bandeira das picias;
àmanhã, sabe Deus onde é que irão, errantes,
com o fogo da cobiça a afoguear-lhes as veias.*

*Mas um dia, a sonhar outras terras distantes,
deixavam-se morrer nas pálidas areias
onde o oiro deslumbra e faiscam diamantes.*

CARDOSO MARTA

VOLENTI NIHIL DIFFICILE

*Não tornes por detraz; pois é fraqueza
desistir-se de coisa começada.*

(Lusiadas - I - XL) — CAMÕES

DAS obras grandes e belas, só os que bem as conhecem, delas devem tratar, para que a crítica surja, assim, honesta e construtiva.

Não devem falar delas, nem os tímidos nem os ignorantes; os primeiros porque não dizem o que sabem e os segundos porque não sabem o que dizem.

Posto isto, nós que conhecemos sobejamente tanto o autor como a sua obra, resolvemos falar não só dela, mas dele, cujo esforço não tem tido limites. Fã-lo-emos não com palavraslouvaminheiras ou de adulação, o que é contra a nossa maneira de ser, mas com a isenção e justiça que nos caracterizam e sempre nos têm distinguido.

Esta obra, «Duas Pátrias» por si só fala, e, não necessita de apresentação ou reclame com frases encomiásticas ocas ou vazias de sentido, porque esta Revista-Documentário, afigura-se-nos sem igual até agora.

Foi concebida e idealizada pela vontade férrea e tenaz dum orientador, duma competência incontestável e já verdadeiramente consagrado, laborioso e incansável. Este homem extraordinário que não conhece obstáculos é dotado de um dinamismo admirável, para o qual a vitória sem luta não tem interesse.

Referimo-nos a Joaquim António Matias, que tão bem tem sabido impor-se à consideração de todos aqueles que o conhecem, pelo seu trabalho inexcedível, e que soube organizar e fazer publicar a revista «Duas Pátrias» na data própria, a fim de comemorar condignamente o IV Centenário da cidade de S. Paulo, associando-se com este padrão a tão festiva e gloriosa data.

Querer é poder, e ele bem o tem demonstrado através deste trabalho que a ele, só, se deve, não descurando o mais pequeno pormenor, com uma meticulosidade de técnico e de orientador de superior critério.

Não é difícil, pois, vaticinar, que esta Revista-Documentário continuará a ter a maior e melhor aceitação dos Brasileiros e Portugueses e que será um êxito no Brasil, visto que ela é totalmente diferente de tudo aquilo que até agora se tem apresentado neste campo.

Português de rija têmpera, Joaquim António Matias, é e será sempre um grande amigo do Brasil, essa grande Nação à qual estamos ligados pelo vínculo sagrado da mesma Língua de Bernardes, Vieira e Camões, de há muito já e sem favor, conquistou na Nação Irmã um grande número de amizades que o distinguem e honram, conseguidas pelo seu carácter íntegro, amável convívio e lhaneza de trato.

Da sua competência profissional falam bem alto os seus anteriores trabalhos de grande envergadura, tais como as revistas «Portugal Exportador», «Portugal-América» e outros que ainda se encontram supérites



Joaquim António Matias

e que sempre se impuseram à consideração de todos pelo seu valor, não só em Portugal como no estrangeiro, onde os mesmos têm tido tão larga difusão e nos quais se tem revelado um verdadeiro mestre. Foi ainda durante 17 anos o orientador da secção de propaganda e expansão do Boletim Comercial do Ministério dos Negócios Estrangeiros, publicação agora suspensa temporariamente.

Como fundador e Director Técnico da Revista «Duas Pátrias» de cujo sucesso eu não duvido, ele pôs todo o seu carinho e saber ao serviço da mesma, para que ela não desminta os seus créditos e para que esteja à altura de bem servir os interesses e a cultura dos nossos dois Países e a amizade Luso-Brasileira, augurando um futuro, que já antevemos, cheio de surpresas agradáveis e de grande longevidade.

Queremos, pois, que fiquem gravadas no espírito de Joaquim António Matias estas simples e despretensiosas palavras de justo apreço a quem tanto o merece, e que outro objectivo não têm senão testemunhar-lhe a nossa grande admiração, pedindo, entretanto, desculpa à sua reconhecida modéstia, desta significativa e sincera homenagem, que nós aqui lhe prestamos ditada pela amizade, cimentada por um trabalho honesto e probro.

Dr. António do Valle-Domingues
Director



Pedro Correia Marques

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

A verdadeira amizade

por *Pedro Correia Marques*
DIRECTOR DO JORNAL «A VOZ»

SOMOS portugueses e brasileiros, a mais estreita e expressiva fraternidade internacional do Mundo. Por muitos anos, depois que, em Setembro de 1822, o Brasil proclamou a sua independência, andou esta fraternidade sem expressão oficial, mas nunca deixou de existir na realidade dos espíritos e dos costumes, que é a grande e firme base dos melhores entendimentos internacionais. E tão segura é esta verdade que há dois milénios o sentencioso Horácio dizia numa ode:

*... Quid leges sine moribus
vanae proficiunt?*

E porque estava nos ânimos e nos costumes, passou para as leis. O regime de «quase-nacionalidade», proposto pelo Prof. Marcelo Caetano, da Universidade de Lisboa, actual Ministro da Presidência, e pelo Prof. Barreto Campelo da Universidade do Recife, estava nos costumes, está hoje nas leis, desde a Constituição brasileira de 1947. O Tratado de Amizade e Consulta, de 16 de Novembro de 1954 — instrumento diplomático sem par no Mundo — é o natural complemento do daquele Tratado.

Um facto recente veio mostrar que estas leis, baseadas nos costumes, como queria o Venusino, são uma

realidade. A União Indiana pretende expulsar do subcontinente asiático, Portugal, que mais de quatro séculos ali precedeu Xri Nehru. E serve-se de todos os meios de coacção moral e política. Um cônsul honorário do Brasil em Bombaim, promoveu em sua casa, reuniões políticas de elementos contrários aos direitos de Portugal no Estado de Goa. O embaixador do Brasil em Nova Delhi advertiu-o da incorrecção. E logo o Itamaraty declarou aprovar a atitude do embaixador do Brasil e propôs ao Presidente Vargas a demissão daquele cônsul honorário. Essa declaração, tão expressiva e tão categórica, terminava por estas palavras, que os portugueses devem guardar por sempre na memória e no coração: — «*A despeito da sua amizade e simpatia pela grande nação indiana, o Brasil não pode ser indiferente à posição e à obra de Portugal no subcontinente asiático, da qual resulta para os aludidos territórios uma situação sui generis, que não se equipara à de outros, sujeitos ao regime colonial.*»

A atitude do Brasil, neste caso melindroso da Índia, foi uma demonstração de amizade espontânea, generosa e segura, que está, não apenas nas leis, mas na alma e no sangue.

Pedro Correia Marques
Director de «A Voz»

O ilustre Professor Dr. Aristides de Amorim Girão, Director da Faculdade de Letras, publicou um magnífico trabalho do qual extraímos as seguintes interessantes e oportunas passagens, que, estamos certos, devem cair na alma dos nossos irmãos do Brasil.

Não é apenas obra literária, luso-brasileira, que desejamos aqui destacar; é, e muito mais do que isso, a demonstração dum estudo, cuidado e de erudita observação científica, que se alarga, em consciência, aos vários pontos do globo, num vaticínio seguro da política internacional.

E é consolador para nós, Portugueses, tratando-se directamente da nação querida, à qual nos prendem laços indissolúveis e inconfundíveis que seja de Portugal e da nossa velha Universidade que parte o sereno clamor que em seguida nas «Duas Pátrias» se reproduz, com verdade e se arquiva com justiça, como contributo de uma desejada compreensão mútua, exaltando o sentimento natural, dos dois grandes povos, cuja língua mãe, é falada à face da terra, por sessenta milhões de almas.

Armando de Araújo

PORTUGAL E O BRASIL

NO MUNDO DE AMANHÃ

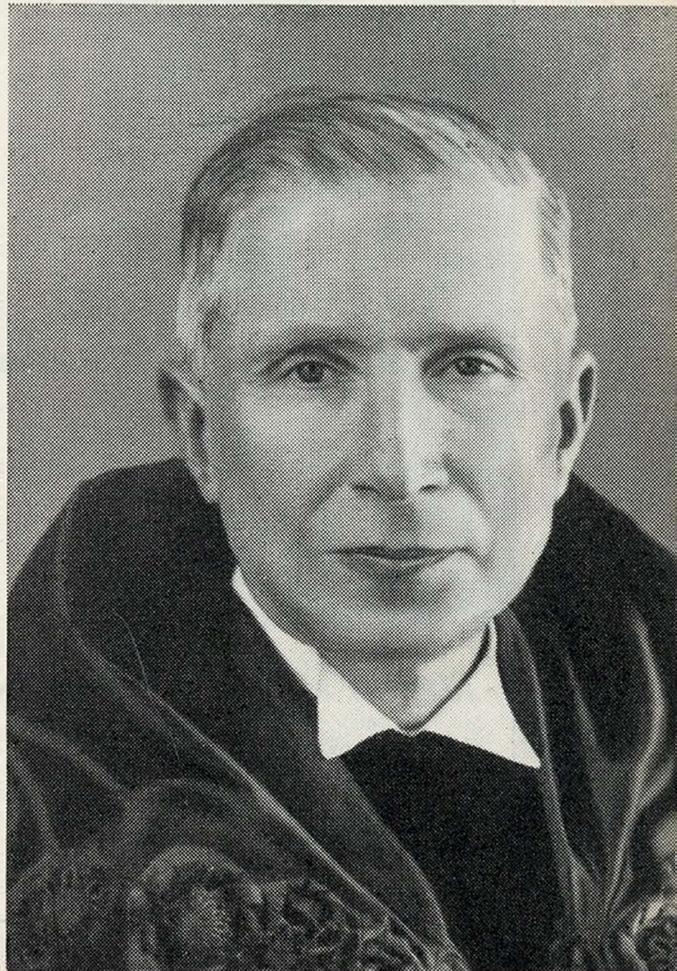
pelo Prof. Dr. Aristides de Amorim Girão

“*N*inguém ignora que o desenvolvimento extraordinário das comunicações à superfície do globo aproximou singularmente os continentes, acabou com «esplêndidos isolamentos», pôs os povos e os estados em contacto directo, tornou-os mais solidários uns dos outros.

Com os progressos da navegação marítima e aérea, pode dizer-se que todos os caminhos estão abertos, e que deixou de haver pontos muito distantes e barreiras de separação, de tal maneira que até mesmo as regiões do globo que poderiam considerar-se mais excêntricas se aproximam agora dos centros vitais do mundo em que vivemos, e entram nas preocupações das grandes potências da actualidade.

Os homens e os povos sentem-se cada vez mais ligados e interdependentes. E se, na verdade, se atenuaram barreiras de separação entre os estados, pode dizer-se que muito se modificou também a distinção entre nações grandes e nações pequenas, uma vez que as primeiras têm vindo pouco a pouco a reconhecer que não podem passar sem as segundas, para a realização dos seus objectivos particulares.

Pelo que particularmente diz respeito às comunicações aéreas, é bem certo que o progressivo encurtamento das distâncias contraiu o mundo, tornando-o cada vez mais pequeno. Os continentes aproximam-se e mais se soldam uns aos outros; os mediterrâneos e mares interiores transformam-se em lagos ou mesmo desaparecem; e os grandes oceanos, como o Atlântico, quase se reduzem a simples estreitos, que mais unem do que separam.



Prof. Doutor Aristides Girão

Com o domínio do ar, já não há propriamente «hemisfério oriental» e «hemisfério ocidental».

É, sim, o grande «hemisfério das terras», onde se reúne a grande massa dos continentes, que dali se projectam para todos os lados como se fossem os raios de uma estrela. E, em face dele, já mesmo a concepção dos *hemisférios* perde todo o seu significado, para prevalecer apenas a ideia fundamental de uma terra una e *monosférica*.

A navegação aérea veio remodelar por completo a posição relativa das diversas regiões do globo, fazendo surgir entre os povos novas afinidades e tendências, dando origem a uma nova geografia física e política. E compreende-se como esta remodelação do mundo há-de, por força, traduzir-se também na remodelação dos princípios de política interna e externa dos Estados e, consequentemente, na revisão de um grande número de ideias que já podem considerar-se ultrapassadas pelos modernos progressos da ciência e da técnica.

Ao contrário do que reza a sentença latina, sente-se que alguma coisa de novo há debaixo do sol. Já não é possível conceber a existência de novas muralhas da China ou linhas Maginot a separar os estados, nem os povos poderão isolar-se e manter-se indiferentes uns aos outros.

Referindo-se à progressiva contracção do globo pelos meios de comunicação e transporte, escreveu o eminente geógrafo e académico francês André Siegfried: «Tais circunstâncias geográficas impõem uma concepção

correspondente da política. O molde nacional tende a tornar-se demasiadamente estreito, e é preciso alargá-lo no sentido do continente, do oceano, do império, do grupo de Estados».

Por esse motivo, ao ver como as barcas nacionais entraram de navegar com rumo incerto no mar proceloso dos nossos dias, por toda a parte se procura assentar em bases mais amplas e mais seguras os alicerces da vida internacional. Apela-se muito agora, nas assembleias políticas, para o agrupamento dos estados, para as reuniões ou acordos regionais entre os estados. E chegou por isso o momento histórico em que mais do que nunca os homens públicos com responsabilidades têm de reflectir sobre as origens, a índole e as afinidades dos seus povos, para melhor poderem decidir sobre as alianças e entendimentos que importa realizar nos caminhos do futuro.

.....

E é com emoção e com esperança que trazemos para aqui o voto quase religioso do grande brasileiro Afrânio Peixoto, ao ofertar a Portugal, nas festas centenárias de 1940, as braçadas de flores das suas «Maias e Estevas»:... Portugal e Brasil, unidos, reunidos, aliados, associados, económica, intelectual, moralmente. Isto será para o ano 2040... Mas, queira Deus seja antes.

Profetizo desde já que há-de ser um dia. E a defesa nacional, os interesses económicos, o património intelectual, as tradições morais, serão melhor asseguradas. Amen.»



Brasilusa

RUA MÉXICO, 70 - GRUPO 609 - RIO DE JANEIRO
SÉDE PRÓPRIA

Administração de bens em geral:
MATRIZ — PORTO (PORTUGAL)
FILIAIS — Rio de Janeiro
Recife-Pernambuco
São Paulo, Capital

**Vendas e compras de prédios,
loteamentos**
Telefone 52.9052

BANCO MERCANTIL DE NITERÓI S/A

♦

MATRIZ: NITERÓI Rua da Conceição, 53
FILIAL: RIO DE JANEIRO Rua do Ouvidor, 50

Departamentos em Cabo Frio e Rio Bonito

♦

DEPÓSITOS — DESCONTOS
— COBRANÇAS — ADMINIS-
TRAÇÃO DE PROPRIEDADES
CAMBIO E ABERTURA
DE CRÉDITOS

*3 grandes compositores
e 3 afirmações Luso-Brasileiras*
sobre as DUAS PÁTRIAS

A MÚSICA DE DOIS POVOS

A música, linguagem universal, deveria unir os povos no melhor entendimento possível. Mas, a música de Portugal e do Brasil é o idioma de ambos.

O ritmo da bondade brasileira vem do coração do português, assim como nossa alma sensibilíssima vem do alto espírito religioso dos nossos avós lusitanos.

H. VILLA-LOBOS

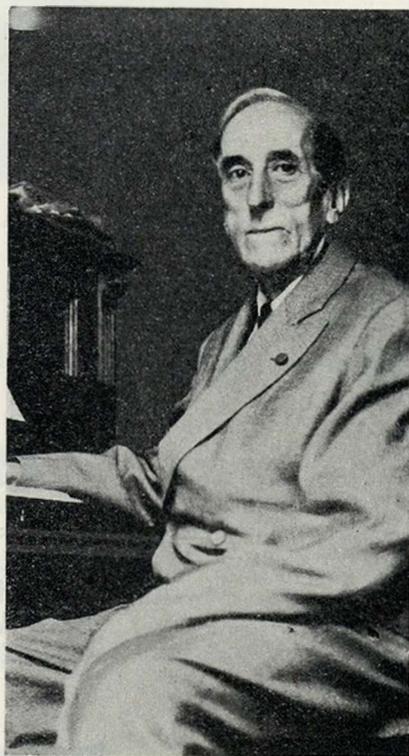


ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

PORTUGAL e BRASIL, Duas Pátrias?

Sim. Com o mesmo coração e a mesma alma. Nelas palpita com o mesmo ritmo o Mar!

RUI COELHO



DUAS PÁTRIAS

Que se avizinham cronologicamente pelos caminhos do tempo, e, espiritualmente, pelas estradas do coração.

●**OSCAR DA SILVA**

Um paraíso em plena

Amazônia...

Houve um tempo em que a natureza dominava a Amazônia... Floresta bruta. Rio-mar. Feras, répteis, índios — inferno verde! Mas chegou a vez do homem... Em plena selva edificou uma metrópole; ao lado do **inferno** construiu um **paraíso** de conforto: **HOTEL AMAZONAS!** Hospede-se no **Hotel Amazonas** e goze as delícias de um paraíso tropical.

Conheça o Inferno verde gozando as delícias de um Paraíso

Apartamentos comuns deluxo e super-luxo com ar condicionado, bares, barbeiro, salão para senhoras, restaurante, boite e jardim tropical.



Informações também nos
Departamentos de Turismo:
São Paulo- Caixa Postal 1843
Rio de Janeiro- Rua México. 168-4.º andar
ou na sua Agência de Turismo.

PROPRIEDADE DA **PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO**



Reprodução do quadro do grande pintor português José Malhoa, existente no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

O SONHO DO INFANTE

«EI-LO, POIS AÍ, O SÁBIO E O HERÓI QUE
SONHOU E REALIZOU TODO O IMENSO E
REFLECTIDO SONHO DOS DESCOBRIMEN-
TOS, FAZENDO METER ÀS ONDAS AS PRI-
MEIRAS NAUS, QUE ROMPERAM A TREVA
OCEÂNICA.»

(Do grande poeta nacionalista Dr. Afonso Lopes Vieira)

PORTUGAL E O MAR

ONTEM, ANO 1500

ERA UM DOMINGO FESTIVO. NA PRAIA DO RESTELO EM PORTUGAL, APINHAVA-SE UMA MULTIDÃO VARIEGADA E ENTUSIASTA, QUE CONTEMPLAVA COM ORGULHO OS MASTROS DE UMA NUMEROSA ESQUADRA PRESTES A PARTIR PARA O ORIENTE, A FIM DE LEVAR A CRUZ E O EVANGELHO, COMBATER OS HEREGES E NEGOCIAR MERCADORIAS E COMPRAR ESPECIARIAS. LÁ ESTAVAM NA TRIBUNA DE HONRA O PRÓPRIO REI D. MANUEL I, O VENTUROSO, O ALMIRANTE DA ESQUADRA A PARTIR, PEDRO ÁLVARES CABRAL, E O BISPO DE CEUTA D. DIOGO ORTIZ. O BISPO BENZE UM ESTANDARTE QUE O NAVIO ALMIRANTE HÁ-DE CONDUZIR, COMO SÍMBOLO DA SOBERANIA PORTUGUESA EM TERRAS DESCONHECIDAS, QUE O REI ENTREGA AO ALMIRANTE. FORMA-SE DEPOIS UM CORTEJO SOLENE, EM QUE O CLERO, MARINHEIROS E O POVO REZAM PELOS QUE PARTEM E PARA QUE VOLTEM CHEIOS DE GLÓRIA PARA HONRA DE DEUS, E, DE RIQUEZAS PARA BEM DA NAÇÃO E DA GREI. LEVAM O ALMIRANTE E OS SEUS HOMENS ATÉ À PRAIA ONDE EMBARCAM NO NAVIO.

HOJE, ANO 1955

TAMBÉM NO MESMO LOCAL, NUM DOMINGO RADIANTE, ESTÁ UMA MULTIDÃO A CONTEMPLAR COM ORGULHO UMA NUMEROSA FROTA DE NAVIOS BACALHOEIROS PORTUGUESES QUE VÃO PARTIR PARA OS BANCOS DA TERRA NOVA, PARA A SUA FAINA. NA TRIBUNA DE HONRA ENCONTRAM-SE OS MAIS ALTOS REPRESENTANTES DE PORTUGAL A ASSISTIREM À MISSA E À BÊNÇÃO DOS BARCOS PISCATÓRIOS CUJAS CERIMÓNIAS SÃO CELEBRADAS POR UM BISPO, D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO. ESTÁ TAMBÉM PRESENTE O GOVERNO DA NAÇÃO E UM COMANDANTE QUE TEM SIDO A ALMA MATER DOS PESCADORES PORTUGUESES, HENRIQUE DOS SANTOS TENREIRO, PARA OS ACOMPANHAR NO NAVIO DE APOIO À FROTA, E ENTREGAR A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA, QUE FICARÁ NA CATEDRAL DA TERRA NOVA, PARA QUE PROTEJA OS PESCADORES PORTUGUESES E TODOS AQUELES QUE AO MAR DÃO O MELHOR DA SUA VIDA. CLERO, ENTIDADES OFICIAIS, CAPITÃES, MARINHEIROS E POVO FORMAM UM CORTEJO, ENTOANDO PRECES. PARA QUE OS MARINHEIROS QUE PARTEM, DIGNOS DESCENDENTES DOS SEUS MAIORES, FAÇAM UMA BOA VIAGEM E REGRESSEM COM SAÚDE E FORTUNA PARA BEM SEU E DE SUAS FAMÍLIAS, E PROSPERIDADE DA NAÇÃO E DO SEU POVO, MARCANDO ASSIM NA CONTINUIDADE DO TEMPO, A COMUNHÃO INDISSOLÚVEL ENTRE PORTUGAL E O MAR.

BÊNÇÃO DA IMAGEM

de Nossa Senhora de Fátima

*Oferecida pelos Pescadores Bacalhoeiros Portugueses
à Catedral de S. João da Terra Nova*

IMPONENTE E IMPRESSIONANTE CERIMÓNIA DA BÊNÇÃO DA IMAGEM, NO SANTUÁRIO DAS APARIÇÕES EM FÁTIMA

Nossa Senhora de Fátima é símbolo da nossa Fé. Santuário de Fátima é templo da nossa veneração. Cova da Iria, lugar onde há anos Nossa Senhora apareceu a três pastorinhos de pouca idade, é hoje sítio santificado e imenso na extensão da sua crença e do amor ao Céu da nossa devoção. E por ser assim, os pescadores bacalhoeiros portugueses, por desejo seu e por expressa vontade dos Organismos Corporativos das Pescas de Portugal decidiram oferecer uma imagem de Nossa Senhora de Fátima à Catedral e à cidade de S. João da Terra Nova, como testemunho de reconhecimento e apreço pelo carinhoso acolhimento que tem sido dispensado naquele porto de mar, quando qualquer dos nossos navios ali vai. Para os pescadores bacalhoeiros de Portugal, a oferta de uma imagem de Nossa Senhora constitui a melhor prova de gratidão, o mais expressivo testemunho de estima, admiração e solidariedade. Rezando e cumprindo promessas, vimos nessa manhã fria de Março muitos dos nossos pescadores — muitos daqueles que há um ror de anos vão à faina dura e longa da pesca do bacalhau. Ao referirmo-nos a propósito desta cerimónia, não podemos deixar de afirmar que benditos devem ser os homens que vão todos os anos tão longe para ganharem o pão e servirem o País a que pertencem. Apetece-nos hoje acrescentar que benditos devem ser também os que lá longe, em terras distantes, tantas estimas dispensam aos pescadores portugueses.

Fátima foi, nesse dia, mais um espectáculo de fé — um espectáculo que se repete e se renova com o desdobrar dos anos e o fervor da crença de cada um e de todos. Idos da Figueira da Foz, Buarcos e Nazaré — terras da beira-mar de Portugal — algumas centenas de pescadores, que representavam todos os marítimos deste País, estiveram em Fátima, com os olhos postos no amor a Nossa Senhora. A chuva e o frio gelaram os caminhos, mas nem por isso os corações deixaram de bater ao calor da mesma fé. Um pescador de Buarcos, daqueles que foram já mais de vinte vezes à Terra Nova, ajoelhou, baixou os olhos e balbuciou uma oração. Seguiram-se outros e mais outros e todos fizeram o mesmo. Homens queimados pelo sol ardente do mar, mulheres de faces curtidas pelas geadas das manhãs, assistiram à cerimónia da bênção e coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima destinada à Terra Nova.

Presidiu ao acto o sr. D. José Alves Correia da Silva, bispo da diocese de Leiria, a que pertence o lugar sagrado da aparição. Ao mesmo tempo que no grande altar exterior à Basílica de Fátima iam decorrendo as cerimónias próprias do dia, num rumor de preces e orações, os doentes aguardavam a bênção do Santíssimo debaixo das arcarias laterais do Santuário. Em dado momento avançou no seu andor coberto de flores brancas, a imagem de Nossa Senhora, que vinha coberta de um véu de gas. Nesse instante, a imagem



A procissão da Imagem de Nossa Senhora, oferecida pelos pescadores bacalhoeiros portugueses à Catedral de S. João da Terra Nova, entrando na Basilica de Fátima

era apenas uma estátua saída das mãos do escultor que a executou. O andor foi colocado no centro da capela das Aparições — pequena capela erguida num dos lados do vasto recinto.

Viam-se muitas individualidades, entre as quais os srs. comandante Henrique Tenreiro, ministro Mr. Silvester Olson, director of Operations Mission to Portugal, da embaixada Americana em Lisboa; ministro coronel Lawrence Moore Cosgrave, conselheiro comercial e encarregado de negócios do Canadá; Mr. Michel Gauvin, secretário da legação do Canadá em Lisboa. O sr. Bispo da diocese de Leiria, apesar da sua precária saúde e da sua avançada idade, quis presidir à cerimónia da bênção e coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima. O ilustre prelado, no seu carrinho de rodas, entrou na capelinha das Aparições. Sobre os seus ombros fora colocada uma estola branca. Traçou no espaço o sinal da Cruz. Subiram ao Céu preces e orações. A imagem de Nossa Senhora estava aben-

çoada, seguindo-se a coroação. A cerimónia foi breve. Depois da procissão, celebrou-se missa na Basilica. Finda a missa, a imagem de Nossa Senhora foi colocada sob o arco do transepto e a multidão despediu-se, agitando milhares de lenços, num adeus impressionante de Fé e de amor ao Céu, ficando a Sagrada imagem aguardando o seu embarque no navio «Gil Eanes» para a sua viagem inaugural, a fim de ser entregue processionalmente na Catedral de S. João da Terra Nova.

O que foi esse acto de Fé, jamais se apagará da memória daqueles que tiveram a felicidade de a ele assistir, pela forma comovente e impressionante que se revestiu. Noutro local focaremos detalhadamente esse acto, que vinculou para sempre o testemunho reconhecido dos pescadores bacalhoeiros portugueses à Terra Nova, onde a par de ingentes esforços e perigos eles vão buscar o seu sustento e de suas famílias, contribuindo ainda para a prosperidade económica do país.

A FROTA BACALHOEIRA PORTUGUESA

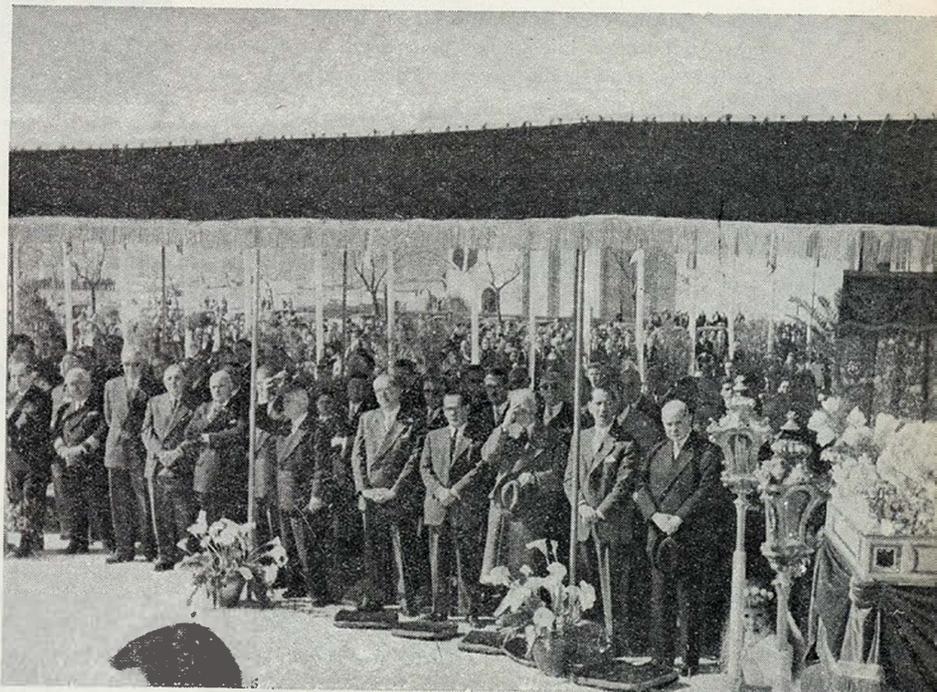
Faz-se ao **MAR** *a caminho da* **TERRA NOVA**

DESLUMBRANTES CERIMÓNIAS RELIGIOSAS QUE PRECEDERAM A PARTIDA DOS BACALHOEIROS PORTUGUESES

TODOS os anos, antes da campanha bacalhoeira, os navios portugueses vêm para Lisboa, a fim das suas tripulações assistirem a dois actos religiosos, que decorrem com deslumbramento: missa e bênção dos barcos. Há anos que esta cerimónia se repete, sempre com o mesmo interesse e o mesmo encantamento. A cerimónia deste ano, realizou-se no primeiro domingo de Abril. Estava linda a manhã com o sol a cair sobre nós, a dar-nos a sua bênção de luz. Quase toda a frota bacalhoeira formava no Tejo — o rio que banha a capital do Império Português. Faltavam apenas os navios de arrasto, que, nesse dia, estavam já a fazer a sua primeira campanha de 1955. Esse domingo foi um domingo dedicado aos pescadores de bacalhau — dia de amor e esperança, dia de Fé e congratulação para quem havia de abalar para os mares da Terra Nova. Os navios bacalhoeiros vieram para Lisboa a pouco e pouco, procedentes dos respectivos portos de armamento e fundearam ao longo da muralha onde decorreu a cerimónia da bênção. O acto teve este ano significado especial, pois foi posta à veneração dos fiéis a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que alguns dias depois, seguiria no novo «Gil Eanes» para a catedral de S. João da Terra Nova. O altar para a missa foi erguido em frente ao Tejo, próximo do Restelo, de onde há séculos saíram os nossos descobridores. Ao cimo do altar foi

colocada a imagem de Nossa Senhora de Fátima da igreja de Belém.

Tudo era brancura desde as vestes das crianças vestidas de anjinhos ao nicho onde foi posta a imagem da Virgem. As velas eram brancas e brancas as flores que ornamentavam o altar. Brancos eram também os goivos em que assentava a imagem de N.ª Senhora de Fátima, que dias antes fora benzida e coroada na Cova da Iria, lugar sagrado de Portugal, lugar de aparição e de fé, e



Pavilhão das entidades oficiais e Corpo Diplomático, assistindo às cerimónias religiosas, tendo à direita a Imagem de Nossa Senhora de Fátima que seguirá para a Terra Nova

que se encontrava à esquerda do altar. Painéis de brocado de ouro completavam a ornamentação, num encantador contraste com o conjunto branco do altar. Frisos de velas iluminadas, recordavam o número exacto dos barcos que constituem a frota bacalhoeira portuguesa. Milhares de pessoas assistiram à cerimónia. Em lugares próprios, viam-se os pescadores de todos os barcos surtos no Tejo. As pessoas de representação social ficaram sob dois toldos de damasco franjado — as senhoras na parte correspondente à Epístola; os membros do Governo Português e o Embaixador da França, encarregados de negócios do Canadá e dos Estados- Unidos, além de outras entidades. do lado do Evangelho. À volta do altar, viam-se rapazes da Escola Profissional de Pesca, estabelecimento de ensino técnico para quantos admiram e desejam a vida do mar. Bandeiras de cada um dos barcos davam mais uma nota de ornamentação. O sr. Arcebispo de Mitilene, que à chegada ao altar havia sido aguardado pelos srs. comandante Henrique Tenreiro e Vasco de Orey, presidente do conselho geral do Grémio dos Armadores dos Navios Bacalhoeiros, recebeu os cumprimentos dos srs. ministros da Marinha, das Corporações e da Economia, subsecretário do Comércio e Indústria e paramentou-se para celebrar a missa. Não lhe faltaram as manifestações de simpatia e admiração dos pescadores e de todas as pessoas que assistiram à cerimónia. Sua Excelência Reverendíssima é figura querida e estimada no meio pescatório.

O sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, admirado e estremecido pelos pescadores portugueses, é individualidade do maior relevo, na sociedade portuguesa. Membro ilustre da Academia de Ciências de Lisboa, admirado e respeitado no Brasil, nasceu em Ílhavo, terra de onde são naturais muitos dos pescadores bacalhoeiros portugueses, sendo filho de um homem do mar, que

Os navios no rio aguardam o momento da bênção



Aspecto do Altar durante a Missa

morreu num naufrágio. E por isso, ao celebrar a missa dedicada aos pescadores do bacalhau e ao dar a bênção aos navios, o sr. Arcebispo de Mitilene, que é doutor pela Universidade de Coimbra e autor de várias obras de polémica, cultura e formação religiosa, tem sempre palavras enternecedoras para os homens que vão partir. E nesta última cerimónia da bênção, Sua Excelência Reverendíssima, terminada a missa em que se ouviram acordes musicais por uma orquestra sinfónica e as vozes de um corpo coral de 330 figuras, fez uma vibrante alocação aos pescadores, escutada religiosamente por muitos milhares de pessoas.

Após a missa e bênção, o sr. prof. dr. Oliveira Salazar, Presidente do Conselho do Governo Português, recebeu, na sua residência, dois pescadores, um do lugre «Oliveirense», outro do «Elizabeth», com quem conversou, desejando aos que o visitaram e a todos, feliz viagem e boa campanha, e feliz regresso.

FLUTUAÇÃO

do Navio-Apoio

«GIL EANNES»

LEVANDO A SANTÍSSIMA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA, OFERTA DOS PESCADORES BACALHOEIROS PORTUGUESES À CATEDRAL DE S. JOÃO DA TERRA NOVA, ONDE FOI ENTREGUE APÓS UMA IMPONENTE PROCISSÃO ATRAVES DAS RUAS DA CIDADE.

No momento da bênção do «Gil Eannes», o Sr. Arcebispo de Mitilene, acolitado pelo clero e acompanhado pelo Sr. comandante Henrique Tenreiro, profere uma sentida alocução referente ao acto.



DESDE o século XVI que os portugueses enviam às frígidas regiões da Terra Nova navios para a pesca do bacalhau, pelo que, tal pesca, tem tradições seculares. Todos os anos saem de Portugal, nos meses da Primavera, umas dezenas de barcos que se dirigem a esses mares longínquos, levando milhares de pescadores. Para se prestar assistência a esses homens que Portugal tanto admira, o Governo da Nação tem enviado àquelas paragens um navio-apoio, que tem sido a garantia de que os barcos e os pescadores não estão desamparados durante a faina da pesca. Essa assistência foi efectuada primeiramente, por navios de guerra, e posteriormente, por um navio mercante transformado em navio-hospital — «Gil Eannes», tão conhecido nos mares da Terra Nova e da Gronelândia.

Como este barco estivesse velho e cansado para o serviço que dele se exigia e, tornando-se necessário melhorar e aumentar, em todos os sectores, a assistência aos nossos pescadores, foi necessário construir um navio novo, especialmente desenhado e executado para esse fim. Trata-se, do novo «Gil Eannes», que vem substituir o antigo navio do mesmo nome. A cerimónia da flutuação dessa nova unidade de assistência realizou-se na cidade de Viana do Castelo, no dia 20 de Março deste ano. Portugal prova desta maneira que rende culto a todos os que trabalham nas pescas costeiras e longínquas, melhorando os serviços de assistência aos pescadores, sempre que as circunstâncias o exijam. A atestar esse sentimento, devemos esclarecer que nas primeiras viagens do velho «Gil Eannes» seguiam apenas um médico e dois enfermeiros, e agora, com o aumento da frota, constituída por setenta unidades, e portanto com tripulação no total de 5.000 homens, os médicos são cinco e os enfermeiros quarenta e cinco, distribuídos pelos diversos navios.

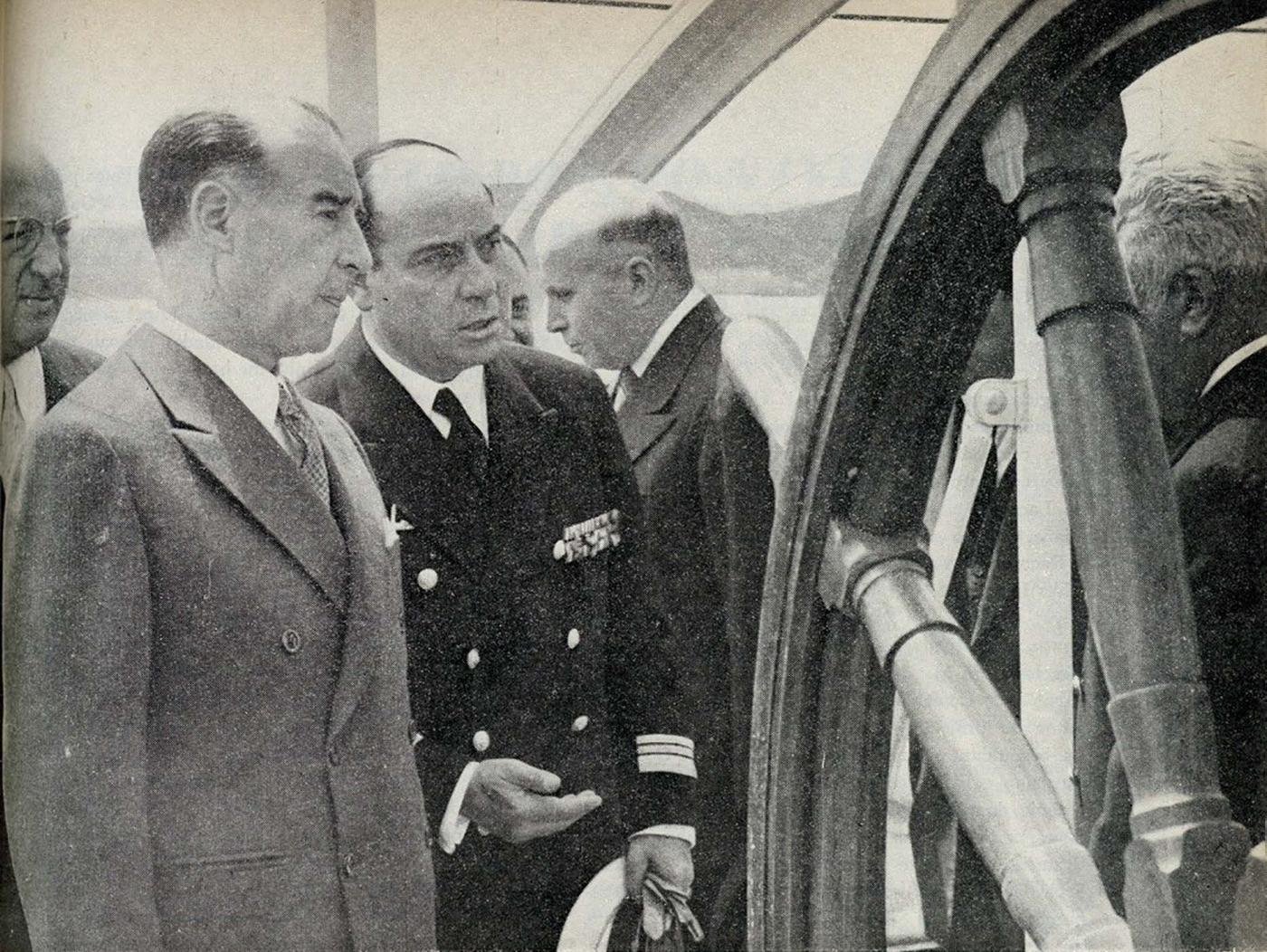
O novo «Gil Eannes» foi construído em Viana do Castelo, luminosa «Viana do Mar», tal como era conhecida em tempos distantes, cidade que fica no Norte do País, com tradições marítimas, e berço de navegadores ilustres, como João Álvares Fagundes, donatário das Terras do Bacalhau — Terra Nova. Nesta cidade existem estaleiros (Estaleiros Navais de Viana) em que os navios são construídos em doca seca e não em carreira, sendo postos a flutuar quando terminada a sua construção.

Para assistirem à cerimónia, deslocaram-se de Lisboa a Viana do Castelo muitas individualidades, entre as quais a esposa do ilustre Presidente da República de Portugal, Ministros da Marinha, Corporações e Economia, Subsecretário do Comércio e Indústria; D. Manuel Trindade Salgueiro, actual Arcebispo de Évora, entidades superiores da Marinha de Guerra, comandante Henrique Tenreiro, delegado do Governo nos Organismos Corporativos das Pescas em Portugal, engenheiro Higino de Queirós, presidente da Comissão Regula-

dora do Comércio do Bacalhau e o nosso querido director Joaquim Maia Águas. Além de muitas outras personalidades, estiveram em Viana do Castelo um representante da Embaixada dos Estados- Unidos, o Encarregado de Negócios do Canadá, bem como outros elementos do corpo diplomático.

Quando os convidados, que foram de Lisboa em comboio especial, chegaram a Viana do Castelo ouviu-se estoirar no espaço uma girândola de morteiros, em sinal de festa e alegria. O povo dispensou então à esposa do Chefe do Estado Português, aos membros do Governo e às demais individualidades uma entusiástica ovação, que foi respeitosa e extensiva ao Senhor Arcebispo de Mitilene. Chovia muito—imenso—e era forte a ventania, mas o povo mantinha-se inalterável. As bandeiras agitavam-se em alvoroço de galhardia. As bandas de música executavam vibrantes trechos de autores conhecidos e apreciados. A festa tomava aspecto deslumbrante. Passado algum tempo, o Senhor Arcebispo de Mitilene dirigiu-se à capela do novo «Gil Eannes», no qual seguiria para a Terra Nova a imagem de Nossa Senhora de Fátima. O prelado paramentou-se e abençoou o novo navio de assistência aos pescadores bacalhoeiros, bem como abençoou também o «Sam Tiago», uma unidade bacalhoeira que em breve seguiria para a sua primeira viagem de pesca. Seguiu-se o acto de baptismo dos novos barcos pela esposa do Senhor Presidente da República, que cortou a fita da qual pendia a tradicional garrafa de champanhe que bateu no costado do novo «Gil Eannes». Os srs. ministros da Marinha e da Economia do Governo Português abriram as condutas de água. As docas onde estavam os dois navios—o novo «Gil Eannes» e o «S. Tiago» começaram a encher. A fanfarra de clarins do Corpo de Marinheiros da Armada Portuguesa tocou a marcha de continência. Uma banda de música de Viana do Castelo executou o Hino Nacional Português. Apitaram os navios surtos na linda cidade do Minho. Ouviram-se as «sercias» dos Estaleiros Navais onde os barcos foram construídos. Subiram no espaço centenas de morteiros anunciando tão festivo acontecimento. Tinha chovido e continuava a chover, mas a cerimónia nem por isso deixara de ser deslumbrante.

Concluída a cerimónia de flutuação dos dois barcos, seguiu-se, na sala do risco dos Estaleiros Navais, uma festa regional, com exibição de ranchos folclóricos das povoações ribeirinhas, após o que foram proferidos discursos pelo sr. ministro da Marinha do Governo Português e por outras entidades dirigentes dos organismos das pescas de Portugal. O acto terminou com a entrega, pelo representante do Governo, de lembranças a trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, que mais se têm distinguido em prol da economia Nacional.



O Sr. Presidente da República, visitando o novo navio-apoio «Gil Eannes», escutando com interesse as explicações técnicas sobre o navio, dadas pelo Sr. Comandante Tenreiro

EM LISBOA, o «Gil Eannes»

RECEBE A VISITA DO
CHEFE DO ESTADO PORTUGUÊS
E DO
SR. PRESIDENTE DO CONSELHO

ALGUNS dias após a cerimónia da flutuação, o «Gil Eannes» seguiu viagem, direcção a Lisboa, onde recebeu o ilustre Presidente da República, Sr. General Craveiro Lopes, que percorreu demoradamente todas as instalações e examinando a perfeição de tudo, que marca o aprumo e desenvolvimento alcançado pela construção naval em Portugal.

Aguardavam o Sr. General Craveiro Lopes os srs. ministros da Marinha, da Economia e das Corporações, comandantes Henrique Tenreiro, delegado do Governo junto dos Organismos das Pescas, e Jacques de Lacerda, administrador dos Estaleiros Navais de Viana, onde o «Gil Eannes» foi construído.

Encontravam-se também presentes os srs. almirante Alves Leite e João Francisco Fialho; comodoro Duarte Silva; comandantes Newton da Fonseca e Santiago Ponce, respectivamente, capitão do Porto de Lisboa e director da P. M.; dr. Afonso Marchueta, chefe da Repartição do Comércio Externo; eng.º Taborda Ferreira, autor do projecto da construção do «Gil Eannes», srs. comandantes Raúl Alves Fernandes, José Gomes de Carvalho e Francisco de Meira Veloso, dirigentes do Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau; eng.ºs Higinio de Queirós e Jorge Coimbra, respectivamente presidente e vice-presidente da C. R. C. B.; Sebastião Barroso, secretário-geral do referido organismo; dr. Duarte Silva e Luís Ferreira de Carvalho, que representavam a S. N. A. B.; coronel Mário Cunha, comandante-geral da P. S. P. e capitão Agostinho Lourenço, director da P. I. D. E. e muitas outras personalidades.

Durante a visita, o Sr. Presidente da República foi elucidado sobre os pormenores das instalações do barco pelos srs. comandantes Tenreiro e Tavares de Almeida, chefe dos Serviços de Assistência à frota bacalhoeira no mar.

O sr. dr. Moreno Antunes e outros médicos que atuam junto da frota, também ali compareceram.

Mereceram a maior atenção ao ilustre visitante, as instalações hospitalares e os acabamentos da construção.

No fim da visita, foi servido um vinho no salão de jantar do navio.

Usou então da palavra, o sr. almirante Américo Tomás ilustre ministro da Marinha, que agradeceu ao Chefe do Estado a honra da sua presença a bordo do «Gil Eannes».

Depois, referiu-se largamente ao papel que incumbe àquela unidade, manifestando a sua satisfação pelas possibilidades que a nova construção portuguesa demonstra, tanto na execução de um barco de tal tamanho, como na complexidade e acabamento do mesmo.

A terminar, o sr. ministro da Marinha fez votos pelo êxito da viagem do sr. Presidente da República à Guiné e a Cabo Verde, que ia realizar, bem como formulou desejos de perfeita saúde para o Supremo Magistrado da Nação e Esposa.

Em resposta, o Sr. General Craveiro Lopes começou por agradecer os votos de prosperidades pessoais que o titular da pasta da Marinha lhe havia endereçado tal como a sua esposa.

A seguir manifestou o prazer que lhe fora dado com a apreciação de tão bela unidade, pondo em relevo o altruísmo da missão a que se destina.

Examinou o que se tem feito no capítulo de assistência aos pescadores, declarando quanto lhe é sempre grato exaltar a tarefa desses grandes trabalhadores, do mar.

Dirigindo-se depois ao sr. Jacques de Lacerda, o Sr. Presidente da República disse que os Estaleiros Navais de Viana do Castelo bem mereciam ser felicitados pela magnífica obra que executaram, pois o «Gil Eannes» será sempre motivo de orgulho e propaganda de Portugal, em toda a parte.

Proseguiu, felicitando o sr. capitão-de-mar-e-guerra engenheiro construtor naval Vasco Taborda Ferreira, autor do projecto, pela forma como se desempenhou do seu encargo e pelo cuidado e atenção que dispendeu em toda a construção.

A terminar, o Chefe do Estado ergueu o seu cálice pelos ministros a quem competem os problemas relacionados com as actividades marítimas, e desejou boa viagem ao «Gil Eannes» e à sua tripulação.

Logo após, o Sr. Presidente da República despediu-se pessoalmente de todas as individualidades presentes e retirou-se manifestando o seu regozijo aos srs. comandantes Henrique Tenreiro e Tavares de Almeida.

O sr. Prof. Dr. Oliveira Salazar, Presidente do Conselho, visitou também o novo navio-apoio à frota bacalhoeira.

Aquela unidade encontrava-se embandeirada em arco e atracado ao cais da Rocha Conde de Óbidos, junto à eclusa.

O ilustre visitante era acompanhado pelo titular da pasta da Marinha e foi ali recebido pelos srs. comandantes Henrique Tenreiro e Tavares de Almeida; eng.º Taborda Ferreira, autor do projecto do barco, e Jacques de Lacerda, dos estaleiros construtores.

A visita foi bastante demorada, tendo o sr. Presidente do Conselho mostrado o agrado que este lhe causou. No final manifestou a sua grande satisfação e formulou votos de boa viagem ao novo navio e aos que nele seguem.

À saída, foi entregue ao sr. Prof. Dr. Oliveira Salazar uma monografia sobre o navio-hospital.

LARGADA DE LISBOA, DO NAVIO-APOIO «GIL EANNES» PARA A TERRA NOVA

Levando a bordo a Santíssima Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, oferecida pelos Pescadores Bacalhoiros Portugueses à Catedral de S. João da Terra Nova

APÓS todas estas cerimónias que mostraram a construção e lançamento à água do navio-apoio «Gil Eannes», chegou o dia 14 de Maio, dia marcado para a sua partida para Terra Nova, onde pela primeira vez ia prestar assistência aos pescadores portugueses do bacalhau e a todos que necessitam do seu apoio. Foi um acontecimento de viva curiosidade para quantos desejaram manifestar pretextos de boa viagem aos srs. eng.º Sebastião Ramires, antigo ministro do Comércio e Indústria; comandantes Henrique Tenreiro e Tavares de Almeida, e engenheiro Higinio Queirós, presidente da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, que seguiram no navio. O Cais da Rocha do Conde de Óbidos, apesar da noite já ir adiantada, estava repleto de pessoas de todas as categorias sociais, que ali foram apresentar cumprimentos de despedida e assistir à largada do novo navio-hospital a bordo do qual seguiu a imagem de Nossa Senhora de Fátima, que ia ser oferecida à Catedral de São João da Terra Nova.

A apresentar saudações de boa viagem àquelas individualidades, estiveram os srs. ministro da Marinha engenheiro Cancela de Abreu, presidente da Comissão Executiva da União Nacional; almirantes Guerreiro de Brito, Alves Leite e João Francisco Fialho; comodoros Duarte Silva e Pereira Viana e muitos outros oficiais da Armada, além de armadores e funcionários dos Organismos Corporativos das Pescas. Presentes, ainda os srs. Torres Fevereiro e dr. Afonso de Carvalho, pela Junta Central das Casas dos Pescadores, e comandante Valente de Araújo, por si, pelo «Jornal do Pescador» e Escola Profissional de Pesca, etc. e que só retiraram, depois do «Gil Eannes» se ter afastado do cais, para seguir a sua rota.

O «Gil Eannes» chega a Ponta Delgada, a caminho dos mares da Terra Nova

O «Gil Eannes» que é uma afirmação do poder de iniciativa das organizações das pescas na assistência que desejam prestar aos navios e aos pescadores que, todos os anos, vão aos mares longínquos da Terra Nova e da Gronelândia, em busca de um dos alimentos mais necessários ao País, chegou a Ponta Delgada a caminho de São João da Terra Nova. No mesmo dia em que o «Gil Eannes» chegou aos Açores, entravam também os navios da frota mercante nacional, «Cedros» e «Arnel», que se destinam a assegurar o transporte de passageiros e de carga entre as ilhas adjacentes, unidades que representam mais um passo no ressurgimento da nossa marinha mercante, desejo e propósito de que foi autor

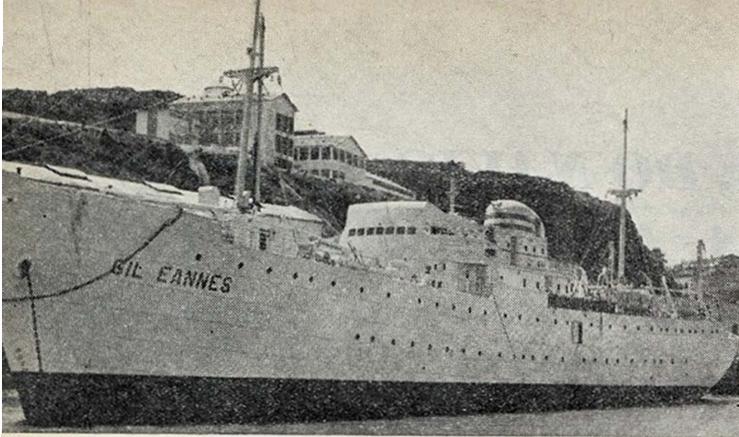
prestigioso o sr. almirante Américo Tomás, ilustre ministro da Marinha.

Os navios — «Gil Eannes», o «Cedros» e o «Arnel» — atracaram ao cais de Ponta Delgada, pela tarde. No molhe, enorme multidão, a qual dava, com a sua presença, o entusiasmo com que foram acolhidas, nos Açores, três unidades do plano de renovação das nossas marinhas. Além do governador do distrito autónomo de Ponta Delgada, sr. dr. Carlos Botelho da Silva, viam-se os srs. dr. Pedro Cidron, presidente da Junta Geral do Distrito; deputado, dr. Silva Cavaleiro; dr. João Anglin, presidente da Câmara Municipal; eng. Almeida Cabral, vice-presidente da Comissão Distrital da U. N.; reitor do liceu, capitão do porto e outras individualidades.

O «Gil Eannes» foi, durante a sua permanência em Ponta Delgada, visitado pelas autoridades locais, a quem foi oferecido um vinho de honra. Depois da visita, trocaram-se brindes. O sr. comandante Henrique Tenreiro agradeceu ao chefe do Distrito e ao presidente da Junta Geral a recepção que lhes proporcionam, a ele orador e a todos os que o acompanham e congratulou-se por ter sido possível apresentar ao povo de Ponta Delgada o magnífico navio, que é mais



O ministro da Marinha e outras individualidades, despedindo-se do sr. comandante Henrique Tenreiro



O «Gil Eannes» atracado à ponte-cais do Ginjal (porto de Lisboa)

uma prova de que a obra prossegue, sob a orientação de Salazar e de acordo com a doutrina da Revolução Nacional, para protecção ao trabalho e para maior grandeza de Portugal.

O sr. dr. Carlos Botelho da Silva manifestou a sua satisfação por ter sido Ponta Delgada o primeiro porto da rota do «Gil Eannes» e fez o elogio da acção que as organizações corporativas de pesca desenvolvem sob a orientação do sr. comandante Tenreiro. Recordou a visita que o sr. eng.º Sebastião Ramires fez à ilha, há vinte anos, então como ministro do Comércio, o primeiro membro do Governo que depois de 1910 ali se deslocou, pondo termo ao isolamento em que os Açores viviam. Era com muito prazer que os micalenses viam entre si, novamente, o antigo ministro. Terminou brindando por todos os ilustres visitantes.

Falou, a seguir, o sr. engenheiro Sebastião Ramires, que agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e disse que ainda estava bem viva no seu espírito e no seu coração a visita aos Açores e a recepção admirável que lhe fizeram. Voltava agora a São Miguel e encontrava a ilha muito próspera, mais progressiva e sempre bela. A visita feita teve o condão de arrancar as ilhas dos Açores e da Madeira do esquecimento e abandono em que viviam, em relação ao Tenreiro do Paço. Terminou fazendo o elogio do portuguesismo do povo açorcano e pondo em relevo a obra do sr. comandante Henrique Tenreiro em favor dos trabalhadores do mar, outrora totalmente esquecidos.

O «Gil Eannes», depois dessa admirável recepção em Ponta Delgada, largou com rumo a noroeste, a caminho da Terra Nova.

À chegada aos bancos da Terra Nova, «Gil Eannes» começou desde logo a prestar notável assistência médica aos pescadores bacalhoeiros

O «Gil Eannes» navegando com bom tempo, mar chão, e com velocidade superior à que fora prevista, e demonstrando magníficas condições de navegação e estabilidade, chegou ao Grande Banco, em menos de sete dias, desde a sua partida de Lisboa

Tomou contacto oficial com os navios da frota bacalhoeira fundeados na Terra Nova e receberam-se dezenas de mensagens de saudação de todos os navios bacalhoeiros de vários pontos do continente, das ilhas adjacentes e do Ultramar Português.

A chegada do «Gil Eannes», aos bancos da Terra Nova, era aguardada com verdadeira ansiedade pelas tripulações dos navios portugueses. Ao chegar próximo das unidades de pesca portuguesa, o sr. comandante Henrique Tenreiro dirigiu saudações a todos os capitães da frota bacalhoeira, congratulando-se com o facto de estar prestes a chegar junto deles, com o novo e magnífico navio-apoio, constituído graças às directrizes políticas de Salazar, para que a assistência aos pescadores portugueses seja mais eficiente.

Na sua mensagem, o sr. comandante Henrique Tenreiro afirmou ainda, que dois motivos fundamentais o levaram naquela viagem: ver os valorosos bacalhoeiros portugueses, estar junto deles na dura faina da pesca, e acompanhar a imagem de Nossa Senhora de Fátima, preciosa oferta destinada à Catedral de São João da Terra Nova.

O primeiro navio português a ser assistido pelo «Gil Eannes» foi o «Júlia I» da praça da Figueira da Foz, que tinha a bordo um doente necessitado de internamento, o pescador José Augusto de Oliveira e Silva, natural de Sines e aluno da Escola de Pesca.

Era grande, na verdade, a satisfação entre os tripulantes de todos os barcos pela chegada do novo navio. Na Terra Nova preparava-se então caloroso acolhimento às individualidades que viajavam no novo navio-hospital.

Entre as saudações recebidas a bordo e dirigidas aos srs. comandantes Henrique Tenreiro e Tavares de Almeida, salientava-se a dos radiotelegrafistas, redigida em termos altamente patrióticos.

Segundo um rádio recebido então a bordo do «Gil Eannes» e enviado pelo cônsul português da Terra Nova, era francamente grande o entusiasmo entre as autoridades e a população local pela chegada do novo navio-apoio, cuja recepção, tal como estava preparada, deveria marcar um capítulo de excepcional relevo na história das relações de amizade entre os dois países tão distantes e tão unidos pelas relações de simpatia criadas e mantidas em longos anos pelos nossos trabalhadores do mar.

O «Gil Eannes» prosseguiu entretanto na sua missão de assistência aos nossos pescadores e de apoio aos nossos navios «Inácio Cunha» e «Terra Nova», prestando assistência a este último, logo às primeiras horas da noite. Às 4 horas da madrugada dessa manhã de ansiedade, com sol claro e transparente, os dois barcos, a curta distância um do outro, trocaram saudações. Duas horas depois, o capitão do «Terra Nova» e muitos pescadores da respectiva companhia dirigiram-se, nos seus doris, para o navio-apoio, e a bordo foram recebidos, fraternalmente, pelos srs. comandante Henrique Tenreiro e Tavares de Almeida, capitão Ramalheira e demais individualidades que viajam no «Gil Eannes».

Imediatamente, na enfermaria de bordo, onde se encontravam hospitalizados três doentes, em estado satisfatório, foi celebrada missa pelo capelão Sá Rosa, acolitado pelo sr. eng.º Higinio Quicirós. A missa acompanhada

a cânticos de Fátima e à qual assistiram todos quantos se encontravam no «Gil Eannes» foi transmitida a toda a frota pela fonia.

Na altura própria o rev. capelão fez uma alocução, exortando os capitães e sublinhando que a cerimónia marcava o início oficial da assistência espiritual aos navios, e disse que a missa seria aplicada por todos os nossos pescadores e pessoas de suas famílias, que os aguardam em Portugal.

Foi impressionante de grandeza a transmissão por todas as fônias e alto-falantes, para os barcos da frota, da cerimónia religiosa.

Terminada a missa, o comandante do «Terra Nova» tomou o pequeno almoço com os comandantes Tenreiro, Tavares de Almeida e Capitão Ramalheira, após o que visitou, com os pescadores da sua companhia, as instalações do «Gil Eannes», que classificou de modelares.

A assistência continuava, sem perda de tempo, com o mesmo ânimo e com o mesmo espírito de solidariedade.

O navio-apoio seguiu, depois com rumo a «Gazela II», último lugre patacho da frota, fundeado a algumas milhas de distância, que também acolheu o «Gil Eannes» com alegres manifestações de simpatia.

Para bordo do «Gil Eannes» foi, então, um pescador doente, que ficou hospitalizado. O «Gil Eannes» seguiu para junto do lugre «Hortense», ancorado a 12 milhas de distância, e dos lugres «Milena», «Condestável» e «António Ribau», aos quais deu assistência.

As condições do tempo mudaram repentinamente. Denso nevoeiro envolve os navios, o que obrigou o «Gil Eannes» a suspender a faina ficando a pairar nas proximidades de três unidades da frota portuguesa. Numa dessas tardes em que o novo navio-hospital se aproximava de São João da Terra Nova, recebeu-se um rádio, um rádio angustioso, a comunicar que faltava um pescador da companhia do «Júlia I». Imediatamente, o navio-apoio seguiu para o local indicado

pelo lugre e sessenta milhas foram percorridas em 4 horas e 20 minutos.

Segundo as indicações recebidas, o pescador desaparecido fora visto, pela última vez, a duas milhas a noroeste do «Júlia I».

Fazendo soar as sireias de bordo e utilizando foguetões e o «radar», o navio-apoio ia rompendo a névoa, pesquisando o mar em busca do «dori». Ao alvorecer, o vento passou a soprar de Oeste-Noroeste, e as esperanças de se poder salvar o pescador diminuíam.

Na ponte do navio os srs. comandantes Henrique Tenreiro e Tavares de Almeida mantinham-se atentos às pesquisas e continuavam em contacto constante com o lugre «Júlia I».

Começou a alvorecer. A ansiedade era cada vez mais viva. Nas faces de cada um dos que se encontravam na ponte do comando do «Gil Eannes», notavam-se expressões de dor e angústia, na luta para a salvação de uma vida, a vida preciosa de um pescador português. Até que, finalmente, levantado o nevoeiro, o dori foi localizado. O pescador estivera ancorado, desde a véspera, em virtude do mau tempo, tendo chegado exausto, às 6 e 30, junto do lugre.

Já recomposto contou que, enquanto remava em direcção ao «Júlia I», escutava as sireias do «Gil Eannes», que lhe davam ânimo.

O pescador, Aurélio da Costa Ezequiel, natural da freguesia de Alvor, no Algarve, foi aluno da Escola de Pesca.

Mais tarde, o comandante do barco, capitão António Fernandes Matias, dirigiu um expressivo rádio de agradecimento ao navio-apoio.

O «Gil Eannes» seguiu rumo ao Norte, a fim de prestar assistência a um pescador, que se encontrava doente, a bordo do «Lutador».

Em acção de graças e de agradecimento a Nossa Senhora de Fátima, foi celebrada missa a bordo.

Chegada do «Gil Eannes» ao porto da Terra Nova

A chegada do «Gil Eannes» a São João da Terra Nova, foi um grande acontecimento pela apoteótica recepção por parte do numeroso público e das autoridades locais, que aguardavam a chegada do navio, o que causou grande emoção para quantos seguiam a bordo.

Cerca de cinquenta navios da frota portuguesa e muitos outros barcos fundeados no porto, apitaram sem cessar, durante meia hora, ao mesmo tempo que a multidão que enchia por completo todos os cais, e entre a qual se notavam os pescadores portugueses, aclamava, freneticamente, o navio-apoio e os seus comandantes. Os tripulantes dos bacalhoeiros agitavam os seus «bonés» e soltavam «vivas», sendo surpreendente o espectáculo.

Nos olhos de todos os que se encontravam a bordo do «Gil Eannes» viam-se lágrimas, que ninguém conseguia conter.

O «Gil Eannes» atracou ao Cais da Navy e não no Furnesse, como estava previsto, para assim lhe ser dada

a honra de atracar ao cais da cidade. No cais aguardavam a chegada o cônsul de Portugal em S. João da Terra Nova, o encarregado de negócios no Canadá, o ministro da Justiça do Governo provincial em representação do mesmo governo, autoridades militares e navais, e outras altas figuras representativas da cidade.

No momento de o «Gil Eannes» fundear, ouviram-se os hinos da Grã-Bretanha e de Portugal, escutados em emocionante silêncio, após o que os diversos bacalhoeiros fizeram as salvas de honra.

Às 9 horas entraram a bordo do «Gil Eannes» todas as autoridades, ao mesmo tempo que formava no cais uma força de Polícia armada, para fazer a guarda de honra ao comandante Henrique Tenreiro, que lhe passou revista, acompanhado pelo comandante Tavares de Almeida. Logo depois, fizeram sucessivas entrevistas com os elementos de categoria chegados e com velhos pescadores do bacalhau.

O Sr. Comandante Tenreiro, assim que o «Gil Eannes» chegou a Terra Nova enviou uma mensagem a Sua Ex.^a Rev.^{ma}, Sr. Arcebispo de S. João da Terra Nova, testemunhando em seu nome e de todos os portugueses, o respeito e simpatia por Sua Ex.^a Rev.^{ma}.

Toda a cidade se encontrava embandeirada e em todas as montras se viam legendas: «sejam bem-vindos os pescadores portugueses»; «Parabéns pelo vosso navio-hospital «Gil Eannes»; «Seja bem-vinda a missão portuguesa de boa-vontade», etc.

Para dar uma ideia da grandeza do acontecimento, diremos que todas as estações de Rádio locais, preencheram os seus programas, durante a manhã, com a chegada do «Gil Eannes».

Às 9 e 30 foram recebidos no navio-apoio todos os capitães da nossa frota, que apresentaram cumprimentos e visitaram o navio.

Às 10 horas, os comandantes Henrique Tenreiro e Tavares de Almeida, e demais personalidades portuguesas, bem como o cônsul e o encarregado de negócios portugueses, retribuíram os cumprimentos do Governo e das autoridades locais, tendo reunido expressamente o Conselho de Ministros para receber as individualidades visitantes. Também o arcebispo da diocese rodeado do cabido, recebeu os recém-chegados.

Às 13 horas realizou-se um almoço íntimo no Consulado de Portugal, no qual tomaram parte catorze convivas.

Na recepção à Imprensa, falaram o encarregado de negócios de Portugal no Canadá e o sr. comandante Henrique Tenreiro, que focou o sentido humanitário e social da missão do «Gil Eannes» tendo este sido aplaudido com muito entusiasmo por todos os jornalistas.

Centenas de pessoas visitaram o navio, considerado por todos como excepcional e magnífica demonstração da nossa capacidade realizadora.

O mais velho pescador da nossa frota, entrevistado pela Rádio-Canadá, declarou «que o «Gil Eannes» é o pai dos bacalhoeiros nestes mares, e que o comandante Tenreiro é o maior amigo dos pescadores portugueses».

Durante todo o dia sucederam-se as manifestações de apreço a Portugal.

De acordo com o protocolo, também foram apresentados cumprimentos ao «Mayor» da cidade e a todas as demais entidades da mesma.

À tarde, a recepção a bordo do «Gil Eannes», à qual compareceram 160 das mais categorizadas personalidades da Terra Nova, decorreu com grande brilho.



No cais de St. John's, onde o «Gil Eannes» atracou, o Delegado do Governo, sr. comandante Henrique Tenreiro, passa em revista a guarda de honra, seguido dos srs. comondante Tavares de Almeida e do Cônsul de Portugal, sr. J. Henriques de Morais.

Os jornais de S. João publicaram editoriais e grandes reportagens acerca do «Gil Eannes», dos pescadores portugueses e de Portugal.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo de St. John's enviou a seguinte carta, ao Sr. comandante Tenreiro:

Ex.^{mo} Senhor
Comandante Henrique Tenreiro
A bordo do «Gil Eannes»
St. John's — Newfoundland

Meu querido Comandante: —

Em nome do povo Católico da arquidiocese de St. John's e no meu próprio, apresento sinceros agradecimentos a V.Ex.^a pela sua afável mensagem enviada esta manhã, quando o novo «Gil Eannes» entrava no nosso porto, trazendo a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, oferecida à nossa Catedral secular, devota e fraternalmente, pelos valorosos pescadores portugueses.

Testemunhando calorosos agradecimentos a V. Ex.^a e aos nossos bons amigos, os homens da Frota Portuguesa de pesca, manifesto-lhes e a V. Ex.^a os sentimentos de profunda gratidão, elevada estima e imenso prazer com que receberei, pessoalmente, a Imagem, amanhã de manhã, na nossa Catedral e, seguidamente, presidirei à solene Missa Pontifical.

Reiterando a V. Ex.^a os protestos da minha reconhecida estima e consideração, subscrevo-me

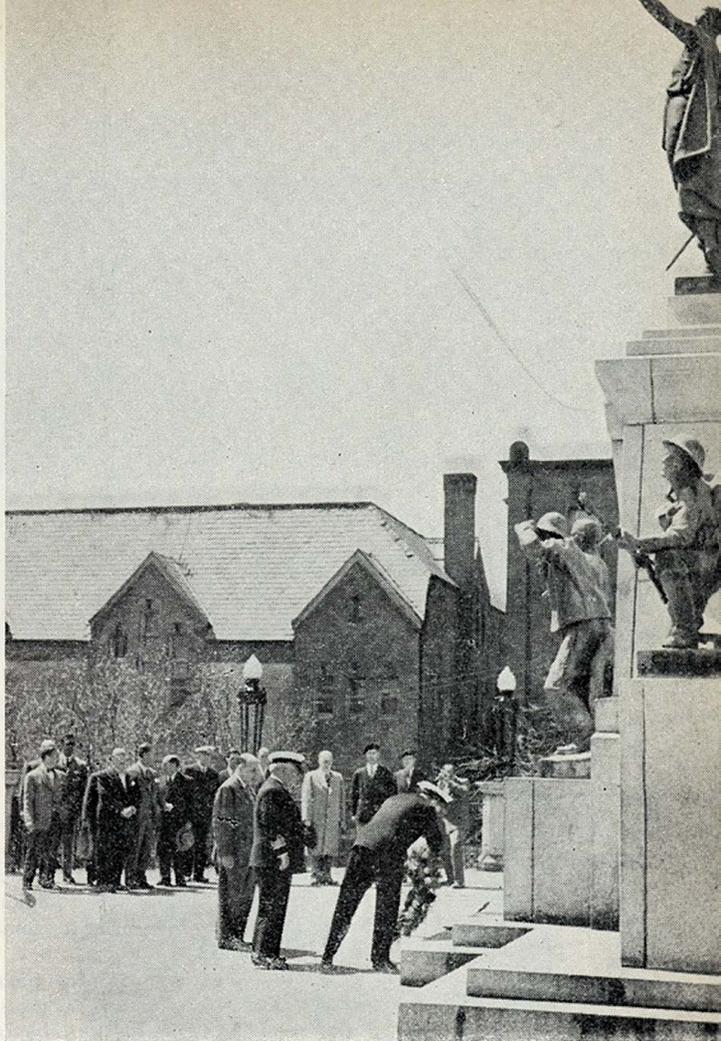
Muito sinceramente de V. Ex.^a,

(a) P. J. Skinner, C. J. M.

Arcebispo de St. John's

PELA PRIMEIRA VEZ EM SÃO JOÃO DA TERRA NOVA

realizou-se uma Procissão Religiosa apesar das contrariedades iniciais



O Sr. Comandante Henrique Tenreiro, depondo uma coroa de flores no monumento «War Memorial» em homenagem aos Canadianos mortos na Grande Guerra

TUDO, menos a procissão». O comunicado telegráfico, expedido da Terra Nova, vinha bem claro e terminante. «A imagem seria recebida na Catedral, sem procissão. As autoridades Eclesiásticas da Terra Nova, incluindo a Católica, não lhe davam o seu acordo. De modo nenhum se poderia realizar. A decisão era definitiva» — dizia o comunicado.

Fácilmente se calcula o choque que em todos produziu este estranho telegrama! Então, depois de tanto entusiasmo na preparação das cerimónias, que tiveram o seu brilhantíssimo início no Santuário da Cova da Iria, no meio do maior esplendor, seria possível que as mesmas tivessem esse desfecho?! Ficámos boquiabertos com a resolução emanada daquele porto, de nós tão estimado, pela sua bela tradição e especialmente, pela bondade da sua gente, sempre tão carinhosa para com os nossos pescadores.

No entanto, havia que lutar. A causa era sagrada e a nossa Fé era grande. Por intermédio das Embaixadas respectivas, fez-se conhecer o nosso desgosto profundo, solicitando-se providências tendentes a anular a decisão tomada. Na Embaixada do Canadá em Lis-

boa, a notícia também havia causado aborrecimento. O seu ilustre Conselheiro e nosso queridíssimo amigo sr. coronel Lawrence Cosgrave ficara muito desgostoso com a notícia, pois, desde há muito, vinha tratando junto da sua Secretaria do Estado, de pormenores interessantes para o êxito das cerimónias na Terra Nova. A nossa Legação em Ottawa, actuando sob as instruções do nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros, fez importantes diligências e esforços no sentido desejado. Mas, na véspera da partida do «Gil Eannes» a situação era a mesma — a procissão na Terra Nova, tão ardentemente desejada pelos nossos pescadores, não se realizaria.

O Delegado do Governo dos Organismos das Pescas, sr. comandante Henrique dos Santos Tenreiro, chefe da Missão, não escondia a sua grande contrariedade e aborrecimento. Reunido com os Directores do Grémio, deu-lhes conhecimento dos dois únicos propósitos da sua missão oficial a bordo do «Gil Eannes» — cumprimentar os pescadores, em plena faina, nos Bancos da Terra Nova, e acompanhar a Imagem de Nossa Senhora de Fátima até à Catedral de St. John's. Disse-lhes que ia bastante magoado por não ser auto-



A caminha da Catedral de St. John's, os srs. Luís Rosa e Joaquim Maia Águas, à frente da procissão, acompanham os alunos da Escola Profissional de Pesca

rizada a procissão na Terra Nova e que os nossos pescadores nunca compreenderiam porque o não era.

Sabe-se que na Terra Nova, apenas cinquenta por cento da população é Católica e que a restante é Protestante, Anglicana ou da Igreja Unida, e que na Terra Nova nunca se fez uma procissão, nem sequer se sonhou que tal viesse a suceder. Portanto, nós, em parte, compreendíamos o motivo da proibição.

No entanto, o Delegado do Governo dava ordem para que no «Gil Eannes» se metessem as lanternas, velas, flores e o andor — tudo o que desde há muito se havia preparado para a procissão na Terra Nova, porque não podia conformar-se com a situação. «Nunca consentirei» — disse — «que a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, benzida no santuário da Cova da Iria e tão venerada pelos pescadores e por todos que ali estivermos nesse dia memorável, acabe por ser entregue à Catedral, dentro de um caixote, como se se tratasse de... Nunca consentirei!»

Estas palavras, proferidas com inequívoca firmeza por aquele homem que, desde longa data, nos habituámos a admirar, pelos seus dotes notáveis de comando, pelas suas altas qualidades de inteligência, de infatigável trabalhador e de bondoso coração, encheram-nos de ânimo. Corações ao alto! A procissão tinha que se realizar, custasse o que custasse! — Disso podíamos ficar certos.

Foi nesse ambiente de luta espiritual, que o novo e majestoso «Gil Eannes» soltou as amarras do cais da Rocha, no dia 14 de Maio, e se fez ao mar, rumo à Terra Nova, na consoladora companhia de Nossa Senhora de Fátima, que havia de fazer o milagre da realização da sua procissão.

A viagem prosseguiu com toda a facilidade. Contudo, a situação relativa à pro-

cissão não melhorou; pelo contrário, a bordo havia sido recebido um rádio de St. John's informando que «Padres designados viriam a bordo à chegada do «Gil Eannes», a fim de lhes ser entregue a Imagem».

Surgiu, no entanto, o movimento previsto. As palavras que o Delegado do Governo dirigiu aos homens da frota, pela fonia, na noite de 21 de Maio, haviam produzido, como era de esperar, a reacção que seguidamente se verificou.

A procissão tinha que se fazer. E fez-se!

Fez-se, e foi o maior acontecimento de todos os tempos, jamais presenciado na Terra Nova! Dois mil e quinhentos pescadores da frota nacional da pesca à linha, que acompanharam nos seus navios a entrada triunfal do «Gil Eannes» no porto de St. John's, compareceram em massa junto do costado do navio, pegaram nas lanternas, nas velas, e no andor que conduzia Nossa Senhora. E lá seguiram todos, com a sua preciosa oferta, em procissão devota até à Catedral de S. João da Terra Nova.

Estamos a vê-los, na ocasião em que se procedia à distribuição das lanternas, lutando pela sua posse, como se se tratasse do mais valioso tesouro. Estamos a vê-los — a eles e aos seus capitães — possuídos de en-

Um aspecto da procissão. Os srs. comandantes Henriques Tenreiro e Tavares de Almeida, eng.ºs Sebastião Ramirez e Higinio de Queirós, dr. Duarte Silva, encarregado de negócios de Portugal em Ottawa e o cônsul de Portugal em St. John's, junto do andor



tusiasmo sobrenatural, de rosto sereno, firmes, automaticamente alinhando junto do andor de Nossa Senhora, que agora lhes era confiado para entrega na Catedral e, depois, respeitosos, graves, verdadeiramente felizes, caminhando a passo lento pelas principais ruas de St. John's, durante mais de uma hora, em que se interrompeu toda a circulação — já então com o agrado geral do público e das Autoridades!

Graves, serenos, felizes; estamos a ouvi-los, entoando com o Capelão da frota, Reverendo Padre Sá Rosa, lindos cânticos e preces, cheios de determinação e de Fé em Nossa Senhora. Um deles, persistiu em não abandonar a lanterna escaldante, cuja ligação ao pau se havia partido e, embora passando-a, constantemente, de uma para outra mão, conseguiu levá-la, acesa, até à Catedral — e com que satisfação!

Estamos a vê-los, orgulhosos, radiantes, juntos do Delegado do Governo, do seu Comandante, do bom Amigo, que conduzia, aos ombros, o andor com a Imagem, comungando no mesmo fervoroso entusiasmo, entoando preces a Nossa Senhora, e, depois, comprimidos na linda Catedral de St. John's, assistindo à entrega da sua oferta, pelo sr. comandante Tenreiro, a Sua Excelência Reverendíssima o Arcebispo de St. John's, sr. Patrik Skinner, e ao solene pontifical, celebrado pelo vigário-geral da diocese.

Finalmente sucumbidos ao intenso fervor, vivido durante a longa hora em que a imponente procissão desfilou pelas ruas da cidade, e em que os corações vibraram como só é possível vibrar, longe da Pátria num misto de Fé e patriotismo, ajoelhados aos pés de Nossa Senhora de Fátima na Catedral de S. João da Terra Nova, nós e os nossos pescadores deixamos correr as lágrimas pelos nossos rostos, galvanizados pela crença religiosa.

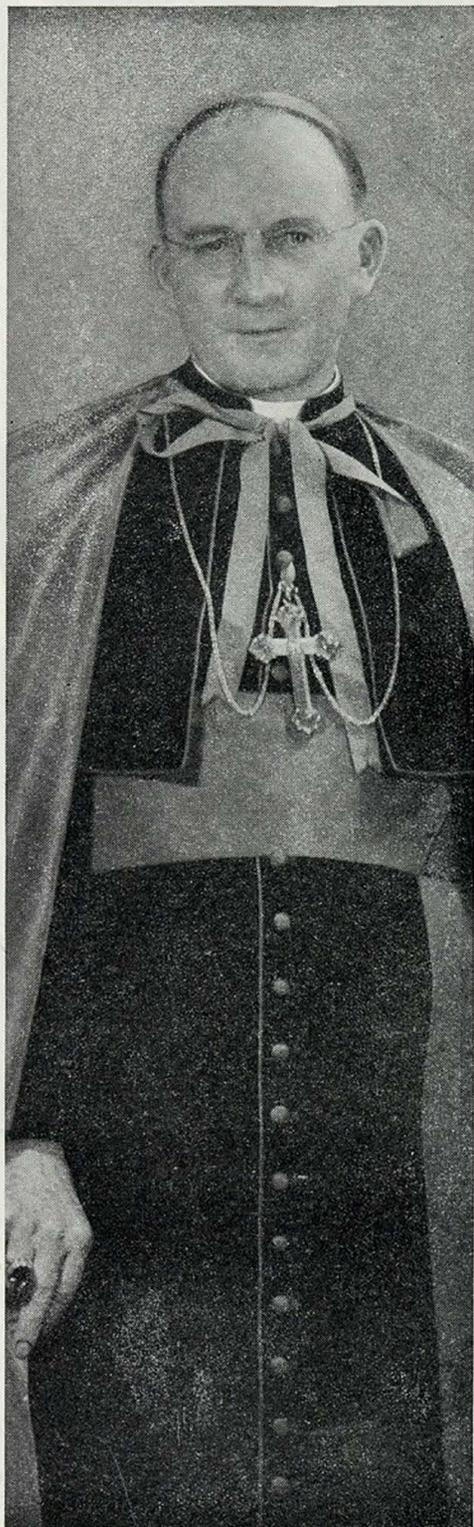
Uma nota enternecedora, fixada pelas centenas de fotografos profissionais e amadores, que, momento a momento, disparavam as suas máquinas: duas pombas brancas, oferecidas pelo capitão do «Creoula», junto da veneranda imagem, ali se conservaram durante todo o percurso. Uma hora certa levou o imponente cortejo a chegar à catedral. Lá a Imagem, já então conduzida aos ombros dos srs. comandantes Henrique Tenreiro e Tavares de Almeida e capitães Ramalheira e Manuel de Oliveira Vidal Júnior, era aguardada pelas altas individualidades eclesiásticas da cidade e por numerosas outras entidades de relevo.

O rev. Padre Sá Rosa leu, depois, em inglês, o seguinte documento da entrega à Catedral de S. João da Terra Nova, da Imagem de Nossa Senhora de Fátima:

Sua Excelência Reverendíssima
Senhor Patrick Skinner,
Arcebispo da Terra Nova

Primeiro que tudo, apresento a Vossa Excelência Reverendíssima os calorosos cumprimentos do Senhor Dom Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Mitilene, que lhe deseja manifestar o seu grande pesar por não poder vir a St. John's nesta ocasião solene.

Sua Excelência Reverendíssima sabe, como todos nós, que o povo Terranovense, em geral, sempre aco-



Sua Excelência Reverendíssima o Arcebispo de S. João da Terra Nova. Alto Dignitário da Igreja Católica do Canadá e grande amigo dos pescadores portugueses



A Procissão da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, já dentro da Catedral, conduzida aos ombros da Missão Oficial Portuguesa

lheu bem nestas paragens os pescadores Portugueses e a sua oferta da Imagem de Nossa Senhora de Fátima a esta Catedral secular constitui a mais preciosa lembrança que jamais poderiam oferecer à gente extremamente bondosa e amiga da Terra Nova, bem como a toda a população Canadiana, como apreço pela sua amabilidade.

No novo navio-hospital «Gil Eannes», que conduziu a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, de Portugal para aqui, acompanhada do Delegado do Governo, Senhor Comandante Tenreiro, e de outras entidades oficiais e representando os Organismos das Pescas, os vossos pescadores encontrarão, como sempre, um acolhimento perfeitamente igual ao dado aos nossos, quando necessitem da sua assistência — e sinto o maior prazer ao fazer esta declaração.

Que as bênçãos de Nossa Senhora de Fátima se achem sempre presentes nestas amistosas praias.

Em Nome da Igreja Católica de Portugal e de todos os Portugueses,

Muitos e muitos agradecimentos!

Palavras de S. Ex.^a Reverendíssima o Senhor J. Patrick Skinner, Arcebispo da Terra Nova, proferida em português, na ocasião em que recebeu a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, na Catedral de St. John's

Meus caros Amigos:

Senhores oficiais e pescadores da frota Portuguesa:

É com o sentimento da maior gratidão que recebo a bela Imagem de Nossa Senhora de Fátima, com os três pastorinhos representativos do Milagre de Fátima.

Esta generosa e piedosa oferta na ocasião do centenário da nossa Catedral, pelos dirigentes e marinheiros

Portugueses, cala bem fundo no coração do nosso povo. Será o nó de ligação indelével entre os Portugueses e o povo da Terra Nova.

Vós tivestes este simpático gesto na ocasião das festas do centenário da nossa Catedral. Desta forma não só vos dignificastes, proclamando a vossa devoção pela Mãe de Deus que tanto vos tem ajudado, mas também nos socorrestes no primeiro acto da celebração do centenário, numa oração e num hino em que nos reunimos todos, com devoção e caridade.

Como vós trouxestes a luz e protecção da Nossa Senhora de Fátima do vosso querido país para a nossa Terra Nova, eu peço-vos para levardes ao vosso povo a expressão da nossa gratidão e amizade; e rogo a Nossa Senhora de Fátima para que caíam sobre os Senhores, oficiais e pescadores da frota Portuguesa, e tudo o que vos é querido, as bênçãos de Deus.

Num coro impressionante 2.500 pescadores portugueses entoaram o Hino de Fátima na Catedral de S. João da Terra Nova

Nas galerias laterais, viam-se elementos das organizações católicas da cidade, estando os outros lugares reservados aos 2.500 pescadores portugueses que, no momento emocionante da entrada, num coro formidável, cantaram o Hino de Fátima. Nos rostos tisonados dos homens do mar de Portugal, viam-se lágrimas, quando a Imagem de Nossa Senhora de Fátima foi solenemente colocada no Altar-Mór.

Avançou, então, o cortejo com a Cruz Arquiepiscopal, precedido de dezenas de «meninos do coro», que envergavam opas vermelhas. Ladeado pelos diáconos de honra, o prelado ia abençoando, à passagem, os nossos pescadores que, respeitosamente, ajoelhavam.

Seguidamente, foi celebrado um solene Pontifical, pelo vigário-geral, da diocese, que se revestiu de grande pompa litúrgica. Terminada a cerimónia, o sr. comandante Henrique Tenreiro fez a entrega ao sr. Arcebispo de St. John's de um precioso pergaminho, emoldurado em prata, com a assinatura do Bispo de Leiria, no qual se atesta que a Imagem, agora oferecida foi benzida no Santuário da Cova da Iria.

As solenes cerimónias terminaram com o adeus à Virgem. Impossível tentar descrever o que foi esse momento culminante, a calar, bem fundo, nos corações portugueses, com o pensamento nas paragens longínquas da Cova da Iria, onde tantos e tantos milhares de lenços brancos se agitam, também, num saudoso adeus.

Toda a população de St. John's foi de uma gentileza enorme, no acolhimento da Missão. Se os pescadores já lhe eram queridos, agora, depois desta sua tão preciosa oferta, essa amizade tornou-se mais íntima. Assim o demonstraram, perfeitamente,

o Governo, as Autoridades e toda a santa gente Terranovense, durante os breves dias em que a Missão ali se encontrou, no desempenho do seu patriótico e fervoroso encargo.

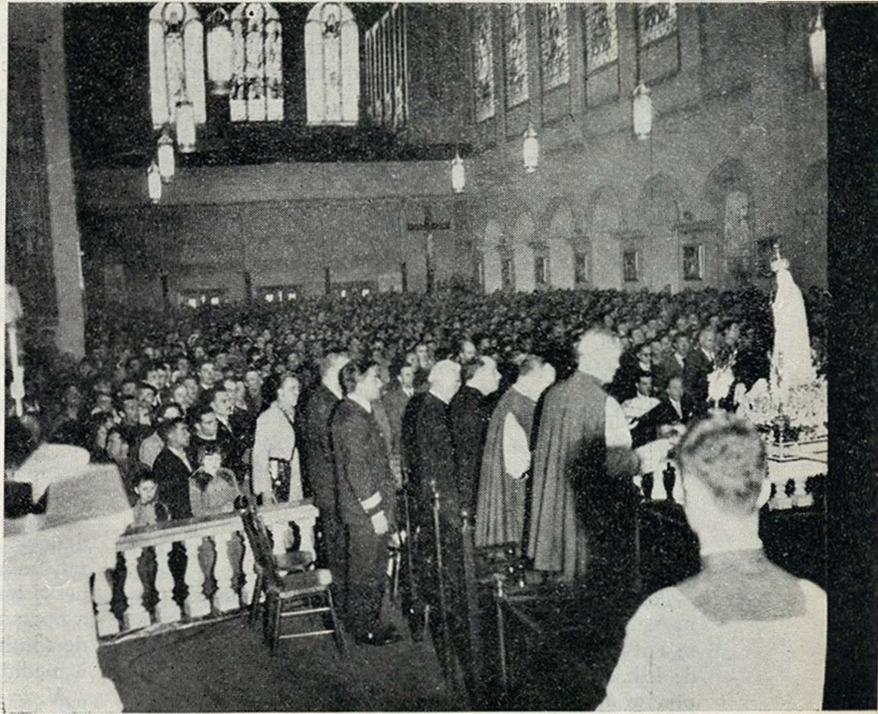
FESTIVIDADES DIVERSAS

Num jantar íntimo oferecido a bordo de «Gil Eannes» às autoridades da Terra Nova, o Senhor Comandante Tenreiro pronunciou as seguintes palavras:

Meus Prezados e Ex.^{mos} Amigos:—

Tenho o prazer de receber hoje neste navio-hospital — Terra Portuguesa — os mais classificados homens de Newfoundland que me deram a honra de se sentar à nossa e vossa mesa, para podermos estreitar, cada vez mais, os laços de amizade e as relações que unem os nossos países.

Nestes poucos dias que estivemos entre vós, fomos tão carinhosamente recebidos e homenageados, e nas recepções foram-nos ditas tão boas palavras de estima e enaltecendo o valor, a técnica e a tenacidade do nosso povo e dos nossos pescadores, que me falta a necessária preparação na vossa língua para que eu possa, sem qualquer dificuldade, falar para vós, abrindo



A linda Catedral de St. John's foi demasiadamente pequena para conter todos os fiéis que se incorporaram na procissão

o meu coração de Português para agradecer e comunicar-lhes quanto em Portugal apreciamos a vossa grande Nação à qual nos unem, desde há séculos, os mais vincados laços de amizade e de colaboração.

De facto, meus Senhores; Portugal há 25 anos, ressurgiu novamente em todas as suas actividades industriais, tendo sempre, como principal objectivo, sobretudo, a dignificação do trabalhador, criando-lhe por toda a parte a ajuda na profissão e a previdência e a assistência necessárias para que o homem de hoje tenha todas as possibilidades de ver assegurada a sua tranquilidade.

Foi assim que, sob o imperativo de uma doutrina, e de novos processos de administração, foi possível nas Organizações Corporativas das Pescas orientar, criando uma nova Organização, dando-lhe o Governo a legislação necessária para poder dar os primeiros passos. É o engenheiro Sebastião Ramirez o autor dessa legislação, como Ministro que foi da Pasta do Comércio. Por isso, o quis aqui trazer, para agradecimento e gratidão de toda a vasta organização das indústrias de pesca que levámos a cabo nestes últimos 15 anos, com a maior isenção, para elevar esta organização, que constitui o orgulho de todos nós, Portugueses.

Tivemos que realizar esta obra que começou pela nossa organização do trabalho dos nossos pescadores e a sua defesa; pela renovação de toda a frota de pesca que entrou aqui ante-ontem na vossa magnífica baía, e, por fim, depois de muita luta e preocupação desta magnífica unidade, o navio-apoio «Gil Eannes», filho exclusivo do muito que Portugal trabalha para a consagração da Família Portuguesa, contribuindo assim para a ajuda de todos os que trabalham no mar, como é timbre da sua formação cristã.

Encontrei sempre a meu lado o engenheiro Higino de Queirós, meu bom Amigo, a quem presto homenagem pela sua colaboração.

Dirijo em Portugal toda a Organização das Pescas.

Sou Deputado da Nação e dirigente da política portuguesa e, portanto, sinto-me à vontade e com a responsabilidade necessária para afirmar a V. Ex.^a o maior desejo de que as relações entre Newfoundland e Portugal sejam cada vez mais íntimas e de maior cordialidade, para que os nossos Povos possam sentir os laços de amizade que unem homens sinceros.

Nesta unidade, onde tenho o prazer de vos receber, quero afirmar que ela constitui uma realização social para a nossa gente do mar, nos mares da Terra Nova e Gronelândia. Ela está ao vosso dispor para toda a assistência aos vossos homens e às vossas indústrias, de maneira a poder colaborar convosco em tudo quanto necessitem.

Aproveito esta oportunidade para manifestar a Vossa Excelência, Senhor Governador, aos Senhores Ministros e Presidente da Câmara e outras Autoridades, a expressão dos nossos melhores agradecimentos por todas as atenções, deferências e gentilezas com que fomos distinguidos, criando nos nossos corações uma dívida de sincera gratidão.

Senhor Governador: Ao terminar as minhas palavras, como Representante de milhares de homens que nos mares procuram o alimento necessário para os seus irmãos, e todos os industriais da pesca portuguesa, sinto-me feliz por saudar V. Ex.^a, digno e distinto representante desta grande Nação do Canadá, desta nobre Ilha e do seu admirável povo, e pedir-lhe que abrace, em nosso nome, todos os homens do mar, de Newfoundland, todos os industriais da pesca, e que fique nas mãos de V. Ex.^a o nosso muito sentido reconhecimento pela galhardia e pela elevada maneira carinhosa e amiga, como nos receberam e nos distinguiram.

Ao terminar foi S. Ex.^a muito aplaudido e felicitado.

No banquete que a Newfoundland Associated Fish Exporters, Limited (N. A. F. E. L.), ofereceu à Missão Oficial Portuguesa, no Newfoundland Hotel, S. Ex.^a o Ministro das Pescarias, Sr. W. J. Keough, saudando, proferiu o seguinte discurso:

Senhor Presidente:

Posso-me considerar como verdadeiro afortunado por, no estado em que a situação dos homens e dos políticos se encontra actualmente, ter-me sido entregue a pasta de Ministro das Pescarias da Terra Nova, no momento preciso em que altos representantes da Nação Portuguesa vieram a este porto para celebrar os 500 anos da descoberta dos nossos grandes bancos pela nação portuguesa e os 400 anos da organização das pescas

daquela nação. Em primeiro lugar, é extremamente satisfatório poder encontrar-me, entre os presentes nesta histórica data, além de que esta ocasião me dá a oportunidade de manifestar em público uma palavra de admiração por uma nação que cada vez mais admiro à medida em que a vou conhecendo melhor.

Visto ser esta a primeira vez que, depois da vossa chegada, tive oportunidade de o fazer tão publicamente, desejo dizer bem alto que é com o maior prazer, como Ministro das Pescarias da Terra Nova, que

recebo nesta histórica ilha os dignos representantes da nação portuguesa que aqui se encontram presentes, bem como todos os outros cidadãos portugueses que estão no nosso porto. Na verdade, toda a comunidade piscatória da Terra Nova tem o maior regozijo ao saudá-los. A nação portuguesa tem-se dirigido para o mar e vivido dele em larga escala, até mesmo desde há muito mais tempo do que nós, nesta ilha, e nós têmo-la acompanhado e vivido a sua vida durante toda a nossa existência. Portanto, é absolutamente justo e devido, que nós, que temos pescado juntos nas águas do mundo, nos regozijemos ambos nesta ocasião tão significativa.

A visita de cumprimentos do «Gil Eannes» é um sinal tangível daquilo que nós, na Terra Nova, temos tido conhecimento há bastante tempo — os enormes e bem sucedidos esforços dos nossos amigos portugueses para modernizar e desenvolver a sua indústria de pesca.

Digo que temos conhecimento deste facto há bastante tempo pois temos visto, de ano para ano — as alterações na frota de pesca que nos visita desde o outro lado do Atlântico; temos visto os modernos navios substituírem os antigos. Entre parêntesis, permitam observar que todos os habitantes da Terra Nova se deliciam ao verem um delicioso navio de 4 mastros, muito embora o não tenham visto com as suas velas aparecendo-nos nos mares distantes e largos oceanos que nos são familiares. Diz-se que o sangue é mais pesado que a água; mas eu direi que a água do mar se encontra entre os dois, pois sem dúvida, há um laço de parentesco entre os povos marítimos, muito embora as diferenças de linguagem, pela tradição e outros aspectos óbvios da sua vida quotidiana. Os historiadores e os economistas com conhecimentos profundos dos significados internacionais da geografia notaram que os grandes mares são grandes estradas que ligam os países que são banhados por eles, em vez de fossos que os dividem. No traçado e conservação destas estradas — grandes centros de exploração e de comércio, podemos com razão, prestar homenagem aos marinheiros e navegadores portugueses através dos séculos, tal como o fazemos aos franceses e ingleses, aos quais devemos a possibilidade de saudar os nossos amigos no novo mundo.

Trazem até nós, não só novos navios mas também novas ideias; tomamos conhecimento, com interesse e apreciação, sobre os sistemas de treino e de bem-estar estabelecidos para os pescadores portugueses e suas famílias e do sólido e decidido desenvolvimento da sua indústria de pesca.

Portugal parece ter sido notavelmente bem sucedido na resolução do problema de manter na pesca uma grande frota — aparentemente pelo reconhecimento de que a pesca é essencial para a prosperidade e grandeza da nação e, portanto tornado a pesca uma atracção dos pescadores. Eis aqui uma lição que deve ser aprendida por outras grandes nações piscatórias, tal como a nossa — de que os nossos pescadores necessitam não só de técnica e de equipamento para a sua profissão, mas também da garantia de que a devoção da sua vida de trabalho nessa profissão lhes traga, bem como a suas famílias, mais que os escassos meios de existência do dia a dia.

Enquanto que a maior parte dos nossos pescadores não são levados a viver e trabalhar longe das suas casas, durante semanas ou meses, eles necessitam, contudo, protecção contra as desgraças que com tanta facilidade podem cair sobre eles; falta de saúde, falta do poder de compra, prejuízos causados por temporais ou outros fenómenos da natureza, perda ou enfraquecimento dos mercados para os seus produtos. Necessitam também da paz do espírito que provém da certeza da assistência tanto para eles como para suas famílias quando eles se tornam incapazes de sustentar aqueles que deles dependem.

Senhor Presidente. Peço licença para citar uma interessante publicação que chegou ontem às nossas mãos. Neste significativo exemplar «15 anos de Assistência à Gente do Mar», lemos tudo quanto Portugal tem feito — e está fazendo pelos seus pescadores. Nós, da Terra Nova, achamos que o introito se apropria de um modo particular às nossas próprias circunstâncias; diz-se ali que:

«Em território — como o de Portugal europeu — com tão larga linha de costa em relação à extensão do interior, as actividades do mar — particularmente em quanto se refere à nobre indústria da pesca — assumem um importante valor relativo no conjunto do trabalho e da riqueza nacionais, para além do que possam valer em absoluto num país de litoral menos abundante.

Actividade sujeita, porém, a contingências extremamente variáveis e por vezes imprevisíveis, desenvolvendo-se frequentemente em circunstâncias adversas e sempre duras — a pesca exige, tanto sobre o ponto de vista puramente económico como sob o aspecto social, especiais cuidados. Coordenar os variadíssimos e complexos factores que intervêm na eficiência do conjunto, melhorar quanto possível as condições em que a actividade se desenvolve, assistir a enorme população dela dependente por forma a furtá-la às desgraçadas consequências da variabilidade característica dessa indústria — tem de ser preocupação constante de quem pretenda eficazmente intervir num dos mais importantes sectores da vida nacional.»

Isto é tão verdade na Terra Nova e no Canadá como em Portugal. Os nossos governos e o nosso povo reconheceram este facto, e, por fim, traçámos um programa de desenvolvimento que elevará os nossos pescadores e a nossa indústria de pesca a um nível de prosperidade e de segurança comparável com o que foi ambicionado — e já largamente alcançado — pelos nossos amigos portugueses para o seu povo.

Neste programa deve haver boa-vontade e senso comum — factores que têm contribuído em tão larga escala para o sucesso português. Existe cooperação entre os governos do Canadá e da Terra Nova, os pescadores e o comércio; nós, no governo, sentimos o apoio moral e prático dos pescadores e do comércio aos nossos esforços para desbravar o caminho e auxiliar o desenvolvimento da indústria. Estes factores de cooperação e auxílio mútuo devem ser fortalecidos e intensificados ao máximo se quisermos alcançá-los dentro de dez anos — como esperamos; um grau de

progresso comparável com o que foi atingido nestes últimos quinze anos por Portugal.

E agora, temos entre nós este símbolo impressivo desse progresso — o navio-hospital «Gil Eannes». Tive ontem a oportunidade de visitar este esplêndido navio, que representa o serviço de uma nação às necessidades físicas e espirituais dos seus pescadores.

Estes pescadores são nossos conhecidos desde longo tempo e gozam de alta reputação entre nós pela sua cortesia, a sua camaradagem, a sua disciplina e o seu brio.

O seu gesto, oferecendo uma recordação religiosa pelo seu apego pela amistosa recepção que têm sempre recebido neste porto, representa qualquer coisa que será compreendida e apreciada pelos habitantes da Terra Nova, de todos os credos. A acção das autoridades portuguesas, enviando o novo «Gil Eannes», na sua primeira viagem, com a dádiva dos pescadores a St. John's, foi um gesto de amizade que sensibilizou os nossos corações.

Portanto, estou grato, Senhor Presidente, por ter tido esta oportunidade de juntar nesta ocasião às manifestações públicas de boas-vindas, as minhas sinceras saudações e agradecimentos aos distintos representantes da nação portuguesa que se encontram entre nós e aos seus numerosos cidadãos agora neste porto.

As dádivas que deles recebemos hoje são imperecíveis — símbolo visível de uma Fé comum guardado agora pela nossa cidade — o símbolo de serviços e de realizações que faz brilhar as águas da nossa baía — e acima de tudo a inspiração de um sentimento prático pelo bem-estar e dignidade dos nossos conterrâneos, que ficará gravado nos nossos corações e no nosso espírito durante a nossa existência.

Vou terminar dizendo aos altos representantes da nação portuguesa, aqui presentes, que seria o desejo não só daqueles que aqui estão reunidos, mas de todos os habitantes desta província da Terra Nova, que levem com eles para a sua grande e histórica nação os nossos melhores cumprimentos e a expressão da nossa duradoura boa vontade. Através dos séculos, temos mantido uma estreita ligação e relações que têm revertido em vantagens para as nossas duas pátrias. Podem V. Ex.^{as} ter a certeza de que é nosso vivo desejo que os anos vindouros serão a continuação e a consolidação das forças que nos têm guiado para que Portugal e a Terra Nova, entre si, possam manter o ímpeto de uma grande e duradoura amizade para a criação de um mundo no qual todos os homens, e em toda a parte, possam viver com dignidade, numa razoável abundância e em paz.»

(Vibrantes aplausos sublinharam as últimas palavras)

Em resposta, agradecendo o discurso proferido pelo Sr. Ministro das Pescarias, e a gentileza da N. A. F. E. L., com o banquete que os homenageou, o Ex.^{mo} Sr. Eng.^o Higinio de Matos Queirós, pronunciou as seguintes palavras:

DEPOIS de decorridos vários anos é-me dada novamente a honra de encontrar pela segunda vez, nesta mesma sala, os exportadores de bacalhau desta bela ilha, com quem, desde há muitos anos mantenho as melhores relações.

Então acompanhava o Embaixador de Portugal em Washington e o acolhimento que nos foi dispensado excedeu muito os limites da cortesia, que tão bem sabeis usar, para demonstrar carinho pelas pessoas, e amizade pelo País que representavam.

Agora sou hóspede do comandante Tenreiro a bordo do magnífico navio «Gil Eannes» cuja viagem inaugural constitui uma homenagem à vossa cidade e à sua população que tão afectuosamente recebe os nossos pescadores, homens simples mas honestos, respeitadores e bons.

St. John's é o seu porto de refúgio quando as tempestades varrem os bancos, a cidade amiga onde encontram repouso e bem-estar. Por isso os pescadores portugueses resolveram mostrar a sua gratidão a esta nobre terra, oferecendo-lhe a mais preciosa dádiva da sua fé: a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que desde esta manhã se encontra na vossa centenária Catedral.

Na verdade, estou muito grato ao comandante Tenreiro, — o homem que no meu País realizou com notável sucesso, a organização das actividades ligadas

às pescas e à assistência aos pescadores — por me ter dado a oportunidade de encontrar novamente tantos amigos para lhes dizer que se os anos passam, os sentimentos de amizade subsistem, como ficou claramente demonstrado com as generosas palavras que me foram dirigidas e com a encantadora lembrança que tiveram a gentileza de me oferecer. Sinto-me deveras lisonjeado, mas sou apenas um homem modesto que procura desempenhar correctamente as suas funções e defender os legítimos interesses do seu País, mantendo as boas relações comerciais com as nações amigas.

A Terra Nova é seguramente um País que pelas tradições comerciais e pela preferência de grande parte dos consumidores portugueses pelo seu bacalhau, merece a nossa especial atenção e se os resultados nem sempre correspondem aos nossos desejos não somos nós quem mais lamenta o facto.

A vossa delicada lembrança será conservada por mim como prova da vossa estima e amizade, sentimentos que são, na verdade, o que de mais precioso existe na vida.

Em nome da missão portuguesa e em especial no do comandante Tenreiro, agradeço-vos a vossa hospitalidade nesta tarde.

Senhores: Bebo pela Terra Nova e por vós.
Muito obrigado.

O Ex.^{mo} Sr. Comandante Tenreiro no Pitt Memorial, em St. John's, em 28 de Junho deste ano, perante um auditório de 1200 pessoas, incluindo o Governador e todo o Governo da Província da Terra Nova, fez uma notável conferência, subordinada ao título: «PORTUGAL E A TERRA NOVA», que foi convenientemente traduzida para inglês e gentilmente proferida pelo ilustre escritor australiano Alan Williers, grande amigo de Portugal

S ABEM V. Excelências que os Portugueses são os mais velhos aliados da Grã-Bretanha. Já na remota era de 1353, durante o reinado de D. Pedro I, os mareantes e mercadores de Lisboa fizeram um acordo com o Rei Eduardo de Inglaterra, que permitia aos pescadores pescarem livremente ao longo das costas de Inglaterra. E não duvido do que o que eles pescavam já era o bacalhau do Mar do Norte. Diga-se de passagem, que os intrépidos pescadores constituíram, de modo notável, a origem dos nossos grandes marinheiros de longo curso.

Sem a garantia das pescas portuguesas, mantidas e desenvolvidas, certamente que não teriam existido os notáveis «homens do mar».

O Infante D. Henrique, mundialmente conhecido pelo Navegador, era filho de mãe inglesa — D. Filipa de Lencastre, a formosa filha de John of Gaunt.

Foi ele que serviu de inspiração aos nossos grandes descobridores, apesar de não ter feito viagens e de não viver o tempo bastante para poder verificar todos os frutos do seu trabalho. Foi o «originador», o organizador e o «leader» das viagens sistemáticas dos descobrimentos controlados pelo Estado e obedecendo a um plano cientificamente concebido e executado. — Estas são as palavras do ilustre historiador Armando Cortesão. Esse plano científico incluía, naturalmente, a revelação dos mistérios do Atlântico Norte.

O Infante D. Henrique coligiu sistematicamente todos os conhecimentos do seu tempo — princípios do século XV — e estes conhecimentos incluíam uma tradição muito acentuada relativamente às ilhas do Atlântico Norte e às terras para além dos mares, tradição essa herdada dos fenícios e dos gregos e secundada pelas narrativas das viagens dos noruegueses.

Corriam muitas lendas e falava-se muito dos mistérios do Atlântico Norte. É certo que nunca conheceremos a história completa dos seus pioneiros.

Os antigos descobridores seguiam as suas derrotas sem publicidade. Entregavam relatórios aos que os mandavam para as viagens, no regresso — quando regressavam — e tudo o que haviam aprendido ficava apenas a ser conhecido de quem de direito.

Esta medida de sigilo foi em parte o motivo porque não temos conhecimento. Sabeis que os homens do mar se mantêm em silêncio — em silêncio através da história.

Em Portugal a obscuridade em que se encontram muitas das nossas primitivas viagens no Atlântico tem-se tornado mais acentuada através dos séculos, por vários motivos — primeiro, pela medida de sigilo pois o ponto fun-

damental das viagens era o de achar uma nova rota para o Oriente: de atacar o poder dos Mouros na sua origem e suplantá-los com a Fé Cristã — porque os Mouros estavam a infiltrar-se desmasedadamente na Europa — convindo, portanto, desconhecerem que o intuito era o de os atacar. Porque este era o efeito dos descobrimentos dos portugueses.

Tinham que prosseguir nesta missão, silenciosamente ou caso contrário, abandoná-la. Os arquivos de Espanha e de Portugal ainda não deram à luz todos os seus tesouros. Muitos documentos e mapas primitivos sabe-se que foram perdidos. Os 60 anos da ocupação de Portugal pelos espanhóis, o terrível terramoto que destruiu tão grande parte de Lisboa em 1755 e o fogo que reduziu a cinzas a Casa da Índia com todos os seus tesouros, as invasões Francesas e as lutas que se travaram pela cobiça do País — tudo contribuiu para empobrecer os arquivos e fontes de documentação. O véu do mistério que pende sobre tantas das viagens do Atlântico, jamais virá a ser completamente descerrado.

Todavia, nós sabemos alguma coisa. Estamos a melhorar o nosso conhecimento. Um documento que só foi descoberto no século passado, relativo às viagens de João Fernandes Labrador, um mapa veneziano do Norte Atlântico, de 1424, que havia pertencido à famosa biblioteca de «sir» Thomas Philips, falecido em Cheltenham em 1872 — conseguiu lançar um pouco mais de luz sobre o que se passara. Sabemos, por exemplo, da viagem de Diogo de Teive, em 1452, feita na investigação dos mistérios da ilha das Sete Cidades, que o levou aos Bancos da Terra Nova e a franco sotavento desta ilha, há mais de 500 anos. Este Diogo de Teive, de quem pouco mais sabemos, regressou com a informação de que estas águas se achavam repletas de bacalhau. Precisamente quando os pescadores se aventuraram a fazer esta viagem longínqua, à vela, da Europa, em busca do bacalhau, não o sabemos. Estes também se mantinham em silêncio. E ainda hoje o fazem, quando podem. Fizeram segredo comercial das suas bases de abastecimento, sempre que podiam. Mas temos um registo, datado de poucos anos depois, relativo a um Rei de Portugal que fixou uma taxa sobre o bacalhau trazido dos Bancos da Terra Nova.

Vemos o nome de «Terra Nova do Bacalhau» a principiar a aparecer nas cartas primitivas, algumas vezes a referência «domínio do Rei de Portugal», outras vezes, «Terra dos Corte-Reais». João Vaz Corte Real foi um outro destes obscurecidos navegadores, um nobre que partiu num frágil navio, do Faial, nos Açores, rumo ao Ocidente. Em 1473, de qualquer modo, foram conferidas a Corte-Real as terras que havia descoberto. Teria sido

o primeiro a colonizar a Terra Nova. Mas, há que notar que nesse tempo Portugal era pequeno e não era rico. Toda a sua população andava por um milhão e meio de habitantes. Tão pouca gente para manter o domínio de mais de metade do mundo! Os portugueses não estavam interessados em colónias nem na colonização. O seu fim era ainda o do Infante D. Henrique — evitar que os mouros destruíssem a Fé Cristã, arruinando a civilização de toda a Europa. Os primitivos navegadores — Diogo de Teive, os Corte-Reais (João Vaz e seus filhos Gaspar e Miguel, que desapareceram com os seus navios, em qualquer ponto ao longo destas praias), João Fernandes Labrador, Pedro de Barcelos, João Álvares Fagundes — verificaram aquilo que o Infante D. Henrique desejava conhecer — que não existia qualquer passagem utilizável pelo noroeste, à volta do Canadá, para os mares do Oriente, mas que havia uma mina de ouro no bom bacalhau, nos Bancos da Terra Nova. Assim, práticos como bons navegadores que eram, prosseguiram na procura do caminho para a Índia, o qual foi encontrado — à volta do Cabo da Boa Esperança — e os pescadores prosseguiram na pesca e na salga do bacalhau. E, amigos: têm continuado a fazê-lo, com êxito, desde então — há 400 anos, 450 anos, ou talvez há 500!

Os nomes que deram às vossas baías e terras principais ainda se mantêm, inglesados talvez, mas ainda portugueses. Cape Race, nas cartas mais antigas é indicado por Cabo Raso — o cabo nú, o cabo escaldado, assim denominado pelos portugueses. O chamado mapa Cantino de 1502 mostra isso mesmo. A palavra bacalhau aparece como o nome do local, mais do que uma vez. A Baía Conception, Boavista Trinity, Portugal, Cove, são nomes eloquentes. O próprio nome de Labrador é uma palavra portuguesa. Datado de 1501, existe um registo de um grémio de armadores de navios da pesca de bacalhau, de Aveiro, Viana do Castelo e de outros dos nossos portos que enviam frotas aos Bancos. Este Grémio, de há 450 anos, foi o heraldo do nosso Grémio de hoje, que construiu o navio de assistência «Gil Eannes» — e este mesmo nome é o de um dos grandes navegadores do Infante D. Henrique, o primeiro que dobrou o Cabo Bojador — e o Grémio ainda dirige as pescas dos nossos 70 navios que vão aos Bancos presentemente — os 70 navios e os 5.000 e tantos homens. Assim, é muito justo que o navio «Gil Eannes» aqui trouxesse com os nossos cumprimentos, e com a oferta dos pescadores, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima para os nossos amigos — para os senhores que fizeram da Terra Nova a que nos prende o direito de reclamar, de orgulhosamente reclamar, pelo menos, certo quinhão da viagem dos primeiros portugueses na sua revelação ao Mundo.

Os vestígios do «Espírito de Portugal!» encontram-se por toda a parte aqui à nossa volta — e é nesse espírito que dirijo estas palavras aos que têm sido nossos amigos e aliados desde que esta terra foi estabelecida.

Permitam-me que lhes lembre que, quando «sir» Humphrey Gilbert aqui veio a St. John's para reclamar a Terra Nova para a sua rainha, Isabel I de Inglaterra, foi recebido pelos portugueses, que desde há muito utilizavam o porto como uma boa base para

as suas pescarias. Foi muito bem recebido e ficou reconhecido pelo facto. Eis as suas próprias palavras, que escreveu: «Os bons portugueses», diz ele, «meteram-nos a bordo provisões, constantes de vinhos, pão, bolachas, peixe verde e seco, azéites, além de muitas outras, tais como, marmeladas, figos, barricas com limões e tantas outras coisas». Prossegue, declarando que os ingleses foram abastecidos de tudo o que necessitavam «abundantemente, tal como se tratasse de um país abastecedor ou de certa cidade, de grande população, a que nada faltava». Eis, amigos, a boa evidência da nossa amizade desde tempos, da boa amizade que sempre se deve esperar de duas boas Nações de navegadores. O mercador Farkhurst, de Bristol, havia visto aqui umas centenas de barcas portuguesas, logo depois do início do século XVI, mas os ingleses eram já, então, «habitualmente senhores dos portos em que pescavam». Assim é, pois. Vossas Excelências são os Senhores dos Portos, e nós vimos aqui, como os outros, pescar e temo-nos dado esplendidamente através dos anos decorridos.

Através destes séculos, aqui temos vindo, à vela, da Europa, com os ventos de Este da Primavera, à safra do bacalhau, abundante nos bancos do oceano, recebendo, quando necessário, auxílio nos portos da Terra Nova. É nesse mesmo espírito de colaboração e de serviço que construímos o nosso novo navio-hospital e de apoio «Gil Eannes» o belo barco a motor, neste momento atracado às vossas docas. Representa esta unidade parte do programa, sob a inspiradora chefia do nosso querido Presidente do Conselho, Doutor Oliveira Salazar, que se acha em realização durante o último quarto do século — e, mais, a nossa contínua campanha tendente a melhorar a situação dos pescadores e das suas famílias, por todas as formas possíveis. O fim que visamos com as pescas é o de que resulte em duas coisas — alimento para o povo a preço razoavelmente económico, e condições de vida adequadas para aqueles que trabalham na indústria. As «condições adequadas» incluem lares higiénicos, protecção às famílias, educação e saúde.

Estas são as coisas que temos que ter em vista e os nossos esforços incluem a construção do «Gil Eannes». Construído e mantido por portugueses, a assistência e os cuidados médicos que prestará são, contudo, para todos. Os vossos pescadores já conheciam o seu antecessor, o velho «Gil Eannes», esse vapor, velho e fiel, que conquistou justa fama na sua missão humanitária nos Bancos da Terra Nova e mares da Gronelândia. Convidamo-los também a conhecer o novo «Gil Eannes», a recorrerem a ele sempre que disso tenham necessidade. É um bom navio-hospital, o melhor que conseguimos fazer. Oferecemo-lo, agora dentro do espírito de Nossa Senhora de Fátima, para o bem-estar e para o conforto espiritual e físico de todos. Oxalá que ele possa continuar a vir à Terra Nova por muitos anos! Oxalá que a nossa velhíssima amizade continui por muitos anos sem fim, como um exemplo (não é demais dizê-lo), — um exemplo para todo o Mundo!»

(Extraordinária salva de palmas, coroou esta magnífica oração luso-canadiana.)

Telegramas e ofícios trocados entre S.^a Ex.^{cia} o Sr. Comandante Tenreiro e Autoridades da Terra Nova e outras entidades

Comandante Henrique Tenreiro
Navio-hospital português «Gil Eannes» — St. John's
NFLD

Ao deixar as nossas águas no fim de uma visita histórica da qual nos recordaremos por longo tempo e que estreitará os laços de amizade entre as nossas duas pátrias envio a V. Ex.^a e aos componentes da vossa Missão da parte do povo da Terra Nova, os nossos melhores cumprimentos e desejos da maior felicidade.

a) Albert J. Walsh, administrador

PALÁCIO DO GOVERNO DA TERRA NOVA

Pedi-me o comandante Henrique dos Santos Tenreiro — que, com um grupo de distintos representantes da indústria portuguesa da pesca, visitou a Terra Nova a bordo do novo navio-hospital «Gil Eannes» — para apresentar ao povo da Terra Nova e especialmente aos nossos pescadores e aqueles que estão ligados a empresas comerciais e da pesca, as suas melhores saudações, como representante dos pescadores e dos respectivos industriais portugueses.

O comandante Tenreiro pediu-me também para manifestar o seu profundo apreço, bem como o dos seus companheiros, pelo acolhimento afável e cordial que lhes foi prestado e pelo modo caloroso e amigável como foram recebidos pelo nosso povo, durante a sua visita.

a) Albert J. Walsh, administrador

Antes dos distintos visitantes terem saído de St. John's, Sua Excelência o Administrador entregou ao Comandante Tenreiro um comunicado do seguinte teor

29 de Maio de 1955

Prezado comandante Tenreiro,

Estando V. Ex.^a próximo do termo da sua visita à Terra Nova, apresento por intermédio de V. Ex.^a, ao Governo e ao povo português, o testemunho do mais profundo apreço do Governo e do povo desta Província e, especialmente, aos pescadores e aos trabalhadores da indústria da pesca, pela assinalada honra da visita de V. Ex.^a e dos distintos componentes da Missão.

Por várias vezes, durante os breves dias que acabam de passar, ficámos profundamente comovidos com as gentis homenagens prestadas por V. Ex.^a e pelos componentes da Missão ao nosso povo e amáveis referências ao amistoso acolhimento feito, desde longa data, aos vossos pescadores pela gente da Terra Nova.

Para nós, tem sido com o maior prazer que recebemos os vossos navios e tripulantes nas suas visitas frequentes a St. John's, durante as viagens de pesca.

As cordiais relações existentes há séculos entre as nossas organizações, tanto comerciais como industriais, e a gente ligada à pesca do bacalhau, tornam-se mais íntimas pela amabilidade da visita que nos fizeram, pelas vossas cordiais palavras de admiração pelo nosso povo e sentimentos de muito carinho dos vossos pescadores pela preciosa oferta na ocasião do Centenário da nossa Catedral Católica-Romana.

O vosso novo navio «Gil Eannes», destinado a desempenhar uma missão altruista prestando serviços médicos e hospitalares aos vossos pescadores, tal como o velho «Gil Eannes», a todos, sem excepção, servirá em benefício da humanidade. Ele representa um factor de enorme tranquilidade para os nossos pescadores do alto-mar, bem como para as suas famílias, ao saber que a sua presença entre a vossa frota de pesca nas águas próximas desta costa, lhes assegura tão valiosos serviços em caso de emergência.

Tenho, pois, o maior prazer em aceder ao pedido feito, durante a vossa saudação aos convidados a bordo do «Gil Eannes», em 28 de Maio, para apresentar ao povo da Terra Nova os votos manifestados por V. Ex.^a e a expressão do vosso agradecimento pelo acolhimento prestado à Missão. Como V. Ex.^a terá deixado esta Província antes de poder ser feita a publicação da sua mensagem, junto uma cópia do texto proposto, para seu conhecimento.

Com a expressão da minha mais alta estima, subscrevo-me com a maior consideração,

De V. Ex.^a
Mt.^o Lt.^o e Vcncr.

a) Albert J. Walsh
Administrador

Comandante Henrique dos Santos Tenreiro
Navio-Hospital «Gil Eannes»
St. John's

Telegrama expedido de Gander, em 30-5-1955, ao Governador, interino, da Terra Nova

Honourable Albert J. Walsh,
Administrador
Government House
St. John's — Newfoundland

Os melhores cumprimentos pela agradabilíssima mensagem de V. Ex.^a. É com sentimento de profunda gratidão a V. Ex.^a e a todos os nossos bons amigos da Terra Nova que termino esta visita bastante curta mas verdadeiramente notável ponto de acolhimento caloroso que nos tem sido feito por toda a parte e aos nossos navios e aos nossos capitães, aos nossos pescadores e aos nossos navios durante tantos anos, é verdadeiramente emocionante. Agradeço e saúdo a V. Ex.^a e por seu interme-

dio, a todo o povo da agradável Terra Nova. Estou certo de que a nossa visita virá fortalecer ainda mais os nobres laços da verdadeira amizade que tem existido entre os dois países durante tantos anos. Em nome da minha Missão, dos nossos pescadores e do meu próprio, apresento a V. Ex.^a, bem sinceramente, muitos agradecimentos. Os melhores votos pela continuada prosperidade da Terra Nova e pela boa saúde e felicidades de todos.

Tenreiro

Telegrama expedido de Gander, em 30-5-1955, ao
Arcebispo de St. John's

Archbishop of St. John's
Newfoundland

Ao completar esta minha tão curta mas felicíssima visita, e da minha Missão, à vossa tão acolhedora cidade, desejo apresentar os nossos agradecimentos, felicitações e respeito a Vossa Excelência Reverendíssima e por seu intermédio a toda a vossa vasta Congregação. Jamais esqueceremos as cerimónias verdadeiramente emocionantes realizadas na ocasião em que V. Ex.^a Rev.^{ma} aceitou a Imagem de Nossa Senhora de Fátima e a manifestação de verdadeira Fé e de amizade com que foi recebida por todos. Raras vezes tenho sentido tamanha emoção como nesse momento. Permita que manifeste o privilégio que nos foi dado de participar numa demonstração da mais firme força, de autêntica Fé. Em nome da minha Missão, no dos nossos marítimos e do meu próprio, agradeço a V. Ex.^a Rev.^{ma}, com humildade, e a maior gratidão, e apresento a todos as mais calorosas felicitações e respeito.

Tenreiro

Telegrama expedido de Gander, em 30-5-1955, ao
Ministro das Pescarias

Ministro das Pescarias
St. John's — Newfoundland

Os meus melhores agradecimentos por tantas gentilezas e pelo verdadeiramente amistoso acolhimento e facilidades sempre dispensadas à minha missão ponto em meu nome, no dos pescadores e dos membros da Missão bem como da tripulação do Gil Eannes queira aceitar os mais calorosos agradecimentos e cumprimentos.

Tenreiro

Telegrama expedido de Gander, em 30-5-1955

Ministro Marinha
Lisbon — Portugal

Acabamos Missão St. John's resultou magnífica sob todos pontos vista alegre-me ter concorrido para ela agradecendo-lhe todas facilidades que nos deu para que assim resultasse ponto um abraço.

Tenreiro

Telegrama expedido de Gander, em 30-5-1955

Cônsul Portugal
St. John's — Newfoundland

Ao chegarmos Gander depois nossa magnífica estadia ai e felicidades pela organização programa feito e maneira fomos recebidos St. John's alegrá-nos que relações amizade entre portugueses e terranovenses sejam tão estreitas cordialidades ponto meu nome e comitiva especialmente engenheiro Ramires comandante Tavares Almeida lhe envio grande abraço amizade.

Tenreiro

Telegrama expedido de Gander, em 30-5-1955

Comandante Ramalheira
Hospital Ship Gil Eannes
St. John's — Newfoundland

Para transmitir frota linha e arrastões stop capitães e tripulações frota bacalhoeira arrastões e navios linha: Finda hoje minha missão Terra Nova e ao partir conjuntamente com entidades me acompanharam envio todos um abraço amizade sincera com melhores votos boa saúde e continuidade boas pescas e peço todos capitães transmitam pescadores que devido política de Salazar foi possível nossos olhos verem realizada comovidamente sonho longos anos entregar magnífica unidade Gil Eannes construída com um pensamento: a dignificação trabalho homens mar amparo moral e assistência que vamos prestar ponto todos unidos minha volta cheios já cristã agradecemos homem que nos conduz e continuemos trabalhar dignificação Portugal.

Comandante Tenreiro

Telegrama expedido de Gander, em 30-5-1955

Capitão Ramalheira
«Gil Eannes»
St. John's — Newfoundland

Ao chegarmos Gander agradecemos boa amiga hospitalidade prestada: «Gil Eannes» apreciando sua colaboração e tripulação na valiosa assistência nossos pescadores em seu benefício e dignificação nosso País.

Sebastião Ramires
Henrique Tenreiro
Duarte Silva

Carta de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor P.
J. Skinner, Arcebispo de S. João da Terra Nova

Ex.^{mo} Senhor
Comandante Henrique Tenreiro

The Palace
St. John's, Terra Nova
31 de Maio de 1955

Meu Querido Comandante: —

Recebi ontem à noite a atenciosa mensagem que tão amavelmente me enviou do Aeroporto de Gander. Apresso-me a testemunhar a V.^a Ex.^a a minha profunda gratidão bem como o caloroso affecto do povo Católico da Arquidiocese de St. John's. Teria tido bastante satisfação em responder imediatamente para Gander, mas reaceando que V. Ex.^a já tivesse deixado a Terra Nova, resolvi escrever-lhe para Lisboa.

Desejo assegurar a V. Ex.^a, meu estimado Comandante que os sentimentos, profundamente religiosos e de bondade, que manifesta, são por mim retribuídos, e por todos os católicos de St. John's. A nossa gente ficou profundamente surpreendida e emocionada, não apenas pelo gesto simpático da ilustre pessoa que é V. Ex.^a e das insignes entidades oficiais e militares e dos estimados pescadores da frota Portuguesa, mas também pela maravilhosa demonstração de fé e de reverência que todos presenciámos na memorável procissão e na cerimónia da entrega da Imagem, que teve lugar na sexta-feira passada. V. Ex.^a é muitíssimo gentil em falar do vosso privilégio de partilharem na fé e no carinho do nosso povo. Nós cremos que maior privilégio foi o nosso, pois agradecemos a Nossa Senhora de Fátima por este maravilhoso acto de devoção e de caridade, que são a garantia mais firme das bênçãos divinas das Festas Centenárias da nossa Catedral, e a certeza da sua perduração, enquanto o nosso povo se comprime junto do Santuário de Fátima que agora aqui se acha connosco. Já estamos a presenciar um constante caudal humano dos nossos fiéis devotos encaminhado-se para o santuário, para orar a Nossa Senhora, e, estou certo que também pelos nossos bons amigos portugueses, de cuja fé e amizade nos jalará eternamente a Imagem de Nossa Senhora.

Ao agradecer a V. Ex.^a, meu querido comandante, pelo grande privilégio e pelas bênçãos imensas que a frota portuguesa trouxe para a nossa terra, testemunho

a V. Ex.^a e àqueles que a compõem, os meus sentimentos de carinho e de calorosa amizade, enquanto fico.

grato, e muito sinceramente, a V. Ex.^a

(a) † P. J. SKINNER
Arcebispo de St. John's

P.S. — No momento em que conclua esta carta, e quando o meu Secretário telefonava ao Sr. J. Henriques de Moraes, Cônsul Português, para saber para onde devia dirigir a mesma, o Sr. Moraes fez o favor de informar o meu Secretário de que desejava oferecer-me, em nome de V. Ex.^a um album de fotografias ilustrando a bênção da linda Imagem de Nossa Senhora de Fátima, e também a cerimónia brilhante da Bênção da frota baçalhoeira. Assim suspendi o envio desta carta, e ontem à noite teve lugar uma agradável entrevista com o Sr. Moraes e o Padre Sá Rosa, Capelão da frota. O Sr. Moraes entregou-me o album, que é muito interessante. Desejo agradecer a V. Ex.^a muito sinceramente, meu querido comandante, por mais esta lembrança, que ficará como uma recordação permanente do grandioso acontecimento religioso que teve início em Portugal e terminou a semana passada, em St. John's.

Telegrama dos capitães dos navios da frota

Ex.^{mo} senhor Comandante Henrique Tenreiro pregre-dior Lisboa extremamente sensibilizados mensagem V. Ex.^a transmitida tripulantes serviu bordo todos navios grandiosa manifestação fé destinos Pátria rogamos aceite bem como demais entidades nossos melhores cumprimentos ponto a V. Ex.^a como digno deputado a Assembleia Nacional pedem mais diga à Nação Portuguesa das lágrimas que sulcavam rostos lisnados pelo frio e enrugados pelas brisas todos tripulantes frota por de-vida política Estado Novo verem seu trabalho dignificado não só seus olhos mas principalmente olhos este povo amigo que constitui grande nação canadense ponto e a V. Ex.^a como delegado do Governo junto organismos pescas rogam também digam Salazar que os nossos corpos são demasiado pequenos para que nelas caiba todo o respeito e toda a gratidão de que nos tornou credor a que todos procuraremos corresponder apenas duma maneira trabalhando sempre e sempre mais sempre melhor unidos como até aqui sob a superior orientação de V. Ex.^a por um Portugal maior e com V. Ex.^a também a qualquer ordem sua responder presente.

CAPITÃES

JOB BROTHERS & C^o, L.^{DA}

CASA FUNDADA EM 1870
ST. JOHN'S NEWFOUNDLAND

FORNECEDORES DE:

Isco congelado

Aprestos navais de todos os tipos

Mantimentos

Agentes de navegação

REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

Sociedade Comercial Senas, L.^{da}

RUA DOS REMÉDIOS, 1 LISBOA

TERRA NOVA

Mantemos uma grande organização em St. John's, perfeitamente apetrechada para cuidar de todos os requisitos dos navios de pesca, arrastões e outras unidades maiores, aqui ou em qualquer porto da Terra Nova. Dispomos de facilidades para o abastecimento de óleo combustível e carvão neste porto. Somos proprietários do maior armazém de St. John's e os nossos serviços de estiva são efectuados com muita competência.

Representamos a maioria das principais Linhas Aéreas e de Navegação.

Furness, Withy & Co., Ltd.

St. John's — NEWFOUNDLAND
Endereço Telegráfico: FURNESS

Fishery Products, Ltd.

ST. JOHN'S NEWFOUNDLAND

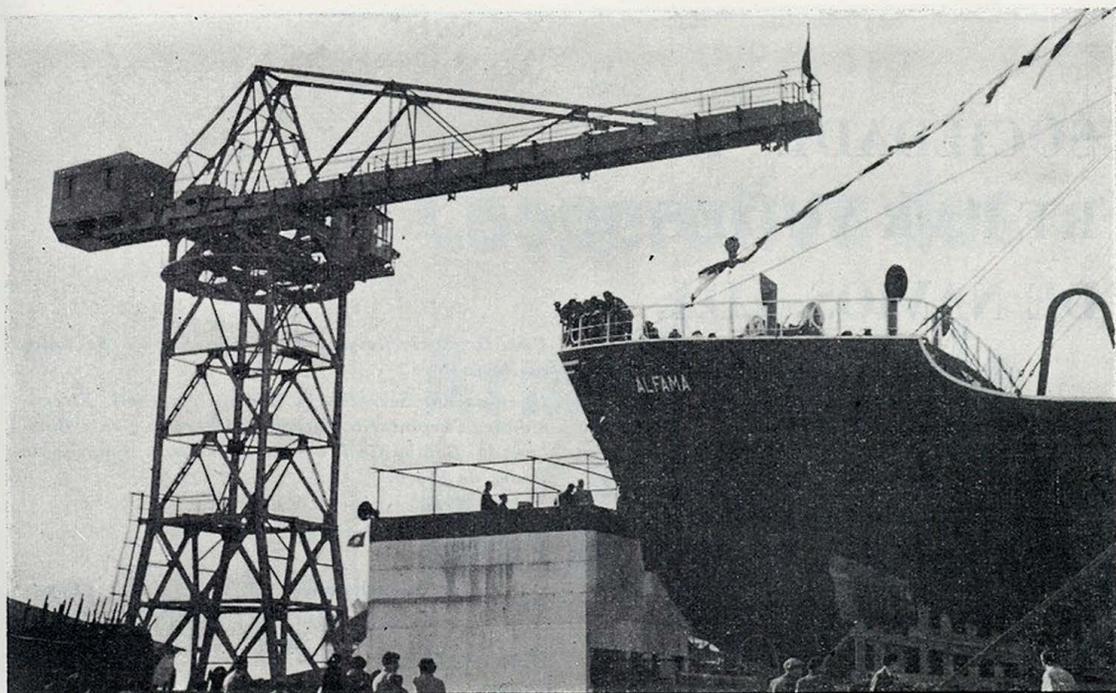
Os maiores produtores
e exportadores da Terra Nova
de peixe congelado

incluindo ISCO

para navios de pesca portugueses

Armadores
Seguradores
Importadores

Endereço teleg.: -MONROE--St. John's Newfoundland



Os Estaleiros Navais do Mondego, estabelecidos recentemente, pois a sua actividade data de 1947, tiveram desde o seu início a preocupação de se dotarem com as melhores máquinas-ferramentas e utensilagem, de forma a colocar a sua produção ao nível da melhor construção de países mais industrializados e a preços aproximados aos desses estaleiros.

Devem ter conseguido este duplo desideratum, pois o seu registo de construções está no n.º 37 e vários armadores repetem as suas encomendas, o que dispensa comentários.

São notáveis, tendo alcançado o melhor êxito, por exemplo o seu tipo de arrastões do alto, de que estão em serviço três unidades e outras três encomendadas, pertencendo três à Companhia Portuguesa de Pesca, dois à Sociedade dos Armadores da Pesca do Arrasto e um à Sociedade de Pescarias «Arrábida», Ld.ª

Igual sucesso têm tido os seus navios da pesca do bacalhau, de que ultimamente construíram 3 arrastões para a Lusitânia Companhia Portuguesa de Pesca e dois grandes navios de pesca à linha para João Vilarinho, Suers. e José M. Vilarinho.

Presentemente têm nas suas carreiras de construção, entre outras unidades, um navio de patrulha, inteiramente soldado e pré-fabricado para a Marinha de Guerra da NATO e um navio de 1.500 toneladas dw. misto de carga e passageiros para a Empresa do Limpopo, de Moçambique.

Os Estaleiros Navais do Mondego, têm sempre muito prazer em fornecer anteprojectos e orçamentos, a pedido dos senhores armadores.

A sua sede é na Figueira da Foz, telefone 2112 (2 linhas) tendo uma Delegação em Lisboa, no Largo de Santos, 5-1.º, telefone 670462. Telegramas: «Lusitânia».

ESTALEIROS NAVAIS DO MONDEGO

SOCIEDADE DE REPARAÇÕES DE NAVIOS, LDA.

GINJAL - CACILHAS - TELEFS.: ALMADA, 45 e 97

Uma Organização das Pescas ao Serviço de todos os Armadores.

Oficinas de: Serralharia Mecânica e Civil, Electricidade, Carpintaria, Estação de Serviço para: Bombas de Combustível e Pulverizadores. Fábrica de Redes de Pesca.

Distribuidores e agentes de:

Sondas «Bendix»

Material { Radiotelegráfico «R. C. A.» { Roy
 Radiotelefónico «Jefesfon»

Radar «R. C. A.» «Decca»

Assistência permanente por técnicos especializados.



ORÇÃO DAS CASAS DOS PESCADORES

Leia o **Jornal do Pescador**

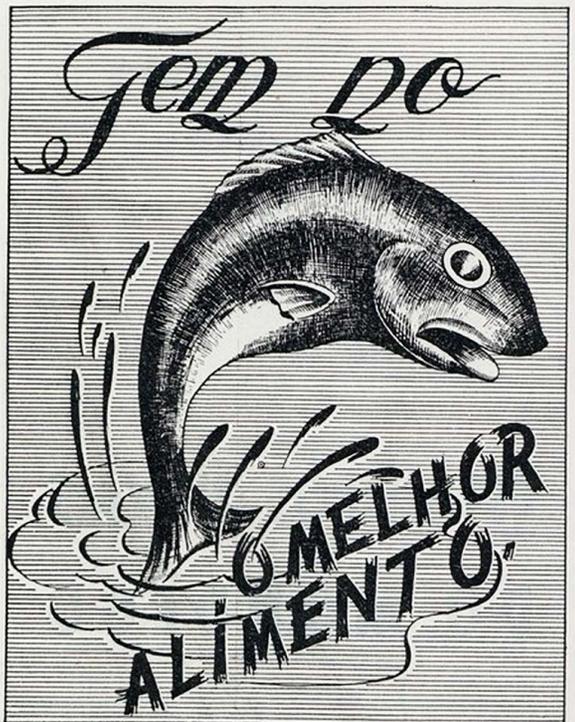
ÓRGÃO DAS CASAS DOS PESCADORES

*Avenida da Liberdade, 211, 4.º
LISBOA*

(Assinatura anual)

Continente e Ilhas: 60\$00

Ultramar e Estrangeiro: 120\$00



Publicidade do Grémio dos Armadores da Pesca do Arrasto

Cooperativa dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau

S. C. R. L.

Constituida por escritura
pública de 26 de Junho
de 1938. Telefone: 29844
P. B. X. 32361/5 - Almada
134 - Estado 137 - Endereço
Telegráfico NAVIPESCA

Armazéns livres, alfandegados
e câmaras frigoríficas em Ginjal,
Cacilhas

Organismo abastecedor de man-
tidos e aprestos para toda a
Frota Bacalhoeira Portuguesa

Escritórios: PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 24, 2.º - LISBOA

CUMPRIMENTOS

da **NORTH EASTERN FISH INDUSTRIES LIMITED** **HARBOUR GRACE — NEWFOUNDLAND**

COMPANHIAS ASSOCIADAS:

W. & J. Moores, Limited
Carbonear — Newfoundland

The Fermeuse Corporation
Fermeuse — Newfoundland

Armazéns Frigoríficos - Preparação de -ISCO- Congelado - Especializados no Abastecimento de -ISCO- - Arenque, Lula e Cavala — Garantindo a sua Qualidade Superior resultante da Congelação Rápida do Peixe Fresco, tanto nas Fábricas de Harbour Grace como de Fermeuse — Óleo Combustível Diesel — Gelo e Sal nos Armazéns de Fermeuse

Solicitamos as vossas compras e asseguramos inteira satisfação

REPRESENTANTE: COPERNICO C. DA ROCHA

Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau

S. A. R. L.

FROTA DE PESCA

ARRASTÕES: ALVARO MARTINS HOMEM
DAVID MELGUEIRO
ESTÊVÃO GOMES
FERNANDES LABRADOR
JOÃO ALVARES FAGUNDES
JOÃO CORTE REAL
JOÃO MARTINS
PEDRO DE BARCELOS

LUGRE: OLIVEIRENSE

Escritório em Lisboa:
R. do Ferregial de Baixo, 33, 1.º
Telefs. 35621 35622 35623-Estado: 137

MÚTUA DOS NAVIOS BACALHOEIROS

(SOCIEDADE MÚTUA DE SEGUROS)

RAMOS QUE EXPLORA :

- ▶ *Marítimo*
- ▶ *Acidentes de Trabalho*
- ▶ *Acidentes Pessoais*

RUA DO FERREGIAL DE BAIXO, 33 - 1.º — TELEFONES 35621 E 35623

S A U D A Ç Õ E S E
CUMPRIMENTOS DO
ESTABELECIMENTO DE
S T . J O H N ' S
DE PRIMEIRA GRANDEZA

The Royal Stores, Ltd.

THE HOUSE FOR VALUE

WATER STREET — ST. JOHN'S, NEW FOUNDLAND

e das suas associadas:

MARTIN-ROYAL STORES, HARDWARE CO. LIMITED

THE EXPLOITS VALLEY ROYAL STORES, LIMITED

Grand Falls, Buchans, Millertown

THE RIVERSIDE WOOLEN MILLS LIMITED

Xakinson's, C. B.

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»



*Dr. Artur Braga Rodrigues Pires
Antigo Director da SESC (Brasil)
Presidente da Direcção do Clube
de Regatas Vasco da Gama (Rio
de Janeiro).*

DUAS PÁTRIAS

«Tudo quanto se fizer para estreitar ainda mais os laços de amizade que unem Portugueses e Brasileiros deve merecer os melhores louvores.

Vejo pois, na iniciativa de «Duas Pátrias» um alto alcance, e desejo sinceramente um feliz êxito à Revista que certamente marcará um elo a mais na cadeia de indissolúvel afectividade que unem Brasil e Portugal».

Lisboa, 14 de Julho de 1955

Dr. Artur Braga Rodrigues Pires

Doctor Artur Braga Rodrigues Pires

Nasceu a 28 de Abril de 1907.

Em 1924 iniciou suas actividades no comércio como empregado de J. R. Pires, no Rio de Janeiro.

Em 1927 colou grau pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

Presidente do Sindicato Atacadista de Maquinismo em Geral do Rio de Janeiro, eleito em 13-VI-44.

Presidente da Federação do Comércio Atacadista do Rio de Janeiro, eleito em 11-III-46.

Presidente do Conselho da Administração Regional do Distrito Federal do Serviço Social do Comércio (SESC).

Membro do Conselho Nacional do Serviço Social do Comércio (SECS).

Membro do Conselho do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SESC).

Membro do Conselho Regional do Distrito Federal do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, (SENAC).

Representante do Sindicato do Comércio Atacadista de Maquinismos em Geral do Rio de Janeiro na Federação do Comércio Atacadista do Rio de Janeiro.

Representante do Sindicato do Comércio Atacadista do Rio de Janeiro no Conselho da Confederação Nacional do Comércio.

Membro do Conselho Director da Associação Comercial.

Membro da Comissão de Preços do Distrito Federal, onde representa o Comércio Atacadista.

Membro da II Conferência Nacional das Classes Produtoras.

Relator Geral da 8.ª Comissão (Educação Profissional), Serviço Social e Relações de Trabalho) da II Conferência Nacional das Classes Produtoras

Membro Titular Permanente do Congresso Inter-Americano de Medicina do Trabalho, mercê de tese por si apresentada sobre o Absenteísmo.

Membro participante de vários Congressos e Conferências realizadas no Brasil e no Exterior.

Membro Permanente do Conselho Internacional de Medicina do Trabalho, Genebra-1952.

Delegado Patronal à 35.ª Conf. Internacional do Trabalho—Genebra—1952.

Chefe da Delegação Brasileira à 10.ª Conferência Internacional de Trabalho—Lisboa.

Presidente do Club de Regatas Vasco da Gama, que nessa qualidade visitou recentemente Portugal, acompanhado de uma equipa de honra onde realizou vários encontros de foot-ball com grupos portugueses, etc.



DR. ADHEMAR DE BARROS

FIGURA prestigiosa de brasileiro, grande amigo de Portugal, foi agora distinguido pela Nação como um dos candidatos mais votados para a eleição presidencial do seu grandioso país.

Esse resultado foi a pedra de toque para futuras realizações que o seu dinamismo decerto conceberá para o alargamento do progresso sempre em marcha da Nação Brasileira, pois a sua actuação decerto continuará, para cada vez mais se acentuar um Brasil no caminho de um porvir maravilhoso.

«Duas Pátrias» que conta em S. Ex.^a um grande amigo, saúda-o, assim como a sua esposa, desejando-lhe futuras vitórias em todos os sectores da sua extraordinária actividade para bem do País e da sua Grei.

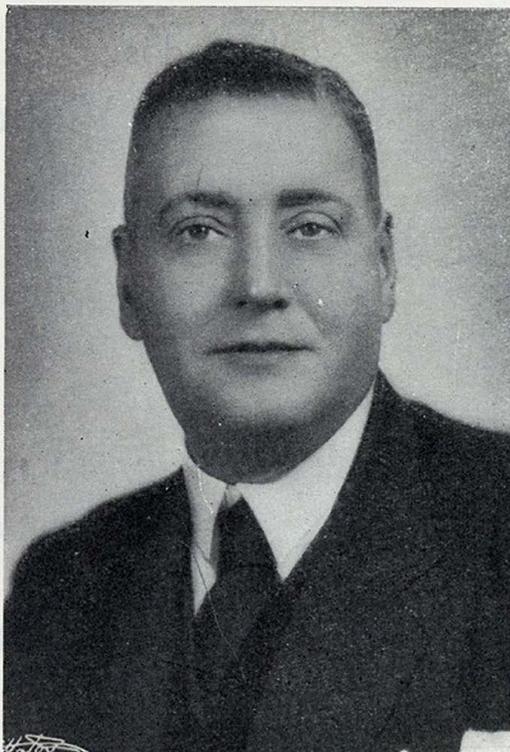
*Eng. Adolfo
de Cyrne Bourbon e Barbosa*

ASSUMIU o cargo de Director da Propaganda e Expansão desta Revista o nosso prezado amigo Sr. Eng. Adolfo de Cyrne Bourbon e Barbosa, que há cerca de 3 anos se encontra no Brasil ao serviço de «Duas Pátrias».

A sua valiosa actuação tem sido um dos principais factores para o prestígio que esta publicação disfruta devido à sua reconhecida elegância de trato e influência pessoal.

De uma dedicação reconhecida à obra que nos propusemos efectuar, o Eng. Bourbon tem dado o seu maior esforço para ver coroado do maior êxito esta obra, que também é o seu orgulho.

Ao nosso prezado amigo, um abraço de amistosa camaradagem.



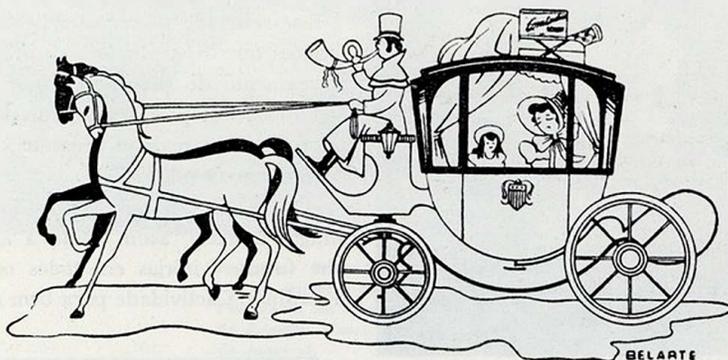
S. V. P. CONSTANTINO, LDA.

FUNDADA



EM 1877

VILA NOVA DE GAIA — PORTO — PORTUGAL



a fama dos

Vinhos **CONSTANTINO**

já vem de lon 

PRODUTORES E EXPORTADORES DE:

QUINADO
VINHOS DO PORTO
BRANDIES
VINHOS DE MESA
ESPUMANTES NATURAIS

GALERIA DOS PORTUGUESES NO

Brasil

DE ONTEM E DE HOJE

«DUAS PÁTRIAS» como documentário, é de seu dever trazer à luz da vida de hoje, o que foram os portugueses de antanho e o que são os do presente, em sua missão humana em Terras de Santa Cruz.

Invocar a memória daqueles, que vieram de Portugal, que devido ao seu esforço, contribuíram para o engrandecimento do Brasil, e deixaram para a posteridade, padrões que atestam as suas preclaras faculdades de trabalho e a sua generosidade magnânima em monumentos que são o mais alto expoente do pensamento lusitano em Terras do Brasil, como são as Beneficências Portuguesas e outras obras várias, é imperativo obrigatório devotado, que nos cabe lembrar e focar, e, que gostosamente cumprimos.

Aos portugueses de hoje que com as suas admiráveis faculdades de trabalho e administração, e, altruísmo generoso prosseguem na senda de bem servir na caminhada iniciada pelos portugueses de ontem, é um estímulo o ver-se apontado enaltecido, e, reconhecido nas suas altas qualidades de civismo patriótico, social e humanitário, que honrando no mesmo nível Portugal e o Brasil, exaltam no mesmo ritmo as suas Duas Pátrias, que orgulhosamente se desvanecem em tê-los como seus filhos.

DENCIAMOS esta secção, focando um casal de portugueses, Sr. João Dias e sua esposa D. Luísa Dias há tantos anos radicados no Brasil, aos quais nos ligam estreitos laços de amizade, para nós é imperativo de gratidão, serem eles os primeiros a serem projectados nesta galeria.

Não é o interesse, nem promessas futuras que nos leva assim proceder, não pedimos, nem nada aceitamos, mas a gratidão, é como um diamante puro, sem jaça, límpido e brilhante que irradia e fascina, assim nós, não podemos ocultar o que nos vai na alma em relação a estes dois portugueses que têm por lema: *Bem Servir*.

Desde a primeira vez que pisámos Terras de Santa Cruz, há mais de uma dezena de anos, e foi ao Rio de Janeiro, cidade maravilhosa (passe o estribilho mas sempre verdadeiro) a primeira cidade, que o Destino nos levou e ao Hotel Astória, na Praia do Flamengo (não é reclame porque o Hotel, já não existe), que nos dirigimos por acaso e, ali encontramos um compatriota nosso, proprietário do referido Hotel, português de rija tempera, que após uma pequena conversação protocolar e convencional, nos cedeu não só os aposentos, mas também o seu coração. Não foram dois hóspedes, foram amigos, e pelo rodar do tempo cimentou-se uma grande amizade entre nós, abriu-nos as portas da sua residência, sentou-nos à sua mesa, excedeu-se em gentilezas, e jamais em todos os momentos, e, em todas as circunstâncias deixou de estar presente quando era necessário.

Português, que é, como os que o são, a nossa recomendação foi apenas por sermos portugueses, e, nada mais; sua esposa, gentil, cativantes, prestativa, procurava adivinhar os pensamentos de minha mulher, para que aqui no Brasil, não sentisse faltas ou falhas próprias

para quem, pela primeira vez veio para tão longe da sua, da nossa terra.

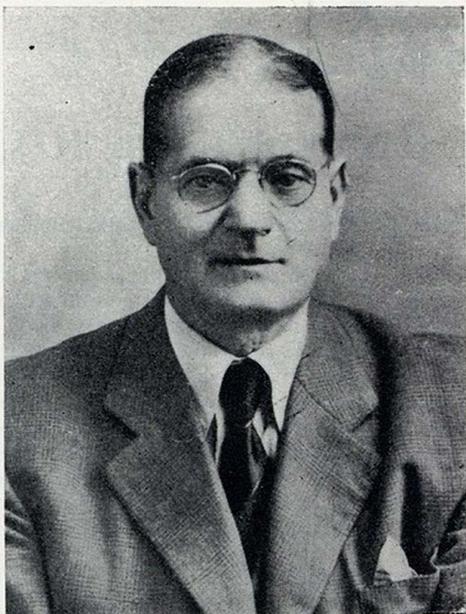
Pelo decorrer do tempo, a nossa amizade acentuou-se, e, agora que João Dias se acha afastado do seu mister de hoteleiro, que só a sua amizade pessoal ficou para nós, aproveitamos esta oportunidade para prestar esta singela homenagem a estes dois portugueses, que há tantas dezenas de anos, radicados no Brasil, nunca deixaram de testemunhar o seu grande amor à Pátria-Mãe e às coisas portuguesas, testemunhando assim, neste caso como em todos os outros, em que a sua actividade era chamada à prova, marcar de maneira inconfundível o seu carácter de português de lei e de cidadão das Duas Pátrias.

Que nos releve este desabafo, ao ler estas mal alinhavadas linhas, que só têm de mérito serem sinceras, porque estamos certos que mal pensa, que nós, os seus dois amigos de outrora, que ainda nos lembramos deles, porque tão arredia anda a gratidão, mas que para nós é lema, e se temos o dever de focar as incongruências de muitos, que assentam a sua vaidade em pedestal de barro, não podemos deixar de dar o máximo do nosso todo, para prestar homenagem justa, àqueles que pelos seus méritos próprios se tornam credores de apontá-los como paradigma a tantos que têm o dever de os imitar.

J. e D.



D. Luísa Dias e seu esposo Sr. João Dias



Francisco Ferreira de Matos

FRANCISCO FERREIRA DE MATOS

NATURAL de Pombeiro, veio para o Brasil ainda jovem, e aí, pelo seu talento, honestidade e amor ao trabalho, prosperou, fundando a conhecida e tradicional papelaria e livraria denominada «CASA MATTOS», sob a firma Ferreira de Matos & C.^a Lda., no Rio de Janeiro, e mais 3 filiais e depósitos da mesma.

Homem afeito ao bem e incondicional amigo de seus auxiliares, teve sempre, norteando sua conduta comercial, fazer de seus auxiliares seus sócios, tanto assim que actualmente a sua importante organização conta com um número apreciável de sócios (21), todos vindos de empregados e que, hoje, desfrutam uma situação económica bem apreciável.

Mas, a bondade e espírito altamente filantrópico do Sr. Mattos não se limitou, apenas, ao sector comercial, pois, ele criou e educou diversas crianças, tornando-as seus filhos adoptivos. Além disso, seu boníssimo coração se estende a vários sectores de caridade, sendo também Presidente do conceituado «Orfanato Santa Rita de Cássia», que fundou naquela mesma Capital.

Homens de acção e coração dessa estirpe que muito honram a Colónia Portuguesa do Brasil, a qual, felizmente, conta com outros exemplos de dinamismo e filantropia idênticos ao desse ilustre português e que nos referimos com tanta simpatia e gratidão.

AMÍLCAR DE FIGUEIREDO

SÃO muitos os portugueses que no Brasil têm alcançado situações de prestígio, mercê de seu trabalho profícuo e honrado, que os torna credores das Duas Pátrias que estremece.

Entre esses destaca-se o Sr. Amílcar de Figueiredo importante industrial e comerciante há muito radicado no Brasil, e, que tem sempre procurado impôr-se pela sua conduta, honrando a Pátria da sua origem e a Pátria que tão magnânimamente o acolheu.

Espírito altamente bondoso, tornou-se querido de todos aqueles que com ele convivem, e a sua personalidade dominante é apontada como exemplo para aqueles que querem prestigiar-se e vencer na vida.

Modesto, sem ostentação é naturalmente bondoso, pertence ao reduzido número daqueles que praticam actos



Amílcar de Figueiredo

benemerentes e que pedem aos beneficiados que não divulguem o benefício. Patriota, está sempre pronto a dar o seu valioso concurso a todas as iniciativas em que Portugal seja projectado e querido.

Sabemos que a sua modéstia se sentirá com estas palavras aqui expressas, mas a amizade que lhe votamos, nos impôs esta homenagem singela, mas sincera, a quem sempre tem honrado os nomes de Portugal e Brasil.

COMENDADOR *Joaquim Monteiro*

UMA FIGURA PRESTIGIOSA DA
COLONIA PORTUGUESA DE SÃO PAULO



Comendador Joaquim Monteiro

Benemérito, patriota, cidadão das Duas Pátrias, bem merece delas o tributo reconhecido às suas altas qualidades, que em toda a sua existência, tem honrado Portugal e o Brasil, e a sua grei, com a sua actividade e generosidade, procurando sempre bem servir, com afecto e humanidade

NA numerosa e patriótica Colónia Portuguesa de São Paulo, destacam-se alguns portugueses que sem alardes, têm realizado obra de tomo em benefício dos seus semelhantes.

Dentre os portugueses que mais têm trabalhado pelo bom nome de Portugal nesta grande cidade bandeirante, destaca-se e agiganta-se a figura inconfundível do Comendador Joaquim Monteiro, director da grande organização de transportes, denominada «A Lusitana», que todo o Brasil conhece, com o «slogan» «O Mundo gira e a Lusitana roda».

A sua forte personalidade e dinamismo não param

no labor constante de Bem Servir, quer no sector comercial, quer nos sectores social e benemérito. Trabalhando, servindo e obsequiando, ele é constante, para que o nome de Portugal seja sempre prestigiado em todos os momentos culminantes em que a sua Pátria nativa tenha de estar presente.

Português de fibra, com um desinteresse que chega até a ser inconcebível, trabalha afanosamente, não querendo reconhecer que esse labor o estiola, não se poupando a canseiras para que os outros, aqueles menos bafejados da sorte, tenham o seu lugar ao sol.

Coração bondoso, próprio dos da sua raça, ele acompanha com emoção e carinho o problema das obras altaneiras que possam contribuir para o bem-estar de brasileiros e portugueses.

A sua existência é um verdadeiro padrão a atestar o quanto vale um carácter íntegro, servido por uma bondade reconhecida. Na sua vida comercial, aí está a atestar, a Empresa de transportes que dirige, que é sem discrepância uma das principais do Mundo, e a primeira do Brasil, a sua esfera e acção vai aos pontos mais afastados do globo, incluindo o Japão e Austrália.

No seu humanismo, aquele que lhe é mais grato, não conhece limites, ele desdobra-se em actividades, assistindo a todas as reuniões onde se discutem projectos, iniciativas e factos, para o prosseguimento das grandes obras humanitárias, como é a Beneficência Portuguesa e a Casa de Portugal, e, assim o vemos executando com afã incumbências que tomou sobre os seus ombros e não esmorecendo com as dificuldades que se atolham nem com obstáculos que se lhe deparam, lutando e vencendo para bem da grei luso-brasileira, sentindo-se satisfeito com o dever cumprido, tendo em consciência que o seu esforço não é inútil, porque vê cada vez mais num crescendo enorme os imorredoiros padrões que ficam a atestar para a posteridade como são a gloriosa Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência e a Casa de Portugal em São Paulo, que são uma parte do seu amor, da sua filantropia e do seu afecto ao seu próximo.

Cavalleiresco, tem prazer em receber em sua casa bem portuguesa aqueles a quem distingue, procurando que levem sempre uma boa recordação, da sua personalidade benquista, e ainda de Portugal que ele nunca esquece, que ele confunde com gratidão, com o país que o acolheu, e é uma das Duas Pátrias, que ele ama, e é com grandeza de alma e altruísmo patriótico que revê o nome querido do seu país ligado às grandes iniciativas humanitárias e sociais que os portugueses como ele, espalham pelo Brasil, não distinguindo patrícios ou brasileiros porque na sua bondade há um só Povo, uma só Pátria: Portugal e Brasil.

AUGUSTO DA SILVA

UM PORTUGUÊS DISTINTO DA COLÓNIA PORTUGUESA DE SANTOS QUE HONRA COM O SEU EXEMPLO E ELEVADO PATRIOTISMO AS DUAS PÁTRIAS, QUE ESTREMECE

NATURAL da Várzea do Douro, concelho de Canavezes, distrito do Porto, o Sr. Augusto da Silva, desde que concluiu os seus estudos, formulou logo a ideia de vir para o Brasil, esta Pátria Irmã, atracção nata dos portugueses, que vêem nela a continuidade natural da sua terra.

Em 1927, chegou ao Rio de Janeiro, onde iniciou a sua vida comercial, e na capital federal, permaneceu oito anos, onde colheu os primeiros resultados dos seus esforços e trabalhos, dentro da honra e dignidade, e, elevado sentimento patriótico.

São Paulo, porém atraía-o, acompanhava com interesse o crescimento sempre crescente desta gigantesca cidade, e para o seu dinamismo sentia que era aqui o seu lugar. Nesta cidade se instala, duplicando os seus esforços e com ampla visão comercial, estabelece-se com várias casas comerciais de renome e projecção.

Não satisfeito ainda, numa legítima ambição, de melhor, estabeleceu-se na linda cidade portuária que é Santos, com uma grande firma denominada, Alonso, Silva, & C.^a Lda., que é proprietária dos estabelecimentos, Hotel de São Paulo, na Praça da Independência, Confeitaria YARA, também situada na mesma Praça, e, ainda o luxuoso Restaurante São Paulo no mesmo local, que é o coração da Praia do Gonzaga, cujos estabelecimentos estão sendo dirigidos pela sua clara inteligência, pelo seu dinamismo e alta capacidade, dando assim aos seus estabelecimentos o grande prestígio e fama de que justamente gozam.

Português, patriota, dos mais devotados, em amena conversa connosco, manifestou-se com a maior elevação e contentamento pela visita triunfal que fez a Portugal o Dr. Café Filho, Presidente da República do Brasil, e vimo-lo vibrar como filho que nunca esquece a sua Pátria, no contentamento tamanho, de saber que Portugal, dignificou todos os seus filhos que vivem no Brasil, testemunhando ao primeiro magistrado deste país irmão, o



AUGUSTO SILVA

Importante comerciante e destacado membro da Colónia Portuguesa de Santos

seu reconhecimento e dos portugueses que vivem nesta Grande Pátria, uma das Duas Pátrias queridas.

O Sr. Augusto da Silva, bem merece o conceito que a Colónia Portuguesa lhe dispensa, pelo seu carácter íntegro, e acendrado patriotismo, tantas vezes revelado, em momentos precisos em que é necessário marcar a sua presença.

A Casa de Portugal

Em São Paulo é uma grande organização Lusitana na importante metrópole Paulista

FALTAM cinco anos para um quarto de século, para se comemorar a fundação desta instituição importantíssima, pois foi fundada em 1935 nos altos de Piratininga, onde o espírito do grande Padre Manuel da Nóbrega, o homem que, com as suas virtudes cristianíssimas, com o seu verbo iluminado, conseguiu estabelecer os caboucos dessa urbe colossal, orgulho de brasileiros e portugueses.

Longe, atendendo às muitas milhas de distância das praias donde saíram as caravelas, que o prodígio da aviação tornou «pertinho», de modo as ondas atlânticas que beijam o *Jardim da Europa à Beira-Mar Plantado*, levarem o seu amor às costas americanas, vistas pela primeira vez no Mundo pelos portugueses, o núcleo de lusitanos vivendo na sua segunda Pátria (hoje quase Pátria Comum), não cuidaram os espíritos de seita que os poderiam separar, e, de olhos fitos na bandeira das quinas, pensaram só no querido e prestigioso Portugal!

O espírito que preside à «Casa de Portugal» é como que a consubstanciação do pensamento que presidiu ao «Acto Colonial»! Ali entram os habitantes dos cumes da Atlântida desaparecida (Açores); as suas portas abrem-se francamente aos nascidos na Pérola do Atlântico (Madeira); os da terra que Salvador Correia de Sá tornou mais portugueses, os do outro Brasil situado no Índico; os dessa Índia gloriosa de S. Francisco Xavier e de Albuquerque; os dess'outra Pérola oceânica, Macau; enfim aqueles outros portugueses do Timor distante, todos, e de todas as raças, brancos, negros e amarelos, portugueses dum império imenso, sentem na «Casa de Portugal» a igualdade que o «Acto Colonial» proclamou. Juntam-se ali os que vieram das casas tisnadas pelo fumo das aldeias do Alentejo, com os das chocas, com os dos barcos indianos, e dos palácios esplendorosos, numa

fraternidade imensa, aquecida pelo Sol esplendoroso do Brasil Amado!

* * *

... Mas, em todas as organizações, há sempre no meio de muitos cérebros a trabalhar, um dirigente aceite pelo consenso geral, um Cônsul como Napoleão, um general e político (político na acepção de organizador) como César, uma vontade como a do Marquês de Pombal, um diplomata como Bismark, uma inteligência superior, como Salazar!

Assim, nessa extraordinária organização «A Casa de Portugal», em S. Paulo com a energia da viva mocidade e, ao mesmo tempo, com um leve sopro de poesia, vinda das bucólicas terras portuguesas, e que Olegário Mariano, esse fantástico poeta de raça tão bem canta, é desvanecedor ver a mocidade feita energia, a poesia transformada em coragem, do Comendador Pereira Queiroz, símbolo de honra e de tenacidade portuguesas no Continente Americano do Sul, cuja sede oficial é em S. Paulo, glória imensa do espírito lusitano.

Maneja a bondade o Sr. Comendador Pedro Monteiro Pereira Queiroz com o seu braço esquerdo, membro precioso que comanda o seu coração de ouro.

Como complemento perfeito do seu espírito, aparece-nos Augusto Soares, braço direito do dinamismo do Sr. Comendador Pereira Queiroz, jornalista de estirpe, alma imensa dentro de outra alma grande, Sol doirado desse Paraíso Verde que é a «Casa de Portugal», Verde de esperança dum prestígio maior para a Terra Lusa, junto desses Infernos Verdes brasileiros, canções fantásticas e naturais duma Nação enorme, orgulho do Portugal de hoje, e estrela brilhante da Lusitânia dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX!

Não nos é possível, pois eles são tantos, tantos, men-



Augusto Soares
Secretário Geral da Casa de Portugal.

cionar aqui os nomes dessa legião que tem no comando o Sr. Comendador Pereira Queiroz e como seu adjunto o jornalista Augusto Soares. Seja-nos lícito, no entanto, falar do Sr. Gabriel Pinho da Cruz, director illustre da Secção de Intercâmbio Intelectual Luso-Brasileiro que inteligentemente a orienta.

E, apesar do carinho que a obra de assistência merece aos componentes da «Casa de Portugal», obra magnífica de solidariedade, devemos focar a acção do Sr. Frederico Sampaio actual 1.º Vice-Presidente que tanto contribuiu para que a nova «Casa de Portugal» fosse uma realidade na nova Sede sita na Avenida da Liberdade, como que a fazer lembrar essa outra Avenida com o mesmo nome, que se abre linda e movimentadíssima no coração de Lisboa!

Há, não há dúvidas, qualquer coisa de coincidência nestas duas Avenidas!

Uma, a de Lisboa, comemorando a liberdade da Pátria Portuguesa, mãe extremosíssima de outra Pátria: o Brasil! Outra, a de S. Paulo, escolhida pelos ilustres directores da «Casa de Portugal», para que, com mais liberdade, mais amplitude, possam assistir às necessidades materiais e espirituais dos portugueses em terras de Santa Cruz!

Para não fugir às construções portuguesas na sua arquitectura, a nova «Casa de Portugal» de S. Paulo tem três andares, de estilo elegante, como elegantes eram no seu tempo as senhoras que acompanhavam ao seu dulcíssimo exílio D. João VI!

A «Casa de Portugal» em S. Paulo, pela inspiração desse magnífico núcleo de portugueses que a dirige, será a consubstanciação do amor lusitano em terras brasileiras, o sopro divino que une e ligará sempre e intensamente a glória das Duas Pátrias!

A Direcção da «Casa de Portugal» de S. Paulo, para o biénio de 1955-56 tem a seguinte constituição:

Mesa dos Trabalhos da Assembleia Representativa

Presidente: Ernesto da Cruz Soares; 1.º Vice-Presidente: António dos Santos Clemente; 2.º Vice-Presidente: António Lopes da Fonseca; 1.º Secretário: João Neves; 2.º Secretário: Joaquim Teixeira Correia.

Directoria Central

Presidente: Com. Pedro Monteiro Pereira Queiroz; 1.º Vice-Presidente: Frederico Sampaio; 2.º Vice-Presidente: Com. José Alves Dias; 3.º Vice-Presidente: António Loureiro; 4.º Vice-Presidente: João Cunha Sotto Mayor; 1.º Secretário: António Pádua de Oliveira; 2.º Secretário: Mário Francisco Antunes; 1.º Tesoureiro: Afonso Alberto Salgado; 2.º Tesoureiro: António Bizarro da Nave; Director Síndico: Horácio Ribeiro de Queiroz; Director Procurador: Olindo Taveira Lelo; Director Social: João Bizarro da Nave Filho; Director do Departamento Cultural: João Sarmiento Pimentel; Director da Secção de Cultura: Dr. Boaventura Barreiros; Director da Secção de Intercâmbio Intelectual Luso-Brasileiro: Gabriel Pinho da Cruz; Director da Secção de Intercâmbio Económico Luso-Brasileiro: João Terreiro; Director da Secção de Turismo: Adolfo Teixeira Coelho; Director da Secção de Assistência Beneficente: Joaquim Marques; Director do Departamento de Assistência: Joaquim Monteiro; Director da Secção de Assistência Social e Desvalidos: Alberto Pires de Faria; Director da Secção Jurídica: José Vaz de Oliveira.

Comissão de Contas

Efectivos: Abel Marques Nogueira, José Maria de Araújo, Abel Cardoso; Suplentes: Jerónimo Azeredo, Manuel Luís Nogueira, Joaquim Vaz Júnior.



SERAFFIM PEREIRA
JOÃO SALGUEIRO
PEDRO BERNARDES

Proprietários da

PRATAS DE ARTE «UNIÃO»

Salgueiro, Bernardes & Pereira, Lda.



EXECUTAM-SE TRABALHOS EM PRATA COMO SEJAM: SALVAS, MEDALHÕES, CANJARÕES, APARELHOS DE CHÁ, CANDELABROS, TABOLEIROS, CENTROS, FRUTEIRAS E MAIS TRABALHOS CONCERNENTES AO RAMO.

RUA LAVAPÉS, 606 - TEL. 36-4633 - SÃO PAULO



A REVISTA DOCUMENTÁRIO
« DUAS PÁTRIAS »

PRESTA HOMENAGEM AO

Comandante
José dos Santos

DELEGADO DO SINDICATO NACIONAL
DOS CAPITÃES, OFICIAIS NÁUTICOS E
COMISSÁRIOS DA MARINHA MERCANTE

PELOS SEUS SERVIÇOS PRESTADOS À
SUA CLASSE E À NAÇÃO

FALAR do Comandante José dos Santos é rememorar toda uma vida inteira de trabalho em prol da classe que se honra em o ter como seu delegado junto dos organismos oficiais.

Quem traça estas modestas linhas tem privado com ele durante algumas dezenas de anos, e, assim pode com justiça focar o seu carácter, a sua combatividade, o seu interesse pelas causas que lhe são cometidas, que ninguém com mais interesse e isenção se teria desempenhado delas.

Tenho a honra de ser uma das pessoas que têm acompanhado o Comandante José dos Santos, e, em muitas das suas actividades, assim como, no seu estuante entusiasmo vigilante para fortalecer e valorizar a classe dos Oficiais da Marinha Mercante, para que cada vez mais ela seja um valor positivo dentro do Quadro da Renovação Nacional.

A sua sábia colaboração sempre que lhe é solicitada, quando é mister fazê-la como Delegado do seu Sindicato junto dos organismos

correspondentes, encontram-no sempre com um admirável zelo e intransigência na defesa dos interesses da sua classe, mas, sempre com um espírito justo de compreensão e conciliação que as exigências da Economia Nacional impõem, suavizando muitas vezes atritos que sem a sua manifesta competência e justiça poderiam ter certa acuidade que só viria a complicar problemas que a ninguém satisfaria, conciliando direitos e deveres entre as classes dos oficiais e armadores, defendendo uns e outros para uma compreensão absoluta de interesses mútuos.

O Sindicato dos Capitães, Oficiais Náuticos e Comissários da Marinha Mercante Portuguesa, têm desde a primeira hora (e há tantos anos) em José dos Santos, o seu delegado em diversas conferências internacionais que com a sua experiência, a sua lealdade, o seu bom senso, seu espírito de justiça há-de sempre protegê-lo na defesa dos interesses, que em tão feliz momento lhe foram confiados há mais de 30 anos.

Dr. António do Valle Domingues

Devido aos seus novos afazeres profissionais, e, assim não poder com eficiência acompanhar a evolução da Revista-Documentário DUAS PÁTRIAS, deixou desde o dia 4 de Setembro p. p. a direcção da mesma.

É com mágoa que vemos este nosso querido amigo afastar-se de um cargo onde a sua actuação foi de grande projecção e brilho, contribuindo assim para o prestígio que esta publicação disfruta.

O seu esforço desde a primeira hora dentro desta Revista, a sua pena brilhantíssima, e a sua dedicação e camaradagem, foi um dos principais esteios em que se firmou «DUAS PÁTRIAS» que jamais olvidaremos.

S. Ex.^a prometeu-nos porém a sua valiosa colaboração continuando a honrar assim a nossa Revista-Documentário, o que nos serve de lenitivo para o seu afastamento.

Os seus colegas de Direcção tanto de Portugal como do Brasil o abraçam efusivamente e desejam que nos seus novos cometimentos tenha as venturas que merece pelo seu impoluto carácter e elegância de trato.

Bento de Carvalho & Cia. Lda.

CASA FUNDADA EM 1877

- ❖ BEBIDAS FINAS
- ❖ CONSERVAS ESPECIAIS ESTRANGEIRAS
- ❖ IMPORTAÇÃO DIRECTA DOS PRODUTORES
- ❖ AUTENTICIDADE GARANTIDA

M A T R I Z - Rua XV de Novembro, 112

DEPÓSITOS - Rua Cidade de Toledo, 18/20
Caixa Postal, 197 — Telefone 2-3068
End. Telegr. «TOBENCAR»
SANTOS

Escritório em São Paulo
Rua 7 de Abril, 342 — 6.º andar — conj. 69 — Tel. 35-1287



Comandante Ramalheira

ESPECIAL PARA
«DUAS PÁTRIAS»

Como marinheiro, e esta circunstância permite-me acompanhar mais de perto a indestrutível comunhão espiritual e idiomática que liga as Duas Pátrias irmãs, presto a minha modesta homenagem ao grande povo brasileiro, formulando sinceros votos pelas prosperidades e engrandecimento da «Grande Casa Lusitana».

Em 23 de Junho de 1955.

Ambrósio Pereira Ramalheira

Comandante da «Vera Cruz»

SINDICATO NACIONAL DOS CAPITÃES, OFICIAIS NÁUTICOS E COMISSÁRIOS DA MARINHA MERCANTE

Saudação

NO desejo de contribuir para o desenvolvimento do necessário intercâmbio luso-brasileiro, em boa hora foi fundada a magnífica revista «Duas Pátrias», cujos primeiros passos lhe deixam já adivinhar auspicioso futuro no cumprimento da missão grandiosa a que se devotou.

Accedendo pois ao seu amável convite é com o maior prazer que nos propomos cooperar, embora com modesto subsídio, na sua tarefa meritória, utilizando suas páginas prestigiosas para, em nome dos sindicatos dos homens do mar que servem a Marinha Mercante Portuguesa (capitães, oficiais, mestrança e marinagem), expressarmos calorosas saudações à proficiente legião de marinheiros da Marinha Mercante Brasileira, fazendo votos pelos maiores progressos desta.

Quer por virtude dos laços fraternais que unem a lusa gente às maravilhosas terras de Vera Cruz, quer pela alta estima e consideração que o Marinheiro mercante lusitano tributa ao Nauta brasileiro é grande o nosso aprazimento por nos ter sido proporcionado por «Duas Pátrias» o feliz ensejo de, por seu intermédio, prestarmos do lado de cá do Atlântico, tão familiar de ambos no passado e no presente, esta homenagem colectiva.

José dos Santos

*Delegado do Sindicato Nacional dos Capitães,
Oficiais Náuticos e Comissários da Marinha Mercante*

Saudações

Aos Alentejanos do Brasil

A Casa do Alentejo, que na capital do nosso Império, é o coração da nossa querida província, saúda aqueles que da Terra-Mãe se afastaram, para Terra-Irmã, com espírito de aventura, para fazer valer os seus braços e a sua mente; envia-lhes um enternecido abraço, com a saudade, que liga os corações e é forte pela ancestralidade que tão arreigada é, na maior província de Portugal.

A Casa do Alentejo é a vossa Casa, no Centro administrativo e político do vosso sempre querido Portugal.

Vinde a ela, sempre que a nostalgia da Pátria vos chame.

Martins Galvão

Presidente da Direcção da Casa do Alentejo

Aos Beirões do Brasil

QUANDO Portugal, mercê da sua ciência náutica e na sequência da sua obra civilizadora, passou o Mar e se instalou, com o nome de Brasil, no outro lado do Atlântico, logo muitos beirões, Pedro Álvares Cabral à frente, seguiram com outros portugueses, a construir a *Pátria Nova*, no fundo uma só Pátria porque Portugal e o Brasil se confundem na raiz comum das suas origens.

Passaram séculos!

A peregrinação dos beirões continuou, e todos os que para lá têm ido e lá têm nascido, trabalhando, lutando e horrando Portugal, formam uma grande família que se dispersa do mais extremo norte ao extremo sul da grande Nação.

Por intermédio deste magnífico documentário «*Duas Pátrias*» destinado ao registo diplomático, histórico e cultural de Portugal e do Brasil, em nome das Beiras, «Coração de Portugal» e do seu solar em Lisboa, a «Casa das Beiras» dirijo a todos os nossos comprovincianos as nossas saudações, e, apertando-os contra o peito, do coração lhes afirmo que os acompanhamos e louvamos pelas suas nunca assaz elogiadas actividades construtivas e criadoras, rogando-lhes que jamais esqueçam, o que muito bem sabem, que *engrandecer o Brasil é engrandecer Portugal!*

Jaime Lopes Dias

Presidente do Conselho Regional da Casa das Beiras

A Casa do Distrito do Porto saúda os seus naturais residentes no Brasil

AS conhecidas qualidades das gentes nortenhas que imprópriamente denominam de «Bairristas», tem permitido através da história, em todos os transes difíceis e em todos os recantos do Mundo, a manifestarem-se como os inesquecíveis Bandeirantes, pela sua tenacidade, resistência e fé.

Todos os naturais do Distrito do Porto que esforçadamente labutam em terras de Santa Cruz pelo progresso e engrandecimento da sua segunda Pátria são merecedores da nossa maior estima e carinho.

A todos que despendem as suas energias desde fronteiras Nordes-tinas ao Rio Grande do Sul enviamos as nossas saudações mais efusivas agradecendo a «Duas Pátrias» a oportunidade de dirigir aos componentes da Casa do Porto na cidade do Rio de Janeiro e a todos os que honram o recanto onde Portugal foi buscar o seu eterno Nome os nossos vivos e ardorosos anseios pelas suas prosperidades.

Pela Casa do Distrito do Porto

Norberto Gonçalves Torres Perez

SEPARADO embora da Pátria-Mãe, como o filho que ao atingir a puberdade, casa, e constitui o seu Lar, o Brasil jamais poderá deixar de ser parcela indivisa da Alma Portuguesa.

Ao profetizar, nos alvares do Romantismo: «É no Brasil que se há-de estabelecer a Capital da futura República dos Estados Unidos do Mundo», Victor Hugo não terá, assim, procurado menos enaltecer a eternidade da obra lusíada nele realizada por Portugal do que exaltar as possibilidades prodigiosas da terra e das gentes brasileiras.

Major Mateus Moreno



Major Mateus Moreno

Saudação aos Algarvios do Brasil

POR PORTUGAL E ALGARVES
D'AQUÉM E D'ALÉM MAR

FUNDADO em 23 de Outubro de 1924 o «Centro do Algarve», no Rio de Janeiro, dele recebi, em princípios de 1925, o officio que segue:

«Amigo e Comprovinciano — Cabe-me a honra de vos comunicar que em conformidade com o preceituado no artigo 9 e seus parágrafos dos nossos Estatutos, foi V. Ex.^a, em reunião da directoria do Centro do Algarve, com sede nesta cidade do Rio de Janeiro, eleito sócio CORRESPONDENTE, nesta Cidade.

«Do vosso mais que comprovado patriotismo e amor à Província onde nascemos, muito tem este Centro a esperar do vosso concurso em prol da OBRA neste País iniciada com a fundação dos Centros Regionais Portugueses, alicerces duma outra mais bela e maior, que é a CASA DE PORTUGAL.

«Descraver-vos o nosso programa é missão difícil, porém oportunamente vos serão enviados os elementos necessários para que V. Ex.^a bem os conheça, permitindo que desde já vos diga que o nosso lema é: «Por PORTUGAL».

«Aproveitando a oportunidade de vos apresentar não só os cumprimentos pessoais dos membros desta directoria, como os meus próprios, me firmo — Pela Directoria — De V.^a Ex.^a Comprovinciano Amigo (as.) Francisco das Dores Gonçalves — 1.^o Secretário.»

Quatro anos após esta comunicação, pensando-se também em Lisboa, na constituição de uma Confederação Regional Portuguesa, nova tarefa me será confiada — a de congregar os elementos necessários à instituição do órgão destinado a representar o Algarve na dita Confederação. E em 8 de Março de 1930, data comemorativa do primeiro centenário do grande lírico e pedagogo João de Deus, desde logo escolhido, como algarvio, para patrono do novo organismo, virá a ser de facto, solenemente inaugurada a «Casa do Algarve», em Lisboa.

Como actual presidente da sua Direcção, azado me parece, pois, o momento de, através das acolhedoras páginas da Revista «Duas Pátrias», retribuir a todos os algarvios residentes no Brasil a sua confiante mensagem de há 30 anos.

Que o brado que nesta saudação lhes dirijo — «Por Portugal e Algarves, d'aquém e d'além-Mar, — seja a bandeira que a todos irmane.

Major MATEUS MORENO

Presidente da Direcção da Casa do Algarve em Lisboa e antigo Chefe do Serviço de Informações à Imprensa de Angola, Director da Casa da Metrópole em Luanda e Director da Revista «Alma Nova».

A mais higiênica e dessedentante das bebidas naturais.

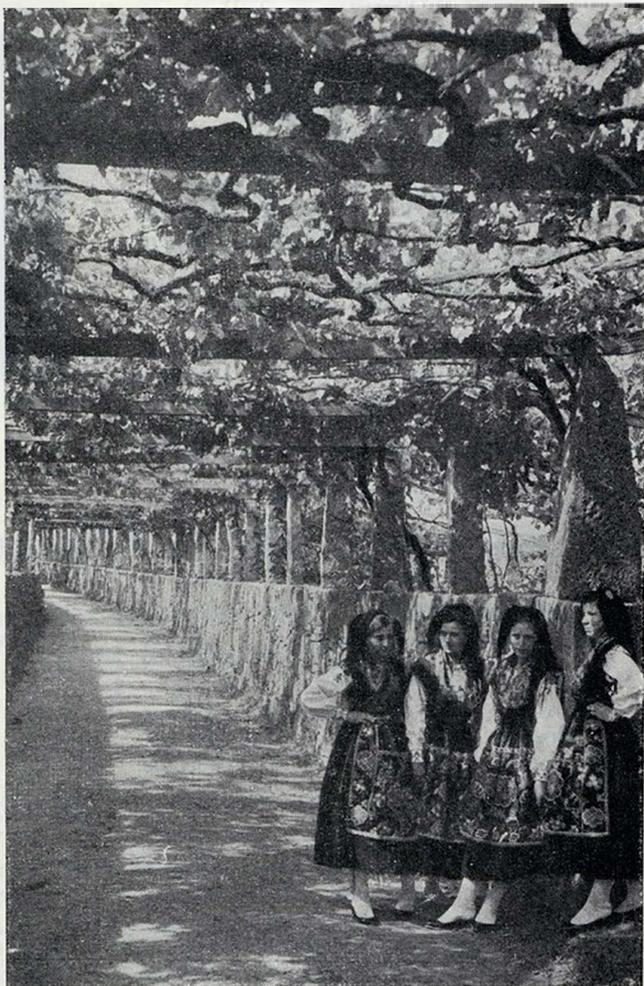
O vinho mais próprio para os países quentes.

O VINHO VERDE

alegre, risonho, original, como a região que o produz, o

VINHO VERDE

é um vinho de PORTUGAL e é uma marca de origem internacionalmente reconhecida. Só é Vinho Verde, e só legalmente podem usar esta designação os vinhos produzidos na Região Demarcada dos VINHOS VERDES e garantidos pelo certificado de origem da



PORTUGUESES EM SÃO PAULO



Tomaz Pimentel

Ilustre Filho da rica província de Trás-os-Montes, grande benemérito do Centro Transmontano e da Câmara do Comércio de São Paulo, é Sócio Gerente do Laboratório Sanitas do Brasil S. A. Apoiar e aplaude a missão patriótica que a Revista Documentário «DUAS PÁTRIAS» está realizando, de aproximar cada vez mais as duas Nações Irmãs:
Portugal e Brasil
e revelar através das suas páginas os pensamentos luso-brasileiros das mais eminentes personalidades das Duas Pátrias

CASA ELISEU MARDEGAN

MARDEGAN & CIA. FUNDADA EM 1921

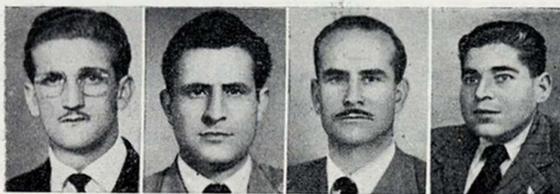
MATRIZ - ESCRITÓRIO E ARMAZÉM:
Rua Carlos de Sousa Nazareth, 612 — Fone 33 - 6701
SÃO PAULO

FILIAL - Rua Padre Ernesto, 890 - Caixa Postal, 55
Fones. 16 e 19 - MIRASSOL

FILIAL - Rua 7 de Setembro, 72 - Fone. 1 - 459
CATANDUVA

FILIAL - Rua João Pessoa, 275 - Fone, 38 MONTE
APRASIVEL - E. F. A. - Estado de São Paulo

PEDREIRA-FAZENDA PROVIDÊNCIA-PLANALTO



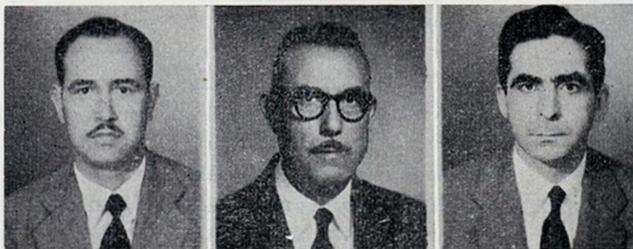
Os Senhores

Alberto Tunes

José Luiz Atanasio

Abílio José Atanasio e Aurélio Pereira Marques

da firma *Armario Atanasio, Lda.* Patrioticamente saúdam Portugal pela forma como receberam Sua Excelência o Senhor Presidente Café Filho na sua visita, que ali fez, e que mais veio unir as Duas Grandes Pátrias Irmãs



João Baptista Mós

Luiz do Nascimento Mós

Antônio Fernandes Dias

Colaboram patrioticamente com a Revista Documentário «DUAS PÁTRIAS» e rejubilam com a visita de S. Excelência o Doutor Café Filho Presidente da República do Brasil a Portugal em Abril de 1955

SÃO PAULO 1955

UM EXEMPLO
E UMA OBRA

CASA BANCÁRIA FARO & C.^A

da cidade de SANTOS

A «Casa Bancária Faro & C.^a», originária da «Casa de Câmbio Faro», iniciou suas actividades em 22 de Janeiro de 1899.

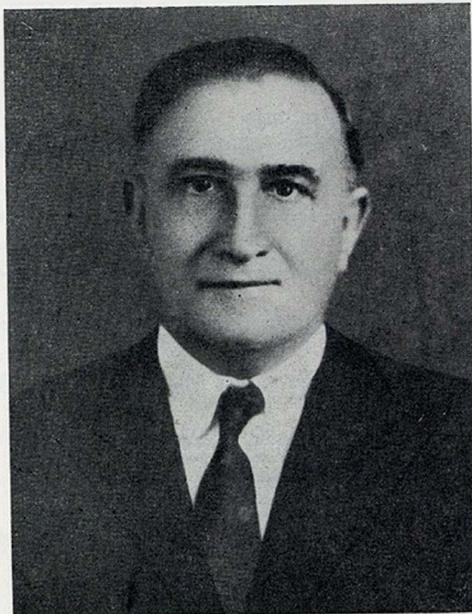
Foi seu fundador o Sr. Alexandre de Mello e Faro, natural de Porto de Rei — Concelho de Rezende — Portugal.

Nascido em 6 de Março de 1878, chegou ao Brasil apenas com 15 anos de idade, idade em que começam a alvorecer os anseios do homem na transição do seu

gênio, não hesitou porém em se lançar na aventura ordenada. Inteligente, audaz, com o plano preconcebido, e, após 7 anos de estadia na sua nova Pátria, funda a «Casa de Câmbio Faro», no mesmo local onde ainda hoje funciona, na Rua XV de Novembro N.º 80, com a denominação de *Casa Bancária Faro & C.^a*.

É de frisar e destacar o arrojo deste adolescente que apenas com 22 anos de idade toma a responsabilidade de se estabelecer com uma Casa de Câmbio, comércio para o qual são necessários requisitos de grande honestidade e de carácter, a par de conhecimentos fora do vulgar. Mas, Alexandre de Mello e Faro, tudo isso possuía, descendente e componente de uma nobre família portuguesa de grandes tradições, o seu timbre era a honra e trabalho. Com esses atributos enfrenta a missão que se impôs conquistando imediatamente o crédito que em toda a sua vida manteve como demonstração de seu carácter, saber e honestidade, acompanhando ainda com a sua bolsa e conhecimentos toda a evolução da Colónia Portuguesa de Santos, distribuindo actividades e colaboração às várias instituições filantrópicas e beneficentes que muitos factos ficaram a atestar.

Exemplar chefe de família, o seu exemplo, teve o reflexo, como não podia deixar de ser em seus filhos, que a partir do falecimento do seu pai e chefe, que se deu em 3 de Agosto de 1935 continuaram com a mesma orientação, dirigindo a «Casa Bancária Faro & C.^a» que continua nos seus quase 57 anos de existência, procurando bem servir a todos, honrando sempre as Duas Pátrias, Portugal e Brasil, uma que foi Pátria de seu pai e outra filha duma Pátria de quem são filhos também.



Alexandre de Mello e Faro

Fundador da Casa Bancária Faro & C.^a



Aos Srs. Directores da
Revista "DUAS PÁTRIAS"
SÃO PAULO

Foi-me grato receber um exemplar de DUAS PÁTRIAS, que me causou a melhor impressão, quer pelo seu conteúdo, quer por sua feitura material. É um liame que se acrescenta aos muitos outros, indestrutíveis, que fazem de Portugal e do Brasil um só coração, sob duas bandeiras que se fraternizam através do Atlântico. Agradecendo a gentileza, formulo os melhores votos pela prosperidade da Revista DUAS PÁTRIAS e pela ventura pessoal de Vv.Ss.

Atenciosas saudações

Antônio Feliciano

Prefeito Municipal

O DR. ANTÔNIO EZEQUIEL FELICIANO DA SILVA — filho de D. Feliciano Marcondes da Silva e de José Porfírio da Silva, nascido em Paraibuna, Estado de São Paulo, mudou-se muito jovem, com a família, para Santos, onde frequentou o Ginásio Santista, da Congregação dos Irmãos Maristas. Fez o curso de bacharelato da Faculdade de Direito de São Paulo, onde se formou em 1921, passando a advogar em Santos, em companhia do eminente jurista

Dr. Waldemar Carneiro Leão. Ingressando na política, foi vereador à Assembleia Legislativa de São Paulo, membro do Conselho Administrativo do Estado, Deputado Federal por São Paulo, em duas legislaturas, e membro da Comissão de Finanças e Orçamento daquela alta casa do Congresso.

Em 1953, foi eleito Prefeito de Santos, com mandato por quatro anos. É professor de Direito Penal da Faculdade de Direito de Santos.

IMPORTAÇÃO
EXPORTAÇÃO
CABOTAGEM

DEICMAR REUNIDAS

COMISSÁRIA DE DESPACHOS, LDA.
Endereço Telegráfico «DEICMARLI»

SÃO PAULO - RUA FLORENCIO DE ABREU, 157
6.º And. - Conjunto 603
Fones { 33 - 1004
 { 33 - 3799

SANTOS - RUA VISCONDE RIO BRANCO, 2
Fones { 2 - 2140
 { 2 - 2148
 { 2 - 2149

SÃO PAULO - RUA PAULA SOUZA, 471/473
1.º Andar - Sala 2 B
Fone, 33 - 1307

Dias Martins, S. A.

MERCANTIL E
INDUSTRIAL

CAPITAL: CR. \$
80.000.000.00

RUA ANTÔNIO PAES, 52
CAIXA POSTAL, 2646
- SÃO PAULO -

FONES: 35-7163
(REDE INTERNA)
37-1646 34-3220

FILIAIS EM:
S. JOSÉ DO RIO PRETO
- CATANDUVA - MARÍ-
LIA - BARRETOS - VO-
TUPORANGA - MONTE
APRAZÍVEL - ARARA-
QUARA - LONDRINA -
ARAPONGAS - MARIN-
GÁ - PRESIDENTE PRU-
DENTE - BAURU

ARTIBUS

AVEIRO — PORTUGAL

ARTIGOS DE CERÂMICA FINAS —
LOUÇAS DECORATIVAS — LOUÇAS
DOMÉSTICAS — AZULEJOS



A Grandeza do Brasil



O PROGRESSO
INDUSTRIAL
DO ESTADO DE

São Paulo

Grandes Centros Fabris no interior do Estado

Americana

AMERICANA possui 249 fábricas, incluindo outros produtos, como implementos agrícolas, etc. O valor da sua produção industrial é mais ou menos de Cr\$ 2 bilhões, sendo sua população operária de 5.200 trabalhadores. Possui uma das quatro grandes fábricas de «rayon» do Brasil e a única do interior do País.

Outras empresas de significado são as indústrias de tecelagem, de máquinas e implementos agrícolas produzindo arados, carpideiras, semeadeiras e outros artigos.

Bauru

BAURU é outra cidade que acusa intenso progresso industrial. Possui 658 estabelecimentos fabris, empregando 3.659 operários. Suas unidades industriais têm um capital de reserva de Cr\$ 120.000.000,00. Suas fábricas são de refrigerantes, de artefactos de cimento, seraria, tipografia, cerâmica e outras.

Araraquara

ARARAQUARA destaca-se entre as mais industrializadas cidades do Interior. A próspera cidade da zona da Paulista conta com uma população superior a 75 mil habitantes, quarenta e tantos dos quais se

Segundo estatísticas recentemente publicadas, verifica-se que o interior do Estado de São Paulo possui em números redondos 26.000 fábricas, enquanto que a Capital do Estado atinge o número de 26.364 estabelecimentos fabris.

Enquanto a Capital do Estado emprega (não incluindo os ferroviários) 451.086 operários, todo o interior não atinge senão 351.522 obreiros fabris. Por estes números se conclui que se no interior do Estado de São Paulo são mais numerosas as indústrias, empregam todavia menor número de elemento humano, enquanto que na Capital, se verifica o inverso, isto é, maior número de empregados em menor número de fábricas.

É digno de registo que nos últimos sete anos houve um aumento de 250.121 empregados na mão de obra industrial do Estado, o que se torna notável, como índice, do formidável desenvolvimento industrial no Estado «leader» do Brasil.

acham no perímetro urbano. Aproximadamente cinco mil operários estão empregados nas 243 fábricas existentes na cidade. Mas a principal fonte de renda industrial está na fabricação de laticínios, como leite em pó, leite condensado e outros produtos lácteos. Araraquara, que se pode enumerar entre os mais adiantados municípios paulistas, possui fábricas de grande capacidade de produção e de vital importância para a sobrevivência de São Paulo e do Brasil. Araraquara, cujo nome significa Morada do Sul, foi fundada em 1790 por Pedro José Neto. Distanto pouco mais de 300 quilômetros da Capital, Araraquara é um dos centros populacionais de maior relevância da chamada zona da Paulista, estrada que serve a região juntamente com a E. F. Araraquara. Goza de situação privilegiada e vantajosa, em face de sua localização no território do Estado, pois é, por assim dizer, a porta de entrada para uma das mais ricas zonas de São Paulo, que se estende até às barrancas do Rio Paraná, onde já chegaram as linhas de ferrovia que têm o seu nome. Toda a produção agropecuária dessa ampla e fértil zona passa pela cidade a caminho dos portos de exportação ou centros estaduais de consumo. São também de trânsito obrigatório pela cidade as mercadorias e produtos de consumo da zona Araraquense.

Tem assim situação vantajosa para um centro industrial desenvolvido, pois dispõe de consumidores potenciais e efectivos em total apreciável. Aliás, localizam-se

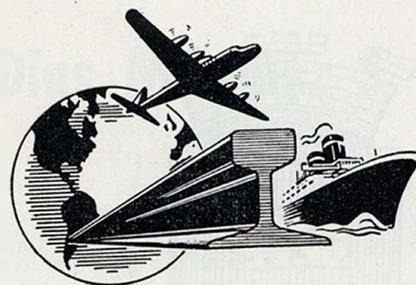
COMERCIAL E IMPORTADORA

Baptista Ferraz S/A

R. Florência de Abreu, 297 S. Paulo
Tels. 32-3184 (Rede interna) - 37-4624
Caixa, 2669
End. Tel. «Coimbofer»
Inscrição 97.058

Máquinas para Lavoura e Indústria, Ferramentas e Ferragens em geral, Chapas, Tubos, Válvulas e Conexões, Correias, Gachetas, Papelão de Asbesto, Lonas. Encerados - Acessórios para Vapor e Água.

DISTRIBUIDORES DE:
GERADORES «KOHLE»
MOTORES:
«SKODA», «BOLINDER'S»,
«YANMAR» E «ASAA»



PARA **EXCURSÕES E**
PASSAGENS NO
BRASIL

RECOMENDA-SE

Wagons-Lits//Cook

SÃO PAULO

MARCONI, 101 PRAÇA PATRIARCA

RIO:

SANTOS:

AV. DO PRES. WILSON

PRAÇA DA REPÚBLICA

COMPANHIA *Jaraguá* de ARMAZENS GERAIS

Sede: São Paulo

Largo do Café, 14-1º andar
Telefones 36-4848 e 36-4852
Caixa Postal 4948
End. Telegráfico: «Cuagerais»

Armazéns: São Paulo

Rua Tagipirús N.ºs 906, 942 e 978
Telefone 51-9579

Desvios

Salfama
Barra Funda (E. F. S.)
(Bitola Estreita)
Salfama
Est. Domingos de Morais (E. F. S.)
Via Barra Funda (E. F. S. J.)
(Bitola Larga)

Filial: Santos

Rua 15 de Novembro, 50-2º andar
Telef. 2-7205-Caixa Postal 699
End. Telegráfico: «Cuagerais»

na cidade numerosas indústrias, muitas das quais verdadeiramente modelares, como sejam as fábricas de meias, lacticínios, óleos vegetais, oxigénio e outras de tecidos, móveis, massas alimentícias, produtos de cerâmica, etc. Seus estabelecimentos industriais são em número de 246, empregando 4.381 operários. Dista o Município 314 quilómetros da Capital e é sede de Delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo.

Botucatu

BOTUCATU é outro grande centro industrial de São Paulo. São exportados para o exterior diversos produtos de seu parque industrial, como é o caso das máquinas de beneficiamento de café. A população industrial da cidade é superior a 700 trabalhadores distribuídos por mais de meia centena de fábricas. Botucatu, fundada em 23 de Dezembro de 1843, situada a pouco mais de 200 quilómetros da Capital, é servida pela estrada de Ferro Sorocabana. Ocupando uma área de 1.582 quilómetros quadrados, Botucatu conta com uma população de 43.413 habitantes.

Campinas

CAMPINAS, pela população, se situa entre as cidades mais adiantadas do Estado, sendo próspero centro fabril, que conta 672 estabelecimentos industriais e 13 mil operários, com a produção superior a 1 bilhão 741 milhões de cruzeiros.

Entre as fábricas principais de Campinas podemos destacar as indústrias de fogões, de tecidos, de artefactos de ferro, de fitas adesivas.

Jundiaí

JUNDIAÍ está classificada entre as mais industrializadas cidades do Estado. O congestionamento urbano da capital paulista, dificultando os transportes e determinando transtornos na locomoção, faz de Jundiaí a cidade ideal para a instalação de novas indústrias, porque sobre ser próximo de São Paulo, a ela está ligada por uma rodovia de primeira ordem. Além do mais, a prefeitura de Jundiaí isenta do Imposto Predial e da metade do Imposto de Indústria e Profissão as indústrias que se instalarem no município, em bases assentadas no capital empregado. A existência de três escolas profissionais, com a formação anual de turmas de operários qualificados, está facilitando ao seu parque industrial a obtenção em situação realmente privilegiada para quantos pretendam ali instalar indústrias. Entre as primeiras fábricas podemos citar a de fósforo que possui para esse fim uma usina própria para fabricação de Clorato de Potássio. Figura, também, entre as principais indústrias de Jundiaí, fábrica de tecidos de algodão, brins, caquis, gabardine e cobertores de lã. Conta a indústria com 440 teares modernos que produzem anualmente seis milhões e setecentos mil metros

de tecidos diversos, empregando mil e quinhentos operários.

Jundiaí pode ser classificada entre as cidades mais industriais do interior do Estado. Uma de suas indústrias que despontam com excelente organização é a produtora de máquinas de costura.

Produzindo máquinas de costura de alta qualidade, conta 700 operários, e sua produção é do valor de 9 milhões de cruzeiros mensais, fabricando 2 mil unidades por mês. Está instalada numa área de 130 mil metros quadrados.

Dispõe a empresa de 130 residências para operários, assistência social, com ambulatório médico e sua maquinaria é moderna e eficiente, empregando a firma 100% de matéria-prima nacional para a fabricação de suas máquinas.

Indústria judiaíense de grande importância é a de Conservas Alimentícias, que fabrica doces de massas de frutas e polpa de tomate.

A indústria vitivinícola judiaíense é, também, uma das mais adiantadas do País. Ressalta-se ainda a indústria de cadeiras, e outras atestam o progresso fabril da cidade.

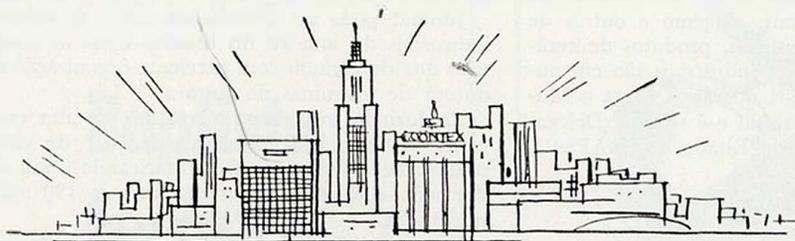
Marília

MARILIA tem 31 anos. Possui 356 estabelecimentos fabris, que ocupam 3.500 operários. Entre suas principais indústrias destacam-se as de pastificio, serraria, cervejaria, carroçaria de ônibus e fábrica de doces.

Presidente Prudente

DISTANTE 786 quilómetros (Estrada de Ferro) da Capital paulista, Presidente Prudente, capital da Alta Sorocabana, cidade das mais novas do interior de São Paulo, pois conta somente com 33 anos, transformou-se nos últimos tempos na mais dinâmica e próspera cidade do Estado, servindo igualmente como localidade chave de ligação entre Mato Grosso e Paraná. Fundada a 14 de Setembro de 1917, elevada a Distrito a 28 de Novembro de 1921 e a Comarca a 8 de Dezembro de 1922, Presidente Prudente conta hoje com 80 mil habitantes, 40 mil dos quais na sede da Comarca, toda ela contida numa área de 2.317 quilómetros quadrados.

Apesar de separada por 786 e 605 quilómetros por estrada de ferro e de rodagem, respectivamente, da Capital do Estado, Presidente Prudente está ligada a São Paulo, por quatro trens, 5 aviões e dezenas de ônibus diários, além de se ligar às cidades da região por outro tanto de aviões, trens e ônibus. A estrada de ferro que serve a região Sorocabana faz o percurso entre a Capital do Estado e Presidente Prudente em 21 horas. Os ônibus gastam no percurso, pela estrada de rodagem (181 quilómetros menos que a estrada de ferro) 16 horas, podendo um automóvel demorar apenas 12 horas. De avião, a distância pode ser vencida em apenas 2 horas, razão por que esse é o meio de transporte preferido. Contando com 204 estabelecimentos fabris, 7 grupos escolares, 40 escolas isoladas, 6 hospitais, 3 órgãos de imprensa, uma estação transmissora, 6 biblio-



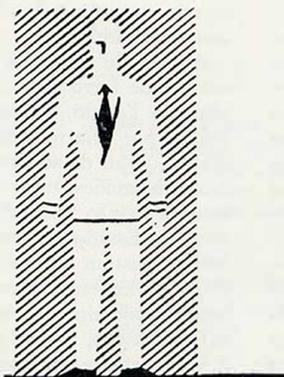
EM SÃO PAULO

A CIDADE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO

É ASSIM QUE SE PROCESSA O
DESENVOLVIMENTO
DO SERVIÇO TELEFÔNICO

NOS ÚLTIMOS ANOS
1951 A 1954

A POPULAÇÃO AUMENTOU DE 19%
O NÚMERO DE TELEFONES
AUMENTOU DE 61%



tecas, 700 estabelecimentos comerciais, cinco mil operários, dois cinemas e hotéis. Presidente Prudente é não só a capital da Alta Sorocabana como também o ponto estratégico de ligação entre os Estados de São Paulo, Mato Grosso e Paraná. A sede da Comarca, situada a 416 metros de altitude, é de clima temperado, possuindo mais de oito mil prédios, muitos dos quais de construção moderna e funcional. O último orçamento de Presidente Prudente foi de 22 milhões de cruzeiros, sendo arrecadados 26 milhões.

Com 204 estabelecimentos fabris que abastecem toda a região, exportando parte para a zona da Capital, Presidente Prudente coloca-se em posição de relevo no parque industrial do Interior paulista, bastando dizer que somente serrarias são contadas mais de trinta, uma das quais é a maior de toda a Região da Alta Sorocabana.

Ribeirão Preto

RIBEIRÃO PRETO, a terra do café, é, em nossos dias, uma esplêndida força manufactureira. Possui cerca de 500 fábricas e 8.500 operários. Sua indústria é diversificada, citando-se a de fabricação de móveis, de massas alimentícias, de sabão e sabonetes finos, frigorífico com instalações de acordo com as exigências de uma indústria moderna, tem capacidade de abater para 15 mil cabeças de gado por ano, visando elevar esse número para 75 mil. Sua importância é relativa à necessidade que tem o Brasil do aumento do consumo de carne, pois, segundo dados estatísticos, o consumo de carne «per capita» é de apenas 21,16 quilos por ano, muito menor, portanto, que países como a Inglaterra, Uruguai, Argentina, Dinamarca e outros. Ribeirão Preto fica distante da Capital do Estado 295 quilômetros em linha recta, sendo 354 por estrada de rodagem e 418 por estrada de ferro. Sua população é superior a 110 mil habitantes, concentrando-se na cidade cerca de noventa e poucos mil habitantes. Possui 510 estabelecimentos fabris e 1.230 unidades de comércio. Há pouco tempo foi criada, na cidade, a Comissão de Desenvolvimento Industrial, destinada a dar assistência às iniciativas e actividades manufactureiras do município.

Rio Claro

SERVIDA pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a cidade de Rio Claro, que dista 194 quilômetros da Capital paulista, conta entre suas principais indústrias as seguintes: a de construção e material ferroviário, cervejaria, de preservação de madeiras e outras.

Fundada em 24 de Junho de 1824, Rio Claro acusa hoje uma população superior a 60.000 habitantes, dos quais mais de 40.000 se encontram na zona urbana.

São Carlos

SÃO CARLOS ocupa lugar privilegiado no Estado como parque industrial. Possui 370 fábricas e 6 mil operários. Destacam-se entre suas indústrias maiores as que produzem geladeiras, tapetes, conservas alimentícias e lápis.

São João da Boa Vista

SÃO JOÃO DA BOA VISTA é uma cidade cuja população atinge cerca de 45 mil habitantes. Possuindo aproximadamente 150 fábricas, sua indústria é diversificada, produzindo móveis e tecidos, harmônicas e artigos frigorificados.

Hoje, uma única indústria de harmônicas conta com 35 operários produzindo mensalmente 40 instrumentos musicais. Estes, recobertos de celuloide ou nacrolaque perolado, em variados tipos, constituem objecto de rara beleza e nada ficam a dever aos mais famosos da Itália, da Alemanha e de outros países em que essa indústria atinge situação privilegiada. Outros grandes estabelecimentos industriais sanjoanenses são de fiação e tecelagem que empregam 280 operários em seus 122 teares comuns e 12 automáticos e 2.320 fusos, produzindo tecidos finos e estampados num total de 120 mil metros mensais.

Procurando atrair novas indústrias, a Prefeitura de São João da Boa Vista está em vias de solucionar dois grandes problemas: energia eléctrica, através da construção da usina Limoeiro, no Rio Pardo, com cerca de 180 mil KW; e pavimentação de diversos trechos de rodovias, como a São João-Gogi Mirim, tendo para isso adquirido 15 mil barris de asfalto.

Suas fábricas somam 150 estabelecimentos. Entre suas principais indústrias destacamos as da fiação e tecelagem, de cerâmica, de louças, de produtos alimentícios e muitas outras que dão à cidade uma fisionomia de centro manufactureiro de importância na chamada média mogiana.

Sorocaba

SOROCABA, muito justamente cognominada a «Manchester Paulista», possui 488 estabelecimentos industriais e 19 mil operários, sendo uma das cidades industrialmente mais desenvolvidas do País. A par de sua tradição, Sorocaba é centro pioneiro da nossa industrialização, pois ali funcionou a primeira indústria têxtil do Brasil, por iniciativa do português Manuel Lopes de Oliveira, tendo funcionado também a famosa fábrica de Ferro de Ipanema; tendo ainda António Pereira Inácio também português, instalado uma indústria ecléctica e grandiosa. Em Sorocaba desenvolveram-se empresas como a de fiação e tecidos, de estamperia, além de outras grandes firmas como indústrias metalúrgicas de móveis e frigoríficos.

Contando com 130 mil habitantes, o município de Sorocaba situa-se entre os mais populosos do Estado, ocupando lugar destacado entre os mais industriais do País. Sendo sede de Delegacia Regional do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, Sorocaba tem imprimido seguro rumo aos seus destinos económicos.

Taubaté

Taubaté vem tendo magnífico surto industrial. Hoje é um município que ocupa lugar de relevo entre os mais desenvolvidos do Interior. Atinge 350 milhões e 685 mil cruzeiros o valor da produção de suas indústrias. Possui 60 fábricas e 4.193 trabalhadores.

Suas principais fábricas são: de tecelagens e de produtos alimentícios.

Banco A. E. Carvalho S/A

CARTAS PATENTES N.ºs 917 de 10/9/1930 e 3.319 de 4/2/1954

RUA FORMOSA, 413
SÃO PAULO

BALANCETE EM 30

ACTIVO

A — DISPONÍVEL

CAIXA:

Em moeda corrente	19.233.463,10	
Em depósito no Banco do Brasil S/A	20.764.584,40	
Em dep. no Banco do Brasil S/A à/o da Sup. da Moeda e do Crédito	11.271.162,00	
Em outras espécies	—,00	51.269.209,50

B — REALIZÁVEL

Letras do Tesouro Nacional		
Empréstimos em C/Correntes	34.693.183,10	
Empréstimos Hipotecários	33.624.713,30	
Títulos Descontados	45.984.628,50	
Letras a Receber c/ Própria	3.000,00	
Agências no País	—,00	
Correspondentes no País	64.701,10	
Agências no Exterior	—,00	
Correspondentes no Exterior	—,00	
Outros Val. em Moeda Estrangeira	—,00	
Capital a Realizar	—,00	
Outros Créditos	337.785.384,20	452.155.610,20
Imóveis		238.810.053,30

Títulos e Valores Mobiliários:

Apólices e Obrigações Federais, inclusive as de valor nominal de CR\$1.520.000,00, depositados no Banco do Brasil S/A, à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito	1.611.270,90	
Apólices Estaduais	152.745,20	
Apólices Municipais	—,00	
Ações e Debentures	5.000.000,00	6.764.016,10
Outros Valores	—,00	697.729.679,60

C — IMOBILIZADOS

Edifício de Uso do Banco	7.747.372,80	
Móveis e Utensílios	2.584.428,40	
Material de Expediente	409.535,60	
Instalações	281.288,80	11.022.625,60

D — RESULTADOS PENDENTES

Juros e Descontos	8.388.523,60	
Impostos	769.612,30	
Despesas Gerais e outras contas	9.594.866,40	18.753.002,30

E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO

Valores em Garantia	78.046.277,70	
Valores em Custódia	27.667.706,00	
Títulos a Receber c/ Alheia	13.162.476,70	
Outras Contas	3.472.982,70	122.349.443,10
		901.123.960,10

Mário Estêvão de Carvalho
Director-Presidente

Deixa de assinar por estar ausente
Alcides Estêvão de Carvalho
Director-Vice-Presidente

Dr. Mário Estêvão de Carvalho Filho
Director-Gerente-Geral

Deixa de assinar por estar ausente
Dr. Adolpho Frederico Leonel Petersen
Director-Gerente

DE JUNHO DE 1955

PASSIVO

F — NÃO EXIGÍVEL

Capital	10.000.000,00		
Aumento de Capital	—,00	10.000.000,00	
Fundo de Reserva Legal	—,00	2.000.000,00	
Fundo de Previsão	—,00	8.000.000,00	
Outras Reservas	—,00	—,00	20.000.000,00

G — EXIGÍVEL

Depósitos à vista e a curto prazo:

De Poderes Públicos	—,00		
De Autarquias	—,00		
Em C/C Sem Limites	51.596.975,30		
Em C/C Limitadas	—,00		
Em C/C Popular	87.209.154,50		
Em C/C Sem Juros	5.471.982,50		
Em C/C de Avisos	—,00		
Outros Depósitos	—,00	144.278.112,30	

Depósitos a Prazo:

De Poderes Públicos	—,00		
De Autarquias	—,00		
De Diversos:			
A Prazo Fixo	226.793.602,70		
De Aviso Prévio	—,00		
Outros Depósitos	1.794.481,30		
Letras a Prémio	—,00	228.588.084,00	
		372.866.196,30	

Outras Responsabilidades:

Títulos Redescontados	—,00		
Obrigações Diversas	9.468.330,70		
Letras a Pagar	—,00		
Letras Hipotecárias	—,00		
Agências no País	—,00		
Correspondentes no País	—,00		
Agências no Exterior	—,00		
Correspondentes no Exterior	—,00		
Ordens de Pagamentos e outros Créditos	350.920.482,20	360.388.812,70	733.255.009,00

H — RESULTADOS PENDENTES

Contas de Resultados			25.519.508,00
-----------------------------	--	--	---------------

I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO

Depositantes de Valores em Garantia e em Custódia		105.713.983,70	
Depositantes de Títulos a Receber:			
Do País	13.162.476,70		
Do Exterior	—,00	13.162.476,70	
Outras Contas	—,00	3.472.982,70	122.349.443,10
			901.123.960,10

Dr. Estêvão Moura de Carvalho
Director-Superintendente

Alcides Estêvão de Carvalho Filho
Director Gerente

José Albanese

Director-Gerente e Chefe da Contabilidade
— Reg.º N.º DEC. 72.605 e CRC 13.450

BANCO DA AMÉRICA

SOCIEDADE ANÔNIMA

SEDE PRÓPRIA R. S. BENTO, 413-SÃO PAULO

CARTA PATENTE N.º 2.974

CAPITAL E RESERVAS 174.000.000.00

DIRECTORIA

Jorge da Silva Fagundes, Presidente
J. Meira de Vasconcellos, Vice-Presidente
Herbert V. Levy, Superintendente
Herculano de Almeida Pires, Secretário
Annibal Ribeiro Lima
Arlindo Camargo Pacheco
Eliseu Teixeira de Camargo
Heitor Freire de Carvalho
Luiz L. Reid
Paulo Trussardi
Raul Martins Ferreira

SUCURSAIS E AGÊNCIAS

AGÊNCIAS URBANAS (S. Paulo)

- N.º 1 — Centro — Rua Barão de Itapetininga, 45
- N.º 2 — 25 de Março — Rua 25 de Março, 878
- N.º 3 — Pça. República — Praça da República, 380
- N.º 4 — Sta. Cecília — Av. São João, 2139
- N.º 5 — Cambuci — Largo do Cambuci, 48
- N.º 6 — Oriente — Rua Oriente, 662
- N.º 7 — Moóca — Rua da Moóca, 2636/2648
- N.º 8 — Liberdade — Av. da Liberdade, 43
- N.º 9 — Jardim América — Rua Augusta, 2979
- N.º 10 — Luz — Rua São Caetano, 564
- N.º 11 — Irradiação — R. Senador Queiroz, 103/111
- N.º 12 — Lapa (Guaicurus) — R. Guaicurus, 1049
- N.º 13 — Marconi (Centro) — Rua Marconi, 84
- N.º 14 — Itaim — Av. Brig. Luís Antônio, 5083
- N.º 15 — Barra Funda — Rua Lopes Chaves, 220/224
- N.º 16 — Mercado — Rua Ceres, 171
- N.º 17 — Higienópolis — Av. Higienópolis, 473 (Esq. Av. Angélica)

INTERIOR DO ESTADO DE S. PAULO

Ag. Amparo — Rua 13 de Maio, 66
Ag. Bragança Paulista — R. Cel. João Leme, 574

DISTRITO FEDERAL

Sucursal — R. da Quitanda, 71/75 e R. do Ouvidor, 87
Ag. Metropolitana N.º 1 — Rua da Alfândega, 69

ESTADO DO PARANÁ

Sucursal — Curitiba — Rua 15 de Novembro, 543
Agência — Paranaguá — Rua 15 de Novembro, 67

EM SANTOS

NO CENTRO
Rua 15 de Novembro, 129

NA PRAIA
Avenida Anna Costa, 555

Escritório imobiliário

"ADELINO ALVES" Lda.

Corretores de imóveis

P.ça, Sé, 54, 4.º and: — 32-3949 — 32-8457 — 33-6095 SÃO PAULO
Casas - Terrenos - Hipotecas - Administração Predial

às Ordens

Adelino Alves, W. Macuco Vasconcellos, Antônio Macuco Alves

M. S. DURÃO

IMPORTADOR

Rolamentos para indústrias — Automóveis e Tratores — Acessórios p/ Vapor
Motores elétricos — Motores a gasolina
Válvulas para todos os fins

Fabricação de D. F. de Vasconcellos

Rua Florêncio de Abreu, 370

Fones: Vendas 33-7767 — Cont, 37-4377

Caixa Postal, 7852 — End. Tel. Durão
SÃO PAULO



Mário Svedra Durão



ANTONIO VAZ DE ALMEIDA

Natural de Fornos de Algodres grande comerciante em São Paulo, como português e amigo das Duas Pátrias (Portugal e Brasil) rejubilou pela viagem do Dr. Café Filho, ilustre Presidente da República do Brasil a Portugal, que veio estreitar ainda mais os laços de amizade que unem as duas Nações Irmãs.

PREFIREM EM S. PAULO O

Bar-Restaurante Leão

Preços populares

Comida quente a qualquer hora - Canja especial e mais de 70 pratos para escolher

Av. São João, 284 (Perto do Correio e Telégrafo)



FINE MACIEIRA

1885

1955

Fine Macieira

É a mais antiga, mais premiada e melhor de todas as aguardentes portuguesas. Sujeita a demorado envelhecimento em casco, o que lhe assegura características próprias e inconfundíveis, é conhecida em todo o Mundo, pois há muito que vem sendo expedida para os cinco continentes, onde continua a ter a maior expansão, dadas as suas excelentes propriedades organolépticas, energéticas e tónicas.

Serve-se normalmente com o café, em qualquer época do ano, sendo também muito apreciada no verão, com água gasosa gelada, o que constitui uma magnífica bebida refrescante e higiénica.

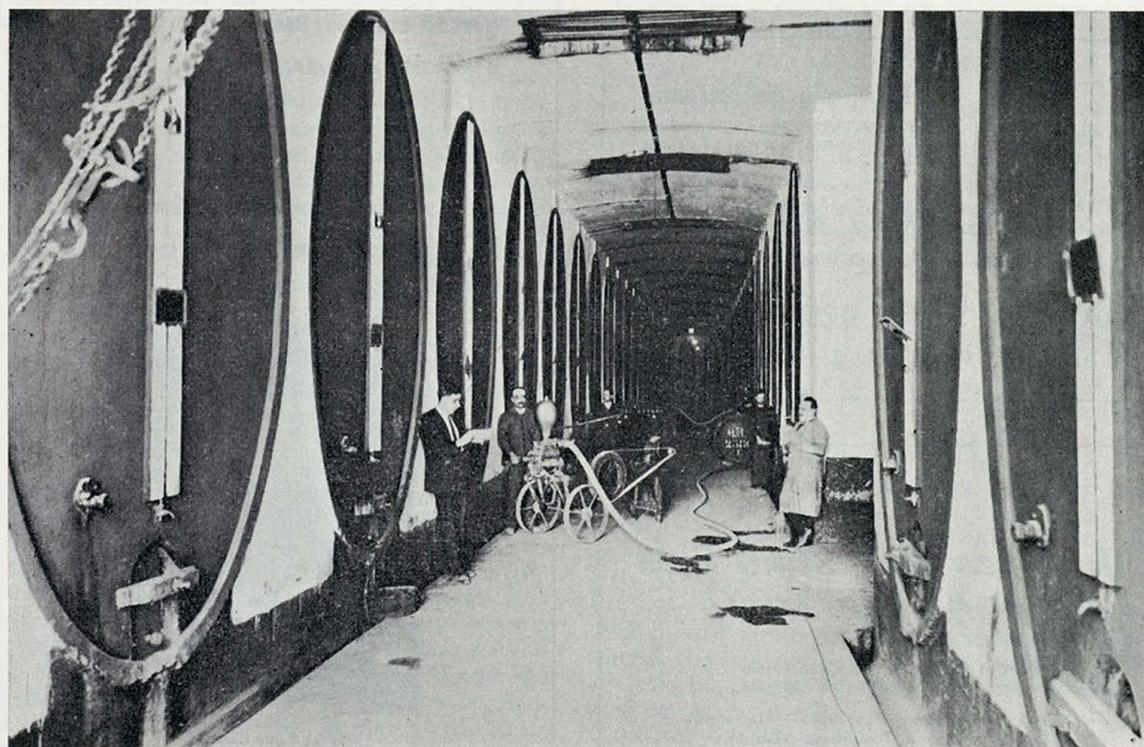
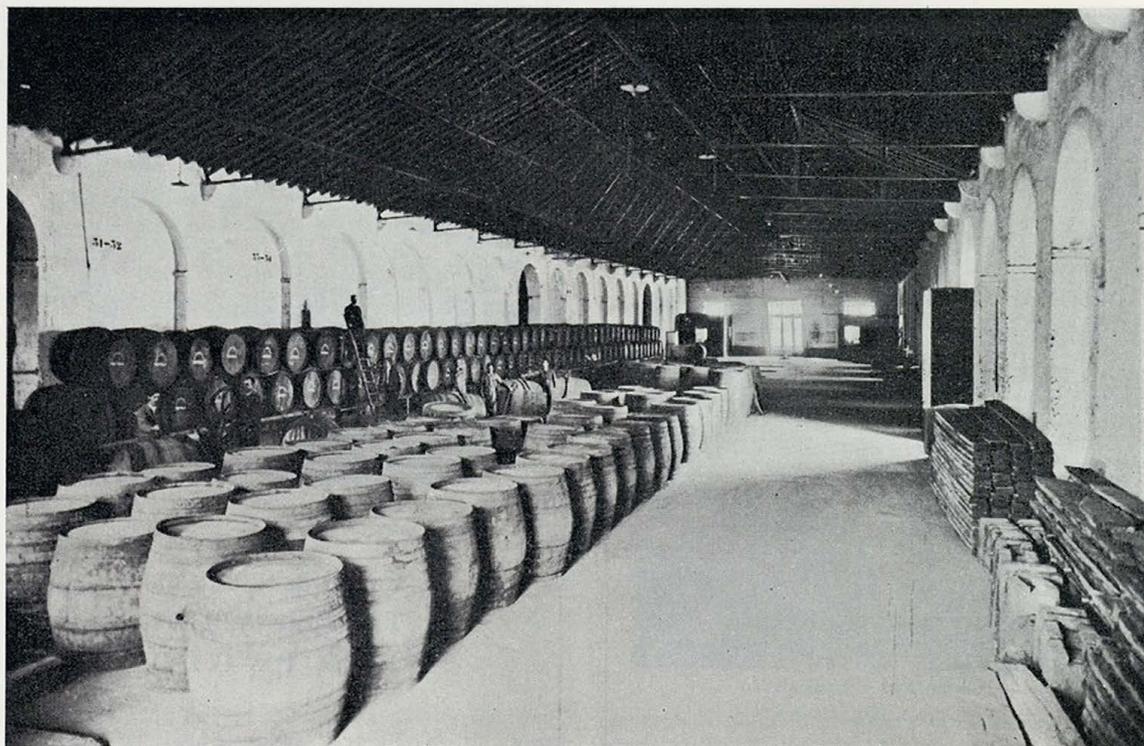
COM AS SUAS
MARCAS 5 ESTRE-
LAS E 3 ESTRELAS

FINE MACIEIRA

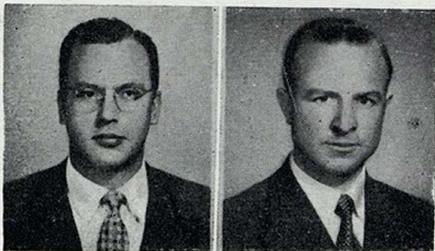
É A ESTRELA DAS
AGUARDENTES
PORTUGUESAS

PREFIRAM
SEMPRE

Macieira



Dois aspectos dos grandes Armazéns Vinícolas da Firma MACIEIRA & C.ª, LDA.



Armarinho Atanásio

Limitada

Armarinho, Bijouterias
Perfumarias e Meias
— em geral —

Inscrição N.º 334.075

R. 25 de Março, 1011—S. PAULO
Telefone 33-3974 (Recados)

Instrumentos musicais
— Cordas, etc., etc. —

Vendas por atacado

Tipografia Bandeirantes
Impressos comerciais - Encadernação
Poutação e Fabrico de livros em bronco

Costa, Alcaia & Baptista

Popeloria, objetos para escritorio e carimbos de borracha

RUA MAMORÉ, 345 - Tel. 52-0306

S ã o P a u l o

J. Alves Verissimo S/A

COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO

R. PAULA SOUSA, 418 - SÃO PAULO
CAIXA POSTAL 6363 - TEL. 36-7417

FILIAIS: Votuporanga — Londrina — Arapongas
Cornélio Procopio — Maringó — Goiania



Rua 11 de Agosto, 18
Telefone 324781
S ã o P a u l o

Agência Cardoso é a agência dos Portu-
gueses em São Paulo, para passagens
e mais documentos para viagens.

**Cardoso - sinónimo
de Boa Viagem**

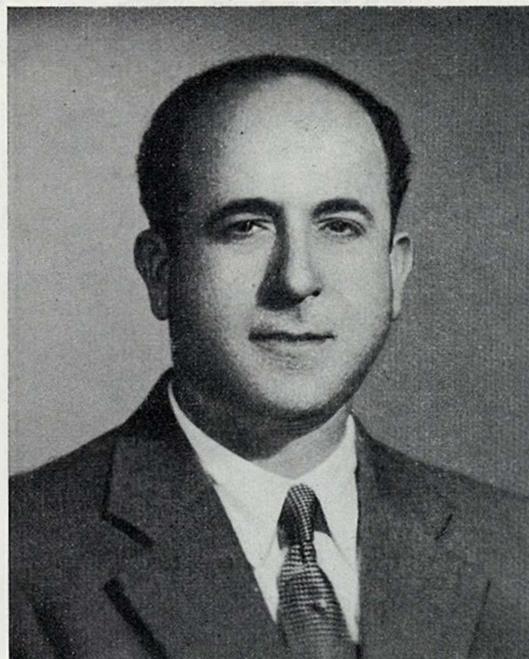


Miguel Pinto Cardoso

COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

Com. ADIBO ARES

QUE SABE ALIAR ÀS QUALIDADES INTUITIVAS DE COMERCIANTE, AS QUALIDADES NATAS DO GENTLEMAN.



NA vida de jornalista há momentos que não podemos dessentir a pulcritude da nossa profissão quando se nos depara o ensejo de focar um facto, quer ele seja pessoa ou coisa, que se traduza assertivamente digna de notoriedade como preito de reconhecimento e justiça merecidos.

Habituada a frequentar a sociedade, conhecedora desse meio social, não posso deixar de constatar e transverberar o excepcional e singular requinte como o Com. Adibo Ares sabe receber em sua casa, aqueles a quem honra com a sua hospitalidade. Testemunha presencial, posso afirmar sem querer alçapremar mais do que é justo, a gentileza desse anfitrião, cujo desejo é tornar em agradável convívio num assertivo de amizade, e, para que nesses momentos de tão íntima comunidade, olvidemos a luta incruenta que a vida a cada passo se nos depara.

Descende este nosso ilustre brasileiro de uma raça forte e audaz, e ilustra-o as mais altas qualidades e virtudes que exornam a sua ascendência, possuidor de uma perseverança invulgar, ao lado de um inconcusso padrão cívico, outra não podia ser evidentemente a sua formação espiritual que se traduz em bem servir num adjutório os amigos que dele carecem na hora acómoda.

As suas qualidades de inteligência e carácter, aliadas à iniciativa comercial impuseram-no pela consideração e crédito que a sua Firma disfruta, resultado de uma apetência clarividente que se tem traduzido pelo cunho progressivo e bom nome cada vez mais destacado no alto comércio paulista, sendo o seu estabelecimento no género, um dos primeiros do Brasil, pois ali se encontra tudo quanto a arte impõe como se uma afiguração de muitos séculos ali quisesse reunir-se. Em peregrinidades de alto valor e requintado gosto, a nossa vista isenta de

ametropia deslumbra-se ao ver esse mirífico conjunto que a *patine* do tempo lhe dá a categoria de imortal, e, esse aglomerado atesta o gosto e saber do Com. Adibo Ares, testemunho vivo de uma sólida ilustração.

Obsequiador e atencioso, é seu grande prazer de espírito ter em seu convívio, em redor de sua mesa, e presença de amigos: jornalistas, artistas, comerciantes e destacadas personalidades, pois em todos os sectores tem o Com. Ares amizades sinceras, que a sua elegância de trato, atrai. Ainda recentemente num almoço com que nos obsequiou ali tivemos em franca camaradagem com algumas personalidades marcantes da sociedade, e, num concerto de agradecimentos, tecemos os louvores ditados pelo reconhecimento daqueles momentos espirituais que muitas vezes a materialidade de um ágape nos proporciona.

Com palavras acómodas num pulcro improviso, falou o jornalista ilustre Dr. José Bourgogne de Almeida, director da «Vida Carioca», saudando o distinto anfitrião, pela sua lhaneza e maneira fidalga de receber, tornando extensiva a sua saudação aos presentes, e, como homenagem cativante, aos jornalistas portugueses que ali se encontravam brindou por Portugal, Pátria Irmã do Brasil, exaltando a obra civilizadora do nosso país, o que muito nos desvaneceu.

Pela nossa parte, queremos testemunhar ao Com. Adibo Ares e sua família com esta despreziosa crónica, o agradecimento pelos bons momentos que nos tem proporcionado no seu convívio, distinguindo com grande simpatia os dirigentes da Revista Documentário «Duas Pátrias», fazendo votos sinceros pela continuidade ascendente do progresso da sua Firma, a par das maiores venturas para a sua Família.

São Paulo, IX-1955.

D. M. G. Matias

BRANDÃO & C.^A, L.^{DA}

AS CONSERVAS REPUTADAS EM TODO O BRASIL

FALAR da Firma Brandão & C.^a, Ld.^a, de Portugal, é falar em parte da actividade portuguesa no Brasil. Sobejamente conhecida e respeitada pela larga reputação que alcançou no mercado brasileiro, foi à força de muitos esforços que se impôs no conceito geral do comércio e consumidores, nas mais reputadas marcas de conservas, especialmente de peixe, que têm sempre mantido alto padrão dos melhores produtos alimentares que se fabricam em qualquer parte do mundo.

Acompanhando sempre a evolução constante da Indústrias de Conservas, é sem contestação uma das primeiras na sua indústria em Portugal, e rivaliza, em vantagem, com qualquer similar estrangeira, como o atesta a preferência do público brasileiro e o de outras Nações importadoras, pelos seus produtos alimentícios.

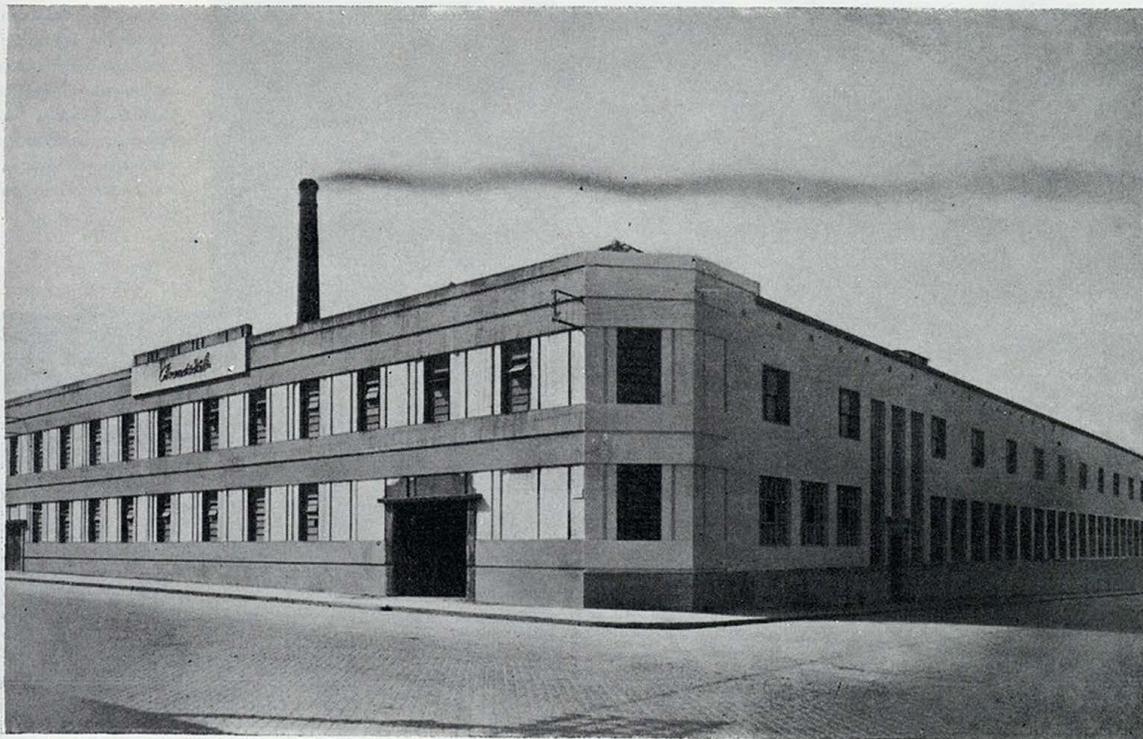
Deve-se este prestígio e conceito que a firma Brandão & C.^a, Ld.^a disfruta à grande tenacidade e inteligência que o saudoso Sr. Lino Brandão, falecido em 1950, director-gerente, conseguiu, devido ao seu dinamismo constante, em viagens periódicas, ao estrangeiro e especialmente ao Brasil, ouvindo, dando sugestões aos seus agentes, solucionando problemas, quando os havia, convivendo com a mais selecta e relevante sociedade brasileira, onde o seu aprumo moral e pessoal era altamente estimado e considerado. Quem escreve estas linhas, ditadas apenas pela recordação saudosíssima desse amigo que foi Lino Brandão, não pode esquecer, e já há tantos anos, quando lhe falou pela primeira vez em Ovar, onde foi levado por motivos profissionais, a conversa amistosa e elevada que com ele entreteve. O calor e o entusiasmo como falava do Brasil, entusiasmo comunicativo que guardei no meu coração, e mal podia prever então, que mais tarde, alguns anos após, eu ia constatar com os meus olhos essas maravilhas, que a terra de Santa Cruz, encerra, que ele tão bem discriminava e que eu constatei serem justas e merecidas.

Lino Brandão sentia uma necessidade imperiosa de construir, de criar no Brasil, um imperativo dominante que impusesse os produtos do seu fabrico. E conseguiu-o, devido ao seu alto pensamento de construtor e realizador que era apanágio do seu próprio ser. Em Portugal lutando porfiadamente fundou primeiro a firma Ferreira, Brandão, & C.^a, alargando o seu âmbito comercial, fundou esta firma prestigiosa que sob a designação Brandão & C.^a, Ld.^a fez irradiar prestigiosamente no conceito do comércio internacional.

A firma Brandão & C.^a, Ld.^a continua na senda progressiva que Lino Brandão a deixou, porque o nome deste português, que tanto queria ao Brasil é um padrão para os presentes e vindouros, que o tomarão em exemplo, e quando muito em breve, assim esperamos, a exportação portuguesa para o Brasil estiver completamente normal, serão os produtos da firma Brandão & C.^a que marcarão a plenitude de toda a sua pujança comercial, porque a atestar está o prestígio desta Firma e o alto valor dos seus produtos, sem temer concorrência.

Os continuadores de Lino Brandão, como o seu filho Mário Brandão, espírito culto, preparado para prosseguir a rota comercial que a firma traçou, tem mercê do seu espírito afectivo e empreendedor mantido e até alargado especialmente no Brasil onde conta muitas amizades, em todos os sectores, porque se tem feito estimar pelos seus dotes de carácter e projecção do seu nome, conquistando assim para ele e para a sua Firma a continuidade de uma obra que lhe foi legada, e que prestigia não só Portugal como o Brasil, tal o affecto que lhe dedica, e que é uma sequência lógica de interesses criados e de uma amizade que prevalecerá pela continuidade do tempo. A firma Brandão & C.^a tem no Brasil não só um dos seus melhores mercados como o seu melhor amigo, radicada na amizade dos brasileiros, que sempre tem distinguido pela sua preferência e affecto.

O Comércio Português de Exportação para o Brasil



Fábrica de Conservas Brandão & C.ª, Lda. em Matosinhos



Brandão & C.ª, Limitada
MATOSINHOS - PORTUGAL

*Uma Grande Firma
Portuguesa de Conservas
de larga projecção no Brasil*

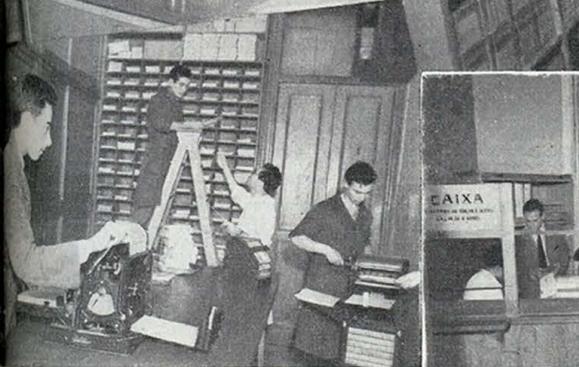
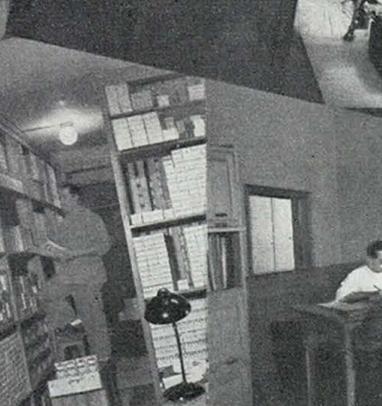
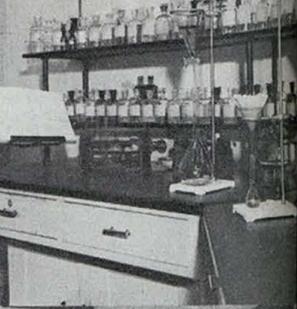
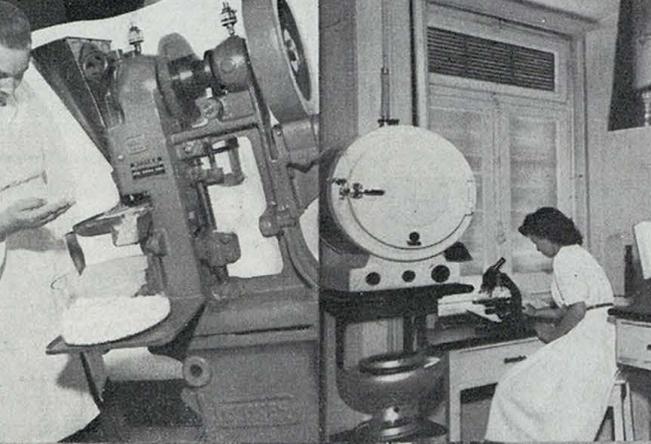
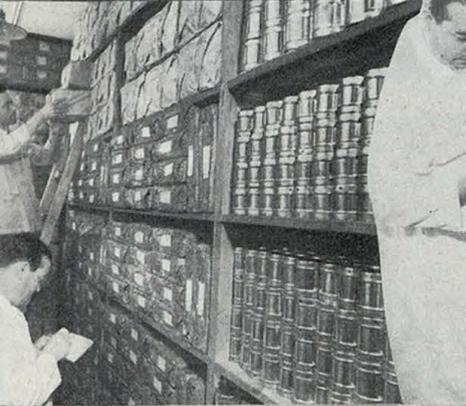
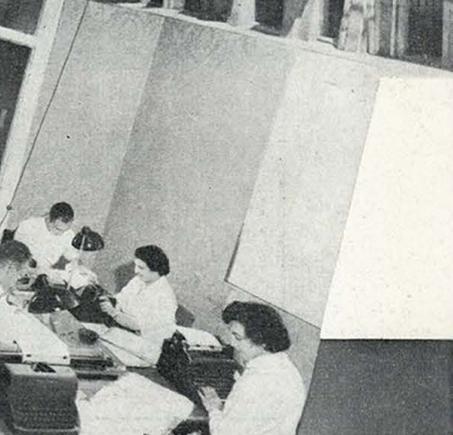
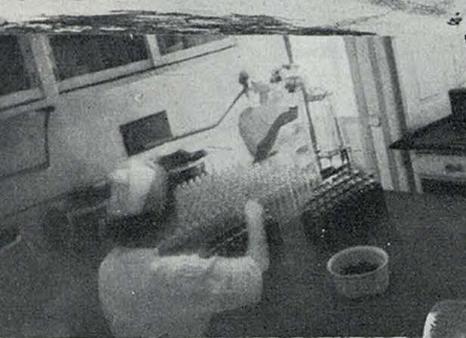
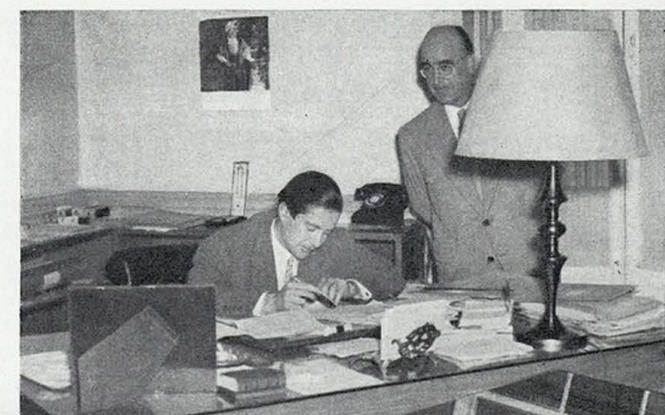
LINO BRANDÃO
Fundador da Firma BRANDÃO & C.ª, Lda.

LABORATÓRIOS JABA *J. A. Baptista d'Almeida, Lda* • Lisboa •



José António Baptista d'Almeida fundou em 1927 esta unidade comercial, dotando-a com um departamento industrial, cujos produtos lograram de pronto um êxito lisonjeiro. Registe-se o facto como merecido prémio duma dedicação invulgar posta ao serviço da saúde pública e concorrendo para o ro-

bustecimento da Economia Nacional, em primeiro lugar. Digno continuador dessa política, o Dr. João Baptista d'Almeida trilha o caminho traçado por seu Pai, podendo orgulhar-se do notório progresso deste empreendimento, patente no documentário gráfico destas páginas.



MAIS DE 27 ANOS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

**EMPRESA DE ÁGUA
MINERAL NATURAL**
TELEFONE 29-3115

Água Rica Lda.

AUTORIZADA A FUNCIONAR PELO DECRETO 5218

Analisada e aprovada pela
Saúde Pública sob o n.º 23575
e aprovada pela Inspectoria
de Engenharia Sanitária da
Saúde Pública em 24 de Junho
de 1937 sob o n.º 137

FONTE
RUA PARAGUAI, 80
FUNDOS

ESCRITÓRIO
R. HERMENGARDA, 146 E 154
DISTRITO FEDERAL.

**BAR CARIOCA
IMPORTADORA L.^{DA}**

GRANDES IMPORTADORES DE
WHISKIES, GINS, CHAMPAGNES, LICORES,
VINHOS, CONSERVAS, FRUTAS, ETC.

**CONFEITARIA E
BAR CARIOCA**
CASA FUNDADA EM 1870

**8, LARGO DA CARIOCA, 8
RIO DE JANEIRO**

TELEFS. { Escrit. 22-1755
Loja 22-8072

Especialidades em artigos do Norte, grande sor-
timentos de biscoitos nacionais e estrangeiros
Queijos de todas as procedências. Especialida-
des em Vinho verde, Virgens, Collares, Bor-
gonha e Bordeaux recebidos directamente.

ATACADO: RUA CAMERINO, 82
Telefone 23-5164 — RIO DE JANEIRO

PAPELARIA

LIVRARIA



*Casa Especialista em Artigos Colegiaes, Artigos de Pintura e Desenho,
Tintas a Oleo, Aguarelas, etc. — Tipografia, Encadernação, Artigos Reli-
giosos e Modelos para Pintura, Quadros, Estampas, etc.*

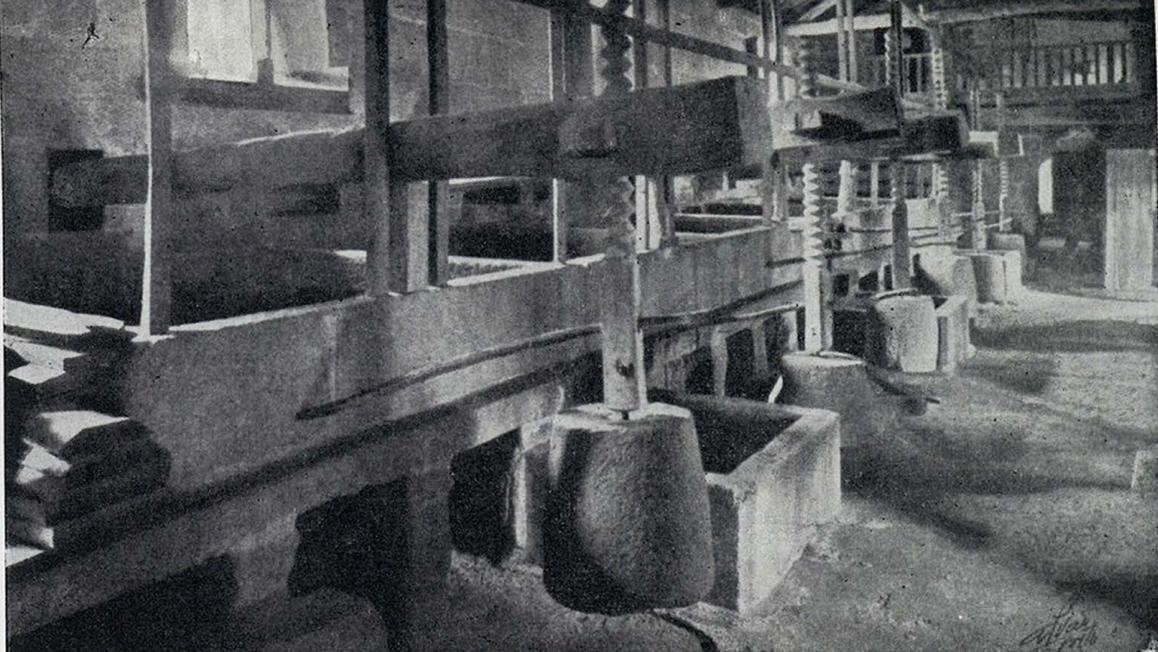
Ferreira de Mattos & C.^{ia} L.^{da}

Proprietários dos Produtos: Ferrarte, Acadêmico, Hora H. Normal, Paraíso e Educativo Brasil
End. Teleg. Ferramatos — **MATRIZ:** R. Ramalho Ortigão, 24 — Tel. 43-4929 — Usa-se Código Ribeiro

FILIAL

Rua Mariz e Barros, 210 — Tels. 28-0722 e 48-9228 — Rua Visconde de Pi-
rajá, 84-A — Tel. 27-8292 — Rua Visconde de Pirajá 134 e 136 — Tel. 27-0450

RIO DE JANEIRO



...velhos lagares, testemunhos dum longo passado ..

NOTAS HISTÓRICAS

do Vinho Verde

Por AMÂNDIO BARBEDO GALHANO
(Engenheiro Agrónomo)

QUEM percorre Portugal depara, ao chegar à zona do noroeste com um facies agrícola muito especial que imprime à paisagem carácter próprio e uma beleza que dificilmente se esquece. Região abundante de águas, fértil, de propriedade muito dividida, é verdadeiro jardim pela frescura e viço das culturas; pela alegria da paisagem. Nem largos horizontes, nem relevos alterosos. Nem amplidão, nem majestade, mas alegria comunicativa, sorrisos abertos e frescos duma paisagem delicada, «maneirinha», que tanto influencia o minhoto de nascimento como o visitante que chega e, sem querer, a admira num crescente encantamento.

São pequenos vales apertados, terras amparadas em socalcos, várzeas verdejantes, pletóricas de seiva, tudo retalhado em pequenos campos amorosamente cultivados e tudo marginado de renques de videira em armações singulares que causam a admiração de estranhos já esquecidos do preceito vergiliano:

«*culmisque adiungere vitis*»

ou da exclamação admirativa e pagã do poeta:

«*É Hércules com Baco às cavaleiras*».

Terra cortada de córregos e refrescada de fontes, casas humildes ou solarengas mergulhadas em ramaria

de acolhedoras sombras e como «longes do quadro» o verde sombrio dos pinhais que mais faz realçar a frescura e alegria dos primeiros planos.

Se alegre é a paisagem, alegre é a índole do minhoto duma bonomia prazenteira, todo dado a festas e romarias e talvez por isso o vinho, traduzindo o modo de ser da terra e da gente, é alegre, prazenteiro, cheio de bonomia e do qual se disse já:

«*Ótima para o verão e pouco alcoólico. Não embriaga. Só por isso gosto dele. Sabe respeitar a inteligência*».

É este vinho, alegre e característico, corolário da facies agrícola da região e da índole do lavrador, tem um longo passado que mergulha até aos primórdios da história da nacionalidade.

Para fundamentar um esboço histórico da marca «Vinho Verde» ter-se-ia, de facto, que ir compulsar nos arquivos os velhos forais e ordenações, tombos e documentos notariais, que larga e copiosa colheita dão de elementos indicativos da expressão que a cultura da vinha sempre teve nas terras do Entre-Douro-e-Minho e avaliar, até onde vão esses documentos históricos, da antiguidade de tão característico produto.

As primeiras referências que se encontram sobre a cultura da videira nesta zona da Península são, possi-

velmente, as de Strafo que diz ela aí existir, se bem que, com pequena expansão.

Zona já então muito popular e rijamente disputada aos povos aí estabelecidos pelos melhores generais romanos da época da conquista, nelas se verifica uma intensa colonização, sendo natural que a cultura da videira se expandisse consideravelmente. Assim ao menos o levam a crer as severas penas promulgadas por Domiciano reprimindo a sua expansão e as referências de Séneca e Plínio (Coelho da Rocha—Ensaio sobre a legislação portuguesa—1843).

Em data muito posterior e antes da constituição da nacionalidade encontram-se documentos citados como de decisivo valor e entre outros, os do livro de Mumadona onde, em cartas de herdamento de Santa Eulália de Nespereira em 949 e de Britelo em 973, se fazem largas referências a muitas vinhas existentes no Minho, e a doação feita em 915 pelo rei Ordonho à igreja de S. Tiago do que é hoje a freguesia da Correlhã, no concelho de Ponte do Lima.

Mais tarde são todos os depoimentos das Ordenações e Inquirições, como as de 1120-1258, a demonstrar a continuidade da cultura. Esses depoimentos levam a admitir que, nessa época, a vinha seria cultivada no Minho quer na forma alta, quer na baixa e em abono dessa opinião são apontadas não só as citações muito frequentes das Inquirições, como os tombos coevos. Assim, entre outros, o tombo da freguesia de Arcias (Santo Tirso), refere-se a «vinhas de pé» e a «latadas» (A. P. Pires de Lima—Elementos para o estudo da acidez dos vinhos verdes—1938).

Seguindo uma ordem cronológica, aparecem mais tarde as referências que levam a crer serem do Minho alguns dos primeiros vinhos exportados para Inglaterra, tendo a barra de Viana do Castelo sido o porto de saída desses vinhos, produzidos talvez na Ribeira-Lima ou, mais certamente em Monção (John Croft—A treatise on the Wines of Portugal—York—The second edition—1788).

A este respeito são curiosos os dizeres de Savary no seu «Dicionário do Comércio», publicado no séc. XVIII:

«Viana de Foz de Lima, au Nord-ouest de Braga, à l'embouchure du Lima; c'est un port, gardé par une bonne citadelle, et un havre de barre, où les vaisseaux ne peuvent entrer que dans la pleine mer, sous la conduite d'un pilote de la ville. Cette ville est devenue très célèbre pour le commerce, depuis que l'Angleterre fait une grande consommation des vins du Portugal; on la renommee surt-tout pour une sorte de vin, qui croit dans son voisinage, et qui ressemble assez aux vins de France, à qui il ne cède pas; au lieu que ceux, qui viennent dans les cantons méridionaux sont plus pesans et moins agréables.»

Na segunda metade do século XVIII atravessa o que é hoje a Região Demarcada dos Vinhos Verdes um período crítico, quando a legislação pombalina restringe a cultura pela proibição da vinha baixa e levanta entraves à venda do vinho. Contudo, nada faz con-

cluir que, nesse tempo, a vinha não tivesse grande importância regional. Pelo contrário e segundo o que se pode inferir das palavras de José Veríssimo Álvares da Silva (Memórias de Agricultura — Academia Real das Ciências de Lisboa — 1788), a técnica cultural era mesmo considerada adiantada como exemplo e, caso curioso, é a própria Companhia Geral das Vinhas do Alto-Douro criada pelo Marquês de Pombal que, reconhecendo os altos méritos do Vinho Verde como vinho de mesa, tenta aperfeiçoar o fabrico dos vinhos do Alto-Minho destinando-os à exportação para os mercados do norte da Europa (Os Estrangeiros no Lima — Manuel Gomes de Lima Bezerra — Tomo II — 1791).

Não se deve todavia dar maior alcance a essa legislação restritiva do que ela, de facto, teve, pois a sua acção foi temporária e sem influência na evolução económica da Região.

Como todos os produtos naturais, filhos do meio ambiente, em que o homem e a natureza não se degladiam, antes mutuamente se amparam, a história do Vinho Verde está toda ela esculpida na facies agro-social da região produtora e fazer a história desse vinho seria escrever a dos povos que na região viveram desde os tempos pré-romanos. As leis da sua evolução são de carácter agro-social, mais fortes, mais tenazes e duradouras que as disposições legais, sejam elas de índole proteccionista ou restritiva.

O meio favorecendo as culturas regadas, a densidade populacional e a mentalidade do íncola levando à pequena exploração e a um valor alto da terra, obrigam a aproveitá-la ao máximo. Por outro lado, a terra tem que dar ao homem o alimento e permitir larga criação de gados, de forma a manter o nível de fertilidade pela produção de estrumes em volume considerável.

Estas são as razões fundamentais da armação peculiar das videiras em forma de grande expansão vegetativa, da sua localização nas orlas dos campos, e da sua continuidade através dos tempos, pois tendo já sido usadas pelos romanos, até nós chegaram e perfeitamente se justificam.

De longa data vem pois a cultura da videira e mesmo a sua forma actual e se longa é a sua tradição pouco deve ter variado o tipo do vinho produzido, aperfeiçoado pela técnica é certo, mas mantendo através dos tempos um carácter de marcada individualidade. Se a este respeito alguma dúvida subsiste, bastaria para a desvanecer o testemunho de autores passados ao deixarem-nos listas das castas cultivadas nas suas épocas, praticamente as mesmas que hoje se encontram em cultura. Não tendo variado o meio agrológico, a forma cultural, nem o encepamento, necessariamente que idêntico será o produto final.

Convém ainda recordar que, até um passado bem próximo, o «Vinho Verde» foi objecto de importante comércio de exportação, tendo como principal destino o Brasil, onde uma numerosa e activa colónia portuguesa, na maioria constituída por naturais do Minho, muito o apreciava e dele fazia largo consumo.

Causas estranhas ao próprio produto fizeram diminuir a importância desse comércio que de novo ressurge, sempre que se atenuam ou eliminam os condicionamentos, mais ou menos artificiais, que o atingem.



Casa Valentim

MATRIZ: RIO DE JANEIRO Rua Sete de Setembro 122/4/8

FILIAIS: S. PAULO - PORTO ALEGRE - B. HORIZONTE

Perfumaria

Carneiro

CARLOS CARNEIRO & CIA.
— RIO DE JANEIRO —

Rua Ouvidor, 138 - Telef. 22-9256
Rua Ouvidor, 116 - Telef. 22-0217
Cinelândia, 31 - Telef. 22-7011
Rua Ronald de Carvalho, 54-A -
Telef. 37-3761 :: Rua Gonçalves
Dias, 39 - Telef. 42-7825 :: Rua Vis-
conde de Pirajá, 76-B - Tel. 47-3320
:: R. Conde de Bonfim, 322 A e B
- Telef. 48-6209

MATRIZ

Rua Sete de Setembro, 92
Telefone 32-7676

CASA

Cruz

PAPÉIS E VIDROS LTDA.
Secções de Papelaria, Livraria,
Pinturas Artísticas e Artigos Reli-
giosos

Secções de Cristais, Espelhos e
Vidros, Molduras e Quadros, Fer-
ragens para Vitrines

Rua Ramalho Ortigão, 26, e 28
Antiga Trav. S. Francisco de Paula
— RIO DE JANEIRO —

Códigos: A. B. C. 5.ª Edição e
Particular :: End. Teleg. «Cruz» ::
Telefones, Rede interna: 43-9955

FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Importação e Exportação

CASA

Augusto Vaz

José Osório Tecidos S. A.

Rua da Alfandega, 53 e 55

Caixa Postal 555

Telf. 23-4949

RIO DE JANEIRO



65, Rua da Carioca, 67 - Rio
MÓVEIS, DECORAÇÕES
INTERIORES, TAPETES,
PASSADEIRAS

FILIAL: Avenida N. S. Copacabana 1107, esquina Almirante Gonçalves

LOJA DA PERFUMARIA MEYER
Vieiras de Castro & Cia. Ltda.

ESCRITÓRIO: RUA ARQUIAS CORDEIRO, 285 - 508.
ENDEREÇO TELEG. «VICÁS» TELEFONE 29-1786
CAIXA POSTAL N.º 1 - MEYER

RIO DE JANEIRO

RESTAURANTE «A MINHOTA LDA.»

Luxuoso salão com ar condicionado
Importadora dos vinhos
SINFÃES, AIVERCA E LIVRAÇÃO
Aberto aos Domingos e Feriados
Rua de S. José, 72 - Tel. 22-3856
Endereço Telegráfico: «A MINHOTA»
Adega e Depósito:
RUA GUSTAVO DE LACERDA, 36
RIO DE JANEIRO

Construtora Silva Cardoso Ltda.

Construtores desde 1888

Duas gerações ao serviço do engrandecimento da
arquitectura do Rio de Janeiro

R. DO CATETE, 248
TELEFONE 45-8552

R. BENTO LISBOA, 116
RIO DE JANEIRO
BRASIL

Carvalho Companhia Tecidos S. A.

(Casa fundada em 1872)

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE TECIDOS
POR ATACADO

TELEFONES

Escritório 23-1694 / 23-1695 / 23-1696* / 23-2828

Expedição 43-1047 / 43-6796

Rua de Alfandega, 91 e 250
Rio de Janeiro - Brasil
End. Teleg. «Carvalho»
Codigo «Ribeiro»

Tecidos Ferreira Souza S. A.

Rua Visconde de Inhauma, 56 — RIO DE JANEIRO

Caixa postal 241
Ender. Teleg. MII.VA

Telefones
Escritório 43-4135
Armazens 23-5015
Gerência 23-4591

Seabra Cia. Tecidos S. A.

*Colabora patrioticamente na
Revista Documentário «Duas
Pátrias»*

MAIO DE 1955

RIO DE JANEIRO

Confeitaria e Panificação

MODERNA

DE JOSÉ MARIA DOMINGUES

SERVIÇO PARA BANQUETES

Rua 24 de Maio, 1359 - Meier — Rio de Janeiro

Telefones: 29-2216 e 29-0349

Casas HUDDERSFIELD Tecidos S. A.

Casimiras, linhos tropicais, nacionais e estrangeiros
Rua dos Andrades, 58 - Tel. 43-6977 - Rio de Janeiro

Filiais: Rio de Janeiro:

Rua Uruguaiana, 128
Avenida Mal. Floriano, 47
Rua da Carioca, 29
Rua 7 Setembro, 204

Belo Horizonte:

Avenida Afonso Pena, 464

Juiz de Fôra:

Rua Halfed, 711

Bar, Restaurante AZTECA Lda.

Refeições comerciais — Preços fixos — Serviço completo de restaurante à «la Carte» — Bebidas das melhores procedências nacionais e estrangeiras

Rua do Catete, 206
Fone 25-1483

MERCADO

São João

TEM TUDO PARA TODOS
Rua Visconde Uruguay, 446-A

NITEROI

Café Lamas Lda.

RESTAURANTE — LANCHES

Frutas — Bomboniere

Funciona toda a noite
com refeições contínuas

R. DO CATETE, N.º 295 — RIO
Telef. 25-0711

Empório de Vinhos Ferreiras, Limitada

Av. Mem de Sá, 112
Telefone 22-2672
RIO DE JANEIRO

Mercearia Chaves Lda.

GÊNEROS DE FINA
QUALIDADE

P. Duque de Caxias, 235
Telefone 433272

RIO DE JANEIRO

CASA DE MÓVEIS

Carioca

A MAIS BARATEIRA
DO BAIRRO

Grande armazém de móveis e colchoaria, malas, tapetes, dormitórios artísticos para casal ou solteiro, salas de jantar, de visita, estofos, etc.

Reformam-se colchões e entregam-se para o mesmo dia

Fábrica própria de móveis e colchões

Manuel Francisco (Segundo)

Rua São Clemente, 38
Telef. 26-9833
RIO DE JANEIRO

Tecidos Rotex Ltda.

CASIMIRAS
LINHOS E
TROPICAIS

Rua Gonçalves Dias, 84-A
RIO DE JANEIRO
Tels. 52-8933 e 52-9721

CONFEITARIA

Rio Ave

DE JOSÉ FERREIRA LEMOS
DOCES FINOS
BISCOITOS E
PANIFICAÇÃO

R. 23 de Agosto, 32 — Tel. 302091
RIO DE JANEIRO

Casa de Móveis MOURISCO

MANUEL, FILHO & CIA. LDA.

A MAIS BARATEIRA
DO BAIRRO

Grande armazém de móveis e colchoaria, malas, tapetes, dormitórios artísticos para casal ou solteiro, salas de jantar, de visita, estofos, etc.

Reformam-se colchões e entregam-se para o mesmo dia

Fábrica própria de móveis e colchões

Rua Voluntários da Pátria, 267
RIO DE JANEIRO

Francisco da S. Pinheiro

Colabora patrioticamente para a expansão da Revista «Duas Pátrias», vínculo amistoso nas relações entre Brasil e Portugal

RUA MEM DE SÁ, 215 - loja
RIO DE JANEIRO

Olavo de Souza Braga

Corretor Oficial de Navios

Praça Mauá, 7. 13.º andar — Sala 1207
RIO DE JANEIRO

AGÊNCIA

São Jorge

JORGE SOARES & C.IA. L.TDA

Agentes oficiais da I. A. T. A.

Passagens Marítimas e
Aéreas :: Turismo :: Documentos :: Câmbio

Rio de Janeiro (Brasil)

Praça Mauá, 67
End. Teleg. «Riodiaries»
Telefone 43-6943

São Paulo (Brasil)

Praça da Liberdade, 141
Telefone 36-5789

Caracas (Venezuela)

Apartado 2551
Cables Uracoa

Charlú-Los Angeles

PANIFICADORAS REUNIDAS

Antônio Gonçalves da Cruz

Os estabelecimentos que merecem a primazia pela fina qualidade de seus produtos, modicidade de preços e presteza de bem servir

Serviços para festas

Massas alimentícias, ::
Conservas e Molhados
Finos :: Doces :: Biscoi-
tos :: Petit-Fours, etc.

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 3332
Fone 8-6275

Avenida Santo Amaro, 387

Fone 80-0278
SÃO PAULO

Panificadora S. P. Limitada

Rua Domingos de Morais, 2298
Tel. 70-1566 e 7-4630 — São Paulo

Por intermédio da Re-
vista Documentário Duas
Pátrias, cumprimentam
saudosos seus extremosos
pais, D. Emilia Lourei-
ro Lopes e Julião Henri-
ques Lopes

Brites de Almeida Lopes,
Henrique Henriques Lo-
pes

S. Paulo, 1955-1956

Escritório em S. Paulo
R. BOA VISTA, 245
3.º andar — Sala 315
TELEFONE : 33-5722
Caixa Postal 4201
S. PAULO — BRASIL

J. MOURA COUTINHO

Representações
Nacionais
e Estrangeiras

Doceria

Pão de Açúcar

Valentim dos Santos Diniz

DOCES CASEIROS
SALGADOS FINOS
SERVIÇO COMPLE-
TO PARA FESTAS

Matriz:

Av. Brig. Luís Antônio, n.º 3138
Telefone 70-6766

Filial:

Praça Clóvis Beviláqua, n.º 21
SÃO PAULO

Casa Pimentel IMPORTADORA S. A.

Fundada e 1918

Casa especializada em:
Bebidas e Conservas Fi-
nas e Cereais, Whiskies,
Gins, Cognacs, Champa-
gnes, Licores e Vinhos
de Procedência e Ori-
ginais

Rua Cantareira, N.º 678

Fones { 35-6497 — 35-3666
34-5201 — 36-3288

Endereço Telegráfico «Castanheiro»

Inscrição N.º 260.638
Caixa Postal N.º 6.480
SÃO PAULO

Armazéns Gerais Columbia S. A.

Escritório Central
R. LIBERO BADARÓ, 92. 3.º - Salas 31-34
Tels. 30497 - 33-5475 — Telegr.: Colombo

Armazéns
AV. PRESIDENTE WILSON 5059 - 5109
Tel. 30497 Desvio «Columbia» SÃO PAULO

Belmiro Augusto Veiga

Rua Engenheiro Retougas, 2139
Curitiba - PARANÁ

Felicita a Revista Duas Pátrias, pela
sua alta missão patriótica de aproxi-
mação Luso-Brasileira

Farmácia Gonzaga Novaes & Irmão

Direção Técnica do Farm. Antônio Novaes

Rua Floriano Peixoto, 17 — Tel. 4-4222
e 4-8222 — SÃO PAULO

Fábrica de Fósforos Granada

ALVES & REIS
SÃO PAULO

Felicita a Revista Do-
cumentário «Duas Pá-
trias» como arauto da
aproximação luso-bra-
sileira

Casas Regente Tecidos Vicente Soares S/A

SÃO PAULO — MINAS
GERAIS — PERNAM-
BUCO E PARAIBA

Rua Direita, 193 — Telefone 365050
SÃO PAULO

Casa Carvalho

Calçados finos sob medida, exclusivamente para homens

MANUEL DE CARVALHO

Telef. 33-2327

Praça Clovis Beviláqua, 295-299
SÃO PAULO

Casa Ares

Armarinho, Perfumarias, Meias, Bijouterias, Rendas, Brinquedos e Ferragens. Vendas por atacado

Rua 25 de Março, 1108
End. Telegráfico «Aares»
Fones 32-2917 e 32-7571
SÃO PAULO

S. A. IMPORTADORA ANDRADE REBELO

DE SÃO PAULO

Tem a honra de colaborar patrioticamente com a Revista Documentário «Duas Pátrias» na sua missão de aproximação luso-brasileira

Dr. José Monteiro

Rua Florêncio de Abreu, 798
— SÃO PAULO —

Colabora patrioticamente neste número da Revista Documentário «Duas Pátrias» a atestar o seu grande afecto luso-brasileiro

Carvalho & Cia.

COMISSÁRIOS

SANTOS

Rua dos Franceses, N.º 438

Telefone 32-1117
S. PAULO

Amorim & Coelho Cortiças S/A

R. PLÍNIO RAMOS
SÃO PAULO

Com elevado sentimento patriótico colaboram com a Revista Documentário «Duas Pátrias» na sua missão de maior aproximação luso-brasileira

Costa & Caldeira

Rua Silva Teles, 435
— SÃO PAULO —

Apoiam calorosamente a missão patriótica brasilusa da Revista «Duas Pátrias»

Nova União Portuguesa de Transportes

Rua Brigadeiro Luís António, 174
SÃO PAULO

TRANSPORTES PARA TODOS
OS ESTADOS DO BRASIL

Tecidos Pereira Queirós, S. A.

IMPORTADORA

Patrioticamente colabora com a grande Revista Documentário «Duas Pátrias» na sua missão de aproximação luso-brasileira

NESTOR PEREIRA, PINA S. A. COMERCIAL E IMPORTADORA CEREAIS POR ATACADO

Matriz:

Rua Santa Rosa, N.º 122-103
Telef. 32.1737, 34-5787, 35-4052
SÃO PAULO

Filial:

Rua Brigadeiro Jordão, N.º 592
Telef. 83 — Campos do Jordão

Ataúcio Moscal & Cia.

Rua 25 de Março, 937
— SÃO PAULO —

Tem o prazer de colaborar com a Revista «Duas Pátrias» no maior estreitamento de relações entre Portugal e Brasil



Martins C. Moura & Cia.

Rua do Oriente, 506 — S. PAULO

Patrioticamente aplaude a Revista «Duas Pátrias» na missão de aproximação entre Portugal e o Brasil

Serrarias Manifesto S. A.

MADEIRAS EM GERAL

Rua Gonçalves Ledo, 695
IPIRANGA — S. PAULO

Luis Marques Dinis

E SUA FAMÍLIA — SÃO PAULO

Congratula-se com a viagem triunfal a Portugal de Sua Excelência o Presidente da República do Brasil Dr. João Café Filho e felicitam a Revista Documentário «Duas Pátrias», pela sua missão patriótica.

METALURGICA PIRATININGA

de Santos Silva & Sarmiento

fábrica e escritório:
rua Almirante Barroso, n.º 604
(prédio próprio)
fone: 9-4392 — São Paulo

Fábrica de:
tubos (mangueiras)
flexíveis em geral
(encapados ou lisos em tudo
plástico preto ou cristal)
conexões em geral

Produtos: S^S

Rua Cristovam Colombo

(Esq. do Largo S. Francisco)

End. Electr. "TRANSITANA,,

FONES: 32-3575 - 32-0428 - 32-5783 - 3-8623
3-8316 - 3-8434 - 34-1300

SÃO PAULO

"A LUSITANA"

Limitada

(FUNDADA EM 1921)

SANTOS

Rua Amador Bueno, 104

(Esq. D. Pedro II)

FONES: 2-3776 - 2-7841 - 2-8993

Repr. no RIO DE JANEIRO

"EXPRESSO MAUÁ"

PRAÇA MAUÁ, 73

FONES: 23-3249 - 23-4153

Empresa de Mudanças, Transportes em Geral e Guarda-Móveis

JOÃO FERREIRA DE CARVALHO

Rua dos Franceses, 438
SANTOS

Colabora patrioticamente com a Revista Documentário «Duas Pátrias» na aproximação luso-brasileira

Vidigal Prado

Comissária e Exportadora S. A.

Rua 15 de Novembro, 67
Caixa Postal, N.º 453
SANTOS — BRASIL
Telefones 2-4858 e 2-5994
End. Electr. «Vidigal»

casa affonso moreira

Fundada em 1922

RUA MARCÍLIO DIAS, 1
TELEF. 4-4000—SANTOS
CAIXA POSTAL, 2020

ESPECIALIDADE EM ROUPAS DE BANHO, ARTIGOS DE ESPORTE, TRAJES DE PRAIA, CALÇADOS

**Sampaio Bueno S. A.
Comissários e Exportadores**

Fones

Escritório 2-2052

Classificação 2-6647

Gerência 2-8539

Rua XV DE NOVEMBRO N.º 62

Caixa Postal n.º 252 — SANTOS

Endereço Telegráfico «SAMBU»



**José
Rodrigues
Amoedo**

**Companhia Bandeirantes
de Armazéns Gerais**

Capital Cr\$ 60.000.000,00

Reservas Cr\$ 31.037.046,00

ARMAZÉNS PRÓPRIOS

MATRIZ

RUA DO COMÉRCIO n.º 43

Caixa Postal, 309 — Telefone 2-2161

SANTOS

Filiais em São Paulo, Lins, Marília, Vera Cruz e Tupã

PENSÃO AVENIDA

EXCLUSIVAMENTE FAMILIAR — ÓPTIMOS

QUARTOS PARA FAMÍLIAS — REFEIÇÕES

COMERCIAIS

Av. Conselheiro Nebias, 27 — Fone 2-2087 - Santos

35 ANOS honrando
a cidade e o comércio

**ORGANIZAÇÃO
R. TEIXEIRA
SANTOS**

A Cegonha

Modas Femininas e Infantis

Carlos Gonçalves Ltda.

PRAÇA MAUÁ, 26-27

TELEF. 2-6746 — **SANTOS**

Carlos S. Herdade

SANTOS

Colaborou patrioticamente neste número da Revista Documentário «Duas Pátrias» e na Homenagem prestada a Sua Excelência o Senhor Presidente da República Dr. João Café Filho, quando da sua visita oficial a Portugal

Joaquim Branco Coelho

Praça da República, 43 — SANTOS

*Colaborou patrioticamente na
publicação do presente número
da Revista Documentário
-DUAS PÁTRIAS-*

Colégio Santista

RUA DA CONSTITUIÇÃO, 290
SANTOS

Duas Pátrias

*Recordo a minha infância
na ânsia
de lembrar-me mais . . .
Esquecer quem há-de?
Habita no Brasil uma saudade
e a lembrança de meus pais. . . .*

Adozinda Simão José



*Nós — Portugueses — temos uma Pátria.
E Vós — Ó Brasileiros — tendes Duas!
Quem, como Vossa, a tenha . . . idolatre-a,
Que, Nossas Glórias são . . . também as suas!*

Armando de Azáijo



*P'ra cantar o Brasil só a voz das sercias
E a lira de Camões: Brasil é a Nação
Que tem sangue, do nosso, a correr-lhe nas veias
E que Portugal traz dentro do coração*

Fernanda Mousinho de Albuquerque

*Meu Brasil, meu Portugal
dois destinos que se enlaçam:
— Duas almas que palpitam!
Dois corações que se abraçam!*

*Brasil, como a Ti te prendem
Votos de eterna amizade:
— Dizer Brasil, é sentir
A mais profunda saudade!*

*Meu coração . . . Duas Pátrias . . .
Procurando o mesmo fim:
— É Brasil e Portugal
Que vivem dentro de mim!*

Maria Adelaide

ESTÂNCIAS CLIMÁTICAS E TERMAIS DE

Portugal

Quem estudar a distribuição dos povos europeus, nas regiões por eles colonizadas, verifica com facilidade que, além das razões históricas, contribuíram para essa distribuição as razões geográficas, ou melhor as razões climáticas. Os portugueses e espanhóis, vivendo na Europa em região de clima temperado quente, fixaram-se de preferência nas regiões tropicais da América e África.

Os ingleses, que se lhes seguiram, vivendo na Europa em região de clima temperado frio, povoaram de preferência a América do Norte, a África e a Austrália do Sul. Os franceses que só mais tarde tomaram o caminho de alem-mar, tentaram fixar-se no Canadá e só o conseguiram de maneira bem precária. É que, vivendo em região meridional, em grande parte de clima temperado quente, o chamado clima mediterrânico, só em região quente puderam encontrar fixação favorável. Foi o que depois lhes aconteceu no sul da China e norte da África.

É certo que há excepções a esta regra. Mas, reparando bem, estas excepções são mais aparentes que reais. Os belgas e os holandeses, povos originários de regiões temperadas frias, possuem prósperas colónias debaixo do equador, no Congo os belgas, como na Oceania os holandeses.

Contudo, mesmo nas regiões coloniais, onde os vários povos de Europa têm conseguido fixação e proliferação, essa fixação foi feita à custa duma adaptação mais ou menos lenta. Isto porque o europeu, que procura nos países tropicais ocupação para a sua actividade, encontra ali um meio que não é o seu, isto é, um meio diferente daquele para que o seu organismo foi criado, através duma longa série de gerações.

Quando, porém, o contraste climático entre o país de origem e o país adoptado não é muito acentuado e o colono é de raça resistente, como sucede ao português, a adaptação dá-se, e, ela vai-se acentuando com o suceder das gerações, de modo que os filhos e os netos dos europeus já vivem nos climas tropicais quase tão bem como seus pais e avós viveram na Europa.

E digo quase tão bem, porque há uma lei biológica que obriga os seres vivos, que se desenvolveram num determinado meio, a voltar a ele, com uma certa periodicidade, para poderem manter as suas energias vitais. É por isso que os médicos aconselham com frequência, como remédio de doenças e depressões orgânicas, uma viagem à Europa. E esta indicação do clima europeu

é tão proveitosa, tão específica, aos habitantes dos países quentes, que ele aproveita sempre mais dela que da estadia em estância climática abaixo do equador, mesmo que essa estância seja de bom clima e possua todos os requintes de higiene e conforto.

E esta cura de ares pátrios não aproveita somente ao colono nascido na Europa, aproveita também aos seus descendentes. Assim, todas as nações colonizadoras da Europa procuram chamar os seus filhos às suas estâncias de cura. Mas poucas são as nações da Europa que se possam orgulhar duma tão variada série de estâncias climáticas e estâncias termais, onde os coloniais ou habitantes de países tropicais possam encontrar remédio, como Portugal.

O clima de Portugal e suas estâncias climáticas

Desde há séculos que os poetas cantam o beio céu de Portugal. E quem diz o céu, diz o ambiente, diz este ar tépido, esta atmosfera cariciosa que nos envolve. Porque se é certo que nós também temos frio no inverno e calor no verão, o que é mais certo ainda, o que a meteorologia nos ensina é que nem o frio nem o calor atingem em Portugal os extremos do resto da Europa.

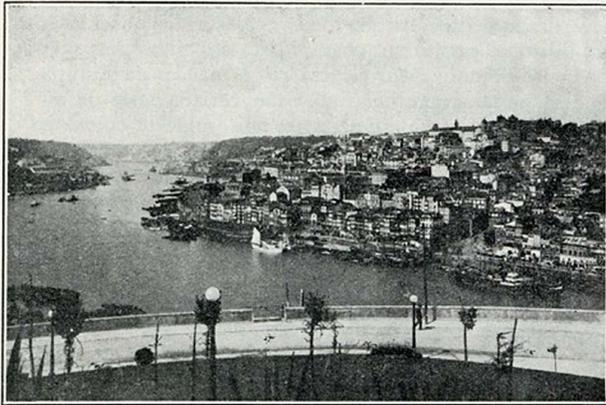
Na latitude média de 40°, Portugal fica próxima-mente na zona de transição dos climas temperados quentes para a dos climas temperados frios. Tanto nas regiões da beira-mar, como nas regiões do interior, a linha que representa a média da temperatura anual divide o ano em duas metades perfeitamente iguais. E reparem no equilíbrio matemático, simétrico, destes números. A temperatura média anual do país é de pouco mais de 14°, a média dos 6 meses mais quentes é de 18°, a dos 6 meses frios de 10°, o mais frio 4° abaixo.

Mas continuemos. Os 3 meses mais quentes do ano são, em Portugal, Julho, Agosto e Setembro, que fazem o nosso verão; os 3 meses mais frios, Dezembro, Janeiro e Fevereiro, que formam o nosso inverno. Onde a primavera ficar com 4 meses, Março, Abril, Maio e Junho, e o outono só com 2, Outubro e Novembro. Assim a primavera é a estação predominante em Portugal. Portugal é portanto o país da primavera, não somente para os poetas, mas também para os meteorologistas. Mas há mais! A primavera estação média, a primavera estação ótima, não é somente a maior qua-

dra da meteorologia portuguesa, ela é ainda aquela cuja média mais se igualiza com a média geral do país, porque a média da primavera em Portugal é de pouco mais de 14°, que é, como já disse, a média anual da Terra Portuguesa.

Se este modesto trabalho fosse destinado a especialistas, eu faria a comparação destes números com os que representam os climas dos restantes países da Europa, para que os meus leitores pudessem avaliar assim a superioridade do clima de Portugal. Mas para exemplo basta dizer-lhes que, de todas as capitais da Europa, Lisboa é a que tem inverno mais suave. É preciso notar que esta amenidade do clima português não é somente devida à latitude média do nosso país, mas ainda à sua situação geográfica relativa, na parte mais ocidental e meridional da Europa, entre o domínio climático do Atlântico e o do Mediterrâneo.

Assim, toda a metade norte de Portugal fica debaixo do domínio climático do Atlântico, ao passo que a metade sul está sob um domínio misto, o do Atlântico e o do Mediterrâneo, ainda que este último mar não banhe as costas do País. Mas no extremo sul o domí-



Foz do Douro — Porto



Figueira da Foz



Costa do Sol — Estoril

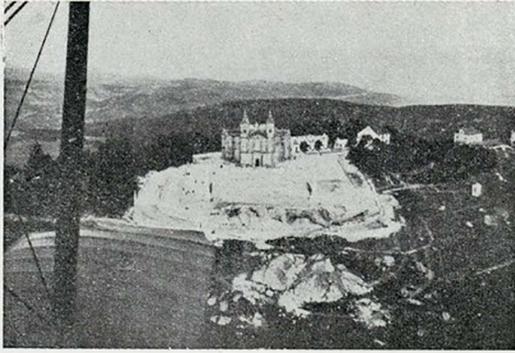
nio mediterrânico prevalece dum modo acentuado. Além disso, ainda outro domínio climático actua sobre Portugal, ainda que de maneira menos ampla que os dois citados. É um domínio climático secundário proveniente do centro da Península Ibérica. O centro da Península Ibérica funciona meteorologicamente como centro dum pequeno continente, ou melhor como centro dum pequeno deserto interior. Ali, as influências marítimas chegam muito atenuadas, sendo o inverno extremamente frio e o verão extremamente quente. Daqui a influência desse domínio climático continental extremo sobre as regiões fronteiriças do nosso País, que estão mais ou menos isoladas do mar, por acidentes orográficos.

Mas sobre todos os territórios onde as influências marítimas chegam bem marcadas, o clima é bem menos áspero, fazendo a sua transição regular do sul para o norte, do clima mediterrânico para o oceânico. Assim, principiando pelo sul, temos a província climática algarvia que vai desde o litoral às serras do Malhão e Monchique. É a região portuguesa onde o clima mediterrânico é mais puro, com atmosfera seca, chuvas moderadas e raras, céu limpo, verão quente e inverno temperado, com desvio térmico mínimo. Ela forma um plano inclinado, que desce para o lado do mar, e deste modo as brisas marítimas sobem até às montanhas baixas que a limitam ao norte, distribuindo o clima com certa regularidade.

A faixa de litoral que vem do Cabo de S. Vicente até ao Cabo da Roca é mais influenciada pelo Atlântico do que a do Algarve, mas ainda aqui chegam as influências mediterrânicas bem marcadas. Estão neste caso Sines, Outão e Sesimbra que são praias viradas ao sul. A Costa do Sol, igualmente virada ao sul, mas com uma protecção do norte melhor, tem clima mediterrânico tão puro como as melhores praias da Provença.

E, coisa interessante, a Costa da Caparica, que lhe fica fronteira, virada ao norte e abrigada do sul, tem clima atlântico acentuado.

Do Cabo da Roca ao Cabo Carvoeiro, a costa é escarpada e as praias são pequenas e separadas por falésias, que as abrigam um pouco, mas, apesar disso, já não encontramos aqui praias de clima mediterrânico, mas sim praias de clima atlântico, mais ou menos acentuado, como a *Praia das Maças*, a *Ericeira* e *Santa Cruz*. Entre o Cabo Carvoeiro e o Mondego o mesmo acontece, sendo o clima atlântico bastante atenuado em S. Martinho do Porto, abrigado na sua concha, e Na-



Bom Jesus—Sameiro

zaré, defendida pela sua alta escarpa, mas nenhuma delas de clima mediterrânico.

Da Foz do Mondego para o norte, o domínio atlântico ainda mais se acentua, com maior nebulosidade, inverno mais tempestuoso, de chuvas abundantes, mais fresco, mais batido. Isto muito principalmente nas praias abertas e extensas, como a *Figueira* e *Espinho*. Da Foz do Douro para o norte, ainda que volte a haver praias pequenas, mais ou menos abrigadas, o clima atlântico é sempre puro e bem acentuado.

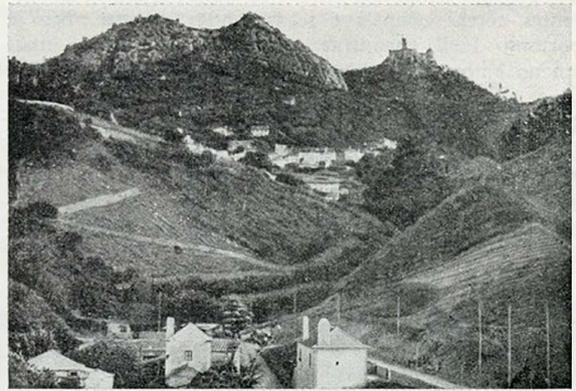
Assim, vêm, desde o Guadiana à Foz do Tejo, temos regiões da beira mar de clima mediterrânico tão suave e característico como o das melhores praias do litoral da Provença. Da Foz do Tejo à Foz do Minho temos clima oceânico puro, em regiões tão rudes, como nas melhores praias da Gasconha e da Bretanha. Deste modo podemos comparar as nossas praias, pelas suas características climáticas, com as melhores praias do resto da Europa.

Mas não é só nas nossas estâncias da beira-mar que nós encontramos semelhança com as mais acreditadas do resto da Europa. Nas nossas estâncias de planície também temos por onde escolher. Assim, caminhando do sul para o norte, como fizemos para as estâncias da beira-mar, temos *S. Brás de Alportel*, aproveitando a amenidade do clima algarvio. No Alto Alentejo, bastante longe do mar, e abrigada das brisas de Espanha pela Serra de São Mamede, encontramos *Castelo de Vide*, de atmosfera tranquila. Ao norte de Lisboa, mais perto do mar, fica situada a estância climática de *Sintra*, de verão fresco e vegetação exuberante. A cidade de *Lisboa*, é pelo contrário, uma região climática que pode ser aproveitada como estância de inverno, o que não deve causar admiração porque ela é, como ficou dito, de todas as capitais da Europa, aquela que possui inverno menos frio. Esta amenidade da estação é devida, em Lisboa, à vizinhança do mar, mas aqui a acção viva do Oceano não se faz sentir de maneira notável, porque esta cidade está abrigada das brisas do norte e das brisas do sul, respectivamente pelas serras de *Sintra* e da *Arrábida*. Além disso, o largo estuário do Tejo, de corrente pouco rápida, serve-lhe de regulador térmico. *Coimbra* e *Penacova* devem também ser consideradas regiões climáticas, mas de estação média. A primeira encontra no vale do *Mondego*, teatro para exhibir as suas melhores galas.

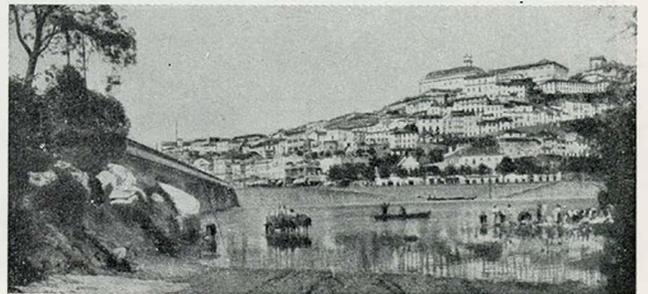
Subamos agora da planície à montanha. Aqui também nos não faltam altitudes, gelos e panoramas deslumbrantes, como nas melhores estâncias alpinas da Europa. As mais importantes estâncias climatéricas de altitude de Portugal estão situadas na *Serra da Estrela* e montanhas vizinhas, como é a do *Caramulo*. A *Serra da Estrela* (2.000^m) e o sistema orográfico que a continua fazem, neste extremo ocidental da Europa, um muro da extrema entre o domínio climático do Atlântico e do Mediterrâneo, donde poder escolher-se à vontade as regiões mais ou menos estimulantes, de clima mais influenciado pelo Atlântico ou pelo Mediterrâneo, tal como se faz nos Alpes e nos Pirinéus.

Mas, além das regiões climáticas de altitude a aproveitar nos altos pendores da Serra da Estrela, temos em Portugal várias estâncias de altitude média e de pequena altitude, de apreciável clima. Estão neste caso *Portalegre*, *Montachique* e *Seixoso*. *Portalegre* no Alto-Alentejo, longe do mar e abrigado pela serra de S. Mamede; *Montachique*, um pouco ao norte de Lisboa, a 400^m; *Seixoso*, ao norte do Vale do Douro, a pequena distância do Porto, entre pinheiros, são todas regiões a aproveitar para a cura do sanatório.

Em caso semelhante estão *Buçaco* (350^m), *Abrunhosa* (450^m), *Bom Jesus* (450^m), *Santa Luzia* (550^m), situadas ao norte do sistema orográfico da Serra da Estrela e recebendo a influência longínqua do Oceano, temperada e de média humidade. No extremo sul do



Sintra



Coimbra

País, fica a vila de *Monchique* (455^m) que é a estância subalpina de Portugal que possui inverno mais doce, devido ao citado clima mediterrânico que reina naquela região.

Mas não é só no Portugal continental que há estâncias climáticas. Saindo para o Atlântico, vamos encontrar na *Ilha da Madeira* um clima equilibrado e suave como o próprio clima do Mediterrâneo. Situada de frente da costa africana, fica esta Ilha, a mais formosa estância climática marítima de todo o Atlântico e do Mundo. De origem vulcânica, com pouco mais de 1.500 quilómetros quadrados, ela é um verdadeiro oásis na vastidão do Oceano.

Ao sul está situada a cidade do *Funchal*, recolhida dentro duma baía abrigada, e resguardada do vento dos quadrantes setentrionais, por uma alta muralha de serras. Ali a primavera abrange três quartas partes do ano. Subindo em anfiteatro, a cidade do Funchal, trepa pela colina, como uma cidade jardim, semeada de vivendas alegres e pitorescas, enquadrada entre verdura. Lá no alto ficam as serras de elevado cume, cavando entre si fundos vales de amena quietude. O Sol sobe no horizonte, iluminando a atmosfera transparente e tranquila.

Passadas as ligeiras perturbações atmosféricas do outono, o ar fica tranquilo, tépido e transparente, durante o inverno, primavera e verão. Inverno, propriamente dito, não existe. Defendida pela cadeia de montanhas, que a circunda de leste a oeste, escondida dentro da sua ampla baía, a cidade do Funchal fica abrigada dos grandes temporais vindos do norte, e aberta às correntes aéreas quentes e secas vindas do este. Não é portanto fácil encontrar no Mundo região de mais ameno clima, nem de mais harmoniosa paisagem.

E o que vos dizer dos *Açores*? Ali o clima é mais áspero, ainda que de temperaturas também suaves. De frente da costa de Portugal, a um terço do caminho da América, de atmosfera oceânica pura, é este arquipélago formado por nove ilhas vulcânicas que são nove montanhas verdejantes, saindo do seio das águas.



Funchal — Ilha da Madeira

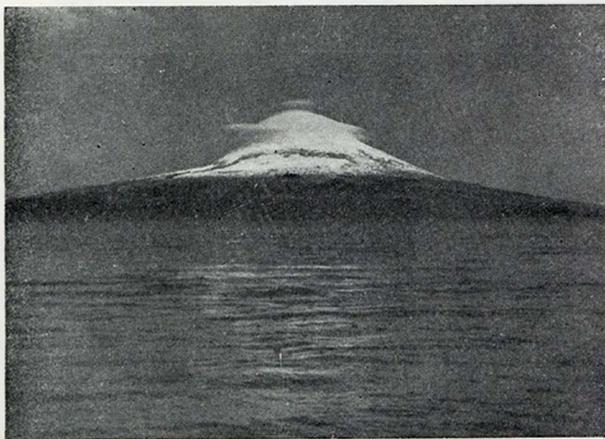
As águas medicinais e as termas portuguesas

Pela sua constituição geológica, Portugal é um dos países da Europa de mais variadas e preciosas águas minerais. A parte mais ocidental do maciço geológico, chamado Meseta Ibérica, forma o arco do continente português, com as suas massas de terrenos antigos, onde se espalham os largos lençóis de granito das províncias do norte, e onde chegam à superfície os afloramentos vulcânicos das províncias do sul. Nas províncias centrais, estes terrenos antigos vêm ao contacto dos terrenos modernos das terras baixas do litoral.

Fracturada por movimentos orogénicos das idades geológicas, toda a metade norte do País é abundantíssima de águas de origem profunda: *carbonatadas, sulfúreas sódicas, hiposalinas radioactivas*. Pelo contrário, a metade sul, menos fragmentada, é pobre de águas minerais, apesar dos afloramentos vulcânicos que a salpicam. Mas as regiões baixas, meso e cenosóicas, do litoral são abundantes, também, destas águas, ainda que de origem mais superficial, como são: as *sulfúreas cálcicas, as sulfatadas e as cloretadas*. Todas as famílias hidrológicas do resto da Europa se acham representadas em Portugal, e algumas tão bem representadas, tão magnificamente representadas que muitas das nossas águas podem ser consideradas sem exagero ou reclame, irmãs gêmeas das mais acreditadas do Mundo.

Vindo do norte para o sul, encontramos no alto Tâmega e no Alto Minho as regiões hidrológicas de *Vidago, Pedras e Melgaço*. E ali já principiamos a encontrar membros duma família ilustre. É que as nossas fontes de Vidago são irmãs, afastadas pela distância, mas próximas pela composição, das célebres fontes da margem do Allier, dessa festejada Vichy, metrópole da terapêutica termal. Pedras têm parentes mais ao pé da porta, são irmãs das de Mandariz, da vizinha Galiza. Melgaço também tem parentes de além fronteira, mas todos eles mais pobres do que a estância portuguesa.

Passemos agora a outro grupo, em que a nossa riqueza não é menor em qualidade e é formidável em quantidade. Quero referir-me ao grande e valioso grupo



Ilha do Pico — Açores



Termas do Luso

das nossas águas sulfúreas sólicas, chamadas primitivas. Ainda no vale do Minho temos as fontes de Monção que podem ser comparadas às mais acreditadas águas radioactivas sulfúreas e azotadas de toda a Península. Descendo o vale do Ave, temos *Taipas, Vizela e Caldas da Saúde*, todas sulfúreas primitivas: Taipas junto de Guimarães, Caldas da Saúde junto de Santo Tirso, Vizela a das 50 nascentes.

No Baixo Tâmega, ficam *Canavezes e Entre-os-Rios*: Canavezes, sulfúrea arsenical; Entre-os-Rios, as águas mais sulfuradas de Portugal e das mais sulfuradas da Europa. Subindo o vale do Douro vamos encontrar *Moledo e Aregos*, extensa gama de águas também sulfúreas, de variada mineralização e termalidade. E no ridente vale do Vouga, brotam caudalosas e quentes as águas de *S. Pedro do Sul*, na velha Lafões, onde Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, fez tratamento.

Ora, todas estas águas sulfúreas do norte de Portugal são duma tal semelhança, duma tal identidade às mais acreditadas e célebres águas dos Pirinéus, que ao estudá-las poderemos pensar que estamos do outro lado da Espanha, em terras de Gália.

Mas, além destas, quantas fontes menos conhecidas e menos exploradas, apesar do seu valor, como as de *S. Jorge*, as do *Vale do Dão* e as dezenas e dezenas de fontes de águas sulfúreas das Beiras, Minho e Trás-os-Montes, águas que ainda não saíram do âmbito rural, da utilização dos povos vizinhos!

Mas não ficamos por aqui. As nossas riquezas hidro-lógicas não são somente abundantes no grupo das águas sulfúreas termais. As nossas riquezas hidro-minerais não acabam por aqui. Elas vão mais longe. Recordemos agora as águas hiposalinas, na sua maioria radioactivas, de acção terapêutica tão misteriosa, ainda que tão evidente. *Luso*, na encosta do Buçaco, é bem a Evian de Portugal, mas uma Evian que sobre a francesa tem vantagens de composição e riqueza radioactiva. *Felgueira*, também de radioactividade alta, escondida numa ravina dos contrafortes da Serra da Estrela, é a irmã de Mont-Dore. *Caldelas*, na várzea minhota, tem águas tão semelhantes às de Plombières, nos Vosges, que diríamos serem as mesmas. E o *Gerez*, numa garganta

da Serra onde nasce o rio Homem, de composição tão estranha, e de acção tão semelhante à célebre Carlsbad, da velha Boémia!

E agora, as fontes da região baixa, de origem superficial, mas de composição química também preciosa: *Caldas da Rainha*, as históricas termas da Corte, onde pela primeira vez se fez clínica hidrológica social em toda a Europa, com as suas águas sulfúreas calcicas, semelhantes às de Greoux nos Alpes; e as de *S. Paulo*, em Lisboa, semelhantes às acreditadas águas de Uriage. Mas ainda são desta zona as sulfatadas da *Curia e Monte Real*: Curia de composição e efeitos paralelos a Contraxeville, as afamadas termas dos Vosges; Monte Real, de semelhante composição, que pode ser comparada a Brides, na Sabóia.

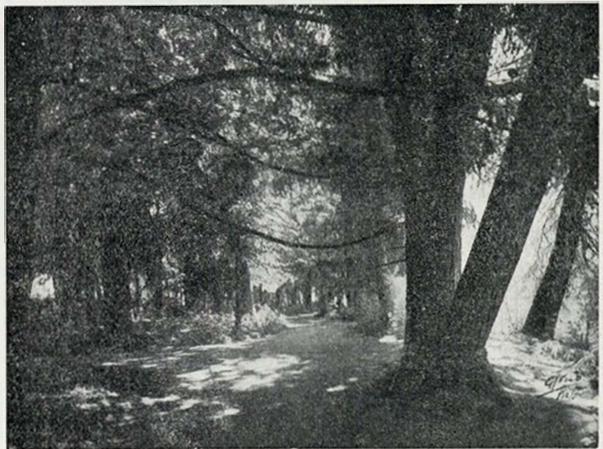
E, finalmente, as nossas águas cloretadas como *Amieira*, semelhante de Luxeuil; *Piedade*, a Bourbon-Lancy; *Estoril*, a Baden-Baden; *Ericeira*, a Cestona; *Cucos*, a Royat. E ainda as raras mas preciosas águas do sul, como *Moura*, carbonatada cálcica e *Monchique*, hiposalina, de grande eficácia terapêutica!

* * *

Aqui têm, em duas palavras, o quadro esquemático das nossas riquezas hidro-lógicas; águas variadas e abundantes, de composição nobre comparáveis às mais acreditadas do Mundo. Todas as espécies patológicas, susceptíveis de terapêutica termal, podem encontrar na Terra Portuguesa remédio eficaz, tão eficaz, tão proveitoso, tão certo, como o podem encontrar nas afamadas termas que por essa Europa fora chamam doentes de todos os continentes.

Portugal, país de linda paisagem

Nós, portugueses, podemos bem orgulhar-nos da nossa linda terra, cheia de riquezas naturais e deslumbrante de linda paisagem. Porque se estâncias climáticas e termais, como acabamos de ver, não faltam nesta abençoada Terra Portuguesa, o que vos dizer da magnífica paisagem que as enquadra! Lá ao norte é o



Parque das Pedras Salgadas

vale do Minho, onde o rio serpenteia por entre pomares e searas, e dum lado e outro sobem colinas de doce pendor, cobertas de pinheiros e carvalhos. É o ridente vale do Lima, cantado pelos poetas clássicos. É a região do Ave e do Vizela, em plena várzea minhota, onde as águas cantam por entre as vinhas e pomares. E para o interior são as serranias, as montanhas rudes, cobertas de floresta frondosa, donde descem riachos saltando grotas e penedos, como na serra do Gerez. E ainda mais para o interior fica a paisagem austera de Trás-os-Montes, onde o centeio cresce viçoso nos vales e os castanheiros seculares sobem as colinas até meia encosta: lá no alto são as cristas dentadas da serra, áridas e calcinadas, a recortar-se no azul dos céus. Depois é o vale do Douro, funda ranhura onde o rio corre apressado. Do norte vem o Tâmega, atravessando a região de Entre-os-Rios, abrigada por contrafortes gigantescos, subindo em anfiteatro. E para o interior é o País do Vinho, de colinas riscadas de muros em degraus de arena romana, onde as uvas amadurecem ao sol.

Ao sul do Douro, a costa é coberta de dunas, com a região alagada que circunda a *Ria de Aveiro*. Atravessada de canais, por onde os barcos navegam entre as searas. Para os nascentes sobem os contrafortes da Serra da Estrela, cobertos de arvoredos e sulcados de pequenos rios. E entre a região da beira-mar e a do

interior, desenrola-se o *Vale do Vouga* de incomparáveis panoramas.

E da vertente norte da Serra da Estrela, que os invernos amortalmam em lençóis de neve, desce o Mondego, de margens verdejantes, onde os choupos e salgueiros choram os poetas das gerações passadas. E do lado sul descem os afluentes do Tejo, em vales férteis e arborizados. Chegamos à Estremadura, formada de terras de pequena ondulação, ao norte cobertas de grandes matas de pinheiros, que vão até ao contacto do Mar; ao sul, de terras de cultura: hortas, pomares, vinhedos e olivais.

Para além do Tejo fica a planura imensa, charneca manchada de grandes searas, plantações de oliveiras, sobreiros e azinheiros, indo até ao Algarve, que é um viçoso pomar, onde crescem a alfarrobeira, o medronheiro e a figueira, e onde a *amendoeira floresce*, em pleno inverno. E os panoramas da beira-mar, tendo como fundo o Oceano imenso, de toda a nossa orla marinha!

É preciso que todos os portugueses, e outros que deles descendem, que vivem espalhados pelo Mundo, conheçam o velho Portugal, o velho Solar Lusitano, berço florido e perfumado da nossa origem. E assim melhor saberão admirar e amar a nossa querida Pátria.

Dr. Armando Narciso

Caldas da Rainha

A 100 QUILOMETROS DE LISBOA

HOTEL

Lisbanense

Avenida D. Miguel Figueira da Câmara
Telefone 2176

●

ESPLÊNDIDAMENTE SITUADO
ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS COM O MAIOR CONFORTO

PREÇOS MÓDICOS

L U S O

Estância de cura hidro-
mineral e de turismo

P E N S Ã O

Avenida

TELEFONE 42

QUARTOS BEM MOBILADOS • ESPLÊNDIDA
SALA DE JANTAR
BOM TRATAMENTO
BOA COZINHA



**S O C I E D A D E
D E N A V E G A Ç Ã O
L U S O - P A N A M E N S E ,
L I M I T A D A**

RUA DO INSTITUTO INDUSTRIAL, 18-3.º D. — LISBOA
TELEFONES - 667041/2 - FND - TELEGRAMAS: ATLÉTICO

s/s

**«NORTH
K I N G»**

*CARREIRA REGULAR DESDE 1947
ENTRE PORTUGAL E BRASIL
ESCALANDO LEIXÕES, FUNCHAL E
S. VICENTE — TRIPULAÇÃO
COMIDA E VIDA DE BORDO
TOTALMENTE PORTUGUESA*

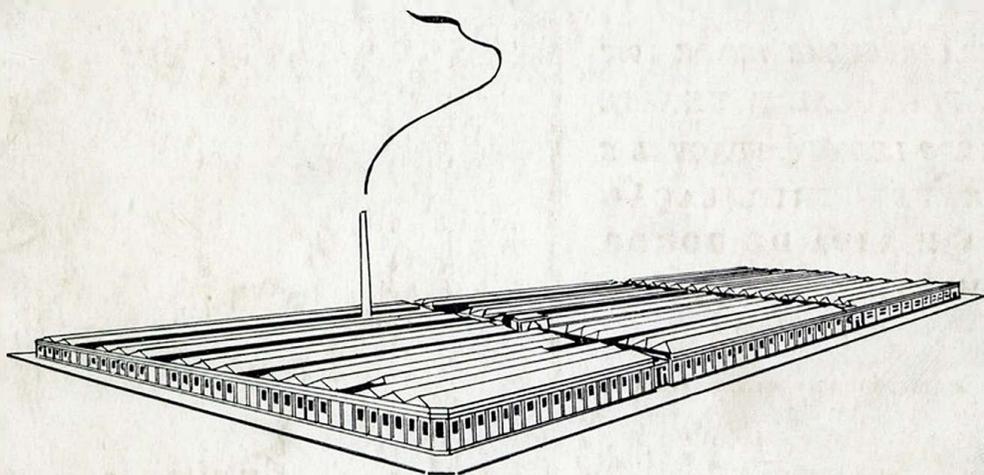
Agências

LEIXÕES	— E. A. MOREIRA & C.ª Ltda. ,	R. Infante D. Henrique, 61-1.º
FUNCHAL	— AGÊNCIA FERRAZ	Rua da Sé, 24
S. VICENTE	— Millers & Corys,	Cape Verde Islands Ltd, S. Vicente
RIO JANEIRO	— L. FIGUEIREDO (RIO) S. A.	Av. Presidente Vargas, 463-A, 20.º
SANTOS	L. FIGUEIREDO, S. A.	Rua General Camara, 168
SÃO PAULO	L. FIGUEIREDO, S. A.	Rua Senador Feijó, 205.

Cosmopolita

TRADIÇÃO !
QUALIDADE !

A METALÚRGICA PAULISTA S/A. sente particular júbilo em saudar a união fraterna dos dois grandes povos que entrelaçaram seus destinos há quatro séculos, para a conquista de um futuro de paz e de progresso. Fundada há mais de meio século por Carmine Sergio, operoso e dinâmico exemplo de trabalho, a METALÚRGICA PAULISTA cresceu, desenvolveu-se, constituindo uma das mais importantes indústrias da América do Sul. A esse impulso criador, surgido na Capital Bandeirante, não faltou jamais o apoio e a colaboração entusiástica e dedicada de todos os que labutam em nossa terra, e que sentem ao seu lado o esforço sadio de italianos, de portugueses, e de gente de todos os países, participando com incansável labor, das iniciativas que visam o engrandecimento de sua segunda Pátria



SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO